SARAH J. MAAS

Galera



# TRONO de VIDRO

## IMPÉRIO DE TEMPESTADES

VOL. 5 • TOMO I

## Obras da autora publicadas pela Editora Record

### *Série* Trono de vidro

*Trono de vidro*

*Coroa da meia-noite*

*Herdeira do fogo*

*Rainha das sombras*

*Império de tempestades – Tomo I*

*A lâmina da assassina*

### *Série* Corte de espinhos e rosas

*Corte de espinhos e rosas*

*Corte de névoa e fúria*

SARAH J. MAAS

# TRONO de VIDRO

## IMPÉRIO DE TEMPESTADES

VOL. 5 • TOMO I

*Tradução*
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera

Rio de Janeiro | 2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M11i
Maas, Sarah J.
Império das tempestades [recurso eletrônico] / Sarah J. Mass ; tradução Marian Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2017.
recurso digital (Trono de vidro ; 5 ; tomo 1)
Tradução de: Empire of Storms
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 978-85-01-11032-9 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Marian. II. Título III. Série.
17-39926

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original:
*Empire of Storms*

Copyright © Sarah J Maas, 2017

Composição de miolo: Abreu's System

Esta tradução de *Empire of Storms* foi publicada mediante acordo
com Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 –
Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-11032-9

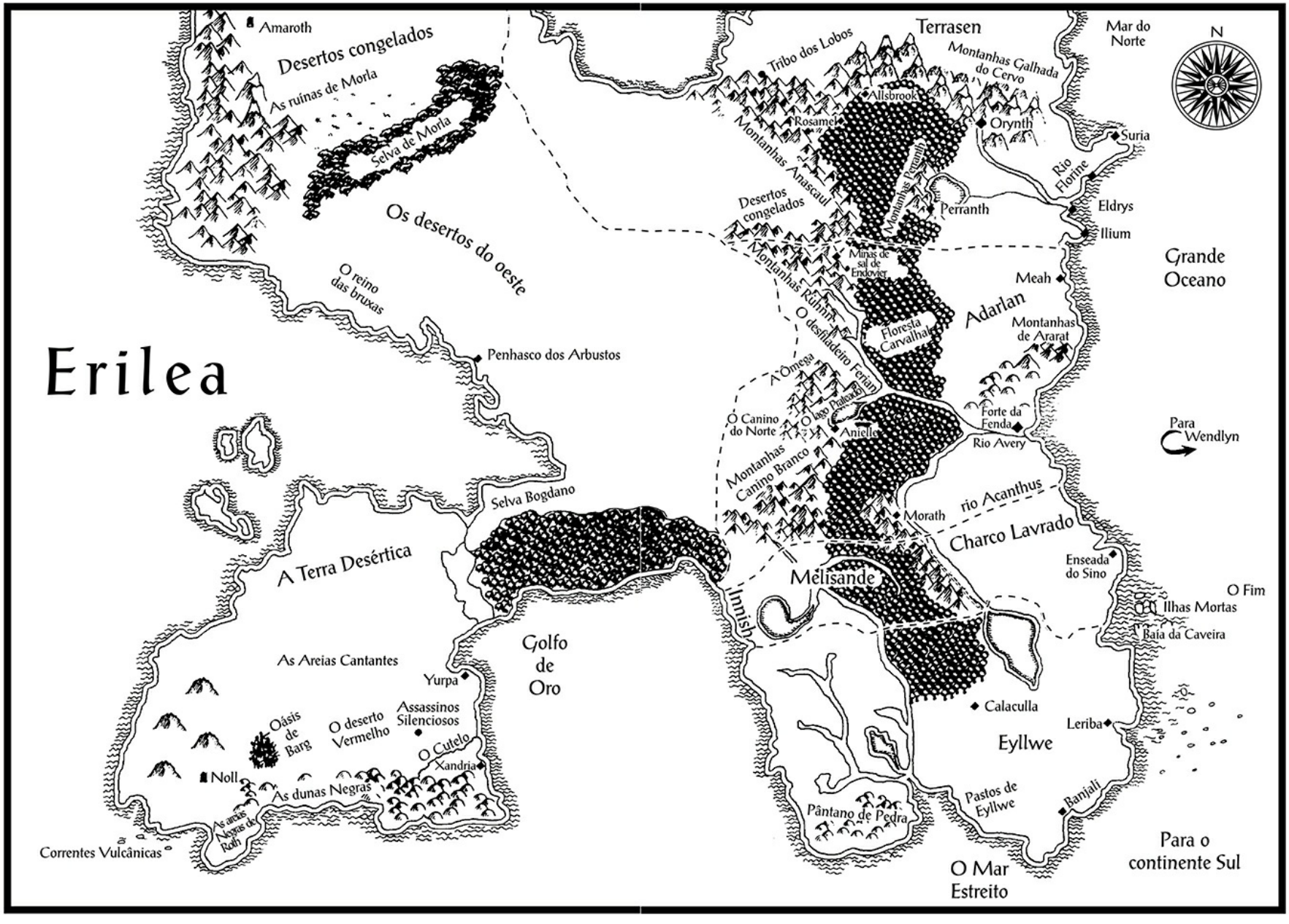



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos

lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

*Para Tamar,*
*Minha campeã, fada madrinha e cavaleira no cavalo branco.*
*Obrigada por acreditar nesta série desde a primeira página.*


Erilea
Amaroth
Desertos congelados
As ruínas de Morla
Selva de Morla
Os desertos do oeste
O reino das bruxas
Penhasco dos Arbustos
Selva Bogdano
A Terra Desértica
As Areias Cantantes
Yurpa
Oásis de Barg
O deserto Vermelho
Assassinos Silenciosos
O Cutelo
Xandria
Noll
As dunas Negras
As areias Negras de Roth
Correntes Vulcânicas
Golfo de Oro
Terrasen
Tribo dos Lobos
Montanhas Galhada do Cervo
Allsbrook
Rosamela
Montanhas Anascaul
Orynth
Suria
Rio Florine
Montanhas Perranth
Perranth
Eldrys
Ilium
Desertos congelados
Montanhas Kühnin
Minas de sal de Endovier
Meah
Adarlan
Floresta Carvalhal
O desfiladeiro Fenian
Montanhas de Ararat
A Ômega
O lago Profundo
O Canino do Norte
Anielle
Forte da Fenda
Rio Avery
Montanhas Canino Branco
Morath
rio Acanthus
Charco Lavrado
Melisande
Innish
Enseada do Sino
O Fim
Ilhas Mortas
Baía da Caveira
Calaculla
Leriba
Eyllwe
Pântano de Pedra
Pastos de Eyllwe
Banjali
O Mar Estreito
Para o continente Sul
Mar do Norte
N
Grande Oceano
Para Wendlyn

# SUMÁRIO

Anoitecer

PARTE UM | A Portadora do Fogo

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

# ANOITECER

Os tambores de ossos batucavam ao longo das inclinações irregulares das montanhas Negras desde o pôr do sol.

Da elevação rochosa sobre a qual sua tenda de guerra gemia contra o vento seco, a princesa Elena Galathynius monitorara o exército do senhor do medo a tarde inteira conforme este varria as montanhas em ondas de ébano. E agora que o sol havia muito sumira, as fogueiras inimigas tremeluziam diante das montanhas e do vale abaixo, como um cobertor de estrelas.

Tantas fogueiras... tantas, em comparação com aquelas que queimavam do lado do vale que ocupava.

A princesa não precisava do dom de ouvidos feéricos para escutar as orações de seu exército humano, tanto as proferidas quanto as silenciosas. Repetira várias, ela mesma,

nas últimas horas, embora soubesse que não seriam atendidas.

Elena jamais considerara onde poderia morrer; jamais considerara que poderia ser tão longe do verde rochoso de Terrasen. Que seu corpo talvez não acabasse cremado, mas sim devorado pelas bestas do senhor do medo.

Não haveria lápide para dizer ao mundo onde caíra uma princesa de Terrasen. Não haveria lápide para nenhum deles.

— Você precisa descansar — disse uma grave voz masculina da entrada da tenda atrás de Elena.

Ela olhou por cima do ombro, os cabelos prateados despontando, soltos, pelas camadas intricadas da armadura de couro. Mas o olhar sombrio de Gavin já estava nos dois exércitos que se estendiam abaixo deles. Naquela estreita faixa negra limítrofe, que muito em breve seria ultrapassada.

Apesar de falar em descanso, Gavin também não removera a própria armadura ao entrar na tenda horas atrás. Seus líderes de guerra haviam finalmente saído dali apenas minutos antes, carregando mapas nas mãos e nenhuma esperança nos corações. Elena podia sentir o cheiro neles — de medo. De desespero.

Os passos de Gavin mal ressoavam na terra seca e rochosa conforme ele se aproximou da vigília solitária de Elena, quase silencioso, graças aos anos perambulando pelas

florestas do sul. Elena, de novo, encarou aquelas incontáveis fogueiras inimigas.

Com rouquidão, Gavin disse:

— As forças de seu pai ainda podem chegar.

A esperança de um tolo. A audição imortal de Elena captara cada palavra das muitas horas do intenso debate que acontecera na tenda atrás de ambos.

— Esse vale é agora uma armadilha mortal — afirmou ela.

E ela os levara até lá.

Gavin não respondeu.

— Quando amanhecer — continuou a princesa —, estará banhado em sangue.

O líder de guerra ao lado da princesa permaneceu em silêncio. Aquilo era tão raro para Gavin, aquele silêncio. Não havia um lampejo da bravura indomável nos olhos puxados para cima, e os bagunçados cabelos castanhos pendiam sem vida. Elena não conseguia se lembrar da última vez em que qualquer um dos dois se banhara.

Gavin se voltou para ela com aquela avaliação sincera que a tinha desarmado desde o momento que o conhecera no salão de seu pai, há quase um ano. Vidas atrás.

Uma época tão diferente, um mundo diferente — quando as terras ainda se enchiam de música e luz, quando a

magia não tinha começado a se extinguir à sombra crescente de Erawan e de seus soldados-demônio. Elena se perguntou por quanto tempo Orynth aguentaria depois que a carnificina no sul tivesse terminado. Imaginou se Erawan primeiro destruiria o reluzente palácio de seu pai no alto da montanha, ou se ele queimaria a biblioteca real... queimaria o coração e o conhecimento de uma era. E então queimaria o povo.

— O alvorecer ainda demora — declarou Gavin, com a garganta oscilando. — Tempo o bastante para que fuja.

— Eles nos destruiriam antes que conseguíssemos cruzar as passagens...

— Não nós. Você. — A luz da fogueira projetou um alívio hesitante no rosto bronzeado de Gavin. — Você apenas.

— Não abandonarei essas pessoas. — Os dedos de Elena tocaram os do guerreiro. — Ou você.

A expressão de Gavin não se alterou.

— Não há como evitar o amanhã. Ou o derramamento de sangue. Você ouviu o que o mensageiro disse, sei que ouviu. Anielle é um abatedouro. Nossos aliados do norte se foram. O exército de seu pai está muito atrasado. Todos morreremos antes de o sol finalmente nascer.

— Todos morreremos um dia.

— Não. — Gavin apertou a mão dela. — Eu morrerei. Aquelas pessoas ali embaixo... elas morrerão. Pela espada ou pelo tempo. Mas você... — O olhar de Gavin se voltou para as orelhas delicadamente pontiagudas de Elena, herança do pai. — Poderia viver por séculos. Milênios. Não abra mão disso por uma batalha perdida.

— Prefiro morrer amanhã a viver mil anos com a vergonha de um covarde.

Mas Gavin observou o vale de novo. Seu povo, a última linha de defesa contra a horda de Erawan.

— Vá para trás das fileiras do exército de seu pai — disse, áspero — e continue a luta dali.

A princesa engoliu em seco.

— Seria inútil.

Devagar, Gavin a olhou. E depois de todos aqueles meses, todo aquele tempo, Elena confessou:

— O poder de meu pai começa a falhar. Ele está próximo, décadas, do desvanecimento. A luz de Mala se apaga dentro dele a cada dia que passa. Não há como enfrentar Erawan e vencer. — Meses atrás, antes de ela partir naquela malfadada aventura, as últimas palavras do pai haviam sido: *Meu sol está se pondo, Elena. Você precisa encontrar uma forma de garantir que o seu ainda nasça.*

O rosto de Gavin perdeu a cor.

— Você escolheu este momento para me contar?

— Escolho este momento, Gavin, porque também não há esperança para mim... se eu fugir esta noite ou lutar amanhã. O continente cairá.

O guerreiro voltou o olhar para as dezenas de tendas na elevação. Amigos dele.

Amigos dela.

— Nenhum de nós fugirá amanhã — garantiu ele.

E foi a forma como as palavras soaram, a forma como os olhos de Gavin brilharam, que fez com que Elena lhe estendesse a mão mais uma vez. Nunca — nenhuma vez durante todas as suas aventuras, em todos os horrores que haviam suportado juntos — Elena o vira chorar.

— Erawan vencerá e governará esta terra, e todas as outras, por toda a eternidade — sussurrou Gavin.

Soldados se agitaram no acampamento abaixo. Homens e mulheres, murmurando, xingando, chorando. Elena rastreou a fonte de seu terror; do outro lado do vale.

Uma a uma, como se uma grande mão de escuridão as varresse, as fogueiras do acampamento do senhor nefasto se extinguiram. Os tambores de ossos tocaram mais alto.

Ele chegara, por fim.

Erawan em pessoa fora supervisionar a última resistência do exército de Gavin.

— Não esperarão até o amanhecer — comentou Gavin, levando uma das mãos ao flanco, onde Damaris estava embainhada.

Mas Elena segurou seu braço, o músculo duro como granito sob a armadura de couro.

*Erawan viera.*

Talvez os deuses ainda estivessem ouvindo. Talvez a alma determinada da mãe de Elena os tivesse convencido.

Ela observou o rosto severo e selvagem do guerreiro; o rosto que passara a adorar mais que todos os outros. Então disse:

— Não venceremos esta batalha. E não venceremos esta guerra.

O corpo de Gavin estremeceu devido ao esforço de não procurar seus líderes de guerra, mas sim ouvi-la com respeito. Os dois se deviam isso, tinham aprendido do modo mais difícil.

Com a mão livre, Elena ergueu os dedos no ar entre os dois. A magia pura em suas veias dançava, tornando-se chama, depois água, então gavinhas trançadas e gelo estalando. Não era um abismo infinito como a de seu pai, mas era um dom de magia ágil e versátil. Concedido pela mãe.

— Não venceremos esta guerra — repetiu ela, o rosto

de Gavin iluminado pela luz do poder bruto de Elena. — Mas podemos atrasá-la um pouco mais. Posso atravessar aquele vale em uma ou duas horas. — Elena fechou os dedos, formando um punho, e extinguiu a magia.

As sobrancelhas de Gavin se franziram.

— O que está dizendo é loucura, Elena. Suicídio. Os tenentes a pegarão antes que sequer passe pelas fileiras do exército.

— Exatamente. Me levarão direto para Erawan, agora que está aqui. Me considerarão uma prisioneira valiosa, não uma possível assassina.

— Não. — Uma ordem e uma súplica.

— Mate Erawan e suas bestas entrarão em pânico. Por tempo suficiente para que as forças de meu pai cheguem, se unam com o que quer que reste das nossas e esmaguem as legiões inimigas.

— Você diz "mate Erawan" como se fosse uma tarefa simples. Ele é um *rei* valg, Elena. Mesmo que a levem até ele, Erawan a colocará em uma coleira antes que possa agir.

O coração de Elena se apertou, mas ela obrigou as palavras a saírem:

— Por isso... — Elena não conseguiu conter os lábios trêmulos. — Por isso preciso que venha comigo em vez de lutar com seus homens.

Gavin apenas a encarou.

— Porque preciso... — Lágrimas escorriam pelo rosto dela. — Preciso de você como distração. Preciso ganhar tempo para ultrapassar as defesas internas de Erawan. — Assim como a batalha do dia seguinte lhes garantiria tempo.

Porque Erawan iria atrás de Gavin primeiro. O guerreiro humano que fora um bastião contra as forças do Senhor Sombrio há tanto tempo, que lutara contra ele quando nenhum outro o faria... O ódio de Erawan pelo príncipe humano se comparava apenas ao seu ódio pelo pai de Elena.

Gavin a observou por um longo momento, então estendeu a mão para limpar as lágrimas de Elena.

— Ele não pode ser morto, Elena. Ouviu o que o oráculo de seu pai sussurrou.

Ela assentiu.

— Eu sei.

— E mesmo se conseguirmos contê-lo, prendê-lo... — Gavin considerou as palavras de Elena. — Sabe que apenas impingiremos a guerra a outra pessoa... a quem quer que um dia governe estas terras.

— Esta guerra — disse Elena, em voz baixa — é apenas o segundo movimento em um jogo sendo apostado desde aqueles dias antigos, do outro lado do oceano.

— Nós a adiaremos para que outra pessoa a herde caso ele seja libertado. E isso não salvará aqueles soldados lá embaixo do massacre amanhã.

— Se não agirmos, não haverá ninguém para herdar esta guerra — argumentou Elena. Dúvida brilhou nos olhos de Gavin. — Mesmo agora — insistiu ela — nossa magia está falhando, nossos deuses nos abandonam. Fogem de nós. Não temos aliados feéricos além daqueles no exército de meu pai. E o poder deles, como o de meu pai, está se esvaindo. Mas, talvez, quando aquele terceiro movimento vier... talvez os jogadores em nosso jogo inacabado sejam diferentes. Talvez seja um futuro no qual feéricos e humanos lutem lado a lado, impregnados de poder. Talvez encontremos uma forma de acabar com isso. Então perderemos esta batalha, Gavin — decidiu Elena. — Nossos amigos morrerão naquele campo de batalha ao alvorecer, e usaremos isso como nossa distração para conter Erawan de forma que Erilea possa ter um futuro.

Os lábios de Gavin se contraíram, os olhos de safira se arregalaram.

— Ninguém pode saber — disse Elena, a voz falhando. — Mesmo que sejamos bem-sucedidos, ninguém pode saber o que faremos.

Dúvida vincou o rosto de Gavin. Elena lhe segurou a

mão com mais força.

— *Ninguém*, Gavin.

As feições de Gavin se contorceram em agonia. Mas ele assentiu.

De mãos dadas, os dois encararam a escuridão que cobria as montanhas, os tambores de ossos do senhor do medo soavam como martelos sobre ferro. Muito em breve, aqueles tambores seriam abafados pelos gritos de soldados agonizantes. Muito em breve, os campos do vale estariam encrustados com rios de sangue.

— Se vamos fazer isso, precisamos partir agora — falou Gavin, a atenção mais uma vez passou para as tendas próximas. Nenhum adeus. Nenhuma última palavra. — Darei a Holdren a ordem para que lidere amanhã. Ele saberá o que dizer aos demais.

Elena assentiu, e foi confirmação suficiente. Gavin a soltou, seguiu para a tenda mais próxima da de ambos, onde o mais caro amigo e mais leal líder de guerra provavelmente aproveitava ao máximo as horas finais com a nova esposa.

Elena afastou os olhos antes de os ombros largos de Gavin abrirem caminho pelas abas pesadas da tenda.

Ela olhou para as fogueiras, pelo vale, até a escuridão assente do outro lado. Podia jurar que a escuridão encarou de volta, jurar que ouvira milhares de pedras de amolar

conforme as bestas do senhor do medo afiavam as garras embebidas em veneno.

Elena ergueu o olhar para o céu manchado de fumaça, a névoa se abrindo por um segundo para revelar uma noite estrelada.

O Senhor do Norte brilhou para Elena. Talvez o último presente de Mala para aquelas terras — naquela era, ao menos. Talvez um agradecimento à própria Elena, e um adeus.

Porque, por Terrasen, por Erilea, Elena caminharia até a escuridão eterna à espreita além do vale e garantiria a todos uma chance.

No pilar de fumaça que se erguia do terreno ao longe, Elena lançou uma última oração aos céus a fim de que os filhos não nascidos e distantes daquela noite, herdeiros de um fardo que condenaria ou salvaria Erilea, a perdoassem pelo que estava prestes a fazer.

# PARTE UM

## *A Portadora do Fogo*

# 1

A garganta de Elide Lochan queimava a cada inalação ofegante conforme ela subia, mancando, a íngreme colina da floresta.

Sob a cobertura de folhas encharcadas no chão da floresta de Carvalhal, pedras cinza soltas tornavam a encosta traiçoeira; os altos carvalhos se estendiam muito acima, impedindo que Elide alcançasse qualquer galho no caso de um tropeço. Arriscando uma potencial queda em favor da velocidade, a jovem passou aos trancos sobre a beirada do cume rochoso, e a perna latejou de dor quando ela caiu de joelhos.

Colinas florestadas se estendiam em todas as direções, as árvores como barras de uma jaula infinita.

Semanas. Fazia semanas desde que Manon Bico Negro

e as Treze a haviam deixado na floresta, a Líder Alada ordenando que Elide rumasse para o norte. A fim de encontrar sua rainha perdida, agora crescida e poderosa — e também a fim de encontrar Celaena Sardothien, quem quer que fosse, para que então pudesse pagar a dívida de vida contraída com Kaltain Rompier.

Mesmo semanas depois, seus sonhos eram assombrados por aqueles momentos finais em Morath: os guardas a arrastando para que fosse implantada com crias dos valg, o massacre total perpetrado pela Líder Alada, e o último ato de Kaltain Rompier — escavar a curiosa pedra negra de onde tinha sido costurada no braço e ordenar que Elide a levasse a Celaena Sardothien.

Logo antes de Kaltain transformar Morath em uma ruína incandescente.

Elide levou a mão suja, quase trêmula, à dura protuberância enfiada no bolso do traje de voo que ela ainda vestia. Podia ter jurado que um leve latejar ecoava pela pele, uma batida de resposta ao próprio coração acelerado.

Elide estremeceu à luz aquosa do sol, filtrada pelo dossel verde das árvores. O verão parecia intenso sobre o mundo, o calor era tão opressor que a água tinha se tornado seu bem mais precioso.

Como fora desde o início, mas, no momento, todo o

seu dia, a *vida* girava em torno de água.

Felizmente, a floresta de Carvalhal transbordava em córregos depois que a última neve da montanha derretera, serpenteando dos picos. Infelizmente, Elide havia aprendido do modo mais difícil qual água podia beber.

Por três dias, estivera perto da morte, vomitando e com febre após engolir a água de um lago parado. Por três dias, tremera a ponto de achar que os ossos se partiriam. Por três dias, tinha chorado silenciosamente, sentindo um desespero deplorável e temendo morrer ali, sozinha naquela floresta infinita sem o conhecimento de ninguém.

E durante todo o tempo, aquela pedra no bolso pulsara e latejara. Nos delírios febris, Elide podia ter jurado que a pedra sussurrara para ela, que cantara cantigas de ninar em idiomas que a jovem acreditava improferíveis pela língua humana.

Ela não a ouvira mais desde então, mas mesmo assim se perguntava. Se perguntava se a maioria dos humanos teria morrido.

Se perguntava se levava ao norte um presente ou uma maldição. E se a tal Celaena Sardothien saberia o que fazer com a pedra.

*Diga que* é possível *abrir qualquer porta se tiver a chave*, revelara Kaltain. Elide costumava estudar a iridescente pedra

preta sempre que parava para o necessário descanso. Certamente não parecia uma chave: exibia um polimento tosco, como se tivesse sido partida de um pedaço maior de pedra. Talvez as palavras de Kaltain fossem uma charada destinada apenas a sua receptora.

Ela soltou a bolsa, agora leve demais, dos ombros e abriu a aba de lona. A comida acabara havia uma semana, e ela passara a catar frutinhas. Eram todas estranhas, mas um sussurro de lembrança dos anos com sua enfermeira, Finnula, alertara Elide para que esfregasse as frutinhas primeiro no pulso em busca de alguma reação.

Na maior parte das vezes, tantas vezes, elas aconteciam.

Mas, de vez em quando, Elide tropeçava em um arbusto carregado das frutinhas certas e se empanturrava antes de encher a bolsa. Examinando o interior da lona manchada de rosa e azul, Elide pegou o último bocado de frutas, envolto na camisa sobressalente, o tecido branco agora manchado de vermelho e roxo.

Um punhado... para durar até Elide encontrar a próxima refeição.

A fome a corroía, mas Elide comeu apenas metade. Talvez encontrasse mais antes de parar por aquela noite.

Ela não sabia como caçar; e pensar em aprisionar outra coisa viva, de quebrar o pescoço ou estourar o crânio do

animal com uma rocha... Elide ainda não estava tão desesperada.

Talvez aquilo não a fizesse uma Bico Negro, no fim das contas, apesar da linhagem oculta da mãe.

Elide lambeu os dedos e sorveu o suco das frutas, com terra e tudo, sibilando ao se levantar sobre as pernas enrijecidas e doloridas. Não duraria muito sem comida, mas não podia arriscar se aventurar em uma aldeia com o dinheiro que Manon lhe dera, ou na direção de qualquer uma das fogueiras de caçadores que havia visto nas últimas semanas.

Não... vira o suficiente da bondade e da piedade dos homens. Jamais se esqueceria de como aqueles guardas tinham olhado com luxúria para seu corpo nu, do porquê o tio a vendera ao duque Perrington.

Encolhendo o corpo, Elide passou a mochila por cima dos ombros e cuidadosamente desceu a extensa encosta da colina, desviando de rochas e raízes.

Talvez tivesse tomado um desvio errado. Como saberia quando atravessasse a fronteira de Terrasen?

E como encontraria a rainha... a corte?

Elide afastou esses pensamentos, mantendo-se às sombras lúgubres e evitando os feixes de luz do sol. Apenas a deixaria com mais sede e calor.

Encontrar água, talvez mais importante que encontrar frutas, antes que a escuridão caísse.

Elide chegou ao pé da encosta e conteve um gemido ao ver o labirinto de madeira e pedras.

Parecia que ela agora caíra em um córrego seco que seguia entre as montanhas. O córrego fazia uma curva acentuada adiante... para o norte. Um suspiro escapou, trêmulo, de Elide. Graças a Anneith. Pelo menos a Senhora das Coisas Sábias não a abandonara ainda.

Elide seguiria o riacho por quanto tempo conseguisse, rumo ao norte, então...

A jovem não soube exatamente qual sentido captou aquilo. Não foi o olfato ou a visão ou a audição, pois nada além da podridão da lama e da luz do sol e das pedras e do sussurro das folhas no alto parecia fora do comum.

Mas... ali. Como se um fio de uma enorme tapeçaria tivesse sido puxado, o corpo de Elide travou.

O murmurar e o farfalhar da floresta ficou quieto um segundo depois.

Elide verificou as colinas, o riacho seco. As raízes de um carvalho sobre a colina mais próxima se projetavam da lateral gramada da encosta, fornecendo uma extensão de madeira e musgo acima do rio morto. Perfeito.

Ela mancou até as raízes, a perna ruim reclamando,

rochas se soltando e lhe acertando os tornozelos. Elide quase conseguiu tocar a ponta das raízes quando o primeiro *boom* oco soou.

Não era trovão. Não, Elide jamais se esqueceria daquele som específico... pois ele também lhe assombrava os sonhos, tanto acordada quanto dormindo.

O bater de poderosas asas encouraçadas. Serpentes aladas.

E talvez mais mortais: suas montadoras, as bruxas Dentes de Ferro, com os sentidos tão aguçados e atentos quanto os das montarias.

Elide correu para a densa projeção de raízes conforme as batidas de asas se aproximavam, a floresta parecia tão silenciosa quanto um cemitério. Pedras e paus lhe arranharam as mãos nuas, os joelhos se chocaram contra a terra rochosa quando Elide pressionou o corpo contra a encosta e olhou pelo dossel entremeado de raízes.

Uma batida; então outra, nem mesmo um segundo depois. Sincronizadas o suficiente para que qualquer um na floresta pensasse que era apenas um eco, mas Elide sabia: duas bruxas.

Entreouvira bastante durante o tempo em Morath para saber que as Dentes de Ferro tinham ordens de ocultar seus números. Voavam em formação perfeita e espelhada, de

modo que quem estivesse ouvindo relatasse apenas uma serpente alada.

Mas aquelas duas, quem quer que fossem, eram descuidadas. Ou tão descuidadas quanto bruxas imortais e letais poderiam ser. Membros inferiores da aliança, talvez. Em uma missão de reconhecimento.

*Ou caçando alguém*, sussurrou uma voz baixa e petrificada na cabeça de Elide.

Ela pressionou o corpo com mais força contra o solo; raízes se enterraram em suas costas conforme monitorava o baldaquim.

E *ali*. O borrão de uma imensa forma ágil, deslizando logo acima da cobertura, chacoalhando as folhas. Uma membranosa asa encouraçada, a ponta virada em uma garra curva e venenosa, reluziu ao sol.

Raramente — muito raramente — saíam à luz do dia. O que quer que caçassem... era sem dúvida importante.

Elide não ousou respirar até que as batidas de asas sumissem, velejando para o norte.

Na direção do desfiladeiro Ferian; onde Manon mencionara que a segunda metade do regimento estava acampada.

Elide se moveu apenas quando os zunidos e os chilreios da floresta retornaram. Ficar parada por tanto tempo lhe

deixara com cãibras nos músculos, e ela gemeu ao esticar as pernas, então os braços, girando em seguida os ombros.

Interminável; aquela jornada era interminável. A jovem daria qualquer coisa por um teto seguro. E uma refeição quente. Talvez procurar aquilo, ao menos por uma noite, valesse o risco.

Abrindo caminho pelo rio seco, Elide conseguiu dar dois passos antes de aquela sensação que não era uma sensação pulsar de novo, como se a mão quente de uma mulher segurasse seu ombro para que parasse.

A floresta emaranhada rangia cheia de vida. No entanto, Elide conseguia sentir, podia sentir algo lá.

Não eram bruxas ou serpentes aladas ou bestas. Mas alguém... alguém a observava.

Alguém a seguia.

Ela casualmente desembainhou a faca de luta que Manon lhe dera ao deixar a floresta miserável.

E desejou que a bruxa a tivesse ensinado a matar.

Lorcan Salvaterre estava fugindo daquelas malditas bestas havia dois dias.

Ele não as culpava. As bruxas tinham ficado possessas

porque o semifeérico entrara sorrateiramente em seu acampamento na floresta, sob o véu da noite, e massacrara três das sentinelas sem que as bruxas ou as montarias reparassem, depois arrastara uma quarta bruxa para as árvores a fim de interrogá-la.

Precisara de duas horas até conseguir que a bruxa Pernas Amarelas falasse, escondido tão profundamente em uma caverna que mesmo os gritos foram abafados. Duas horas, então a bruxa começara a cantar para Lorcan.

Havia exércitos gêmeos de bruxas a postos naquele instante para tomar o continente: um em Morath, um no desfiladeiro Ferian. As Pernas Amarelas não sabiam nada sobre o poder que o duque Perrington empunhava; não sabiam nada sobre o que Lorcan caçava: as outras duas chaves de Wyrd, irmãs da que usava em uma longa corrente ao redor do pescoço. Três lascas de pedra retiradas de um maligno portal de Wyrd, cada chave capaz de um poder tremendo e terrível. E quando todas as três chaves de Wyrd fossem unidas... poderiam abrir aquele portal entre os mundos. Destruir aqueles mundos — ou conjurar seus exércitos. E coisas muito, muito piores.

Lorcan dera à bruxa a dádiva de uma morte rápida.

Desde então, suas irmãs o caçavam.

Agachado em um arbusto enfiado na lateral de uma

encosta, o guerreiro observou enquanto a garota saía do esconderijo entre as raízes. Ele tinha se refugiado ali primeiro, prestando atenção ao clamor de sua aproximação atrapalhada, e a observara tropeçar e mancar ao ouvir finalmente o que disparava na direção de ambos.

A jovem tinha feições delicadas; era pequena o suficiente para que Lorcan achasse que mal passara do primeiro sangramento se não fosse pelos seios fartos sob a roupa de couro justa.

Aquelas roupas lhe atiçaram o interesse imediatamente. As Pernas Amarelas vestiam roupas semelhantes — assim como todas as bruxas. Mas aquela menina era humana.

E ao se virar em sua direção, os olhos escuros avaliaram a floresta com uma atenção antiga demais, experiente demais para pertencer a uma criança. Tinha pelo menos 18 anos; talvez fosse mais velha. O rosto pálido parecia sujo, magro. Provavelmente vagava naquele lugar havia um tempo, lutando para encontrar comida. E a faca em suas mãos tremia tanto que sugeria uma provável ignorância sobre o que fazer com a arma.

Lorcan permaneceu escondido, observando-a avaliar as colinas, o córrego, o dossel.

Ela sentia a presença do guerreiro, de alguma forma.

Interessante. Quando ele queria permanecer escondido,

poucos conseguiam encontrá-lo.

Cada músculo do corpo da jovem estava tenso, mas ela terminou de vasculhar a vala, forçando uma respiração suave entre os lábios contraídos, e seguiu em frente. Afastando-se dele.

Ela mancava a cada passo; provavelmente tinha se ferido ao cair pelas árvores.

A longa trança batia contra a bolsa, e os cabelos sedosos eram escuros como os de Lorcan. Mais escuros. Negros como uma noite sem estrelas.

O vento mudou, soprando o cheiro da garota em sua direção, e Lorcan inspirou, permitindo que os sentidos feéricos — aqueles herdados do pai canalha — avaliassem, analisassem, como tinham feito por mais de cinco séculos.

Humana. Definitivamente humana, mas...

Ele conhecia aquele cheiro.

Durante os últimos meses, matara muitas e muitas criaturas que carregavam aquele fedor.

Ora, não era conveniente? Talvez uma dádiva dos deuses: alguém útil para interrogar. Contudo, faria aquilo mais tarde; depois que tivesse a chance de estudá-la. Aprender suas fraquezas.

O guerreiro deixou os arbustos devagar, sem que sequer um galho farfalhasse.

A garota possuída por um demônio mancou rio acima, com aquela faca inútil ainda em punho e a mão sobre o cabo parecendo completamente ineficaz. Que bom.

Então Lorcan começou sua caçada.

# 2

O gotejar da chuva nas folhas e as névoas baixas da floresta de Carvalhal quase abafavam o gorgolejo do caudaloso rio que serpenteava entre saliências e cavidades.

Agachada ao lado do córrego, com cantis vazios esquecidos na margem coberta de musgo, Aelin Ashryver Galathynius estendeu a mão cheia de cicatrizes sobre a água corrente e deixou que a canção da tempestade do início da manhã a lavasse.

O gemido de estrondosos trovões e a resposta incandescente dos raios tinham criado um ritmo violento e agitado desde antes do alvorecer — e naquele momento se espaçavam mais, acalmando a fúria, conforme Aelin tranquilizava o próprio núcleo de magia.

Ela inspirou a névoa fria e a chuva fresca, puxando-as

profundamente para os pulmões. A magia tremeluziu em resposta, como se bocejasse bom-dia e voltasse a dormir aos tropeços.

De fato, no acampamento logo à vista, os companheiros de Aelin ainda dormiam, protegidos da tempestade por um escudo invisível feito por Rowan, e aquecidos do frio do norte, que persistia mesmo no alto verão, por uma agradável chama rubi que ela mantivera acesa a noite toda. A chama fora a coisa mais difícil de trabalhar... como mantê-la crepitando enquanto, ao mesmo tempo, conjurava o pequeno dom da água concedido pela mãe.

Aelin flexionou os dedos sobre o córrego.

Do outro lado do rio, no alto de uma rocha coberta de musgo e aninhada nos braços de um carvalho retorcido, um par de dedos brancos como ossos se flexionava e estalava, espelhando os movimentos da jovem.

A jovem sorriu e disse, tão baixinho que mal se podia ouvir por cima do ruído do rio e da chuva:

— Se tiver alguma dica, amigo, eu adoraria ouvir.

Os dedos esguios dispararam de volta para trás do cume da rocha que, como tantas naquela floresta, fora entalhada com símbolos e espirais.

O Povo Pequenino os vinha seguindo desde que atravessaram a fronteira para Terrasen. *Escoltando*, insistira

Aedion sempre que viam grandes olhos infinitos piscando de um emaranhado de galhos, ou olhando por um aglomerado de folhas no alto de uma das famosas árvores da floresta de Carvalhal. Não haviam se aproximado o suficiente para que Aelin sequer os discernisse.

Mas deixavam pequenos presentes do lado de fora dos escudos noturnos de Rowan, de alguma forma depositados sem alertar quem quer que estivesse de vigia.

Certa manhã fora uma coroa de violetas da floresta. Aelin dera o presente a Evangeline, que o usara sobre os cabelos vermelho-dourados até que se desfizesse. Na manhã seguinte, duas coroas os aguardavam: uma para Aelin e uma menor para a garota marcada pela cicatriz. Outro dia, o Povo Pequenino tinha deixado uma réplica da forma de gavião de Rowan, feita com penas de pardal, bolotas dos carvalhos e cascas de besouros. Seu príncipe feérico sorrira um pouco ao encontrar o presente... e passara a carregar a réplica no alforje desde então.

A própria Aelin sorriu ao se lembrar daquilo. Embora saber que o Povo Pequenino os acompanhava a cada passo, ouvindo e observando, tornara as coisas... difíceis. Não por algo particularmente vital, mas porque fugir com Rowan para as árvores era certamente menos romântico quando se sabia que tinham uma plateia. Principalmente quando

Aedion e Lysandra ficavam tão cheios dos olhares silenciosos e apaixonados de ambos que inventavam desculpas esfarrapadas para mandá-los para longe da vista e do olfato por um tempo: a dama tinha deixado cair o lenço inexistente na trilha inexistente lá atrás; precisavam de mais troncos para uma fogueira que não precisava de lenha para queimar.

E quanto à plateia atual...

Aelin abriu os dedos sobre o córrego, permitindo que o coração se tornasse tão imóvel quanto um lago florestal aquecido pelo sol, deixando que a mente se desvencilhasse dos limites habituais.

Um fiapo de água flutuou para cima da água, cinza e transparente, e Aelin o entremeou pelos dedos abertos, como se tecesse.

Ela virou o pulso, admirando a forma como podia ver a pele através da água, deixando que deslizasse pela mão e se enroscasse no pulso. Aelin disse, então, ao feérico que observava do outro lado da rocha:

— Não há muito que relatar a seus companheiros, não é?

Folhas ensopadas estalaram atrás da jovem, e Aelin sabia que era apenas porque Rowan queria que ela ouvisse sua aproximação.

— Cuidado, ou deixarão algo molhado e frio em sua

cama da próxima vez.

Aelin deixou a água fluir para o córrego antes de olhar por cima de um ombro.

— Acha que aceitam pedidos? Porque eu entregaria meu reino por um banho quente agora.

Os olhos de Rowan dançavam conforme a jovem se colocava de pé. Ela abaixou o escudo que erguera ao redor do corpo para se manter seca — a fumaça da chama invisível se misturou à névoa ao redor. O príncipe feérico ergueu uma sobrancelha.

— Eu deveria me preocupar por você estar tagarela assim tão cedo?

Aelin revirou os olhos e se voltou na direção da rocha em que o feérico lhe observava as tentativas fracassadas de dominar a água. Mas apenas restavam folhas escorregadias pela chuva e névoa serpenteante.

Mãos fortes deslizaram para a cintura da jovem, puxando-a para seu calor conforme os lábios de Rowan roçaram o pescoço de Aelin, logo abaixo da orelha.

Ela arqueou o corpo na direção do príncipe enquanto a boca de Rowan passeava por seu pescoço, aquecendo a pele resfriada pela névoa.

— Bom dia para você — sussurrou ela.

O gemido de resposta do guerreiro feérico fez os dedos

dos pés de Aelin se contraírem.

Eles não ousaram parar em uma estalagem, mesmo depois de terem atravessado a fronteira para Terrasen três dias antes, não quando ainda havia tantos olhos inimigos fixos nas estradas e nos bares. Não quando ainda havia regimentos constantes de soldados de Adarlan finalmente marchando para fora da droga de seu território — graças aos decretos de Dorian.

Principalmente quando esses soldados poderiam muito bem retornar, escolhendo se aliar ao monstro que estava em Morath em vez de se juntar ao seu verdadeiro rei.

— Se quer tanto tomar um banho — murmurou Rowan contra o pescoço de Aelin —, vi um lago uns 400 metros para trás. Poderia aquecê-lo... para nós dois.

Ela passou as unhas pelo dorso das mãos do feérico, pelos antebraços.

— Eu ferveria todos os peixes e sapos lá dentro. Duvido que seria muito agradável então.

— Pelo menos aprontaríamos o café da manhã.

Aelin riu baixinho, e os caninos de Rowan roçaram o ponto sensível no qual o pescoço e o ombro da jovem se encontravam. Ela enterrou os dedos nos poderosos músculos dos antebraços do feérico, deliciando-se com a rigidez.

— Os lordes só chegarão ao pôr do sol. Temos tempo.

— As palavras de Aelin saíram sem fôlego, mal passavam de um sussurro.

Ao cruzarem a fronteira, Aedion enviara mensagens aos poucos lordes em quem confiava, coordenando o encontro que deveria acontecer naquele dia... naquela clareira, a qual o próprio Aedion tinha usado para reuniões secretas de rebeldes durante aqueles longos anos.

Haviam chegado cedo para reconhecer o terreno, os riscos e as vantagens. Não restava nenhum vestígio de humanos: Aedion e a Devastação sempre se certificaram de que qualquer evidência fosse varrida dos olhos inimigos. O primo de Aelin e sua lendária legião já tinham feito tanto para garantir a segurança de Terrasen na última década. Mas, ainda assim, ela não podia arriscar, mesmo com lordes que um dia carregaram a flâmula de seu tio.

— Por mais que seja tentador — disse Rowan, mordiscando a orelha da jovem de uma forma que tornava difícil pensar —, preciso partir em uma hora. — Para reconhecer o terreno mais à frente em busca de ameaças. Beijos como penas acariciaram o maxilar de Aelin, a bochecha. — E o que eu disse ainda está de pé. Não vou tomá-la contra uma árvore na primeira vez.

— Não seria contra uma árvore, seria em um lago. — Uma risada sombria soou contra a pele agora incandescente

de Aelin. Foi difícil não pegar uma das mãos de Rowan e levá-la até os seios, implorar para que ele a tocasse, tomasse, provasse. — Sabe, estou começando a achar que você é sádico.

— Confie em mim, também não acho fácil. — Rowan pressionou Aelin com um pouco mais de força contra si, deixando que ela sentisse a prova da afirmação moldada com impressionante atrevimento às suas costas. Aelin quase gemeu ao sentir aquilo.

Então Rowan se afastou, e Aelin franziu a testa quando perdeu seu calor, quando perdeu aquelas mãos, aquele corpo e aquela boca. Ela se virou e viu os olhos verdes como pinho do feérico fixos nela, então uma agitação incendiou o sangue de Aelin, mais forte que qualquer magia.

— Por que você *está* tão coerente cedo assim? — perguntou Rowan então.

Aelin mostrou a língua.

— Assumi o turno de Aedion, pois Lysandra e Ligeirinha estavam roncando tão alto que podiam acordar os mortos. — A boca de Rowan se contraiu para cima, mas Aelin fez um gesto de ombros. — Não conseguia mesmo dormir.

O maxilar de Rowan ficou tenso quando ele olhou para onde o amuleto permanecia escondido, sob a blusa de Aelin,

a escura jaqueta de couro por cima.

— A chave de Wyrd continua a perturbando?

— Não, não é isso. — Aelin passara a usar o amuleto depois que Evangeline saqueara suas bolsas e colocara o cordão. Só descobriram porque a criança tinha voltado do banho com o Amuleto de Orynth orgulhosamente estampado sobre as roupas de viagem. Graças aos deuses estavam nas profundezas da floresta de Carvalhal no momento, mas... Aelin não arriscaria de novo.

Principalmente porque Lorcan ainda acreditava que tinha o verdadeiro.

Não haviam recebido notícias do guerreiro imortal desde que ele deixara Forte da Fenda, e Aelin costumava se perguntar quanto ao sul teria chegado — se já teria percebido que carregava uma falsa chave de Wyrd dentro de um igualmente falso Amuleto de Orynth. Se descobrira onde as outras duas foram escondidas pelo rei de Adarlan e pelo duque Perrington.

Não Perrington... Erawan.

Um calafrio percorreu as costas de Aelin, como se a sombra de Morath tivesse tomado forma e lhe passado um dedo com garra pela coluna.

— É só... essa reunião — explicou Aelin, gesticulando com a mão. — Deveríamos ter feito em Orynth? Assim, no

bosque, parece tão... escuso.

Os olhos de Rowan se voltaram novamente para o horizonte norte. Havia pelo menos mais uma semana entre eles e a cidade; o coração um dia glorioso do reino de Aelin. Do continente. E, quando chegassem lá, haveria uma cadeia interminável de conselhos e preparações e decisões que apenas ela poderia tomar. A reunião que Aedion arranjara seria apenas o começo.

— Melhor entrar na cidade com aliados estabelecidos que entrar sem saber o que se pode encontrar — argumentou Rowan, por fim. Ele lhe lançou um sorriso irônico e olhou significativamente para Goldryn, embainhada às costas da jovem, e para as várias facas presas a Aelin. — E além disso: achei que "escuso" fosse seu segundo nome.

Ela respondeu com um gesto vulgar.

Aedion tivera tanto cuidado com as mensagens enquanto organizava a reunião — selecionara aquele ponto longe de qualquer possível imprevisto ou de olhos espiões. E, embora confiasse nos lordes com os quais familiarizara Aelin durante as últimas semanas, ainda não os havia informado de quantos viajavam com eles... que talentos possuíam. Apenas como garantia.

Não importava que Aelin portasse uma arma capaz de

devastar aquele vale inteiro, junto das cinzentas montanhas Galhada do Cervo que os vigiavam. E isso era apenas a magia de sua rainha.

Rowan brincou com uma mecha do cabelo de Aelin... quase na altura dos seios de novo.

— Está preocupada porque Erawan ainda não agiu.

Ela inspirou entre dentes.

— O que ele está esperando? Somos tolos por aguardar um convite para marchar contra ele? Ou está nos deixando reunir forças, *me* permitindo retornar com Aedion a fim de nos unirmos à Devastação e levantarmos um exército maior a partir daí, somente para que Erawan possa degustar nosso total desespero quando fracassarmos?

Os dedos de Rowan se detiveram nos cabelos de Aelin.

— Você ouviu o mensageiro de Aedion. Aquela explosão comprometeu grande parte de Morath. Ele pode estar reconstruindo também.

— Ninguém reivindicou autoria por aquela explosão. Não confio nisso.

— Você não confia em nada.

Aelin o encarou.

— Confio em você.

Rowan acariciou a bochecha de Aelin com o dedo. A chuva ficou pesada de novo, o gotejar baixinho, o único

ruído em quilômetros.

Aelin ficou na ponta dos pés. Sentiu os olhos de Rowan sobre si o tempo todo, sentiu-lhe o corpo ficar imóvel com uma concentração predatória conforme beijava o canto da boca do guerreiro, o arco dos lábios, o outro canto.

Beijos suaves, provocadores. Para ver qual dos dois cederia primeiro.

Foi Rowan.

Com uma inspiração profunda, ele segurou os quadris de Aelin, puxando-a contra si, conforme inclinava a boca sobre a dela, intensificando o beijo até que os joelhos de Aelin ameaçassem ceder. A língua de Rowan roçou a de Aelin; carícias preguiçosas e hábeis que diziam a Aelin exatamente o que ele era capaz de fazer em outras partes.

Brasas se acenderam no sangue de Aelin, e o musgo sob os dois chiou quando a chuva se transformou em névoa.

Aelin interrompeu o beijo, a respiração irregular, satisfeita ao ver o peito do próprio Rowan se inflando e esvaziando em um ritmo instável. Tão nova; aquela coisa entre eles ainda era tão nova, tão... crua. Completamente extenuante. O desejo era apenas o começo.

O feérico fazia a magia de Aelin cantar. E talvez fosse o laço *carranam* entre os dois, mas... a magia de Aelin queria dançar com a de Rowan. E pelo gelo que reluzia nos olhos

do guerreiro, Aelin sabia que a magia deste exigia o mesmo.

Rowan inclinou o corpo para a frente até que as testas se tocassem.

— Logo — prometeu ele, a voz áspera e grave. — Vamos chegar a um lugar seguro... algum lugar defensável.

Porque a segurança de Aelin sempre viria primeiro. Para Rowan, mantê-la protegida, mantê-la viva, sempre seria prioridade. Ele aprendera do modo mais difícil.

O coração de Aelin pesou, e ela se afastou para erguer a mão na altura do rosto de Rowan. Ele observou a suavidade nos olhos de Aelin, em seu corpo, e a própria determinação inerente de Rowan assumiu uma tranquilidade que poucos jamais veriam. A garganta de Aelin doía devido ao esforço de conter as palavras.

Amava Rowan havia um tempo. Mais tempo do que queria admitir.

Aelin tentou não pensar naquilo, se ele sentia o mesmo. Aquelas coisas — aqueles desejos — estavam no fim de uma lista de prioridades muito, muito longa e sangrenta.

Então ela o beijou carinhosamente, as mãos do guerreiro novamente se fechando em volta de seu quadril.

— Coração de Fogo — disse Rowan contra a boca de Aelin.

— Busardo — sussurrou ela de volta.

Rowan gargalhou, e o estrondo ecoou pelo peito da jovem.

Do acampamento, a voz doce de Evangeline cantarolou através da chuva:

— Está na hora do café?

Aelin riu com escárnio. Certamente, Ligeirinha e Evangeline estavam cutucando a pobre Lysandra, que dormia estatelada na forma de um leopardo-fantasma ao lado da fogueira imortal. Aedion, deitado do outro lado das chamas, parecia tão imóvel quanto uma rocha. A cadela provavelmente saltaria sobre ele a seguir.

— Isso não vai acabar bem — murmurou Rowan.

— *Comiiiiiiiiida!* — gritou Evangeline.

O uivo em resposta de Ligeirinha seguiu um segundo depois.

Então Lysandra soltou um grunhido na direção de ambas, silenciando menina e cão.

Rowan riu de novo... e Aelin pensou que jamais se cansaria daquela risada. Daquele sorriso.

— Deveríamos fazer o café da manhã — sugeriu ele, virando-se na direção do acampamento. — Antes que Evangeline e Ligeirinha saqueiem todo o acampamento.

Aelin riu, mas olhou por cima do ombro para a floresta que se estendia na direção das montanhas Galhada do

Cervo. Na direção dos lordes que, com esperança, seguiam para o sul — a fim de decidir como prosseguiriam com a guerra... e com a reconstrução do reino arrasado.

Ao olhar para trás, viu que o feérico estava a meio caminho do acampamento, e os cabelos vermelho-dourados de Evangeline reluziam enquanto ela saltitava entre as árvores, implorando ao príncipe por torrada e ovos.

Sua família... e seu reino.

Dois sonhos que havia muito acreditava perdidos, percebeu Aelin conforme o vento norte soprou seus cabelos. Sonhos que a jovem arriscaria tudo — ruína, princípios — para proteger.

Aelin estava prestes a seguir ao acampamento para poupar Evangeline da comida de Rowan quando percebeu o objeto sobre a rocha do outro lado do rio.

Ela atravessou o riacho com um salto e, cuidadosamente, estudou o que a criatura do Povo Pequenino havia deixado.

Feita de galhos, teias de aranha e escamas de peixe, a minúscula serpente alada era perturbadoramente precisa, as asas abertas em meio a um rugido, a boca cheia de presas espinhentas.

Aelin deixou a réplica onde estava, mas voltou os olhos para o sul, na direção do antigo curso da floresta de

Carvalhal, para Morath que se erguia muito além desta. Para Erawan renascido, esperando por Aelin com a esquadrilha de Dentes de Ferro e a infantaria de soldados valg.

E Aelin Galathynius, rainha de Terrasen, soube que em breve chegaria o tempo de provar exatamente o quanto sangraria por Erilea.



Era útil, pensou Aedion Ashryver, viajar com dois habilidosos possuidores de magia. Principalmente com aquela porcaria de tempo.

As chuvas continuaram ao longo do dia conforme se preparavam para a reunião. Rowan já voara para o norte duas vezes, para acompanhar o progresso dos lordes, mas não os vira ou lhes sentira o cheiro.

Ninguém se aventurava nas famigeradas estradas lamacentas de Terrasen com aquele tempo. Mas na companhia de Ren Allsbrook, Aedion tinha poucas dúvidas de que permaneceriam mesmo escondidos até o pôr do sol. A não ser que o clima os tivesse atrasado. O que era uma boa possibilidade.

O trovão ecoava tão perto que as árvores estremeciam.

Relâmpagos brilhavam sem pausa para respirar, emoldurando de prata as folhas ensopadas, iluminando o mundo tão fortemente que seus sentidos feéricos eram ofuscados. Mas pelo menos estava seco. E aquecido.

Tinham evitado tanto a civilização que Aedion mal testemunhara, ou fora capaz de contar, quantos possuidores de magia haviam saído do anonimato — ou quem agora aproveitava o retorno dos dons. Aedion vira apenas uma garota, com não mais que 9 anos, tecendo gavinhas de água acima da única fonte da aldeia, para entretenimento e prazer de um grupo de crianças.

Adultos com expressões petrificadas e cobertos de cicatrizes espiavam das sombras, mas nenhum interferira, para o bem ou para o mal. Os mensageiros de Aedion já haviam confirmado que a maioria das pessoas sabia que o rei de Adarlan tinha usado seus poderes sombrios para reprimir a magia durante os últimos dez anos. Mas, mesmo assim, ele duvidava que aqueles que sofreram a perda da magia, e então o extermínio do próprio povo, se sentiriam confortáveis para revelar os poderes tão cedo.

Pelo menos não até que pessoas como seus companheiros e aquela menina na praça mostrassem ao mundo que era seguro fazê-lo. Que uma garota com um dom de água poderia garantir a prosperidade de sua aldeia e

das fazendas ao redor.

Aedion franziu a testa para o céu que escurecia, girando distraidamente a Espada de Orynth entre as palmas das mãos. Mesmo antes de a magia sumir, havia um tipo temido acima de todos os outros, seus possuidores eram párias na melhor das hipóteses, mortos na pior. Cortes em todas as terras os buscaram como espiões e assassinos durante séculos. Mas *sua* corte...

Um ronronar satisfeito ressoou pelo pequeno acampamento, Aedion voltou o olhar para o objeto de seus pensamentos. Evangeline estava ajoelhada sobre o saco de dormir, murmurando consigo mesma conforme gentilmente passava a escova do cavalo sobre o pelo de Lysandra.

Ele levara dias para se acostumar com a forma de leopardo-fantasma. Anos nas montanhas Galhada do Cervo haviam lhe incutido o terror visceral. Mas lá estava ela, com as garras retraídas, estatelada de barriga para baixo enquanto sua protetora a penteava.

Espiã e assassina, de fato. Um sorriso repuxou os cantos dos lábios de Aedion ao notar os olhos verde-pálidos semicerrados de prazer. Aquela seria uma bela visão para os lordes quando chegassem.

A metamorfa usara aquelas semanas de viagem para

experimentar novas formas: pássaros, bestas, insetos com tendência a zunir na orelha do general ou até mordê-lo. Raramente — muito raramente — Lysandra assumira a forma humana na qual Aedion a conhecera. Considerando tudo que fora feito com ela e tudo que fora obrigada a fazer naquele corpo humano, não a culpava.

No entanto, precisaria assumir sua forma humana em breve, quando fosse apresentada como uma dama na corte de Aelin. Aedion se perguntou se Lysandra usaria aquele belíssimo rosto exótico, ou se encontraria outra pele humana que lhe conviesse.

Mais que isso, o general cogitava como seria mudar de rosto, pele, cor e osso — embora não tivesse perguntado. Até porque a metamorfa não assumira forma humana por tempo o bastante para que ele o fizesse.

Aedion olhou para Aelin, sentada diante da fogueira, brincando com as longas orelhas da cadela esticada em seu colo — esperando, como todos. A prima, no entanto, estava com a antiga lâmina — a espada do pai — que Aedion tão extrovertidamente girava e passava entre as mãos, cada centímetro do cabo de metal e do punho de osso rachado tão familiar para ele quanto o próprio rosto. Tristeza brilhou nos olhos da jovem, tão rápido quanto o relâmpago acima, então depois sumiu.

Aelin devolvera a espada a Aedion quando partiram de Forte da Fenda, escolhendo empunhar Goldryn. Ele tentara convencê-la a manter a sagrada lâmina de Terrasen, mas ela insistiu que a espada estava melhor nas mãos do primo, que ele merecia a honra acima de qualquer um, inclusive ela.

Conforme seguiam mais para o norte, Aelin ficava mais silenciosa. Talvez semanas na estrada a tivessem exaurido.

Depois daquela noite, dependendo do que os lordes relatassem, Aedion tentaria encontrar um lugar tranquilo para descansar por um dia ou dois antes que seguissem pelo último trecho do caminho até Orynth.

Aedion ficou de pé, embainhou a espada ao lado da faca que Rowan lhe dera e caminhou até Aelin. A cauda macia de Ligeirinha se agitou em cumprimento quando ele se sentou ao lado da rainha.

— Você precisa de um corte de cabelo — comentou Aelin. De fato, os cabelos de Aedion tinham ficado mais longos do que ele costumava usá-los. — Está quase do mesmo tamanho do meu. — Ela franziu a testa. — Parece até que combinamos os cortes.

Aedion riu com escárnio, acariciando a cabeça da cadela.

— E daí se o fizemos?

Aelin gesticulou com os ombros.

— Se quiser começar a coordenar roupas também, estou

dentro.

Ele sorriu.

— A Devastação jamais me deixaria em paz.

A legião de Aedion agora acampava nos limites de Orynth, onde, por suas ordens, o grupo reforçava as defesas da cidade e esperava. Esperava para matar e morrer por Aelin.

E com o dinheiro que o general reivindicara tramando e matando para o antigo mestre na primavera, podiam comprar um exército para seguir atrás da Devastação. Talvez mercenários também.

A faísca nos olhos de Aelin morreu um pouco, como se ela também considerasse o que comandar a legião de Aedion implicava. Os riscos e os custos — não em ouro, mas em vidas. O general podia ter jurado que a fogueira do acampamento também.

Aelin matara e lutara, e quase morrera, diversas vezes durante os últimos dez anos. Mas ele sabia que hesitaria em mandar soldados — em mandar *Aedion* — para batalha.

Acima de tudo, aquele seria o primeiro teste de Aelin como rainha.

Mas antes disso... essa reunião.

— Lembra-se de tudo que contei sobre eles?

Aelin lhe lançou um olhar inexpressivo.

— Sim, lembro de tudo, primo. — Ela o cutucou com força nas costelas, bem onde a tatuagem feita por Rowan três dias antes ainda cicatrizava. Os nomes de todos eles, entrelaçados em um complexo nó de Terrasen bem perto do coração de Aedion. Ele encolheu o corpo ao receber o golpe na pele dolorida, então afastou a mão da prima enquanto Aelin recitava: — Murtaugh era filho de um fazendeiro, mas se casou com a avó de Ren. Embora não tenha nascido na linhagem Allsbrook, ainda empunha o título, apesar da insistência para que Ren o assuma. — A jovem olhou para cima. — Darrow é o mais rico dono de terra, depois desta que vos fala, e, mais que isso, tem o respeito dos poucos lordes sobreviventes, em grande parte devido aos anos em que cautelosamente lidou com Adarlan durante a ocupação. — Aelin olhou com tanta irritação para Aedion que poderia ter lhe rasgado a pele.

Aedion ergueu as mãos.

— Pode me culpar por querer me certificar de que tudo correrá bem?

Aelin deu de ombros, mas não discutiu com o primo.

— Darrow foi amante de seu tio — acrescentou Aedion, alongando as pernas à frente. — Durante décadas. Ele jamais me falou sobre seu tio, mas... eram muito próximos, Aelin. Darrow não vestiu luto publicamente por

Orlon além do que era esperado após a morte de um rei, mas se tornou um homem diferente depois da perda. É um desgraçado difícil, mas mesmo assim é justo. Muito do que fez foi devido ao amor por Orlon... e por Terrasen. Sua estratégia evitou que passássemos fome e ficássemos na miséria. Lembre-se disso. — Realmente, havia muito Darrow traçara uma linha entre servir ao rei de Adarlan e sabotá-lo.

— Eu. Sei — disse Aelin, contendo-se. Estava indo longe demais, aquele tom era provavelmente o primeiro e o último aviso de que Aedion começava a irritá-la. Ele passara muitos dos quilômetros viajados nos últimos dias contando a Aelin sobre Ren e Murtaugh e Darrow. Aedion sabia que a prima provavelmente conseguia agora recitar suas posses de terra, que plantações e animais de pasto e bens acumulavam, os ancestrais dos lordes, os familiares mortos e sobreviventes da última década. Mas insistir com Aelin sobre isso uma última vez, certificando-se de que ela lembrasse... Aedion não conseguia conter o instinto de assegurar que tudo correria bem. Não com tanto em jogo.

Do galho alto onde estava empoleirado para monitorar a floresta, Rowan emitiu um estalo com o bico e bateu as asas na direção da chuva, planando para além do próprio escudo, como se a barreira se abrisse para ele.

Aedion se levantou, observando a floresta, ouvindo-a. Apenas o gotejar da chuva nas folhas enchia seus ouvidos. Lysandra se alongou, exibindo os longos dentes ao fazê-lo, libertando as garras parecidas com agulhas, reluzentes à luz da fogueira.

Até que Rowan desse o aval — até que fossem apenas aqueles lordes e mais ninguém —, os protocolos de segurança estabelecidos seriam mantidos.

Evangeline, como lhe tinham ensinado, seguiu de fininho até a fogueira. As chamas se abriram como cortinas a fim de permitir que ela e Ligeirinha, a qual se aproximou ao sentir o medo da criança, passassem para um círculo interior que não as queimaria. Mas que derreteria os ossos de inimigos.

Aelin apenas olhou para Aedion com uma ordem silenciosa, e ele deu um passo para o lado oeste da fogueira, Lysandra ocupou um lugar na ponta sul. Aelin assumiu o canto norte, mas olhava para oeste — na direção de onde Rowan tinha saído, batendo as asas.

Uma brisa seca e quente fluiu pela pequena bolha, e faíscas dançaram como vagalumes nos dedos de Aelin enquanto sua mão pendia casualmente na lateral do corpo. A outra mão pegou Goldryn, o rubi no cabo da espada parecia brilhante como uma brasa.

Folhas farfalharam, e galhos se partiram, a Espada de Orynth reluziu dourada e vermelha à luz das chamas de Aelin quando Aedion sacou a arma. Na outra mão ele inclinou a antiga adaga que Rowan lhe dera. O feérico estivera ensinando Aedion — ensinando todos, na verdade — a respeito dos Velhos Modos durante as últimas semanas. A respeito das tradições e dos códigos dos feéricos havia muito esquecidos, a maioria abandonada, mesmo na corte de Maeve. Mas renascidos ali, e praticados então, conforme o grupo assumia os papéis e os deveres que tinham decidido e escolhido para si.

Rowan surgiu da chuva na forma feérica, os cabelos prateados grudados à cabeça, a tatuagem ressaltada no rosto bronzeado. Nenhum sinal dos lordes.

Mas o guerreiro segurava a faca de caça contra a garganta exposta de um homem de nariz fino, e o escoltava na direção da fogueira; as roupas do estranho, ensopadas e manchadas da viagem, estampavam o brasão de Darrow, com um texugo rampante.

— Um mensageiro — declarou Rowan.

Aelin decidiu, naquele momento, que não gostava muito de

surpresas.

Os olhos azuis do mensageiro estavam arregalados, mas o rosto sardento, úmido de chuva, parecia calmo. Firme. Mesmo quando viu Lysandra, as presas reluzindo à luz da fogueira. Mesmo quando Rowan o empurrou para a frente, aquela lâmina cruel ainda colada em seu pescoço.

Aedion gesticulou com o queixo para Rowan.

— É difícil entregar a mensagem com uma faca nas cordas vocais.

Rowan abaixou a arma, mas o príncipe feérico não embainhou a faca. Não se afastou mais que 30 centímetros do homem.

— Onde estão? — perguntou Aedion.

O homem fez uma reverência rápida para o primo de Aelin.

— Em uma taverna, a 6 quilômetros daqui, general...

As palavras se dissolveram quando Aelin deu a volta na fogueira. Ela a manteve acesa, manteve Evangeline e Ligeirinha protegidas do lado de dentro. O mensageiro soltou um ruído baixo.

Ele sabia. Pela forma como olhava de Aelin para Aedion, notando os mesmos olhos, a mesma cor de cabelo... ele soube. E como se a ideia acabasse de lhe ocorrer, o mensageiro se curvou.

Aelin observou a forma como o homem abaixou os olhos, observou a nuca exposta, a pele reluzindo com chuva. Sua magia fervilhou em resposta. E aquela coisa — aquele poder terrível pendente entre seus seios — pareceu abrir um antigo olho diante de toda a comoção.

O mensageiro enrijeceu o corpo, os olhos arregalados para a silenciosa aproximação de Lysandra, os bigodes da metamorfa estremecendo conforme farejava as roupas molhadas do homem. O mensageiro era inteligente o bastante para permanecer imóvel.

— A reunião está cancelada? — perguntou Aedion, tenso, observando a floresta de novo. O homem encolheu o corpo.

— Não, general... mas querem que seja na taverna onde estão hospedados. Por causa da chuva.

Aedion revirou os olhos.

— Diga a Darrow que arraste a carcaça até aqui. A água não irá matá-lo.

— Não é Lorde Darrow — retrucou o homem rapidamente. — Com todo respeito, Lorde Murtaugh ficou mais lento esse verão. Lorde Ren não queria que ficasse ao relento, na escuridão e na chuva.

Na primavera, o velho cavalgara por reinos como um demônio do inferno, lembrou-se Aelin. Talvez isso tivesse

cobrado um preço.

Aedion suspirou.

— Sabe que precisaremos fazer reconhecimento da taverna primeiro. A reunião será mais tarde do que desejam.

— É claro, general. Esperarão por isso. — O mensageiro encolheu o corpo quando, por fim, viu Evangeline e Ligeirinha dentro do círculo de segurança das chamas. E apesar do príncipe feérico armado ao seu lado, apesar do leopardo-fantasma com garras expostas o farejando, foi ver o fogo de Aelin que deixou o homem mortalmente pálido. — Mas estão esperando... e Lorde Darrow fica impaciente. Deixar as muralhas de Orynth o deixa ansioso. Nos deixa a todos ansiosos, ultimamente.

Aelin riu baixinho, com escárnio. *Realmente.*

# 3

Manon Bico Negro, em posição de sentido em uma das pontas da longa ponte escura para Morath, observava a aliança da avó descer das nuvens cinzentas.

Mesmo com a névoa e as torres de fumaça das inúmeras forjas, as volumosas vestes obsidiana da Grã-Bruxa do clã Bico Negro eram inconfundíveis. Nenhuma outra se vestia como a Matriarca. Sua aliança avançou da pesada cobertura de nuvens, mantendo uma distância respeitável da Matriarca e da montadora sobressalente que lhe flanqueava a imensa besta.

Manon, com as Treze em fileira atrás de si, não se moveu conforme as serpentes aladas e as montadoras aterrissaram nas pedras escuras do pátio diante da ponte. Bem abaixo, a correnteza de um rio imundo, destruído,

rugia, competindo com o raspar de garras em pedra e o farfalhar de asas se acomodando.

A avó de Manon tinha ido até Morath.

Ou o que restara da fortaleza, quando um terço não passava de escombros.

Asterin sibilou quando a avó de Manon desceu da montaria com um movimento suave, olhando com irritação para a fortaleza negra que se erguia acima de Manon e das Treze. O duque Perrington já aguardava na câmara do conselho, e Manon não tinha dúvidas de que seu bicho de estimação, Lorde Vernon, faria o possível para enfraquecer e abalar Manon a cada oportunidade. Se Vernon fosse agir para se livrar dela, seria agora — quando a avó conferia com os próprios olhos o que Manon lograra.

E o que fracassara em fazer.

Manon mantinha as costas eretas conforme a avó caminhava sobre a larga ponte de pedra, os passos abafados pela correnteza do rio, pelo bater de asas distantes e por aquelas forjas trabalhando dia e noite para equipar o exército. Ao conseguir ver a parte branca dos olhos da Matriarca, a jovem bruxa se curvou.

O estalar do couro das roupas de voo disse a ela que as Treze a imitaram.

Quando Manon ergueu a cabeça, a avó estava diante de

si.

Morte, cruel e astuta, espreitava naquele olhar ônix, salpicado de dourado.

— Me leve até o duque — exigiu a Matriarca, à guisa de cumprimento.

Manon sentiu as Treze enrijecerem. Não diante das palavras, mas da aliança da Grã-Bruxa que agora seguia ao encalço. Raro... tão raro que elas a seguissem, que a vigiassem.

Mas aquela era uma cidadela de homens... e de demônios. E aquela seria uma estadia prolongada, se não permanente, a julgar pelo fato de que a avó levara consigo a linda e jovem bruxa de cabelos negros que no momento lhe aquecia a cama. A Matriarca seria uma tola se não tomasse precauções a mais. Mesmo que as Treze sempre tivessem bastado. Deviam ter bastado.

Foi difícil não estender as unhas de ferro diante da ameaça imaginada.

Manon fez outra reverência e se virou para as altas portas, a entrada para Morath. As Treze abriram caminho para Manon e a Matriarca conforme as duas passaram, então fecharam a fileira, como um véu letal. Nenhuma chance; não quando se tratava da herdeira e da Matriarca.

Os passos de Manon eram quase silenciosos ao guiar a

avó pelos corredores escuros. As Treze e a aliança da Matriarca as seguiam de perto; os criados, devido a espionagem ou algum instinto humano, não estavam à vista.

Conforme subiram a primeira de muitas escadas espiraladas na direção da nova câmara do conselho do duque, a Matriarca falou:

— Algo a reportar?

— Não, avó. — Manon controlou o anseio de olhar de esguelha para a bruxa, para os cabelos escuros manchados de prata, as feições pálidas entalhadas por um ódio antigo, os dentes enferrujados permanentemente à vista.

O rosto da Grã-Bruxa que marcara a imediata de Manon. Que atirara a bruxinha natimorta de Asterin ao fogo, negando a mãe o direito de segurar o bebê uma única vez. Que, então, espancara e destruíra a jovem bruxa, atirando-a à neve para que morresse, e escondera a verdade de Manon por quase um século.

Manon se perguntou que pensamentos agora passavam pela mente de Asterin enquanto caminhavam. Imaginou o que passava pelas mentes de Sorrel e Vesta, que tinham encontrado Asterin na neve. Então a curado.

E jamais contaram a Manon.

A criatura da avó; era o que Manon sempre fora. Nunca parecera algo odioso.

— Descobriu o que causou a explosão? — As vestes da Matriarca rodopiando atrás da bruxa ao entrar no longo e estreito corredor em direção à câmara do conselho do duque.

— Não, avó.

Aqueles olhos pretos salpicados de dourado dispararam para Manon.

— Que conveniente, Líder Alada, que você reclame sobre os experimentos de procriação do duque, e as Pernas Amarelas sejam incineradas dias depois.

*E já vão tarde*, Manon quase disse. Apesar das alianças perdidas na explosão, maldito alívio pelo cessar da procriação daquelas bruxinhas Pernas Amarelas com os valg. Mas Manon sentiu, em vez de ver ou ouvir, a atenção das Treze fixa nas costas da avó.

E talvez algo como medo percorreu o corpo de Manon.

Diante da acusação da Matriarca... e do limite que as Treze traçavam. Vinham traçando havia um tempo.

Desafio. Era o que tinham sido os últimos meses. Se a Grã-Bruxa descobrisse, amarraria Manon a um poste e lhe açoitaria as costas até que a pele estivesse em flagelos. Faria com que as Treze assistissem, para provar que eram impotentes em defender a própria herdeira, então daria a elas o mesmo tratamento. Talvez atirasse água salgada nas

feridas ao terminar. E depois faria de novo, dia após dia.

— Ouvi um boato de que foi o bicho de estimação do duque, aquela humana. Mas como a mulher foi incinerada na explosão, ninguém pode confirmar. Não queria desperdiçar seu tempo com fofoca e teorias — disse Manon, friamente.

— Ela estava presa a ele.

— Parece que não era o caso do fogo de sombras. — Fogo negro, o imenso poder que teria derretido seus inimigos em segundos quando combinado com as torres espelhadas que as três Matriarcas e suas alianças construíam no desfiladeiro Ferian. Mas com Kaltain morta... também se extinguia a ameaça de pura aniquilação.

Mesmo que o duque não se submetesse a outro mestre agora que seu rei estava morto. Ele rejeitara a reivindicação do príncipe herdeiro ao trono.

A avó de Manon não disse nada enquanto seguiam em frente.

A outra peça do tabuleiro; o príncipe de olhos de safira, que um dia também estivera acorrentado por um príncipe valg. Agora livre. E aliado àquela jovem rainha de cabelos dourados.

Elas chegaram às portas da sala do conselho, e Manon varreu os pensamentos da mente quando os guardas de

rostos inexpressivos abriram a rocha negra para as bruxas.

Os sentidos de Manon se aguçaram até atingirem uma calmaria mortal assim que ela colocou os olhos na mesa de vidro ébano e em quem ali estava.

Vernon: alto, esguio, sempre sorridente, vestido com o verde de Terrasen.

E um homem de cabelos dourados, a pele pálida como marfim.

Nenhum sinal do duque. O estranho se virou na direção delas. Mesmo a avó de Manon parou.

Não diante da beleza do homem, não diante da força do corpo escultural ou das refinadas roupas negras que usava. Mas diante daqueles olhos dourados. Idênticos aos de Manon.

Os olhos dos reis valg.



Manon avaliou as saídas, as janelas, as armas que usaria quando lutassem para escapar. O instinto a fez se colocar diante da avó; o treinamento a fez pegar em duas facas antes que o homem de olhos dourados sequer piscasse.

Mas o homem fixou aqueles olhos de valg em Manon. Ele sorriu.

— Líder Alada. — O homem olhou para a avó de Manon e inclinou a cabeça. — Matriarca.

A voz era carnal e amável e cruel. Mas o tom, a exigência implícita...

Algo no sorrisinho de Vernon agora parecia contido demais, a pele bronzeada, pálida demais.

— Quem é você — disse Manon ao estranho, mais uma ordem que uma pergunta.

O homem indicou com o queixo os assentos desocupados à mesa.

— Sabe perfeitamente quem sou, Manon Bico Negro.

Perrington. Em outro corpo, de alguma forma. Porque...

Porque aquela desprezível coisa sobrenatural que Manon às vezes via de relance quando o encarava... Ali estava, encarnada.

O rosto tenso da Matriarca informou Manon que a avó já havia adivinhado.

— Fiquei cansado de usar aquela carne flácida — explicou ele, deslizando com graciosidade felina para a cadeira ao lado de Vernon. Uma onda de dedos longos e poderosos. — Meus inimigos sabem quem sou. Meus aliados podem muito bem saber também.

Vernon fez uma reverência com a cabeça e murmurou:

— Meu lorde Erawan, se lhe agradar, permita-me pegar algo para a Matriarca se refrescar. A viagem foi longa.

Manon observou o homem alto e nervoso. Dois presentes ele oferecera: respeito à avó de Manon e o conhecimento do verdadeiro nome do duque. Erawan.

Manon se perguntou o que Ghislaine, a postos no corredor do lado de fora, sabia sobre ele.

O rei valg assentiu em aprovação. O Lorde de Perranth se apressou até o pequeno bufê contra a parede, pegando uma jarra enquanto Manon e a Matriarca ocupavam os assentos diante do rei demônio.

Respeito; algo que Vernon sequer uma vez oferecera sem um sorriso debochado. Mas agora...

Talvez agora que o Lorde de Perranth percebia que tipo de monstro o encoleirara, ele estivesse desesperado por aliados. Talvez soubesse que Manon... que Manon poderia, de fato, ter participado da explosão.

Manon aceitou os copos de chifre que Vernon colocou diante de ambas, mas não bebeu a água. Nem a avó.

Do outro lado da mesa, Erawan sorriu de leve. Nenhuma escuridão, nenhuma corrupção emanava do lorde — como se fosse poderoso o bastante para manter aquilo sob controle, imperceptível, exceto por aqueles olhos. Olhos de Manon.

Atrás deles, o restante das Treze e a aliança da Grã-Bruxa permaneciam no corredor, apenas as imediatas ficaram na sala quando as portas foram fechadas de novo.

Prendendo todos com o rei valg.

— Então — começou Erawan, examinando as bruxas de uma forma que fez Manon contrair os lábios para não exibir os dentes — as forças no desfiladeiro Ferian estão prontas?

A avó de Manon ofereceu um curto aceno de queixo.

— Elas agirão ao pôr do sol. Estarão em Forte da Fenda dois dias depois disso.

Manon não ousou se mover no assento.

— Estão enviando o esquadrão para Forte da Fenda?

O rei demônio lançou um olhar semicerrado para a bruxa.

— Estou enviando *você* a Forte da Fenda para retomar minha cidade. Quando tiver cumprido sua tarefa, a legião de Ferian será posicionada aqui sob o comando de Iskra Pernas Amarelas.

Para Forte da Fenda. Para finalmente, *finalmente*, lutar, ver o que as serpentes aladas podiam fazer em batalha...

— Suspeitam do ataque?

Um sorriso sem vida como resposta.

— Nossas forças se moverão rápido demais para que a notícia os alcance. — Sem dúvida o motivo pelo qual tal

informação permanecera oculta até então.

Manon bateu com um pé no piso de pedra, já ansiosa para se mover, para comandar as demais nas preparações.

— Quantas das alianças de Morath levarei ao norte?

— Iskra voa com a segunda metade de nossa legião aérea. Acho que apenas algumas alianças de Morath serão necessárias. — Um desafio... e um teste.

Manon considerou.

— Voarei com minhas Treze, mais duas alianças como escolta. — Não havia necessidade de que os inimigos descobrissem quantas alianças voavam na legião aérea ou, até mesmo, de que esta voasse em sua totalidade quando Manon apostaria alto que as Treze já seriam suficientes para saquear a capital.

Erawan apenas inclinou a cabeça em concordância. A avó de Manon deu um aceno quase imperceptível para ela, o mais perto de aprovação que a herdeira receberia.

Mas Manon perguntou:

— E quanto ao príncipe? — Rei. Rei Dorian.

A avó de Manon lançou um olhar para ela, mas o demônio falou:

— Quero que o traga pessoalmente até mim. Se ele sobreviver ao ataque.

E sem a rainha incandescente, Dorian Havilliard e sua

cidade estavam indefesos.

Importava pouco para Manon. Era guerra.

Lutar naquela guerra e voltar para casa, para os desertos ao fim dela. Mesmo aquele homem, aquele rei demônio, poderia muito bem descumprir com a palavra.

Manon lidaria com isso depois. Mas primeiro... batalha declarada. Ela já conseguia ouvir a canção selvagem no sangue.

O rei demônio e a avó conversavam de novo, e Manon afastou a melodia de escudos se chocando e espadas tilintando por tempo suficiente para processar as palavras de ambos.

— Depois que a capital estiver tomada, quero aqueles barcos no Avery.

— Os homens do lago Prateado concordaram? — A avó de Manon estudou o mapa preso à mesa de vidro por pedras lisas. Manon acompanhou o olhar da Matriarca até o lago Prateado, na outra ponta do Avery, e até a cidade aninhada contra as montanhas Canino Branco: Anielle.

Perrington — Erawan — fez um gesto com os ombros largos.

— Seu senhor ainda não declarou lealdade a mim ou ao menino-rei. Suspeito que, quando chegar a notícia da queda de Forte da Fenda, encontraremos seus mensageiros

prostrados a nossa porta. — Um lampejo de sorriso. — Sua fortaleza, ao longo das Cataratas Ocidentais do rio, ainda exibe cicatrizes da última vez que meus exércitos marcharam. Vi inúmeros monumentos àquela guerra em Anielle, o senhor local saberá o quão facilmente posso transformar a cidade em um mausoléu.

Manon estudou o mapa de novo, ignorando as perguntas.

Velho. O rei valg era tão velho que a fazia se sentir jovem. Fazia com que a avó de Manon parecesse uma criança também.

Tola; talvez a Matriarca tivesse sido uma tola ao vendê-las em uma aliança ignorante com aquela criatura. Manon se obrigou a encarar Erawan.

— Com fortes em Morath, Forte da Fenda e Anielle, isso cobre apenas a metade sul de Adarlan. E quanto ao norte do desfiladeiro Ferian? Ou ao sul de Adarlan?

— Enseada do Sino permanece sob meu controle, seus senhores e mercadores amam demais o ouro. Melisande... — Os olhos dourados do rei demônio se fixaram no país ocidental do outro lado das montanhas. — Eyllwe está arrasada abaixo dela, Charco Lavrado em ruínas a leste. Ainda é do interesse de Melisande continuar aliando suas forças com as minhas, principalmente quando Terrasen não

tem uma moeda em seu nome. — O olhar do rei se voltou para o norte. — Aelin Galathynius deve ter alcançado seu trono a essa altura. E, quando Forte da Fenda se for, ela também descobrirá o quanto está isolada no norte. A herdeira de Brannon não tem aliados neste continente. Não mais.

No entanto Manon reparou na forma como os olhos do rei demônio dispararam para Eyllwe... apenas por um segundo.

Ela se voltou para a Matriarca, silenciosamente observando Manon com uma expressão que prometia morte caso a neta insistisse demais.

— A capital é o coração de seu comércio. Se eu libertar minha legião sobre ela, terá poucos aliados humanos... — constatou Manon.

— Da última vez que verifiquei, Manon Bico Negro, era *minha* legião.

Manon sustentou o olhar incandescente de Erawan, mesmo que aquilo a expusesse por completo.

— Transforme Forte da Fenda em uma ruína completa — argumentou ela, simplesmente —, e governantes como o Lorde de Anielle ou a rainha de Melisande, ou os senhores de Charco Lavrado podem muito bem achar que vale a pena o risco de se unirem contra você. Se destruir a própria

capital, por que deveriam acreditar em sua alegação de aliança? Baixe um decreto antes de chegarmos, dizendo que o rei e a rainha são inimigos do continente. Estabeleça-nos como libertadoras de Forte da Fenda, não conquistadoras, e os demais governantes pensarão duas vezes antes de se aliarem a Terrasen. Saquearei a cidade o suficiente para exibir seu poder, mas evitarei que o esquadrão de Dentes de Ferro a deixe em escombros.

Aqueles olhos dourados se semicerraram, considerando.

Manon sabia que a avó estava a uma palavra de enterrar as unhas em sua bochecha, mas a jovem manteve sua posição. Não ligava para a cidade, para o povo. Mas aquela guerra poderia, de fato, se voltar contra elas se a aniquilação de Forte da Fenda unisse seus inimigos. E atrasaria ainda mais o retorno do clã Bico Negro aos desertos.

Os olhos de Vernon procuraram os de Manon. Medo... e cálculo.

— A Líder Alada tem razão, meu senhor — murmurou o lorde.

O que Vernon sabia que escapava a Manon?

Mas Erawan inclinou a cabeça, os cabelos dourados deslizando sobre a testa.

— Por isso é minha Líder Alada, Manon Bico Negro, e por isso Iskra Pernas Amarelas não conquistou o posto.

Nojo e orgulho se debatiam dentro de Manon, mas ela assentiu.

— Mais uma coisa.

Manon permaneceu parada, esperando.

O rei demônio relaxou no assento.

— Há uma muralha de vidro em Forte da Fenda. Impossível deixar de vê-la. — Manon sabia, tinha se empoleirado no alto da mesma. — Destrua a cidade o suficiente para instaurar o medo, mostre seu poder. Mas aquela muralha... Derrube-a.

— Por quê? — perguntou Manon simplesmente.

Aqueles olhos dourados fervilharam como carvão quente.

— Porque destruir um símbolo pode destruir a determinação dos homens tanto quanto sangue derramado.

Aquela muralha de vidro... o poder de Aelin Galathynius. E a misericórdia. Manon encarou aquele olhar por tempo suficiente para assentir. O rei indicou as portas fechadas com o queixo, em muda dispensa.

Manon saiu da sala antes que o rei demônio se voltasse de novo para Vernon. Não ocorreu a ela, até muito depois de partir, que deveria ter ficado para proteger a Matriarca.

As Treze não se falaram até aterrissarem no arsenal pessoal no acampamento de batalha abaixo, nem mesmo arriscaram trocar palavras enquanto selavam as serpentes aladas no novo ninho.

Ao passar pela fumaça e pela escuridão que sempre envolviam Morath, as duas alianças de escolta que Manon escolhera — ambas Bicos Negros — viraram na direção dos próprios arsenais. Que bom.

Agora, de pé na lama do chão do vale do lado de fora do labirinto de forjas e tendas unido por paralelepípedos, Manon disse às Treze reunidas:

— Voamos em trinta minutos. — Atrás delas, ferreiros e cocheiros já corriam para jogar armaduras sobre as bestas acorrentadas.

Se fossem espertos, ou rápidos, não acabariam entre aquelas mandíbulas. A serpente azul-celeste de Asterin já avaliava o homem mais próximo.

Manon estava um pouco tentada a ver se a fêmea lhe arrancaria um pedaço, mas disse à aliança:

— Se tivermos sorte, chegaremos antes de Iskra e ditaremos como ocorrerá o saque. Se não, procuraremos Iskra e sua aliança e estancaremos o massacre. Deixem o príncipe comigo. — Manon não ousou olhar para Asterin ao dizer aquilo. — Não tenho dúvidas de que as Pernas

Amarelas tentarão reivindicar sua cabeça. Impeçam qualquer uma que ouse tomá-la.

E quem sabe consigam dar um fim a Iskra também. Acidentes aconteciam o tempo todo na batalha.

As Treze se curvaram em reconhecimento. Manon indicou com a cabeça um lugar atrás do ombro, na direção do arsenal sob as surradas tendas de lona.

— Armaduras completas. — Ela lançou às bruxas um sorriso arrasador. — Não queremos fazer nossa grande entrada em nada menos que nossa melhor aparência.

Doze sorrisos iguais ecoaram o de Manon, e as bruxas se foram, dirigindo-se para as mesas e os manequins onde as armaduras tinham sido cuidadosa e meticulosamente elaboradas ao longo dos últimos meses.

Apenas Asterin permaneceu ao lado de Manon quando ela pegou Ghislaine por um braço assim que a sentinela de cabelos cacheados passou por ela.

— Conte-nos o que sabe sobre Erawan — murmurou Manon, acima dos ruídos de forjas e dos rugidos das serpentes aladas. Ghislaine abriu a boca, a pele negra subitamente pálida, mas, então, Manon acrescentou: — *Concisamente*.

Ghislaine engoliu em seco, assentindo conforme o restante das Treze se preparava. A guerreira-acadêmica

sussurrou para que apenas Manon e Asterin pudessem ouvir.

— Ele era um dos três reis valg que invadiram este mundo no início dos tempos. Os outros foram mortos ou mandados de volta para seu mundo escuro. Erawan ficou preso aqui, com um pequeno exército. Ele fugiu para este continente depois que Maeve e Brannon destruíram suas forças, e passou mil anos reconstruindo-as em segredo, muito além das montanhas Canino Branco. Quando estava pronto, quando percebeu que a chama do rei Brannon se extinguia, Erawan lançou o ataque para reivindicar esta terra. Diz a lenda que foi derrotado pela filha do próprio Brannon e seu parceiro humano.

Asterin riu com deboche.

— Tal lenda parece falha.

Manon soltou o braço de Ghislaine.

— Arrume-se. Conte às demais quando puder.

A sentinela fez uma reverência e saiu para o arsenal.

A Líder Alada ignorou o olhar semicerrado de Asterin. Não estava na hora de ter aquela conversa.

Ela encontrou o ferreiro mudo na forja de sempre, o suor escorrendo pela testa suja de fuligem. Mas os olhos do homem eram sólidos, calmos, conforme retirava a lona da mesa de trabalho para revelar a armadura de Manon. Polida, pronta.

O traje de metal escuro copiava os intricados padrões das escamas de serpentes aladas. A bruxa passou o dedo pelas placas sobrepostas e ergueu a manopla do traje, perfeitamente ajustada à própria mão.

— Ficou lindo.

Terrível, mas lindo. Manon se perguntou o que o ferreiro achava de ter criado uma armadura para que ela vestisse enquanto acabava com a vida de seus compatriotas. O rosto rosado do homem não revelava nada.

A herdeira tirou o manto vermelho e começou a vestir o traje pouco a pouco. Ele deslizou sobre ela como uma segunda pele, flexível e maleável onde precisava ser, rígido onde a vida da bruxa dependia da armadura.

Quando terminou, o ferreiro olhou a bruxa de cima a baixo e assentiu, então levou a mão sob a mesa e colocou outro objeto na superfície. Por um segundo, Manon apenas encarou o capacete com a coroa.

Tinha sido forjado do mesmo metal escuro, as guardas do nariz e da testa elaboradas de forma que a maior parte do rosto ficasse em sombras — exceto a boca. E os dentes de ferro. As seis lanças da coroa se projetavam para cima, como pequenas espadas.

O elmo de um conquistador. O elmo de um demônio.

Manon sentiu o olhar das Treze, também armadas, ao

enfiar a trança embaixo da pescoceira da armadura e erguer o capacete sobre a cabeça.

Ele coube com facilidade, o interior frio contra a pele quente de Manon. Mesmo com as sombras que ocultavam a maior parte do próprio rosto, a jovem bruxa conseguia ver o ferreiro com perfeita clareza enquanto ele abaixava o queixo em aprovação.

Ela não fazia ideia de por que se importava, mas Manon se viu dizendo:

— Obrigada.

Outro aceno curto foi a única resposta do ferreiro antes de Manon sair de perto de sua estação de trabalho.

Soldados fugiam do caminho que ela abriu ao disparar e sinalizar para as Treze, montando Abraxos, sua serpente alada, que reluzia na nova armadura.

Manon não virou o rosto para Morath quando as Treze decolaram para os céus cinzentos.

# 4

Aedion e Rowan não deixaram que o mensageiro de Darrow seguisse à frente para avisar aos lordes de sua chegada. Se aquela fosse alguma ação para desestabilizá-os, apesar de tudo que Murtaugh e Ren tinham feito pelo grupo na primavera, então teriam vantagem da forma que pudessem.

Aelin supôs que deveria ter interpretado o tempo chuvoso como um agouro. Ou talvez a idade de Murtaugh fornecesse uma desculpa conveniente para que Darrow a testasse. A rainha conteve o temperamento ao pensar naquilo.

A taverna ficava em um cruzamento no limite da vegetação da floresta de Carvalhal. Com a chuva e a noite caindo, estava lotada, e precisaram pagar o dobro para

guardar os cavalos no estábulo. Aelin tinha quase certeza de que com uma palavra, com uma faísca daquele fogo revelador, teria esvaziado não apenas os estábulos, mas também o estabelecimento.

Lysandra se apartara do grupo 700 metros antes e, quando chegaram, ela saiu dos arbustos como leopardo-fantasma e assentiu com a encharcada cabeça peluda para Aelin. Tudo limpo.

Dentro da estalagem não havia quartos vagos, e o próprio bar estava lotado, cheio de viajantes, caçadores, quem mais estivesse fugindo da tempestade. Alguns até se sentavam contra as paredes... e Aelin supôs que era assim que ela e os amigos passariam a noite depois que aquela reunião terminasse.

Algumas cabeças se viraram em sua direção quando entraram, mas capuzes e mantos pingando ocultavam os rostos e as armas, e aquelas cabeças rapidamente voltaram para as bebidas ou para as cartas ou para as melodias de bêbados.

Lysandra finalmente retornara à forma humana — e fiel ao juramento de meses antes, os seios um dia fartos estavam agora menores. Apesar do que os esperava no salão de jantar privado nos fundos da estalagem, Aelin encarou a metamorfa e sorriu.

— Melhor? — murmurou ela sobre a cabeça de Evangeline, quando o mensageiro de Darrow, com Aedion ao lado, atravessou a multidão.

O sorriso de Lysandra era semisselvagem.

— Ah, não faz ideia.

Atrás delas, Aelin podia jurar que Rowan deu um risinho.

O mensageiro e Aedion viraram em um corredor, a tênue luz de velas tremeluzia em meio às gotas de chuva que ainda deslizavam do escudo redondo e marcado preso às costas do primo. O Lobo do Norte, embora tivesse vencido batalhas com velocidade e força feéricas, conquistara o respeito e a lealdade da legião como um homem — como humano. Aelin, ainda na forma feérica, se perguntou se também deveria ter se transformado.

Ren Allsbrook os esperava ali. Ren, outro amigo de infância, que Aelin quase matara, *tentara* matar, no último inverno, e que não fazia ideia de quem ela era de verdade. Que ficara no apartamento de Aelin sem perceber que pertencia a sua rainha perdida. E Murtaugh... Aelin tinha vagas lembranças do homem, a maioria o situava à mesa de seu tio, dando a ela tortinhas de amora extras.

Qualquer bondade que restasse, qualquer pingo de segurança, se devia a Aedion — os amassados e os arranhões

que lhe manchavam o escudo eram a prova máxima — e aos três homens que a esperavam.

Os ombros de Aelin começaram a se curvar para dentro, mas Aedion e o mensageiro pararam diante de uma porta de madeira, batendo uma vez. Ligeirinha roçou contra sua panturrilha, agitando a cauda, e a jovem sorriu para a cadela, que se sacudiu de novo, lançando gotículas d'água. Lysandra riu com escárnio. Levar um cão molhado para uma reunião secreta... bastante digno de uma rainha.

Mas Aelin prometera a si mesma, meses e meses antes, não fingir ser nada além do que era. Havia rastejado na escuridão, no sangue e no desespero; havia sobrevivido. E mesmo que Lorde Darrow pudesse oferecer homens e custear uma guerra... Aelin também tinha ambos. Mais seria melhor, porém... não estava de mãos vazias. Fizera isso por si mesma. Por todos eles.

Ela empertigou os ombros quando Aedion entrou na sala, já falando com aqueles ali dentro:

— Típico de vocês, seus idiotas, nos fazerem chafurdar na chuva porque não querem se molhar. Ren, nervosinho como sempre. Murtaugh, sempre um prazer. Darrow, seu cabelo parece tão ruim quanto o meu.

Com a voz áspera e fria, alguém no interior disse:

— Considerando o modo sigiloso como organizou esta

reunião, era de se pensar que invadia sorrateiramente o próprio reino, Aedion.

Aelin chegou à porta entreaberta, debatendo se valia a pena iniciar a conversa com uma ordem para que os tolos abaixassem a voz, mas...

Falavam baixo. Com a audição feérica, ela ouvia mais que o humano comum. A jovem se colocou à frente de Lysandra e Evangeline, deixando que as duas entrassem depois, e parou à porta para avaliar o salão privado de jantar.

Uma janela, aberta para minimizar o calor abafado da estalagem. Uma grande mesa retangular diante de uma lareira crepitante, cheia de pratos vazios, migalhas e bandejas gastas. Havia dois homens idosos sentados; o mensageiro sussurrou algo ao ouvido de um deles, baixo demais para a audição feérica de Aelin, antes de fazer uma reverência a todos e sair. Os dois idosos endireitaram o corpo ao olhar para além de onde Aedion estava, diante da mesa... para Aelin.

Mas ela se concentrou no jovem de cabelos pretos ao lado da lareira, com um dos braços apoiado no mantel; o rosto bronzeado e coberto de cicatrizes estava inexpressivo.

Aelin se lembrava daquelas espadas gêmeas às costas do homem. Daqueles incandescentes olhos escuros.

Com a boca levemente seca, a jovem puxou o capuz.

Ren Allsbrook se assustou.

Mas os homens idosos ficaram de pé. Aelin conhecia um deles.

Não sabia como não tinha reconhecido Murtaugh naquela noite em que fora ao armazém para matar tantos deles. Principalmente quando fora ele que interrompera o massacre.

O outro idoso, no entanto... embora enrugado, tinha o rosto forte... severo. Sem diversão, alegria ou acolhimento. Um homem acostumado a conseguir o que queria, a ser obedecido sem questionamento. O corpo era magro e esguio, a coluna ainda ereta. Não era um guerreiro da espada, mas da mente.

O tio-avô de Aelin, Orlon, fora ambos. E fora carinhoso; a jovem jamais ouvira dele uma palavra ríspida ou irritadiça. Aquele homem, no entanto... ela encarou os olhos cinzentos de Darrow, um predador reconhecendo outro.

— Lorde Darrow — disse ela, inclinando a cabeça. A jovem não conseguiu conter o sorriso torto. — Você parece confortável e aquecido.

O rosto inexpressivo permaneceu imóvel. Impassível.

OK, então.

Aelin o observou, esperando... recusando-se a deixar de encará-lo até que Darrow se curvasse.

Uma inclinação de cabeça foi tudo que ofereceu.

— Um pouco mais baixo — ronronou Aelin.

O olhar de Aedion se voltou para a prima, com o brilho da advertência.

Darrow não fez o que ela pediu.

Foi Murtaugh quem se curvou mais profundamente, na altura da cintura, e falou:

— Majestade. Pedimos desculpas por mandar o mensageiro buscá-la... mas meu neto se preocupa com minha saúde. — Uma tentativa de sorriso. — Para minha tristeza.

Ren ignorou o avô e se afastou da lareira, as passadas das botas eram o único som conforme o jovem lorde circundava a mesa.

— Você sabia — sussurrou ele para Aedion.

Lysandra, sabiamente, fechou a porta e puxou Evangeline e Ligeirinha para que ficassem à janela... em busca de olhos curiosos. Aedion lançou a Ren um breve sorriso.

— Surpresa.

Antes que o jovem lorde pudesse responder, Rowan parou ao lado de Aelin e puxou o capuz.

Os homens enrijeceram o corpo quando o guerreiro feérico se revelou em sua magnífica glória; violência

reluzente já nos olhos. Já concentrado em Lorde Darrow.

— Agora, isso é algo que não vejo há anos — murmurou Darrow.

Murtaugh controlou o choque — e talvez um pouco de medo — o suficiente para estender a mão para as cadeiras vazias diante deles.

— Por favor, sentem-se. Peço desculpas pela bagunça. Não julgávamos que o mensageiro pudesse buscá-los tão rapidamente. — Aelin não fez menção de sentar. Nem os companheiros. Murtaugh acrescentou: — Podemos oferecer comida fresca se quiserem. Devem estar famintos. — Ren lançou um olhar de incredulidade ao avô que disse a Aelin tudo que precisava saber sobre a opinião dos rebeldes a seu respeito.

Lorde Darrow a observava de novo. Avaliando.

Humildade... gratidão. Aelin deveria tentar; ela *poderia* tentar, maldição. Darrow fizera sacrifícios pelo reino; tinha homens e dinheiro a oferecer na batalha iminente contra Erawan. *Aelin* havia convocado a reunião; *ela* pedira aos senhores que os encontrassem. Quem se importava se era em outro local? Estavam todos ali. Bastava.

Aelin se obrigou a caminhar até a mesa. A reivindicar a cadeira diante de Darrow e Murtaugh.

Ren permaneceu de pé, monitorando Aelin com fogo

sombrio nos olhos.

— Obrigada... por ajudar o capitão Westfall nesta primavera — disse ela baixinho a Ren.

Um músculo estremeceu no maxilar de Ren, mas ele perguntou:

— Como ele está? Aedion mencionou os ferimentos de Chaol na carta.

— A última coisa que ouvi foi que estava a caminho dos curandeiros em Antica. Para Torre Cesme.

— Que bom.

— Poderia esclarecer para mim como se conhecem, ou preciso adivinhar? — pediu Lorde Darrow.

Aelin começou a contar até dez ao ouvir o tom de voz. Mas foi Aedion quem respondeu quando ocupou um assento:

— Cuidado, Darrow.

Darrow entrelaçou os dedos retorcidos, porém de unhas feitas, e os apoiou à mesa.

— Ou o quê? Vai me queimar até virar cinzas, princesa? Derreter meus ossos?

Lysandra ocupou uma cadeira ao lado de Aedion e perguntou, com a educação meiga e inofensiva com que fora treinada:

— Sobrou alguma água na jarra? Viajar pela tempestade

foi bem desgastante.

Aelin poderia ter beijado a amiga pela tentativa de diminuir a cortante tensão.

— Quem, pelos deuses, é você? — Darrow franziu a testa diante da beleza exótica, os olhos puxados que não desviaram dos dele apesar das palavras doces. Certo... ele não sabia quem viajava com Aelin e Aedion. Ou que dons possuíam.

— Lysandra — respondeu Aedion, soltando o escudo e apoiando-o, com um ruído pesado, no chão atrás do grupo. — Lady de Caraverre.

— Não existe Caraverre — argumentou Darrow.

Aelin deu de ombros.

— Agora existe. — Lysandra tinha se decidido pelo nome havia uma semana, fosse qual fosse o significado, depois de se levantar de súbito no meio da noite e praticamente gritar para Aelin, depois se controlar tempo o suficiente a fim de voltar à forma humana. Aelin duvidava de que se esqueceria tão cedo da imagem de um leopardo-fantasma de olhos arregalados tentando falar. Ela sorriu um pouco para Ren, que ainda a observava como um gavião. — Tomei a liberdade de comprar a propriedade de que sua família abriu mão. Parece que serão vizinhos.

— E de que linhagem — perguntou Darrow,

contraindo a boca ao ver a marca sobre a tatuagem de Lysandra, a marca que era visível não importava a forma que ela assumisse — se origina milady?

— Não organizamos esta reunião para discutir linhagens e ascendência — replicou Aelin, controladamente. Ela olhou para Rowan, que acenou, confirmando que a equipe da estalagem estava longe da sala e ninguém se encontrava ao alcance de suas vozes.

O príncipe feérico de Aelin caminhou até o bufê contra a parede para pegar a água que Lysandra pedira. Ele cheirou o conteúdo, e Aelin entendeu que a magia de Rowan percorria o líquido, analisando a água em busca de veneno ou droga, enquanto Rowan fez quatro copos flutuarem até eles com um vento fantasma.

Os três lordes observaram em silêncio e de olhos arregalados. Rowan se sentou e casualmente serviu a água, então conjurou um quinto copo, o encheu e fez com que flutuasse até Evangeline. A garota sorriu para a magia e voltou a encarar a janela molhada pela chuva. A ouvir enquanto fingia ser bonita, ser inútil e pequena, como Lysandra havia ensinado.

— Pelo menos seu guerreiro feérico serve para alguma coisa além de força bruta — alfinetou Lorde Darrow.

— Se essa reunião for interrompida por forças inimigas

— retrucou Aelin, tranquilamente —, agradecerá por essa violência brutal, Lorde Darrow.

— E quanto a suas habilidades singulares? Também deveria agradecer por elas?

Para Aelin pouco importava como ele tinha descoberto. Ela inclinou a cabeça, escolhendo cada palavra, obrigando-se a pensar no que diria pelo menos uma vez.

— Tem alguma habilidade específica que preferiria que eu possuísse?

Darrow sorriu. O sorriso não chegou aos olhos.

— Algum controle faria bem a Vossa Alteza.

Rowan e Aedion, flanqueando Aelin, pareciam rígidos como cordas de arcos. Mas se *ela* conseguisse controlar o temperamento, então eles poderiam...

*Vossa Alteza*. Não *Majestade*.

— Levarei isso em consideração — respondeu a jovem, também com um breve sorriso. — Quanto ao motivo de minha corte e eu desejarmos o encontro com vocês hoje...

— Corte? — Lorde Darrow ergueu as sobrancelhas prateadas, examinando vagarosamente Lysandra, Aedion e por fim Rowan. Ren encarava boquiaberto a todos, algo como anseio e descontentamento em sua expressão. — É isso o que considera uma corte?

— Obviamente a corte será expandida quando

chegarmos a Orynth...

— E quanto a isso, não vejo como pode sequer *haver* uma corte, pois você ainda não é rainha.

Aelin manteve o queixo erguido.

— Não tenho certeza de que estou entendendo o que quer dizer.

Darrow tomou um gole da caneca de cerveja. Quando a abaixou, o ruído ecoou pela sala. Ao lado dele, Murtaugh ficara mortalmente quieto.

— Qualquer governante de Terrasen deve ser aprovado pelas famílias governantes de cada território.

Gelo, frio e antigo, estalou nas veias de Aelin. Ela queria poder culpar a coisa que pendia de seu pescoço.

— Está me dizendo — falou a jovem, baixo demais, conforme o fogo crepitava em seu estômago, dançava pela língua — que embora eu seja a última Galathynius viva, meu trono ainda não me pertence?

Ela sentiu a atenção de Rowan fixa em seu rosto, mas não desviou o olhar de Lorde Darrow.

— Estou dizendo, princesa, que embora possa ser a última descendente viva de Brannon, há outras possibilidades, outras direções a tomar, caso seja considerada inadequada.

— Weylan, por favor — interrompeu Murtaugh. —

Não aceitamos esse encontro para isso. Era para discutirmos a reconstrução, para *ajudá-la* e trabalhar com ela.

Todos o ignoraram.

— Outras possibilidades como você? — perguntou Aelin ao homem. Fumaça espiralou em sua boca, mas a jovem a engoliu, quase engasgando.

Darrow sequer piscou.

— Não espera, em sã consciência, que permitamos que uma assassina de 19 anos entre em nosso reino e comece a latir ordens, independentemente da linhagem.

*Pense bem, respire fundo. Homens, dinheiro, apoio a seu povo já arrasado. É isso que Darrow oferece, o que pode ganhar, se apenas controlar seu maldito temperamento.*

Aelin conteve o fogo nas veias, transformando-o em brasas sibilantes.

— Entendo que minha história pessoal possa ser considerada problemática...

— Acho que tudo a seu respeito, princesa, é problemático. A começar pela escolha de amigos e membros da *corte*. Pode me explicar por que uma prostituta comum está em sua companhia e se passando por uma dama? Ou por que um dos capachos de Maeve senta agora a seu lado? — Ele lançou um riso de deboche na direção de

Rowan. — Príncipe Rowan, não é? — Devia ter juntado as peças pelo que o mensageiro lhe sussurrara ao ouvido quando chegaram. — Ah, sim, ouvimos falar a seu respeito. Que guinada interessante nos fatos. Justo quando nosso reino está mais enfraquecido e a herdeira é tão jovem, um dos guerreiros de maior confiança de Maeve consegue se estabelecer, depois de tantos anos olhando para nosso reino com tanto desejo. Ou talvez a pergunta mais adequada seja: por que servir aos pés de Maeve quando poderia governar ao lado da princesa Aelin?

Foi preciso esforço considerável para que Aelin evitasse que os dedos se fechassem em punhos.

— O príncipe Rowan é meu *carranam*. Está acima de qualquer dúvida.

— *Carranam*. Um termo há muito esquecido. Que outras coisas Maeve lhe ensinou em Doranelle na primavera?

A jovem conteve a resposta ao sentir a mão de Rowan roçar na dela sob a mesa, a expressão no rosto do guerreiro era de tédio, desinteresse. A calma de uma congelada tempestade feral. *Permissão para falar*, Majestade?

Aelin teve a sensação de que ele iria realmente gostar muito de destroçar Darrow em pedacinhos. E também teve a sensação de que ela gostaria muito, muito mesmo de se

juntar a ele nisso.

A jovem deu um leve aceno de cabeça, pois ela mesma estava sem palavras enquanto lutava para manter as chamas sob controle.

Sinceramente, até se sentiu um pouco mal por Darrow quando o príncipe feérico lançou a ele um olhar imbuído de trezentos anos de violência fria.

— Está me acusando de fazer o juramento de sangue a minha rainha com desonra?

Não havia nada humano, nada piedoso naquelas palavras.

Para seu crédito, Darrow não se encolheu. Em vez disso, ergueu as sobrancelhas para Aedion, então se virou e balançou a cabeça para Aelin.

— Você entregou o juramento sagrado a este... macho?

Ren ficou levemente boquiaberto ao observar Aedion, aquela cicatriz contra a pele bronzeada. Aelin não estivera lá para proteger Ren. Ou para lhes proteger as irmãs quando sua academia de magia se tornou um abatedouro durante a invasão de Adarlan. Percebendo a surpresa do jovem lorde, Aedion sutilmente balançou a cabeça, como se dissesse: *Explico depois.*

Mas Rowan se recostou na cadeira com um leve sorriso; e foi algo assustador e terrível.

— Conheci muitas princesas com reinos a herdar, Lorde Darrow, e posso dizer que nenhuma jamais foi burra o bastante para permitir que um macho a manipulasse dessa forma, muito menos minha rainha. Entretanto, se eu estivesse almejando um trono, escolheria um reino muito mais pacífico e próspero. — Ele deu de ombros. — Mas não acho que meu irmão e minha irmã nesta sala me permitiriam viver por muito tempo se suspeitassem de minhas intenções quanto a sua rainha ou a seu reino.

O general deu um aceno sombrio, e Lysandra, a seu lado, esticou o corpo; não por ódio ou surpresa, mas por orgulho. Aquilo partiu o coração de Aelin tanto quanto o iluminou.

Aelin sorriu devagar para Darrow, as chamas se contendo.

— Quanto tempo levou para pensar em uma lista de possíveis coisas com que me insultar e das quais me acusar durante esta reunião?

Darrow ignorou Aelin e indicou Aedion com o queixo.

— Está bastante quieto esta noite.

— Não acho que gostaria muito de ouvir meus pensamentos agora, Darrow — respondeu Aedion.

— Seu juramento de sangue foi roubado por um príncipe estrangeiro, sua rainha é uma assassina que designa

prostitutas camponesas para servi-la, e você não tem nada a dizer?

A cadeira de Aedion rangeu, e Aelin ousou olhar... então o viu agarrado às laterais com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

Lysandra, embora com as costas rígidas, não deu a Darrow o prazer de corar de vergonha.

E bastava para ela. Faíscas dançaram nas pontas dos dedos de Aelin sob a mesa.

Mas Darrow continuou antes que Aelin pudesse falar ou incinerar a sala.

— Talvez, Aedion, se ainda espera ganhar uma posição oficial em Terrasen, pudesse ver se seus parentes em Wendlyn reconsiderariam a proposta de noivado de tantos anos. Veja se o reconhecem como família. Que diferença poderia ter feito, se você e sua amada princesa Aelin fossem prometidos; se Wendlyn não tivesse recusado a oferta de formalmente unir nossos reinos, provavelmente sob ordem de Maeve. — Um sorriso na direção de Rowan.

O mundo se agitou levemente. Até mesmo Aedion tinha empalidecido. Ninguém jamais indicara que houvera uma tentativa oficial de comprometer os dois. Ou que os Ashryver tinham realmente abandonado Terrasen à guerra e à destruição.

— O que dirão as massas idólatras da princesa salvadora — ponderou Darrow, colocando as mãos abertas na mesa — quando souberem como ela passou seu tempo enquanto outros sofriam? — Um tapa na cara, um após o outro. — Mas — acrescentou Darrow — você sempre foi bom em se prostituir, Aedion. Embora eu me pergunte se a princesa Aelin sabe o que...

Aelin avançou.

Não com chamas, mas com aço.

A adaga estremecendo entre os dedos de Darrow refletiu a crepitante luz da lareira.

Aelin grunhiu contra o rosto do velho, Rowan e Aedion estavam quase fora das cadeiras, Ren levou a mão à arma, mas parecia nauseado... nauseado ao ver o leopardo-fantasma agora sentado onde Lysandra se encontrava um momento antes.

Murtaugh olhou boquiaberto para a metamorfa. Mas Darrow olhou com ódio para Aelin, o rosto branco de ódio.

— Quer atirar insultos contra mim, Darrow, então vá em frente — sibilou Aelin, o nariz quase tocava o do lorde. — Mas, se insultar os meus de novo, não errarei da próxima vez. — Ela voltou o olhar para a adaga entre os dedos abertos do velho, um fio de cabelo separava a lâmina da pele sardenta.

— Vejo que herdou o temperamento de seu pai — disse Darrow, com escárnio. — É assim que planeja governar? Quando não gostar de alguém, ameaçará a pessoa? — Ele tirou a mão da lâmina e se afastou o suficiente para cruzar os braços. — O que Orlon pensaria desse comportamento, dessa truculência?

— Escolha as palavras com sabedoria, Darrow — avisou Aedion.

Darrow ergueu as sobrancelhas.

— Todo o trabalho que fiz, tudo que sacrifiquei durante os últimos dez anos foi em nome de Orlon, para honrá-lo e salvar seu reino, *meu* reino. Não planejo deixar que uma criança mimada e arrogante destrua isso com chiliques temperamentais. Aproveitou as riquezas de Forte da Fenda durante esses anos, princesa? Foi muito fácil nos esquecer no norte enquanto comprava roupas e servia ao monstro que massacrou sua família e seus amigos?

*Homens e dinheiro e uma Terrasen unificada.*

— Mesmo seu primo, apesar da prostituição, nos ajudou no norte. E Ren Allsbrook. — Um gesto com a mão na direção de Ren. — Enquanto você vivia no luxo, sabia que Ren e o avô juntavam cada moeda que conseguiam, tudo para encontrar uma forma de manter vivo o esforço dos rebeldes? Que ocuparam barracos e dormiram sob cavalos?

— Basta! — exclamou Aedion.

— Deixe-o continuar — disse Aelin, sentando-se de novo na cadeira e cruzando os braços.

— O que mais há para ser dito, princesa? Acha que o povo de Terrasen ficará feliz por ter uma rainha que serviu ao inimigo? Que dividiu a cama com o filho do inimigo?

Lysandra grunhiu baixinho, agitando os copos.

Darrow não se abalou.

— E uma rainha que, sem dúvida, divide a cama com um príncipe feérico, peão do inimigo às nossas costas. O que acha que nosso povo vai pensar *disso*?

Ela não queria saber como Darrow tinha adivinhado, o que tinha captado entre os dois.

— Quem compartilha minha cama — rebateu Aelin — não é de sua conta.

— E por isso você não é digna de governar. Quem compartilha a cama da rainha é da conta de *todos*. Vai mentir para seu povo sobre seu passado, negar que serviu ao rei deposto, e que serviu ao filho também, de uma forma diferente?

Sob a mesa, a mão de Rowan disparou para pegar a de Aelin, os dedos cobertos de gelo para apaziguar o fogo que começava a faiscar nas unhas dela. Não em aviso ou como reprimenda, apenas para dizer a ela que ele também lutava

para evitar usar a bandeja de latão para esmagar o rosto de Darrow.

Então Aelin não deixou de encarar Darrow, mesmo ao entrelaçar os dedos aos de Rowan.

— Direi a *meu* povo — falou Aelin, em voz baixa, mas não com fraqueza — a verdade completa. Mostrarei a eles as cicatrizes de Endovier em minhas costas, as cicatrizes em meu corpo dos anos como Celaena Sardothien, e direi a eles que o novo rei de Adarlan não é um monstro. Direi que temos um inimigo: o desgraçado em Morath. Dorian Havilliard é a única chance de sobrevivência e de paz futura entre nossos dois reinos.

— E se ele não for? Vai lhe destruir o castelo pedra como destruiu o de vidro?

Chaol tinha mencionado aquilo... meses antes. Aelin deveria ter pensado melhor, que humanos comuns poderiam exigir salvaguardas contra seu poder. Contra o poder da corte que se reunia ao seu redor. Mas que Darrow pensasse que Aelin tinha destruído o castelo de vidro; que ele acreditasse que ela matara o rei. Melhor que a verdade potencialmente desastrosa.

— Se ainda quiser ser parte de Terrasen — continuou Darrow, quando nenhum deles respondeu —, tenho certeza de que Aedion pode encontrar alguma utilidade para você na

Devastação. Mas não terá utilidade alguma em Orynth.

Aelin ergueu as sobrancelhas.

— Tem mais alguma coisa que deseja me dizer?

Os olhos cinzentos ficaram ríspidos.

— Não reconheço seu direito de governar; não a reconheço como verdadeira rainha de Terrasen. Assim como os Lordes Sloane, Ironwood e Gunnar, que compõem a maioria restante do que um dia foi a corte de seu tio. Mesmo que a família Allsbrook fique ao seu lado, ainda é um voto contra quatro. O general Ashryver não tem terras ou título aqui, e nenhum direito de voto como resultado disso. Quanto a *Lady* Lysandra, Caraverre não é um território reconhecido, e não reconhecemos sua linhagem ou sua *compra* daquelas terras. — Palavras formais para uma declaração formal. — Caso retorne a Orynth e tome seu trono sem nosso convite, será considerado um ato de guerra e traição. — Darrow tirou um pedaço de papel do casaco, muita escrita extravagante e quatro assinaturas diferentes no final. — A partir deste momento, até que seja decidido em contrário, você deverá permanecer uma princesa por sangue, mas não rainha.

# 5

Aelin encarou diversas vezes aquele pedaço de papel, os nomes que foram assinados muito antes daquela noite, os homens que decidiram contra ela sem a ter conhecido, os homens que haviam mudado o futuro de seu reino apenas com assinaturas.

Talvez devesse ter esperado para convocar aquela reunião até que estivesse em Orynth; até que o povo a visse retornar e fosse mais difícil chutá-la para a sarjeta do palácio.

— Nossa ruína reúne forças ao sul de Adarlan... mas é nisso que vocês se concentram? — sussurrou a jovem.

Darrow riu com escárnio.

— Quando precisarmos de suas... habilidades, avisaremos.

Nenhum fogo queimou dentro de si, nem mesmo uma

brasa. Como se Darrow o tivesse esmagado com o punho, extinguindo-o.

— A Devastação — começou Aedion, com uma pontada daquela lendária insolência — só responderá a Aelin Galathynius.

— A Devastação — retrucou o homem — é agora nossa para que a comandemos. Caso não haja governante digno no trono, os lordes controlam os exércitos de Terrasen. — Mais uma vez, ele observou Aelin, como se lhe sentisse o vago plano de retornar publicamente à cidade, para dificultar que fosse banida, reluzindo conforme se formava. — Coloque os pés em Orynth, garota, e pagará.

— Isso é uma ameaça? — grunhiu Aedion, levando uma das mãos ao cabo da Espada de Orynth embainhada na lateral do corpo.

— É a lei — respondeu Darrow, simplesmente. — Que foi honrada por gerações de governantes Galathynius.

Havia um rugido alto demais na cabeça de Aelin e uma vastidão silenciosa demais no mundo além.

— Os valg marcham contra nós, um *rei* valg marcha contra nós — insistiu seu primo, o próprio general. — E *sua rainha*, Darrow, pode ser a única pessoa capaz de mantê-los afastados.

— A guerra é um jogo de números, não de magia. Sabe disso, Aedion. Lutou em Theralis. — A grande planície diante de Orynth, berço da última batalha sangrenta quando o império caiu sobre eles. A maioria das forças de Terrasen e dos comandantes não dera as costas ao banho de sangue, então rios correram vermelhos durante dias. Se Aedion tinha lutado... Pelos deuses, devia ter apenas 14 anos. O estômago de Aelin se revirou. Darrow concluiu: — A magia nos falhou uma vez. Não confiaremos nela de novo.

— Precisaremos de aliados... — disparou Aedion.

— Não há aliados — interrompeu o homem. — A não ser que Sua Alteza decida ser útil e nos trazer homens e armas por meio de um matrimônio — um olhar afiado na direção de Rowan —, estamos sozinhos.

Aelin considerou se devia revelar o que sabia, o dinheiro que conseguira matando e enganando, mas...

Algo frio e pegajoso lhe percorreu o corpo. Um casamento com um rei ou um príncipe ou um imperador estrangeiro.

Seria esse o custo? Não apenas em derramamento de sangue, mas em sonhos desfeitos? Ser eternamente uma princesa, nunca uma rainha? Lutar não apenas com magia, mas com o outro poder em seu sangue: a realeza.

Aelin não conseguia olhar para Rowan, não conseguia

encarar aqueles olhos verde-pinho sem se sentir enojada.

Ela rira certa vez de Dorian; *rira* e o censurara por admitir que a ideia de se casar com qualquer uma que não sua alma gêmea lhe era repugnante. Aelin fizera troça do amigo por escolher o amor à paz do reino.

Talvez os deuses a odiassem mesmo. Talvez aquele fosse seu teste. Escapar de uma forma de escravidão apenas para cair em outra. Talvez aquela fosse a punição pelos anos nas riquezas de Forte da Fenda.

Darrow deu um sorriso breve e satisfeito.

— Encontre-me aliados, Aelin Galathynius, e talvez possamos considerar seu papel no futuro de Terrasen. Pense nisso. Obrigado por nos chamar para uma reunião.

Silenciosamente, ela se levantou. Os outros também o fizeram. Exceto Darrow.

Aelin pegou o pedaço de papel assinado e examinou as palavras amaldiçoadas, as assinaturas rabiscadas. O fogo crepitante era o único ruído.

Ela o calou.

E as velas. E o candelabro de ferro forjado acima da mesa.

Escuridão; interrompida apenas por inspirações profundas — de Murtaugh e de Ren. A sala escura foi preenchida pelo som dos respingos de chuva.

Aelin falou para a escuridão, para onde Darrow estava sentado:

— Sugiro, Lorde Darrow, que se acostume com isso. Pois se perdermos esta guerra, a escuridão reinará para sempre.

Ouviu-se um arranhar, então um sibilo... em seguida um fósforo tremeluziu e uma vela se acendeu sobre a mesa. O rosto odioso e enrugado do homem se iluminou.

— Homens podem fazer a própria luz, herdeira de Brannon.

Aelin encarou a chama solitária que ele havia acendido. O papel em suas mãos se transformou em cinzas.

Antes que pudesse falar, Darrow disse:

— Essa é nossa lei... nosso direito. Se ignorar esse decreto, princesa, maculará tudo que sua família representava e pelo que morreu. Os lordes de Terrasen assim disseram.

A mão de Rowan parecia sólida contra a lombar de Aelin. Mas ela olhou para Ren cujo rosto estava tenso. E por cima do rugido na mente, ela disse:

— Independentemente de votar ou não a meu favor, há um lugar para você nesta corte. Por ter ajudado Aedion e o capitão. Por Nehemia. — Nehemia, que trabalhara com Ren, lutara com ele. Algo como dor surgiu nos olhos do

rapaz, e ele abriu a boca para falar, mas Darrow o interrompeu.

— Que desperdício de vida aquele — disparou o velho. — Uma princesa de fato dedicada ao povo, que lutou até o último suspiro por...

— Mais uma palavra — advertiu Rowan, baixinho — e não me importa quantos lordes o apoiem ou quais sejam suas leis. Mais uma palavra sobre isso e o estriparei antes que consiga levantar dessa cadeira. Entendeu?

Pela primeira vez, Darrow encarou os olhos do guerreiro feérico e empalideceu ao ver a morte à espera ali. Contudo, as palavras do lorde tinham atingido o alvo, deixando um tipo de torpor trêmulo em seu encalço.

Aedion retirou a adaga de sua prima da mesa.

— Levaremos o que disse em consideração. — Depois pegou o escudo e colocou a mão no ombro de Aelin, guiando-a para fora da sala. Somente ao ver aquele escudo amassado e arranhado, assim como a antiga espada pendurada à lateral do corpo de Aedion, Aelin despertou daquele torpor pesado e moveu os pés.

Ren se moveu para abrir a porta, passando para o corredor e verificando a área, dando amplo espaço a Lysandra, que passava na forma de leopardo-fantasma, Evangeline e Ligeirinha atrás da cauda felpuda, mandando o

sigilo ao inferno.

Aelin encarou o jovem lorde e inspirou, prestes a dizer algo quando Lysandra grunhiu no fim do corredor.

Uma adaga imediatamente surgiu na mão de Aelin, inclinada e pronta.

Mas era o mensageiro de Darrow, disparando até eles.

— Forte da Fenda — disse ele, ao parar, ofegante e derrapando, e os salpicar de chuva. — Um dos batedores do desfiladeiro Ferian acaba de passar. O esquadrão das Dentes de Ferro está voando para Forte da Fenda. Pretendem saquear a cidade.



Aelin estava parada em uma clareira logo além da iluminação da estalagem; a chuva fria deixara seu cabelo grudado e lhe causava arrepios. Todos tinham ficado ensopados, porque Rowan prendia ao corpo as armas sobressalentes que ela lhe entregava, conservando cada gota de magia para o que faria a seguir.

Deixaram que o mensageiro cuspisse a informação que recebera — não era muito.

O esquadrão das Dentes de Ferro que ocupava o desfiladeiro Ferian se dirigia para Forte da Fenda. Dorian

Havilliard seria o alvo. Morto ou vivo.

Chegariam à cidade na noite seguinte, e depois que Forte de Fenda fosse tomada... a rede de Erawan pelo interior do continente estaria completa. Nenhuma força de Melisande, Charco Lavrado ou Eyllwe poderia chegar até eles; e nenhuma das forças de Terrasen os alcançaria também. Não sem desperdiçar meses contornando as montanhas.

— Não há nada que possa ser feito pela cidade — declarou Aedion, cortando o som da chuva com sua voz. Os três permaneceram sob a proteção de um grande carvalho, todos de olho em Ren e Murtaugh, que falavam com Evangeline e Lysandra, novamente na forma humana. O general continuou, a chuva pingando sobre o escudo a suas costas: — Se as bruxas voarem para Forte da Fenda, então Forte da Fenda cairá.

Aelin se perguntou se Manon Bico Negro lideraria o ataque... se seria uma vantagem. A Líder Alada já os salvara uma vez, mas apenas como pagamento por uma dívida de vida. Ela duvidava de que a bruxa fosse se sentir na obrigação de ajudá-los em algum outro momento do futuro próximo.

Aedion encarou Rowan.

— Dorian deve ser salvo a todo custo. Conheço o estilo de Perrington... Erawan. Não acredite em nenhuma

promessa que fizerem e não deixe que Dorian seja pego de novo. — Ele passou a mão pelos cabelos ensopados de chuva e acrescentou: — Ou você, Rowan.

Eram as palavras mais terríveis que Aelin já ouvira. O aceno de confirmação do feérico fez seus joelhos fraquejarem. Ela tentou não pensar nos dois frascos de vidro que Aedion entregara ao príncipe momentos antes. O que continham. Nem mesmo sabia quando ou onde ele os comprara.

Qualquer coisa menos aquilo. Qualquer coisa menos...

A mão de Rowan tocou a dela.

— Vou salvá-lo — murmurou ele.

— Não pediria a você se não fosse... Dorian é vital. Se o perdermos, perderemos qualquer apoio em Adarlan. — E um dos poucos possuidores de magia que poderiam enfrentar Morath.

O aceno de Rowan foi austero.

— Sirvo a você, Aelin. Não peça desculpas por encontrar uma utilidade para mim.

Porque apenas ele, montando o vento com sua magia, poderia chegar a Forte da Fenda a tempo. Mesmo assim, poderia ser tarde demais. Aelin engoliu em seco, lutando contra a sensação de que o mundo sob seus pés lhe era arrancado.

Um lampejo de movimento perto do limite das árvores chamou a atenção da jovem cujo rosto não exibia nenhuma expressão ao reparar no que fora deixado por mãozinhas finas na base de um carvalho retorcido. Nenhum dos demais sequer piscou naquela direção.

Rowan terminou de prender as armas, olhando de Aelin para Aedion com a franqueza de um guerreiro.

— Onde os encontro depois que o príncipe estiver seguro?

— Corra para o norte. Fique longe do desfiladeiro Ferian... — respondeu Aedion.

Darrow surgiu na outra ponta da clareira, disparando uma ordem para que Murtaugh fosse até ele.

— Não — declarou Aelin. Então os dois guerreiros se viraram.

Ela encarou o norte através da chuva e do relâmpago turbulentos.

Não colocaria os pés em Orynth; não veria seu lar.

*Encontre-me aliados*, dissera Darrow com escárnio.

Aelin não ousou olhar para o que o Povo Pequenino deixara a poucos metros, na sombra daquela árvore castigada pela chuva.

— Se Ren é de confiança, diga a ele que vá até a Devastação e que esteja pronto para marchar e avançar do

norte. Se não os lideraremos, então precisarão desviar das ordens de Darrow da melhor maneira possível — explicou ela a Aedion.

As sobrancelhas de seu primo se ergueram.

— O que tem em mente?

Aelin indicou Rowan com o queixo.

— Pegue um barco e viaje para o sul com Dorian. Por terra é arriscado demais, mas no mar seus ventos podem levá-los até lá em alguns dias. Para a baía da Caveira.

— Cacete — sussurrou Aedion.

Mas ela apontou com o polegar por cima do ombro para Ren e Murtaugh.

— Você me contou que eles se comunicavam com o capitão Rolfe. Peça que um deles escreva uma carta de recomendação para nós. Imediatamente — disse ao primo.

— Achei que *você* conhecia Rolfe — comentou Aedion.

Aelin abriu um sorriso sombrio.

— Ele e eu nos despedimos com... rancor, para dizer o mínimo. Mas se Rolfe puder ser trazido para nosso lado...

— Então teríamos uma pequena frota que poderia unir norte e sul, enfrentando assim os bloqueios. — Aedion terminou por ela.

Que bom Aelin ter pegado todo aquele ouro de Arobynn para pagar por aquilo.

— A baía da Caveira pode ser o único lugar seguro para nos escondermos... para entrarmos em contato com outros reinos. — A jovem não ousou contar a eles que, se ela fizesse a jogada certa, Rolfe poderia ter muito mais que uma frota salvadora para oferecer. Aelin disse a Rowan: — Espere por nós lá. Partiremos para a costa esta noite e velejaremos para as ilhas Mortas. Estaremos duas semanas atrás de vocês.

Aedion apertou o ombro do feérico em despedida, então seguiu para Ren e Murtaugh. Um segundo depois, o velho mancava para a estalagem, com Darrow a reboque, exigindo respostas.

Contanto que Murtaugh escrevesse a carta a Rolfe, Aelin não se importava.

Sozinha com Rowan, ela falou:

— Darrow espera que eu obedeça de cabeça baixa. Mas, se conseguirmos reunir um esquadrão no sul, podemos forçar Erawan a cair bem nas lâminas da Devastação.

— Ainda assim, isso pode não convencer Darrow e os demais...

— Lidarei com isso depois — retrucou ela, espalhando água ao sacudir a cabeça. — Por ora, não tenho intenção alguma de perder esta guerra porque um velho desgraçado qualquer descobriu que gosta de bancar o rei.

Rowan deu um sorriso destemido, malicioso.

Aproximando-se, roçou a boca contra a dela.

— Não tenho a intenção de deixar que ele fique com esse trono também, Aelin.

— Volte para mim — sussurrou ela, apenas. A ideia do que o aguardava em Forte da Fenda a atingiu de novo. Pelos deuses, ah, pelos deuses! Se algo acontecesse a ele...

Rowan lhe acariciou a bochecha molhada com o polegar, traçando sua boca. Aelin colocou a mão no peito musculoso, bem onde os dois frascos de veneno estavam escondidos. Por um segundo, considerou transformar o líquido mortal em vapor.

Mas se Rowan fosse pego, se Dorian fosse pego...

— Não posso... não posso o deixar ir...

— Pode — afirmou ele, sem abrir espaço para argumentação. A voz de seu príncipe-comandante. — E deixará. — O guerreiro tocou a boca de Aelin mais uma vez. — Quando me encontrar novamente, teremos aquela noite. Não importa onde nem quem estará por perto. — Ele lhe beijou o pescoço e confessou, contra a pele molhada de chuva: — Você é meu Coração de Fogo.

Aelin segurou-lhe o rosto com as duas mãos, puxando-o para baixo a fim de que a beijasse.

Rowan a envolveu, apertando-a contra si, as mãos percorrendo-a como se marcasse aquela sensação nas

palmas. O beijo foi selvagem, gelo e fogo se entremeando. Até mesmo a chuva pareceu parar quando eles, por fim, se afastaram, ofegantes.

E em meio à chuva, ao fogo e ao gelo, em meio à escuridão e aos relâmpagos e ao trovão, uma palavra tremeluziu na mente de Aelin, uma resposta e um desafio, e uma verdade que ela imediatamente negou, ignorou. Não por si, mas por ele; por *ele*...

Rowan se transformou com um clarão mais forte que relâmpago.

Quando a jovem terminou de piscar, um grande gavião já batia as asas pelas árvores, seguindo para a noite envolta em chuva. Rowan soltou um som agudo ao dobrar à direita — na direção da costa; o som de um adeus e uma promessa e um grito de guerra.

Aelin engoliu o nó na garganta quando Aedion se aproximou e lhe segurou o ombro.

— Lysandra quer que Murtaugh leve Evangeline. E a "treine para ser uma dama". Mas a garota se recusa a ir. Talvez você precise... ajudar.

A menina estava de fato agarrada a sua senhora, os ombros trêmulos devido à intensidade do choro. Murtaugh observava, impotente, após voltar da estalagem.

Aelin caminhou em meio à lama enquanto o chão

emitia ruídos aquosos. Como aquela alegre manhã que tiveram parecia distante, séculos antes.

Ela tocou os cabelos ensopados de Evangeline, que se afastou tempo suficiente para que Aelin dissesse:

— Você é parte de minha corte. E, como tal, responde a mim. É sábia e corajosa e divertida... mas vamos para lugares sombrios e terríveis onde até eu temo andar.

O lábio de Evangeline estremeceu. Algo no peito de Aelin se apertou, mas ela soltou um assobio baixo e Ligeirinha, que estava se escondendo da chuva sob os cavalos, se aproximou.

— Preciso que cuide de Ligeirinha — pediu ela, acariciando a cabeça molhada da cadela, as longas orelhas. — Porque nesses lugares sombrios e terríveis, um cachorro estaria em perigo. Você é a única pessoa a quem confio sua segurança. Pode ficar com Ligeirinha por mim? — Ela deveria ter valorizado mais aqueles momentos felizes, calmos e entediantes na estrada. Deveria ter aproveitado cada segundo em que estavam todos juntos, todos em segurança.

Acima da menina, o rosto de Lysandra estava tenso — os olhos brilhavam com mais que apenas chuva. Mas ela assentiu para Aelin, mesmo enquanto observava Murtaugh mais uma vez, um atento predador.

— Fique com Lorde Murtaugh, aprenda sobre a corte e como as coisas funcionam, proteja minha amiga — disse Aelin para Evangeline, agachando-se para beijar a cabeça encharcada de Ligeirinha. Uma vez. Duas vezes. A cadela distraidamente lambeu a chuva do rosto da dona. — Pode fazer isso? — insistiu ela.

A menina encarou a cadela, depois sua senhora. Então assentiu.

Aelin beijou-lhe a bochecha e sussurrou ao ouvido de Evangeline:

— Aproveite e faça sua mágica com esses velhos coitados. — Ela se afastou para piscar um olho para a garota. — Conquiste meu reino de volta, Evangeline.

Mas a garota passara do ponto de sorrisos, então assentiu de novo.

Aelin beijou Ligeirinha uma última vez e se virou para Aedion, que a esperava, enquanto Lysandra se ajoelhou na lama diante da menina, afastando os cabelos úmidos de Evangeline do rosto e falando baixo demais até mesmo para os ouvidos feéricos da amiga.

A boca do general parecia uma linha severa quando ele afastou os olhos de Lysandra e da menina, indicando com a cabeça Ren e Murtaugh. Aelin caminhou ao seu lado, parando a poucos metros dos Lordes Allsbrook.

— Sua carta, Majestade — disse Murtaugh, lhe estendendo um tubo selado com cera.

Aelin pegou o tubo e fez uma reverência com a cabeça em agradecimento.

— A não ser que queira trocar um tirano por outro, sugiro que prepare a Devastação e quaisquer outros para avançar do norte — disse Aedion a Ren.

— Darrow é bem-intencionado... — respondeu Murtaugh pelo neto.

— Darrow — interrompeu Aedion — é agora um homem com os dias contados.

Todos olharam para Aelin, que observou a estalagem tremeluzindo entre as árvores e o velho que mais uma vez disparava em sua direção, uma força da natureza por si só, então disse:

— Não tocaremos em Darrow.

— O quê? — disparou o general.

— Apostaria todo meu dinheiro que ele já tomou providências para se certificar de que, caso se depare com uma morte precoce, jamais colocaremos os pés em Orynth de novo — explicou a jovem. Murtaugh lhe deu um aceno sombrio em confirmação. Aelin deu de ombros. — Então não tocaremos nele. Jogaremos o jogo de Darrow... obedeceremos a regras, leis e juramentos.

A vários metros de distância, Lysandra e Evangeline ainda conversavam baixinho; a menina chorava nos braços da senhora enquanto Ligeirinha ansiosamente dava focinhadas no quadril de Evangeline.

Aelin encarou Murtaugh.

— Não conheço você, lorde, mas foi leal a meu tio e a minha família durante esses longos anos. — Ela tirou uma adaga de uma bainha oculta na coxa. Os homens se encolheram quando Aelin cortou a palma da mão. Até mesmo Aedion se assustou. A jovem fechou a mão ensanguentada em punho, erguendo-a no espaço entre os dois. — Por causa dessa lealdade, entenderá o que promessas de sangue significam para *mim* quando digo que, se aquela menina sofrer algum mal, físico ou de outra natureza, não me importa que leis existam, que regras quebrarei. — Lysandra se voltou para o grupo, pois seus sentidos tinham detectado sangue. — Se Evangeline for ferida, você queimará. *Todos* vocês.

— Ameaçando sua leal corte? — perguntou com deboche uma voz fria, em seguida Darrow parou a poucos metros. Aelin o ignorou. Murtaugh estava de olhos arregalados, assim como Ren.

O sangue escorreu para a terra sagrada.

— Que este seja seu teste.

Aedion soltou um palavrão. Ele entendera. Se os lordes de Terrasen não conseguissem manter uma criança a salvo em seu reino, se não tivessem capacidade de salvar Evangeline, de cuidar de alguém que não lhes traria vantagem alguma, que não lhes garantiria riquezas ou posição... mereceriam perecer.

Murtaugh fez uma reverência de novo.

— Sua vontade é a minha, Majestade. — Então acrescentou baixinho: — Perdi minhas netas. Não perderei outra. — Com isso, o velho caminhou até onde Darrow esperava, puxando o lorde para o canto.

O coração de Aelin se apertou, mas ela disse a Ren, cuja cicatriz estava oculta pelas sombras do capuz ensopado de chuva:

— Gostaria que tivéssemos tempo de conversar. Tempo para me explicar.

— Acho que já está acostumada a deixar este reino para trás. Não vejo por que agora seria diferente.

Aedion soltou um grunhido, mas a prima o interrompeu.

— Pode me julgar o quanto quiser, Ren Allsbrook. Mas não falhe com este reino.

Ela viu a resposta não dita nos olhos do rapaz. *Como você fez durante dez anos.*

O golpe a atingiu baixo e profundamente, mas Aelin se virou. Quando o fez, reparou como os olhos de Ren recaíram sobre a menina... sobre as cicatrizes violentas no rosto de Evangeline. Quase idênticas às dele. Algo no olhar do jovem lorde se suavizou, apenas um pouco.

De repente Darrow disparou na direção de Aelin, empurrando Murtaugh, o rosto branco de ódio.

— Você... — começou ele.

A jovem ergueu a mão, chamas saltitavam na ponta dos dedos, transformando chuva em vapor. Sangue, intenso como o rubi de Goldryn, que despontava sobre seu ombro, lhe serpenteou pelo punho, saindo do corte profundo, idêntico ao da outra mão.

— Farei mais uma promessa — disse ela, fechando a mão ensanguentada em punho e abaixando-a diante do grupo. Darrow ficou tenso.

O sangue de Aelin pingou no solo sagrado de Terrasen, e o sorriso da jovem se tornou letal. Mesmo Aedion, a seu lado, prendeu o fôlego.

— Prometo a você que não importa o quanto eu me afaste, não importa o custo, quando pedir minha ajuda, virei. Juro por meu sangue, pelo nome de minha família, que não darei as costas a Terrasen como você me deu as costas. Prometo, Darrow, que ao chegar o dia em que rasteje por

minha ajuda, colocarei meu reino diante de meu orgulho e não o matarei por causa disso. Acho que a verdadeira punição será me ver no trono pelo resto de sua droga de vida — disse ela.

O rosto do velho passara de branco a roxo.

Aelin apenas se virou de costas.

— Aonde pensa que vai? — demandou Darrow. Então Murtaugh não o tinha inteirado sobre o plano de Aelin de ir às ilhas Mortas. Interessante.

Ela olhou por cima do ombro.

— Estou indo cobrar velhas dívidas e promessas. Para erguer um exército de assassinos e ladrões e exilados e camponeses. Para terminar o que teve início há muito, muito tempo.

Silêncio foi a resposta do homem.

Então Aelin e Aedion caminharam até Lysandra, que os monitorava com o rosto sério na chuva. Enquanto isso, Ligeirinha permanecia encostada a Evangeline; a menina chorava baixinho, abraçada a si mesma.

— Partimos agora — disse Aelin à metamorfa e ao general, afastando a mágoa no coração, afastando a dor e a preocupação da mente.

E depois que se dispersaram para reunir os cavalos, Aedion deu um beijo na cabeça ensopada de Evangeline,

antes de Murtaugh e Ren a levarem de volta à estalagem com um carinho considerável. Darrow caminhou à frente sem dar um adeus. Finalmente, quando estava sozinha, Aelin se aproximou da árvore retorcida nas sombras.

O Povo Pequenino soubera sobre o ataque das serpentes aladas naquela manhã.

O que a fez supor que aquele bonequinho, já aos pedaços sob a chuva torrencial, era outro tipo de mensagem. Uma apenas para ela.

O templo de Brannon na costa fora cuidadosamente replicado — uma montagem inteligente de galhos e rochas para formar os pilares e o altar... E na rocha sagrada no centro, haviam criado um cervo branco com lã crua de ovelhas, a galhada poderosa não passava de espinhos tortos.

Uma ordem; para onde ir, o que precisava obter. Aelin estava disposta a ouvir, a entrar no jogo. Mesmo que aquilo significasse contar aos demais apenas meia verdade.

Ela quebrou a reconstrução do templo, mas deixou o cervo na palma da mão, com a lã murchando na chuva.

Os cavalos relincharam ao se aproximarem, conduzidos por Aedion e Lysandra, mas Aelin o sentiu um segundo antes que emergisse entre as árvores distantes, envolto pela noite. Longe demais no bosque para ser qualquer coisa que não um fantasma, um fruto do sonho de um antigo deus.

Mal respirando, ela ousou observá-lo por algum tempo e, ao montar o cavalo, se perguntou se os companheiros podiam perceber que não era chuva reluzindo em seu rosto quando puxou o capuz preto.

Ela se perguntou se eles também tinham visto o Senhor do Norte, montando guarda nas profundezas da floresta, com o brilho imortal do cervo branco amortizado pela chuva enquanto se despedia de Aelin Galathynius.

# 6

Dorian Havilliard, rei de Adarlan, odiava o silêncio.

Ele se tornara seu companheiro; caminhava a seu lado pelos corredores quase vazios do castelo de pedra, agachava-se no canto do quarto atulhado da torre à noite, sentava-se diante do rapaz à mesa em cada refeição.

Dorian sempre soubera que um dia seria rei.

Mas jamais pensou herdar um trono destruído e uma fortaleza vazia.

A mãe e o irmão mais novo ainda estavam entocados na residência na montanha, em Ararat. Ele não mandara buscá-los. Dera a ordem para que permanecessem lá, na verdade.

Ao menos porque evitaria a volta da corte enxerida de sua mãe, e Dorian facilmente escolheria o silêncio em vez das fofocas. Ao menos porque evitaria ter de olhar para o

rosto da mãe, para o rosto do irmão e mentir sobre quem destruíra o castelo de vidro, quem massacrara a maioria dos cortesãos e quem matara o pai. Mentir sobre *o que* o pai fora — sobre o demônio que havia morado dentro dele.

Um demônio que se reproduzira com a mãe de Dorian; não uma, mas duas vezes.

Parado na pequena sacada de pedra no alto da torre particular, ele olhou para a extensão reluzente de Forte da Fenda à luz do sol poente, para a faixa reluzente formada pelo Avery, que serpenteava para dentro do continente, vindo do mar, curvando-se em torno da cidade, como uma cobra, então fluindo reto pelo interior do continente.

Dorian ergueu as mãos diante da vista; as palmas estavam calejadas devido aos exercícios e ao treino com espada que se obrigara a retomar. Seus guardas preferidos — os homens de Chaol — estavam todos mortos.

Torturados e assassinados.

As lembranças do período sob o domínio do colar de pedra de Wyrd eram confusas e embaçadas. Mas nos pesadelos ele às vezes se via de pé em um calabouço profundo, com sangue que não o seu cobrindo-lhe as mãos, e gritos que não os dele ecoando nos ouvidos, implorando por misericórdia.

Não fora ele, disse a si mesmo. O príncipe valg fizera

aquilo. Seu *pai* fizera aquilo.

Dorian ainda tivera dificuldade em encarar o novo capitão da Guarda, um amigo de Nesryn Faliq, quando fora pedir ao homem que lhe mostrasse como lutar, que o ajudasse a se tornar mais forte, mais rápido.

Nunca mais. Nunca mais seria fraco e inútil e assustado.

O rapaz olhou para o sul, como se pudesse ver até Antica. Imaginou se Chaol e Nesryn tinham chegado até lá; se perguntou se o amigo já estava em Torre Cesme, e se o corpo destruído estava sendo curado pelos habilidosos mestres do local.

O demônio no corpo do pai de Dorian fizera também aquilo... partira a espinha de Chaol.

O homem que lutava dentro do pai evitara que o golpe fosse fatal.

Dorian não tinha tido tal controle, tal força, ao observar o demônio usando seu corpo — conforme o demônio torturava e matava e tomava o que quisesse. Talvez o pai de Dorian houvesse sido o homem mais forte no fim das contas. O homem superior.

Não que Dorian tivesse tido a chance de conhecer o pai como homem. Como humano.

O rapaz flexionou os dedos, fazendo gelo brotar na palma das mãos. Magia pura; contudo não havia ninguém

ali para ensiná-lo. Ninguém a quem ousaria perguntar.

Ele se recostou contra a parede de pedra ao lado da porta da sacada.

Dorian ergueu a mão na direção da faixa pálida que marcava seu pescoço. Mesmo com as horas que passara ao ar livre, treinando, a pele onde o colar um dia estivera ainda não atingira um bronzeado dourado. Talvez fosse permanecer eternamente pálida.

Talvez seus sonhos fossem ser assombrados para sempre pela voz sibilante daquele príncipe demônio. Talvez acordasse eternamente com o suor parecendo o sangue de Sorscha sobre seu corpo, o sangue de Aelin ao esfaqueá-la.

Aelin. Nenhuma notícia da amiga... ou de qualquer um a respeito da volta da rainha ao reino. Dorian tentava não se preocupar nem contemplar por que havia tanto silêncio.

Tanto silêncio quando os batedores de Nesryn e Chaol traziam notícias de que Morath fervilhava.

Ele olhou para dentro, na direção da pilha de papéis sobre a mesa entulhada, e encolheu o corpo. Tinha uma quantidade absurda de papelada para cuidar antes de dormir: cartas para assinar, planos para ler...

Um trovão soou pela cidade.

Quem sabe não era um sinal de que Dorian deveria começar a trabalhar, a não ser que quisesse ficar acordado

até o início da manhã de novo. Ele entrou, suspirando alto, e outro trovão ecoou.

Cedo demais, e o som foi breve demais.

Dorian verificou o horizonte. Nenhuma nuvem; nada além do céu vermelho, rosa e dourado.

Mas a cidade em repouso ao pé da colina do castelo pareceu parar. Até mesmo o lamacento Avery pareceu interromper o curso quando o *bum* soou novamente.

Dorian ouvira aquele som antes.

Magia se acumulou nas veias do rapaz, e ele se perguntou o que o poder teria sentido, pois gelo cobria a varanda contra sua vontade, tão ágil e frio que as pedras rangeram.

Dorian tentou fazê-la recuar — como se fosse um novelo de lã que saíra rolando de suas mãos —, mas a magia o ignorou, espalhando-se mais espessa, mais rápida sobre as pedras. Ao longo do arco da porta às suas costas, descendo pela face curva da torre...

Uma corneta soou a oeste. Uma nota aguda, estridente.

Que foi interrompida antes do fim.

Por causa do ângulo da varanda, Dorian não conseguia ver a fonte do som. Então correu para o quarto, deixando a magia para as pedras, e disparou até a janela aberta ao oeste. Estava a meio caminho das colunas de livros e papéis quando

viu o horizonte. Quando a cidade começou a gritar.

Espalhando-se ao longe, cobrindo o pôr do sol como uma tempestade de morcegos, voava uma legião de serpentes aladas.

Cada besta carregava uma bruxa armada, que rugia seu grito de guerra para o céu manchado de cores.



Manon e as Treze seguiam sem parar, sem dormir. Tinham se separado das duas alianças de escolta no dia anterior, pois as serpentes aladas de ambas estavam exaustas demais para acompanhá-las. Principalmente porque as Treze fizeram todas aquelas corridas e patrulhas extras durante meses — e tinham silenciosa e consistentemente aumentado a própria resistência.

Elas voavam alto para se manter escondidas, mas, entre nuvens, viam o continente surgindo abaixo, com diferentes tons de verde verão, amarelo manteiga e safira reluzente. Aquele dia estava limpo o suficiente para que nenhuma nuvem as ocultasse enquanto disparavam para Forte da Fenda e o sol iniciava a descida final em direção ao oeste.

Em direção à perdida terra natal da bruxa.

Devido à altura e à distância, Manon teve uma vista

limpa da carnificina quando a extensão da capital por fim se revelou no horizonte.

O ataque começara sem ela. A legião de Iskra ainda descia sobre a cidade, ainda disparava para o palácio e para a muralha de vidro que despontava acima do limite leste da cidade.

Manon cutucou Abraxos com os joelhos, um comando silencioso para que fosse mais rápido.

Ele foi... mas pouco. Estava exausto. Todos estavam

Iskra queria a vitória para si. A Líder Alada não tinha dúvida de que a herdeira das Pernas Amarelas tinha recebido ordens para obedecer... mas apenas depois que Manon chegasse. Vadia. *Vadia* por ter chegado primeiro, por não ter esperado...

Mais e mais perto, disparavam para a cidade.

Os gritos logo chegaram a elas. Manon sentiu o fardo de sua capa vermelha.

Ela apontou Abraxos para o castelo de pedra no alto da colina, mal espreitando acima daquela muralha reluzente de vidro — a muralha que ela recebera ordens para derrubar —, com esperanças de não ter chegado tarde demais com relação a uma coisa.

Com esperanças de saber o que diabo estava fazendo.

# 7

Dorian soara o alarme, mas os guardas já sabiam. E, quando ele disparou pelas escadas, seu caminho foi bloqueado e pediram que permanecesse na torre. Ele tentou sair de novo para ajudar, mas imploraram que ficasse. *Imploraram*, para que não o perdessem.

Foi o desespero, o quanto as vozes pareciam *jovens,* que o manteve na torre. Mas não de forma inútil.

Dorian ficou no alto da sacada, a mão erguida diante do corpo.

De longe, não podia fazer nada conforme as serpentes aladas destruíam tudo para além da muralha de vidro. Destroçavam prédios, arrancando telhados com as garras, arrancando pessoas — *seu* povo — da rua.

Cobriam o céu, como um cobertor de presas e garras, e nem as flechas dos guardas da cidade impediam seu progresso.

Dorian reuniu a magia, querendo fazê-la obedecer, conjurando gelo e vento para a palma da mão, deixando que se acumulassem.

Devia ter treinado, devia ter pedido que Aelin lhe ensinasse *alguma coisa* enquanto estavam juntos.

As serpentes aladas se aproximaram do castelo e da muralha de vidro ainda de pé, como se, antes de alcançarem Dorian, quisessem lhe mostrar precisamente o quanto era impotente.

Que chegassem. Que viessem perto o suficiente para sua magia.

O rapaz podia não ter o alcance de Aelin, talvez não pudesse envolver a cidade com poder, mas caso se aproximassem o bastante...

Ele não seria fraco nem se acovardaria de novo.

Uma primeira serpente alada chegou ao topo da muralha de vidro. Imensa... muito maior que a bruxa de cabelos brancos e sua montaria coberta de cicatrizes. Seis voavam para o castelo de Dorian, para a torre. Para o rei.

Dorian daria a elas um rei.

Ele deixou que se aproximassem mais, fechando os

dedos em punho, cavando mais e mais a magia. Muitas bruxas permaneceram na muralha de vidro, batendo as caudas das bestas contra ela, quebrando o vidro opaco pouco a pouco. Como se as seis que voavam para o castelo fossem o bastante para destruí-lo.

Dorian já conseguia ver as silhuetas; via a couraça coberta de ferro, pois o sol poente refletia nas imensas armaduras peitorais das bestas enquanto disparavam sobre a propriedade do castelo ainda dilapidada.

Então, ao ver os dentes de ferro sorrindo para ele, no momento que os gritos dos guardas — que bravamente atiravam flechas das portas e janelas do castelo — se tornaram um estrondo em seus ouvidos, Dorian estendeu a mão na direção das bruxas.

Gelo e vento as golpearam, destruindo besta e montadora.

Os guardas gritaram, alarmados... depois caíram em um silêncio de espanto.

Dorian arquejou para tomar fôlego, arquejou para se lembrar do próprio nome e do que era ao sentir a magia se derramando de dentro de si. Tinha matado enquanto estivera escravizado, mas nunca por vontade própria.

Conforme o sangue das bruxas tingia o ar e a carne morta despencava como chuva, emitindo ruídos surdos ao

bater no chão do castelo... *Mais*, gemia a magia de Dorian, espiralando simultaneamente para baixo e para cima, puxando-o de novo para seus limites gélidos.

Além da muralha de vidro rachada, a cidade sangrava. Gritava aterrorizada.

Mais quatro serpentes aladas cruzaram a muralha de vidro que se despedaçava, guinando quando as montadoras notaram as irmãs aos pedaços. Gritos soaram das gargantas imortais, e as pontas das faixas amarelas nas testas das bruxas açoitaram ao vento. Elas dispararam com as bestas para o céu, como se fossem subir e subir e depois mergulhar diretamente sobre Dorian.

Um sorriso dançou nos lábios do rapaz ao libertar a magia de novo, como um chicote de ponta dupla disparando para as serpentes aladas em ascensão.

Mais sangue e pedaços de animais e de bruxa caíram ao chão, todos cobertos de gelo tão espesso que se partiram sobre as pedras do pátio.

Dorian buscou mais profundamente. Se conseguisse ir até a cidade, talvez pudesse lançar uma rede mais ampla...

Foi quando outro ataque o atingiu. Não da frente ou do alto ou de baixo.

Mas por trás.

A torre de Dorian oscilou para o lado, e o rei foi atirado

para a frente, chocando-se contra a sacada de pedra, por pouco evitando cair pela beirada.

Pedra rachou, e madeira se partiu, e Dorian foi poupado de um fragmento de rocha mortal apenas pela magia que projetou ao redor de si quando cobriu a cabeça.

Ele se virou na direção do quarto. Um buraco imenso fora aberto na lateral e no teto. E empoleirada na pedra quebrada, uma bruxa corpulenta agora sorria para ele com dentes de ferro capazes de dilacerar carne, uma faixa desbotada de couro amarelo na testa.

Dorian reuniu a magia, mas ela se extinguiu.

Cedo demais, rápido demais, percebeu ele. Muito inconstante. Não houve tempo suficiente para buscar nas profundezas seu poder. A cabeça da serpente alada deslizou para dentro da torre.

Atrás do rapaz, seis outras bestas voaram pela muralha, disparando para suas costas desprotegidas. E a própria muralha... A muralha de Aelin... Sob aquelas garras e caudas frenéticas, furiosas... desabou por inteiro.

Dorian olhou para a porta que se abria para as escadas da torre, onde os guardas já deveriam ter surgido. Havia apenas silêncio.

Tão perto... mas para alcançá-la teria de passar diante da boca da serpente. Era exatamente por isso que a bruxa sorria.

Uma chance... teria uma chance de fazer aquilo.

Ele fechou os dedos com força, sem conceder à bruxa mais tempo para avaliá-lo.

Dorian estendeu a mão, e gelo disparou para os olhos da criatura. Cambaleando para trás, o animal rugiu, e o rei correu.

Algo afiado raspou a orelha de Dorian, se enterrando na parede à frente. Uma adaga.

O rapaz continuou correndo para a porta...

Então viu de soslaio a cauda do animal chicotear um segundo antes de se chocar contra a lateral de seu corpo.

A magia de Dorian parecia um filme em volta do próprio corpo, protegendo os ossos e o crânio, conforme ele foi jogado contra a parede de pedra. Com tanta força que as pedras racharam. Com tanta força que a maioria dos humanos teria morrido.

Estrelas e escuridão dançavam em sua vista. A porta estava tão perto.

Dorian tentou se levantar, mas as pernas não obedeciam.

Entorpecido; entorpecido por...

Um calor úmido lhe escorreu logo abaixo das costelas. Sangue. Não era um corte profundo, mas o bastante para doer, fora cortesia de um dos espinhos da cauda. Espinhos cobertos de um brilho esverdeado.

Veneno. Algum tipo de veneno que enfraquecia e paralisava antes de matar...

Não, ele não seria levado de novo, não para Morath, não para o duque e seus colares...

A magia se debateu contra o beijo paralisante e letal do veneno. Magia de cura. Mas lenta, enfraquecida pelos momentos anteriores de desperdício inconsequente.

Dorian tentou rastejar até a porta, ofegando entre dentes trincados.

A bruxa disparou um comando para a serpente alada, e o rapaz se concentrou o suficiente para erguer a cabeça. E ver a bruxa sacar as espadas e começar a desmontar.

Não, não, *não*...

A bruxa não chegou ao chão.

Em um segundo, estava empoleirada na sela, passando a perna para o lado.

No seguinte, a cabeça havia sumido e o sangue espirrara na besta, que rugia e se virava...

E que então foi derrubada da torre por outra serpente alada, menor. Cruel, coberta de cicatrizes e com asas reluzentes.

Dorian não esperou para ver o que ia acontecer, nem se questionou.

Ele rastejou até a porta enquanto a magia devorava o

veneno que deveria tê-lo matado; era uma torrente enfurecida de luz que lutava com força considerável contra aquela escuridão esverdeada.

A pele estava cortada, músculo e osso coçavam conforme eram remendados aos poucos... e aquela faísca se acendia e tremeluzia em suas veias.

Dorian estendia a mão para a porta quando a pequena serpente alada pousou no buraco da torre destruída; as enormes presas pingavam sangue na papelada, agora espalhada, sobre a qual ele reclamara minutos antes. A esguia montadora armada desceu agilmente, as flechas na aljava às costas estalavam contra o cabo da poderosa espada que trazia embainhada no flanco.

A bruxa puxou o elmo coroado por espadas finas como lanças.

E Dorian reconheceu o rosto antes de se lembrar do nome.

Reconheceu o cabelo branco como luar na água, que cascateava sobre a armadura escura, parecida com escamas; reconheceu os olhos de ouro queimado.

Reconheceu aquele rosto impossivelmente lindo, cheio de uma fria sede por sangue e de uma esperteza maliciosa.

— Levante — grunhiu Manon Bico Negro.

*Merda.*

A palavra era como um cântico constante na cabeça de Manon conforme ela caminhava pelas ruínas da torre, em meio a papéis flutuando e livros espalhados, a armadura ressoando contra as pedras caídas.

*Merda, merda, merda.*

Iskra não estava em lugar algum — ao menos não perto do castelo. Mas sua aliança, sim.

E quando vira aquela sentinela das Pernas Amarelas dentro da torre, preparando-se para reivindicar aquela morte para si... um século de treinamento e instinto se acumularam em Manon.

Foi preciso apenas um golpe de Ceifadora do Vento ao passar voando com Abraxos, e a sentinela de Iskra estava morta.

*Merda, merda, merda.*

Então Abraxos atacou a montaria restante, um macho de olhos apáticos que nem mesmo teve a chance de rugir antes que os dentes se fechassem sobre seu pescoço largo, fazendo sangue e carne voarem conforme os dois dispararam pelo ar.

Manon não poupou um segundo para se maravilhar por Abraxos não ter hesitado na luta, por não ter cedido. Sua serpente alada com coração de guerreiro. Merecia uma ração

a mais de carne.

O casaco escuro e ensanguentado do jovem rei estava coberto de poeira e terra. No entanto, os olhos cor de safira pareciam nítidos, se não arregalados, quando Manon grunhiu de novo acima dos gritos da cidade:

— Levante.

Dorian levou a mão à maçaneta de ferro da porta. Não para gritar por ajuda ou fugir, percebeu ela, que se aproximara e estava a 30 centímetros, mas para se levantar.

A jovem bruxa observou as longas pernas do rei, mais musculosas que da última vez que o vira. Então reparou no ferimento que despontava pela lateral do casaco rasgado. Não era profundo e não jorrava sangue, mas...

*Merda, merda, merda.*

O veneno da cauda da serpente alada era mortal no pior dos casos, paralisante no melhor. Paralisante com apenas um arranhão. Ele deveria estar morto. Ou morrendo.

— O que você quer? — perguntou o rapaz, a voz rouca, disparando os olhos entre Manon e Abraxos, que se ocupava monitorando o céu em busca de outros agressores, farfalhando as asas com impaciência.

O rei estava ganhando tempo... enquanto o ferimento se curava.

Magia. Apenas a mais poderosa magia poderia ter

evitado sua morte.

— Quieto! — ordenou Manon. Em seguida o pôs de pé.

Ele não se encolheu ao toque, nem quando as unhas de ferro prenderam e rasgaram seu casaco. Dorian era mais pesado do que a bruxa estimara — como se tivesse mais músculos sob aquelas roupas também. Mas com a força imortal, colocá-lo de pé exigia pouca energia.

Manon se esquecera do quanto ele era mais alto. Cara a cara, Dorian a encarou de cima a baixo, ofegante, e disse:

— Oi, bruxinha.

Alguma parte antiga e predatória da Líder Alada despertou diante daquele meio sorriso, atiçando-se e direcionando os ouvidos a ele. Não havia um pingo de medo. Interessante.

— Oi, principezinho — ronronou Manon de volta.

Abraxos deu um grunhido de aviso; a bruxa virou a cabeça e se deparou com outra serpente alada, disparando com determinação e velocidade para eles.

— *Vá* — disse ela, deixando que o príncipe se equilibrasse quando ela escancarou a porta da torre. Os gritos dos homens nos níveis abaixo se elevaram até eles. Dorian se escorou na parede, como se concentrasse a atenção em permanecer de pé. — Tem outra saída? Outra

forma de fugir daqui?

O rei a avaliou com uma franqueza que a fez rosnar.

Atrás deles, como se a Mãe tivesse estendido a mão, um vento poderoso soprou a serpente alada e a montadora para longe da torre, lançando-as às cambalhotas para a cidade. Até mesmo Abraxos rugiu, agarrando-se às pedras da construção com tanta força que a rocha estalou sob suas garras.

— Há passagens — informou o rei. — Mas você...

— Então as encontre. Saia.

Dorian não se moveu do local contra a parede.

— Por quê?

A linha pálida ainda lhe cruzava o pescoço, tão nítida contra o bronzeado dourado da pele. Mas Manon não aceitava questionamentos de mortais. Nem mesmo de reis. Não mais.

Então ela ignorou a pergunta e falou:

— Perrington não é o que parece. É um demônio em um corpo mortal e se desfez da antiga pele para vestir uma nova. Um homem de cabelos dourados. Ele procria o mal em Morath, o qual planeja libertar a qualquer dia. Isto é uma prova. — Manon indicou com a mão de unhas de ferro a destruição ao redor. — Uma forma de o desmoralizar e conquistar as graças de outros reinos, transformando você no

inimigo. Reúna suas forças antes que ele tenha a chance de aumentar em número até um tamanho invencível. Perrington pretende tomar não apenas este continente, mas toda Erilea.

— Por que sua montadora coroada me contaria isso?

— Meus motivos não são de sua conta. Fuja. — De novo, aquele vento poderoso soprou o castelo, empurrando para longe qualquer força que se aproximava, fazendo as pedras rangerem. Um vento com cheiro de pinho e neve, um cheiro familiar, estranho. Antigo e inteligente e cruel.

— Você matou aquela bruxa. — De fato, o sangue da sentinela manchava as pedras. Cobria Ceifadora do Vento e o capacete abandonado de Manon. *Assassina de Bruxas.*

Manon afastou o pensamento, assim como a pergunta que ele implicava.

— Você tem uma dívida de vida comigo, rei de Adarlan. Prepare-se para o dia da cobrança.

A boca sensual do rei se contraiu.

— Lute conosco. Agora... lute conosco *agora* contra ele.

Pela porta, urros e gritos de guerra tomavam o ar. Bruxas haviam conseguido aterrissar em algum lugar, tinham se infiltrado no castelo. Seria uma questão de minutos até que fossem encontrados. E se o rei não tivesse sumido... Manon o puxou para longe da parede e o

empurrou escada abaixo.

As pernas de Dorian fraquejaram, e ele apoiou a mão bronzeada contra a antiga parede de pedra quando olhou Manon com raiva por cima do ombro largo. Com *raiva*.

— Reconhece a morte quando a vê? — sibilou Manon, em voz baixa e cruelmente.

— Já vi a morte, e pior — retrucou Dorian, com aqueles olhos de safira congelados, enquanto a observava da cabeça à ponta dos pés cobertos pela armadura, então de volta. — A morte que oferece é gentil em comparação com aquilo.

Isso teve um efeito em Manon, mas o rei já mancava escada abaixo, uma das mãos apoiadas na parede. Movendo-se tão devagar enquanto aquele veneno saía de seu organismo, a magia certamente lutando com tudo que tinha para mantê-lo daquele lado da vida.

A porta na base da torre se estilhaçou.

Dorian parou diante das quatro sentinelas Pernas Amarelas que dispararam para dentro, grunhindo para cima do centro vazio da torre. As bruxas pararam, piscando para a Líder Alada.

Ceifadora do Vento estremeceu na mão de Manon. Mate-o, mate-o agora, antes que elas possam espalhar que Manon foi vista com o rei... *Merda, merda, merda.*

Manon não precisou decidir. Em um redemoinho de

aço, as Pernas Amarelas morreram antes que pudessem se virar na direção do guerreiro que explodiu porta adentro.

Cabelos prateados, rosto e pescoço tatuados, orelhas levemente pontiagudas. A fonte daquele vento.

Dorian xingou, cambaleando, mas os olhos do guerreiro feérico estavam sobre Manon. Apenas ódio letal queimava ali.

O ar na garganta de Manon se esvaiu em nada.

Um som estrangulado saiu de dentro da bruxa, e Manon tropeçou, agarrada à garganta como se pudesse perfurar uma entrada para o ar. Mas a magia do macho se manteve firme.

Ele a mataria pelo que tinha tentado fazer com sua rainha. Pela flecha que Asterin disparara, com a intenção de atingir o coração de Aelin. Uma flecha diante da qual ele saltara.

Manon caiu de joelhos. O rei imediatamente a alcançou, observando-a por um segundo antes de rugir escada abaixo:

— *NÃO*!

Foi preciso apenas isso. Ar inundou a boca de Manon, os pulmões, e a bruxa ofegou, arqueando as costas ao inspirar.

Seu tipo não tinha escudos mágicos contra ataques como aquele. Apenas quando mais desesperada, mais enfurecida, uma bruxa podia conjurar o centro de magia

dentro de si — com consequências devastadoras. Até mesmo a mais sedenta por sangue e desalmada falava sobre o ato apenas aos sussurros: a Renúncia.

O rosto de Dorian oscilava na visão embaçada de Manon. Ela ainda arquejava em busca daquele ar fresco e salvador quando Dorian falou:

— Encontre-me quando mudar de ideia, Bico Negro.

Então o rei se foi.

# 8

Rowan Whitethorn voara sem comida ou água ou descanso durante dois dias.

Mesmo assim chegara tarde demais a Forte da Fenda.

A capital estava um caos sob as garras das bruxas e suas serpentes aladas. Vira muitas cidades caírem ao longo dos séculos, e sabia que aquela estava acabada.

Ainda que o povo combatesse, seria apenas para encarar a própria morte. As bruxas já haviam derrubado a muralha de vidro de Aelin. Outro movimento calculado de Erawan.

Fora difícil deixar os inocentes lutando sozinhos e correr com determinação e agilidade ao castelo de pedra e à torre do rei. Rowan tinha uma ordem, dada por sua rainha.

Mesmo assim, chegara tarde demais — mas não sem uma faísca de esperança.

Dorian Havilliard cambaleava conforme disparavam pelo corredor do castelo; a audição e o olfato aguçados de Rowan os mantinham longe do pior da batalha. Se os túneis secretos estivessem sendo vigiados, se não pudessem chegar aos esgotos... o feérico calculava plano após plano. Nenhum terminava bem.

— Por aqui — falou o rei, ofegante. Foi a primeira coisa que disse desde que correra escada abaixo. Estavam em uma parte residencial do palácio que Rowan só vira no reconhecimento exterior, em forma de gavião. A ala da rainha. — Existe uma saída secreta no quarto de minha mãe.

As portas branco-pálidas da suíte estavam trancadas.

Rowan as explodiu com meio pensamento, fazendo com que a madeira se partisse e empalasse a mobília exuberante, assim como a arte nas paredes, destruindo enfeites e coisas de valor.

— Desculpe — pediu ele ao rei, sem parecer arrependido.

A magia do guerreiro estremeceu, um tremor distante para avisar que estava sendo drenada. Dois dias disparando ao vento com velocidade perigosa, depois a luta contra aquelas serpentes aladas do lado de fora cobravam seu preço.

Dorian avaliou os danos.

— Alguém teria feito isso de qualquer modo. —

Nenhum sentimento, nenhuma tristeza ali. Ele correu pelo quarto, mancando um pouco. Se tivesse uma fração a menos de magia, poderia ter sucumbido à cauda venenosa da besta.

Dorian chegou a um grande retrato emoldurado em ouro de uma linda jovem de cabelos castanhos com um bebê de olhos cor de safira nos braços.

Ele olhou para o quadro por um segundo a mais que o necessário, o bastante para dizer tudo a Rowan. Em seguida retirou a pintura, revelando um pequeno alçapão.

O feérico se certificou de que o rei entrasse primeiro, com uma vela na mão, antes de usar a magia para fazer a pintura flutuar de volta ao lugar e fechar a porta atrás deles.

O corredor era estreito e as pedras estavam empoeiradas. Mas o vento adiante sussurrava com ares de espaços abertos, umidade e mofo. Rowan lançou um tendão de magia para testar as escadas por onde desciam e os muitos corredores à frente. Não havia sinal do desabamento de quando haviam destruído a torre do relógio. Nenhum sinal de inimigos à espreita, ou do fedor corrupto dos valg e de suas bestas. Uma pequena bênção.

Os ouvidos feéricos captavam os gritos abafados e os urros dos moribundos acima.

— Eu deveria ficar — comentou Dorian, baixinho.

Um dom da magia do rei, então... audição aguçada.

Magia pura podia conceder a ele qualquer dom: gelo, chama, cura, sentidos aguçados e força. Talvez metamorfose se tentasse.

— Será mais útil para seu povo vivo — retrucou Rowan, a voz grossa contra as pedras. A exaustão o incomodava, mas ele a afastou. Descansaria quando estivessem em segurança.

Dorian não respondeu.

— Já vi muitas cidades caírem — continuou Rowan. — Já vi reinos inteiros caírem. E a destruição que testemunhei ao chegar voando era tão completa que, até mesmo com seus dons consideráveis, não havia nada que você pudesse ter feito. — O guerreiro não tinha muita certeza do que fariam se aquela destruição fosse levada à porta de Orynth. Ou por que Erawan esperava. Pensaria nisso depois.

— Eu deveria morrer com eles. — Foi a resposta do rei.

Chegaram à base das escadas, e a passagem se alargou em câmaras respiráveis. Mais uma vez, Rowan serpenteou sua magia pelos muitos túneis e escadas. Aquele à direita sugeria que havia uma entrada para o esgoto ao fundo. Que bom.

— Fui enviado aqui para evitar que fizesse exatamente isso — declarou o feérico, por fim.

Dorian olhou para ele por cima do ombro, encolhendo um pouco o corpo, pois o movimento esticava a pele ainda

em cicatrização. Onde, suspeitava Rowan, um ferimento aberto estivera minutos antes, agora havia apenas uma cicatriz vermelho-vivo visível pela lateral do casaco rasgado.

— Você ia matá-la — constatou o rapaz.

Rowan sabia a quem ele se referia.

— Por que me impediu?

Então Dorian contou sobre o encontro ao descerem mais profundamente nas entranhas do castelo.

— Eu não confiaria nela — comentou Rowan, quando o rei terminou. — Mas talvez os deuses nos deem uma ajuda. Talvez a herdeira das Bico Negro se junte a nossa causa.

Caso seus crimes não fossem descobertos primeiro. Ainda que eles só tivessem 13 bruxas e suas serpentes aladas, se aquela aliança era a mais habilidosa de todas das Dentes de Ferro... Podia significar a diferença entre Orynth cair ou se manter de pé contra Erawan.

Os dois chegaram aos esgotos do castelo. Até mesmo os ratos fugiam pela pequena entrada da correnteza, como se os rugidos das serpentes aladas fossem um augúrio de morte.

Eles passaram por um arco selado por um desmoronamento; sem dúvida da erupção de fogo do inferno que ocorrera no verão.

A passagem de Aelin, percebeu Rowan com um puxão no fundo do peito. E alguns passos adiante, viu uma antiga

poça de sangue seco que manchava as pedras ao longo da beira da água. Um fedor humano permanecia ao redor, maculado e desagradável.

— Ela estripou Archer Finn bem ali — indicou Dorian, acompanhando o olhar do feérico.

Rowan não se deixou pensar naquilo, ou no fato de que aqueles tolos tinham, ignorantemente, dado a uma assassina um quarto que se ligava aos aposentos da rainha.

Havia um barco preso a um mastro de pedra, com o casco quase podre, mas sólido o suficiente. E a grade para o pequeno rio que serpenteava para além do castelo permanecia aberta.

Rowan lançou de novo a magia ao mundo, provando o ar além dos esgotos. Nenhuma asa o partia, nenhum sangue maculava o caminho. Uma parte silenciosa ao leste do castelo. Se as bruxas tivessem sido espertas, teriam colocado sentinelas monitorando cada centímetro.

Mas pelos gritos e pelas súplicas acima, ele sabia que as bruxas estavam perdidas demais na sede por sangue para pensar direito. Pelo menos por alguns minutos.

Ele indicou o barco com o queixo.

— Entre.

Dorian franziu a testa para o mofo e a podridão.

— Teremos sorte se não desabar ao nosso redor.

— Você — corrigiu Rowan. — Ao seu redor. Não ao meu. Entre.

Dorian ouviu o tom de voz do feérico e sabiamente o atendeu.

— O que você...

Rowan tirou a capa e a jogou sobre o rei.

— Deite-se e coloque isso sobre o corpo.

Com o rosto um pouco pálido, ele obedeceu. O feérico cortou as cordas com um lampejo das facas.

Então se transformou, batendo as asas alto o suficiente para que Dorian soubesse. A magia de Rowan gemeu, fazendo esforço conforme puxava o que parecia ser uma embarcação vazia e oscilante para fora dos esgotos, como se alguém acidentalmente a tivesse soltado.

Ao voar pela abertura do esgoto, ele protegeu o barco com uma parede de ar sólido — contendo o cheiro do rei e evitando que flechas perdidas o perfurassem.

Rowan olhou para trás apenas uma vez enquanto seguia acima do pequeno rio e do barco.

Apenas uma vez, para a cidade que tinha forjado, destruído e abrigado sua rainha.

A muralha de vidro conjurada por Aelin não passava de ruínas e cacos reluzindo nas ruas e na grama.

Aquelas últimas semanas de viagem haviam sido uma

tortura — a necessidade de estar com ela, de prová-la, estava o deixando louco. E considerando o que Darrow dissera... talvez, apesar da promessa ao partir, tivesse sido bom não darem aquele passo final.

Estivera na mente de Rowan muito antes de Darrow e de seus decretos de bosta: Rowan era um príncipe, mas apenas em nome.

Não tinha exército, nenhum dinheiro. Os fundos consideráveis que possuía ficaram em Doranelle... e Maeve jamais lhe permitiria reivindicá-los. Provavelmente já tinham sido distribuídos entre os primos enxeridos, assim como as terras e residências do guerreiro. Não importaria se alguns deles — dos primos com os quais fora criado — se recusassem a aceitar por lealdade e teimosia típicas dos Whitethorn. Tudo que Rowan tinha a oferecer à rainha eram a força da espada, a grandeza da magia e a lealdade do coração.

Tais coisas não venciam guerras.

Ele sentira o cheiro de desespero em Aelin, embora sua expressão estivesse neutra quando Darrow falou. E lhe conhecia a alma incandescente: Aelin o faria. Consideraria casamento com um príncipe ou lorde estrangeiro. Mesmo que aquela coisa entre eles... mesmo que Rowan soubesse que não era apenas luxúria, ou mesmo apenas amor.

Aquela coisa entre eles, sua força, poderia devorar o mundo.

E se a escolhessem, se escolhessem *um ao outro*, poderia muito bem ser o fim.

Por isso não pronunciara as palavras que queria dizer a Aelin havia algum tempo, mesmo quando cada instinto o incitava a fazer aquilo ao se despedirem. E talvez ter Aelin apenas para perdê-la fosse punição por ter deixado a parceira morrer; a punição por finalmente abandonar aquele luto e aquele ódio.

O bater das ondas era quase inaudível por cima do rugido das serpentes aladas e dos gritos de inocentes pedindo a ajuda que jamais viria. Rowan afastou a dor no peito, a vontade de se virar.

Aquilo era guerra. Aquelas terras sofreriam muito mais nos dias e meses seguintes. Sua rainha, não importava o quanto tentasse protegê-la, sofreria bem mais.

Quando o barco navegou para o pequeno rio que descia ao delta do Avery, com um gavião de cauda branca voando bem acima, as muralhas do castelo de pedra estavam banhadas em sangue.

# 9

Elide Lochan sabia que estava sendo caçada.

Durante três dias, tentara despistar o que quer que a seguia pela extensão infinita da floresta de Carvalhal. Mas no processo também se perdera.

Três dias insones, mal parando por tempo bastante para buscar comida e água.

Ela havia virado para o sul uma vez... para refazer a trilha e apagar as pistas. Acabara seguindo um dia naquela direção. Então fora para o oeste, para as montanhas. Depois decidiu pelo sul, possivelmente leste; não sabia dizer. Estivera correndo na ocasião, e a floresta de Carvalhal era tão densa que Elide mal conseguia acompanhar o sol. E sem uma visão clara das estrelas, sem ousar parar a fim de encontrar uma árvore onde pudesse subir, não fora capaz de

encontrar o Senhor do Norte — o farol de volta para casa.

Ao meio-dia do terceiro dia, estava quase em prantos. Por exaustão, por ódio, pelo medo que lhe invadia os ossos. O que quer que a caçava lentamente, com certeza se demoraria matando-a.

Com a faca tremendo na mão, ela parou em uma clareira, onde havia um estreito córrego que passava dançando, ágil, por ela. A perna doía; a perna destruída e inútil. Ofereceria a alma ao deus sombrio por algumas horas de paz e segurança.

Elide largou a faca na grama ao lado, caindo de joelhos diante do córrego e bebendo rápida e intensamente. A água preencheu o vazio em sua barriga, deixado por frutinhas e raízes. Ela encheu novamente o cantil, as mãos incontrolavelmente instáveis.

Tremia tanto que deixou cair a tampa de metal no rio.

Ela xingou, mergulhando os braços até os cotovelos na água fria enquanto buscava a tampa, tateando as pedras e as gavinhas escorregadias de algas do rio, implorando por um único *descanso*...

Os dedos se fecharam na tampa quando o primeiro uivo soou pela mata.

Elide e a floresta ficaram em silêncio.

Ela ouvira cães uivando, escutara o coro sobrenatural de

lobos quando fora arrastada de Perranth até Morath.

Aquilo não era nenhuma das duas coisas. Aquilo era...

Houvera noites em Morath quando fora arrancada do sono por causa de uivos como aquele. Uivos que ela acreditara terem sido imaginados por não soarem novamente. Ninguém jamais os mencionara.

Mas ali estava o som. *Aquele* som.

*Juntos criaremos maravilhas que farão o mundo tremer.*

Ah, pelos deuses. A menina rosqueou às cegas a tampa ao cantil. O que quer que pudesse ser se aproximava rapidamente. Talvez uma árvore — o alto de uma árvore — pudesse salvá-la. Escondê-la. Talvez.

Elide se virou para enfiar o cantil na bolsa.

Então se deparou com um guerreiro agachado do outro lado do rio, uma cruel faca longa apoiada no joelho.

Os olhos pretos a devoravam; os cabelos na altura dos ombros eram igualmente pretos, e o rosto parecia severo quando ele disse em um tom de voz que parecia granito:

— A não ser que queira virar almoço, menina, sugiro que venha comigo.

Uma voz baixa e antiga sussurrou ao ouvido de Elide, alertando que por fim ela encontrara seu caçador implacável.

E que os dois tinham se tornado presa de outro.

Lorcan Salvaterre ouviu os grunhidos crescentes na floresta antiga e soube que, provavelmente, estavam prestes a morrer.

Bem, a garota estava prestes a morrer. Fosse nas garras do que quer que os perseguisse ou na ponta de sua lâmina. O guerreiro ainda não decidira.

Humana; o cheiro de canela e sabugueiro era completamente humano. No entanto, aquele *outro* cheiro permanecia, uma gota de escuridão tremeluzindo sobre a menina, como as asas de um beija-flor.

Ele poderia ter suspeitado de que a menina conjurara as bestas, não fosse pelo odor de medo maculando o ar. E o fato de que a perseguia havia três dias, permitindo que ela se perdesse no labirinto emaranhado da floresta de Carvalhal. Além disso, encontrara poucos indícios de que a garota estivesse sob controle dos valg.

Lorcan ficou de pé, e os olhos escuros da jovem se arregalaram ao reparar na altura impressionante. Ela continuou ajoelhada diante do rio, estendendo a mão suja para a adaga que deixara tolamente largada na grama. Não era burra nem estava desesperada o suficiente para erguer a arma contra Lorcan.

— Quem é você?

A voz rouca da jovem era baixa; não era a coisa doce e aguda que ele esperara devido à delicada estrutura curvilínea. Grave e fria e firme.

— Se quiser morrer — advertiu Lorcan —, então vá em frente: continue fazendo perguntas. — Ele se virou na direção norte.

Naquele momento, o segundo conjunto de grunhidos começou. De outra direção.

Dois bandos, aproximando-se. Grama e tecido farfalharam, e, quando Lorcan olhou, a garota estava de pé, a adaga preparada e o rosto pálido de náusea, pois havia percebido o que acontecia: estavam sendo arrebanhados.

— Leste ou oeste — sugeriu Lorcan. Durante os cinco séculos em que estivera matando pelo mundo, jamais ouvira grunhidos como aqueles de qualquer tipo de besta. Ele soltou o machado da lateral do corpo.

— Leste — sussurrou a garota, os olhos disparando para ambas as direções. — Eu... eu fui aconselhada a ficar longe das montanhas. Serpentes aladas, que são bestas enormes, patrulham por lá.

— Sei o que é uma serpente alada — retrucou Lorcan.

Alguma irritação disparou nos olhos escuros da jovem diante do tom de voz do guerreiro, mas o medo a afastou. A

garota começou a recuar para a direção que escolhera. Uma das criaturas soltou um grito esganiçado. Não era um som canino. Não, aquele era um guincho agudo... como um morcego. Porém mais intenso. Com mais fome.

— Corra — ordenou ele.

Ela correu.

Lorcan precisou dar crédito à menina: apesar da perna ainda ferida, apesar da exaustão que a tornara desleixada nos últimos dias, ela disparou como uma corça em meio às árvores; o terror provavelmente espantando qualquer dor. Ele saltou pelo amplo córrego com facilidade, cobrindo a distância entre os dois em apenas um segundo. Lentos; aqueles humanos eram tão desgraçadamente lentos. A respiração de Elide já estava ofegante conforme subia uma colina, fazendo barulho suficiente para alertar quem os seguia.

Estalos soaram na vegetação atrás deles... vindos do sul. Dois ou três, pelo som. Grandes, pelos galhos partidos e as passadas surdas.

A garota chegou ao topo da colina, cambaleando. Ela ficou de pé e Lorcan olhou para a perna de novo.

Seria inútil tê-la seguido por tanto tempo se a jovem morresse naquele momento. Por um segundo, ele contemplou o peso no casaco... a chave de Wyrd escondida.

Sua magia era forte, mais forte que a de qualquer macho semifeérico em qualquer reino, em qualquer domínio. Mas se usasse a chave...

Se usasse a chave, então mereceria a maldição que ela traria.

Então Lorcan projetou uma rede de poder atrás dos dois, uma barreira invisível soprando negras correntes de vento. A garota enrijeceu, virando a cabeça para ele ao ver o poder que saía do guerreiro como uma onda. A pele de Elide empalideceu mais, porém ela seguiu, meio caindo e meio correndo, colina abaixo.

Um instante depois, soou o impacto de quatro corpos imensos contra a magia de Lorcan.

O odor do sangue da garota, que se cortava em pedras e raízes, preencheu o nariz do guerreiro. Ela não era nem de perto suficientemente rápida.

Lorcan abriu a boca para ordenar que se apressasse quando a parede invisível se partiu.

Não se partiu, mas *rachou*, como se aquelas bestas a tivessem rasgado.

Impossível. Ninguém conseguia ultrapassar aqueles escudos. Nem mesmo o maldito Rowan Whitethorn.

Mas era certo que a magia fora quebrada.

A garota atingiu a vala na base da colina, quase

chorando diante da expansão plana de floresta adiante, e disparou, a trança escura balançando, e a mochila quicando às costas magras. Lorcan a seguiu, olhando para as árvores de cada lado, conforme os grunhidos e farfalhares recomeçaram.

Estavam sendo arrebanhados, mas na direção de quê? E se aquelas coisas tinham lhe partido a magia...

Fazia muito, muito tempo que Lorcan não tinha um novo inimigo para estudar, para destruir.

— Continue — grunhiu ele, e a garota nem mesmo olhou para trás enquanto o guerreiro parava subitamente entre dois carvalhos altos. Ele estivera reunindo a magia havia dias, planejando usá-la na garota humana-mas-não-humana quando se entediasse ao persegui-la. Portanto, o corpo fervilhava com magia; o poder pedindo liberdade.

Lorcan girou o machado na mão — uma, duas vezes, o metal cantando pela floresta densa. Uma corrente fria emoldurada por névoa preta dançou entre os dedos de sua outra mão.

Não era vento, como o de Whitethorn, nem luz e chama, como a rainha vadia de Whitethorn. Nem mesmo magia pura, como a do novo rei de Adarlan.

Não, sua magia era aquela da vontade — de morte e pensamento e destruição. Não havia nome para ela.

Nem mesmo sua rainha soubera o que era, de onde viera. Um dom do deus sombrio, de Hellas, ponderara Maeve; um dom sombrio para seu guerreiro sombrio. E deixara a questão assim mesmo.

Ao permitir que a magia se erguesse à superfície e que o rugido preto preenchesse suas veias, um sorriso selvagem dançou nos lábios de Lorcan.

Ele destruíra cidades com aquele poder.

Não achava que aquelas bestas, por mais cruéis que fossem, se dariam muito melhor.

Elas reduziram a velocidade ao se aproximar, sentindo que um predador esperava... avaliando-o.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, Lorcan não tinha palavras para o que via.

Talvez devesse ter matado a garota. A morte em suas mãos seria misericórdia em comparação com o que grunhia adiante, agachado em garras que dilaceravam carne. Não era um cão de Wyrd. Não, aquelas coisas eram muito piores.

A pele era de um azul manchado, tão escura que parecia quase negra. Os longos braços e pernas levemente musculosos foram cruelmente projetados e aperfeiçoados. E as garras compridas na ponta das mãos — mãos de cinco dedos — fechavam-se, como se antecipando um ataque.

Mas não foi o corpo das criaturas que chocou Lorcan.

Foi a forma como elas pararam — sorrindo sob os focinhos amassados, como de morcegos, e revelando fileiras de dentes parecidos com agulhas — e então se ergueram sobre as pernas traseiras.

Ficando completamente de pé, como um homem rastejando se levanta. Eram pelo menos 30 centímetros mais altas que o guerreiro.

E os atributos físicos que pareciam perturbadoramente familiares se confirmaram quando a criatura mais próxima abriu a terrível boca e disse:

— Ainda não provamos a carne de sua espécie.

O machado de Lorcan girou para cima.

— Também não posso dizer que tive tal prazer.

Havia muito poucas bestas que podiam falar a língua de mortais e de feéricos. A maioria desenvolvera a capacidade pela magia, obtida por maldição ou bênção.

Mas ali, semicerrados com prazer pela antecipação da violência, reluziam olhos escuros e humanos.

Whitethorn avisara sobre o que acontecia em Morath... mencionara que os cães de Wyrd poderiam ser os primeiros de muitas coisas terríveis que seriam libertadas. Lorcan não percebera que aquelas coisas teriam quase 2,5 metros de altura e seriam parte humanas, parte o que quer que Erawan tivesse feito para transformá-las *naquilo*.

A criatura mais próxima ousou dar um passo adiante, mas sibilou... sibilou diante da linha invisível que o semifeérico traçara. O poder estremeceu e pulsou sob as pontas venenosas das garras quando a criatura tocou o escudo.

Quatro contra um. Normalmente um número fácil para ele.

Normalmente.

Mas Lorcan carregava a chave de Wyrd que as criaturas procuravam, além do anel de ouro que roubara de Maeve, depois dera e roubara de Aelin Galathynius. O anel de Athril. Se levassem qualquer um dos dois ao mestre...

Erawan teria todas as três chaves de Wyrd. E poderia abrir uma porta entre os mundos, e liberar sobre eles as hordas de valgs que estavam à espera. E quanto ao anel de ouro de Athril... Lorcan não tinha dúvidas de que o demônio destruiria o anel forjado pela própria Mala, o único objeto em Erilea que garantia a quem o usasse imunidade contra pedras de Wyrd... e contra os valg.

Então o guerreiro se moveu. Mais rápido do que até mesmo aquelas coisas podiam detectar, ele atirou o machado contra a criatura mais afastada, focada na companheira que tocava o escudo.

Todas se viraram quando o machado se chocou,

profunda e permanentemente, contra o pescoço do alvo. Todas se voltaram para ver a criatura cair. Letais por natureza, mas sem treino.

As bestas se distraíram por um segundo, e Lorcan disparou outras duas facas.

Ambas se enterraram até o cabo nas testas enrugadas daquelas coisas, lançando suas cabeças para trás ao caírem de joelhos por causa do golpe.

Aquela no centro, a que tinha falado, soltou um grito primitivo que fez os ouvidos de Lorcan tinirem. Então a criatura disparou contra o escudo.

A proteção revidou, pois a magia se adensara dessa vez. Lorcan sacou a espada longa, assim como uma faca.

E pôde apenas assistir enquanto a coisa rugia para o escudo, chocando-se contra ele com mãos destruídas e cheias de garras... fazendo a magia, o escudo, *derreter* sob seu toque.

A criatura avançou pela proteção, como se esta fosse um portal.

— Agora vamos brincar.

Lorcan se agachou em posição defensiva, perguntando-se até onde a garota conseguira chegar, se sequer tinha se virado para ver o que os perseguia. Os ruídos da fuga tinham desaparecido.

Atrás da criatura, as companheiras se contorciam.

Não... ressuscitavam.

Cada uma ergueu a forte mão em garra até as adagas enterradas no crânio... arrancando-as. Metal raspou contra osso.

Apenas aquela que tivera a cabeça quase decepada, agora presa apenas por alguns tendões, permanecia caída. Decapitação, então.

Mesmo que significasse ter de se aproximar para fazer aquilo.

A criatura diante de Lorcan sorriu com um prazer selvagem.

— O que são vocês? — vociferou o guerreiro.

As outras duas já estavam de pé, fervilhando ameaçadoramente após as cabeças terem se curado.

— Somos caçadores para Sua Majestade Sombria — disse o líder, com uma reverência debochada. — Somos ilken. E fomos enviados para recuperar nossa rocha.

Aquelas bruxas tinham mandado essas bestas caçá-lo? Que covardes, por não o enfrentarem por conta própria.

Os ilken continuaram, seguindo na direção de Lorcan com pernas que se dobravam para trás.

— Íamos lhe dar uma morte rápida, um presente. — As largas narinas da besta se dilataram, captando os odores da

floresta silenciosa. — Mas como se colocou entre nós e nossa presa... nos deliciaremos com seu demorado fim.

Não era ele. O guerreiro não era o que as serpentes aladas perseguiam havia dias, não era o que as criaturas tinham ido reivindicar. Elas não faziam ideia do que ele carregava... de quem ele era.

— O que querem com ela? — perguntou Lorcan, monitorando a lenta aproximação das três.

— Não é de sua conta — retrucou o líder.

— Se houver uma recompensa, ajudarei vocês.

Olhos escuros e desalmados dispararam na direção do guerreiro.

— Você não protege a garota?

Lorcan deu de ombros, rezando para que não conseguissem sentir o cheiro do blefe conforme ganhava mais tempo para a jovem, conforme ganhava tempo para que ele mesmo decifrasse o enigma do poder das criaturas.

— Nem mesmo sei seu nome.

Os três ilken se entreolharam. Houve um lampejo de pergunta e decisão, então o líder falou:

— Ela é importante para nosso rei. Recupere-a, e ele o encherá com poder muito maior que escudos frágeis.

Era aquele o preço para os humanos que um dia foram... Magia que, de alguma forma, era imune àquela que fluía

naturalmente no mundo? Ou será que a escolha fora tirada deles, tão certamente quanto as almas haviam sido roubadas?

— Por que ela é importante?

As criaturas já estavam à distância de um cuspe. Lorcan se perguntou quanto tempo levariam para reabastecer o suprimento de qualquer que fosse o poder que lhes permitia cortar magia. Talvez estivessem ganhando tempo também.

— Ela é uma ladra e uma assassina. Deve ser levada a nosso rei por justiça — declarou o ilken.

Lorcan podia ter jurado que aquela mão invisível lhe tocara o ombro.

Ele conhecia aquele toque... confiara nele a vida toda. Fora o que o mantivera vivo todo aquele tempo.

Um toque às costas para seguir em frente, lutar, matar e inalar a morte. Um toque no ombro para, em vez disso, fugir. Para que soubesse que havia apenas fatalidade adiante; a vida estava atrás.

O ilken sorriu mais uma vez; os dentes brilharam na escuridão da floresta.

Como se em resposta, um grito soou às suas costas.

# 10

Elide Lochan estava diante de uma criatura nascida dos pesadelos de um deus sombrio.

Do outro lado da clareira, a besta era mais alta que ela, as garras se enterravam na lama do leito da floresta.

— Aí está você — sibilou a criatura entre dentes mais afiados que os de um peixe. — Venha comigo, garota, e lhe prometo um fim rápido.

Mentiras. Elide viu como a criatura a avaliou, garras se fechando como se as conseguisse sentir lhe dilacerando a barriga macia. A coisa surgira em seu caminho, como se uma nuvem de noite tivesse descido ali, e rira quando a jovem gritou. A faca de Elide estremeceu quando ela a ergueu.

A criatura ficava de pé como um homem; falava como

um. E os olhos... completamente desalmados, mas o formato... Eram humanos também. Monstruosos. Que mente terrível teria sonhado tal coisa?

Elide sabia a resposta.

Ajuda. Precisava de ajuda. Mas aquele homem do rio provavelmente morrera sob as garras das outras bestas. Elide se perguntou quanto tempo sua magia tinha suportado.

A criatura se aproximou um passo, as pernas musculosas percorrendo a distância rápido demais. Elide recuou na direção das árvores, por onde chegara.

— Seu sangue é tão doce quanto seu rosto, menina? — A língua cinzenta da criatura provou o ar entre elas.

*Pense, pense, pense.*

O que Manon faria diante de tal criatura?

Manon, lembrou-se Elide, vinha equipada com garras e presas próprias.

Mas uma voz baixinha sussurrou ao ouvido de Elide: *Você também. Use o que tem.*

Havia outras armas que não aquelas feitas de ferro e aço.

Embora os joelhos tremessem, Elide ergueu o queixo e encarou os olhos humanos e negros da criatura.

— Cuidado — disse ela, abaixando a voz até o ronronar tão frequentemente usado por Manon para apavorar a todos. Elide levou a mão ao bolso do casaco, puxando de dentro o

caco da pedra e apertando-o no punho fechado, desejando que aquela presença sobrenatural preenchesse a clareira, o mundo. Ela rezou para que a criatura não olhasse para seu punho, para que não perguntasse o que havia ali conforme falava: — Acha que o Rei Sombrio ficará feliz se me ferir? — Ela olhou com superioridade para a besta. Ou o melhor que pôde por ser diversos centímetros mais baixa. — Fui enviada para procurar a garota. Não interfira.

A criatura pareceu então reconhecer o couro de luta.

Pareceu sentir o cheiro estranho, *deslocado* que cercava a pedra.

E hesitou.

Elide moldou a expressão em uma máscara de desprazer.

— Saia de minha frente.

Ela quase vomitou quando começou a caminhar na direção da besta, na direção da morte certa. Mas saiu batendo os pés, caminhando como Manon fizera tantas vezes. Elide se obrigou a encarar o rosto horroroso, parecido com o de um morcego, quando passou.

— Diga a seus irmãos que, se interferirem de novo, vou pessoalmente supervisionar os prazeres que recebem sobre as mesas de Morath.

Dúvida ainda dançava nos olhos da criatura — assim como medo verdadeiro. Um palpite de sorte, aquelas

palavras e frases, com base no que Elide entreouvira. Não se permitiu considerar o que fora feito para que tal criatura estremecesse à simples menção.

Elide estava a cinco passos da criatura, perfeitamente ciente de que a coluna estava agora vulnerável àquelas garras e aos dentes assassinos, quando a besta perguntou:

— Por que fugiu quando nos aproximamos?

Ela disse, sem se virar, com aquela voz fria e cruel de Manon Bico Negro:

— Não tolero perguntas de inferiores. Já atrapalharam minha caça e feriram meu tornozelo com seu ataque inútil. Reze para que eu não me lembre de seu rosto quando retornar à Fortaleza.

Elide reconheceu o erro assim que a criatura inspirou, sibilando.

Mesmo assim, manteve as pernas em movimento, as costas eretas.

— Que coincidência — ponderou a criatura — que nossa presa esteja semelhantemente aleijada.

Que Anneith a salvasse. Talvez a criatura não tivesse reparado que Elide mancava até então. Tola. *Tola.*

Correr não adiantaria nada; correr declararia a vitória da criatura, sua correta suposição. Elide parou, como se o temperamento tivesse puxado uma coleira, então virou o

rosto para a criatura.

— O que está sibilando?

Total convicção, total fúria.

De novo, a criatura hesitou. Uma chance... uma chance apenas. Ela saberia muito em breve que fora enganada.

Elide encarou a besta. Era como encarar uma cobra morta nos olhos.

Em seguida disse no tom baixo e letal que as bruxas gostavam de usar:

— Não me obrigue a revelar o que Sua Majestade Sombria colocou dentro de *mim* naquela mesa.

Como se em resposta, a pedra em sua mão pulsou, e ela podia ter jurado que a escuridão tremeluzira.

A criatura estremeceu, recuando um passo.

Elide não considerou o que segurava ao fazer um último gesto de escárnio e sair andando.

Percorreu quase um quilômetro antes de a floresta estar de novo cheia de vida, chilreante.

Então caiu de joelhos e vomitou.

Nada além de bile e água. Estava tão ocupada colocando as entranhas para fora devido a medo e alívio idiotas que não reparou que alguém se aproximava até ser tarde demais.

A mão grande segurou o ombro de Elide, virando-a.

Ela sacou a adaga, mas foi muito lenta. A mesma mão a

soltou para dar um tapa na lâmina e atirá-la à grama.

Elide se viu encarando o rosto coberto de terra do mesmo homem do córrego. Não, não era terra. Era sangue fétido... sangue preto.

— Como? — indagou Elide, cambaleando para trás.

— *Você primeiro* — grunhiu ele, virando a cabeça na direção da floresta atrás dos dois. Elide acompanhou o olhar, porém não viu nada.

Quando se voltou para o rosto severo do guerreiro, uma espada lhe pressionava o pescoço.

A menina tentou recuar, mas ele a segurou pelo braço, detendo-a conforme o aço lhe feria a pele.

— Por que cheira como aquelas coisas? Por que a perseguem?

Elide tinha guardado a pedra no bolso, ou teria mostrado a ele. Contudo, um único movimento poderia precipitar um golpe do homem, e aquela voz baixa sussurrava para que ela mantivesse o objeto escondido.

Ela ofereceu outra verdade.

— Porque passei os últimos meses em Morath, vivendo em meio àquele cheiro. Elas me perseguem porque consegui me libertar. Fujo para o norte, para a segurança.

Mais rápido que Elide conseguia discernir, o homem abaixou a espada — apenas para lhe cortar o braço. Um

arranhão, mal passava de um sopro de dor.

Os dois observaram o sangue vermelho surgir e escorrer.

Pareceu resposta o suficiente para ele.

— Pode me chamar de Lorcan — informou o guerreiro, embora Elide não tivesse perguntado. E com isso ele a colocou sobre o ombro largo, tal um saco de batatas, e correu.

Elide compreendeu duas coisas em segundos.

Que as criaturas restantes — seja lá quantas fossem — deviam estar atrás deles, e se aproximando. Tinham de ter percebido que ela blefara para ficar livre.

E que o homem, movendo-se rápido como o vento entre os carvalhos, era um semifeérico.



Lorcan correu e correu, enchendo os pulmões com grandes lufadas do ar sufocante da floresta. Jogada sobre seu ombro, a jovem não emitia nem mesmo um pio conforme os quilômetros se passavam. Ele carregara pacotes mais pesados sobre cadeias montanhosas inteiras.

O guerreiro reduziu a velocidade quando a força, por fim, começou a falhar, dilapidada rapidamente graças à magia que usara para estrangular as três bestas, naturalmente

imunes a seu poder. Então matara duas e detivera a terceira por tempo o suficiente para correr atrás de Elide.

Tivera sorte.

A garota, ao que parecia, tivera astúcia.

Lorcan reduziu o passo até parar, soltando a jovem tão de repente que ela se encolheu... se encolheu e mancou um pouco sobre aquele tornozelo ferido. O sangue de Elide brotara vermelho em vez do negro fétido que indicava possessão por valg, mas ainda não explicava como tinha conseguido intimidar aquele ilken até a submissão.

— Aonde vamos? — perguntou ela, procurando o cantil dentro da bolsa. Lorcan esperou as lágrimas, as orações e as súplicas. Mas a jovem apenas desenroscou a tampa do recipiente envolto em couro e tomou um grande gole. Então, para sua surpresa, lhe ofereceu um pouco.

Ele não aceitou. A menina apenas bebeu de novo.

— Vamos até o limite da floresta... ao rio Acanthus.

— Onde... onde estamos? — A hesitação dizia o bastante: a garota calculara o risco de revelar a própria vulnerabilidade com aquela pergunta... e decidira que estava desesperada demais pela resposta.

— Qual é seu nome?

— Marion. — Ela o encarou com um tipo de determinação imóvel que fez com que Lorcan inclinasse a

cabeça.

Uma resposta por outra.

— Estamos no meio de Adarlan. Você estava a cerca de um dia de caminhada do rio Avery — disse ele.

Marion piscou. Lorcan se perguntou se ela sequer sabia daquilo... ou se considerara como atravessaria o imenso corpo d'água que reivindicara navios capitaneados pelos homens e mulheres mais experientes.

— Estamos fugindo, ou posso me sentar um momento? — perguntou a jovem, então.

O semifeérico ouviu os ruídos da floresta em busca de sinais de perigo, depois indicou com o queixo.

Ela suspirou ao se sentar no musgo e nas raízes, em seguida o avaliou.

— Achei que todos os feéricos estivessem mortos. Até mesmo os semifeéricos.

— Sou de Wendlyn. E você — disse ele, erguendo levemente as sobrancelhas — é de Morath.

— Não de lá. *Fugindo* de lá.

— Por que... e como?

Os olhos semicerrados de Marion disseram o bastante: ela sabia que Lorcan ainda não acreditava nela, não completamente, com ou sem sangue vermelho. Contudo, não respondeu, em vez disso, se curvou sobre as pernas para

desamarrar uma bota. Os dedos tremiam um pouco, mas ela abriu os cadarços, arrancou o sapato, retirou a meia e puxou a calça de couro para revelar...

Merda. Lorcan já vira muitos corpos destruídos, causara muita destruição também, mas raramente os deixava tão malcuidados. A perna de Marion era uma confusão de cicatrizes e ossos retorcidos. E logo acima do tornozelo deformado, onde grilhões sem dúvida estiveram, havia ferimentos ainda se curando

— Aliados de Morath costumam estar inteiros. Sua magia negra certamente poderia curar uma aleijada... e certamente não teriam utilidade para uma — comentou ela, baixinho.

Era por isso que seu coxear quase não a atrapalhava. Tivera anos para treinar, segundo indicavam as cores das cicatrizes.

Marion desceu a perna da calça de novo, mas deixou o pé exposto, massageando-o enquanto sibilava entre dentes.

Lorcan sentou em um tronco caído a poucos centímetros de distância e tirou a própria bolsa para vasculhá-la.

— Diga o que sabe sobre Morath — exigiu ele, jogando para Marion uma lata de sálvia de Doranelle.

A garota a encarou, aqueles olhos atentos entendendo o

que ele era, de onde era e o que a lata provavelmente continha. Quando ergueu o olhar para o rosto de Lorcan, assentiu silenciosamente, concordando com a oferta: o alívio da dor por respostas. Marion destampou o frasco, e o semifeérico notou a forma como a boca se entreabriu ao inspirar as ervas pungentes.

Dor e prazer dançaram pelo rosto da menina, então ela começou a esfregar a sálvia nos velhos ferimentos.

E falou conforme trabalhava.

Ela contou a Lorcan sobre o esquadrão das Dentes de Ferro, sobre a Líder Alada e as Treze, sobre os exércitos acampados em torno da Fortaleza na montanha, sobre os lugares onde apenas gritos ecoavam, sobre as inúmeras forjas e os ferreiros. Marion descreveu a própria fuga: não sabia como, sem aviso, o castelo havia explodido. Vendo aquilo como uma chance, disfarçara-se com o traje de uma bruxa, pegando a bolsa de uma delas e correndo. Em meio ao caos, ninguém a tinha perseguido.

— Estou fugindo há semanas — explicou ela. — Aparentemente, mal cobri metade da distância.

— Para onde?

Marion olhou para o norte.

— Terrasen.

Lorcan conteve um grunhido.

— Não está perdendo muito.

— Tem notícias de lá? — perguntou ela, com um olhar alarmado.

— Não — respondeu ele, dando de ombros. Marion terminou de esfregar o pé e o tornozelo. — O que há em Terrasen? Família? — Ele não perguntou por que a menina fora levada para Morath. Não estava muito interessado em ouvir aquela história triste. Todos tinham uma, aprendera Lorcan.

O rosto da jovem se contraiu.

— Tenho uma dívida com uma amiga, alguém que me ajudou a fugir de Morath. Ela me incumbiu de encontrar alguém chamada Celaena Sardothien. Então essa é minha primeira tarefa: descobrir quem ela é e onde está. Terrasen parece um lugar melhor para começar que Adarlan.

Nenhum ardil, nenhum indício de que aquele encontro era qualquer coisa que não acaso.

— Depois — continuou a garota, o brilho nos olhos crescendo — preciso encontrar Aelin Galathynius, a rainha de Terrasen.

Foi difícil para Lorcan não colocar a mão na espada.

— Por quê?

Marion olhou em sua direção, como se de alguma forma tivesse esquecido que o guerreiro estava ali.

— Ouvi um boato de que ela está levantando um exército para impedir aquele em Morath. Planejo oferecer meus serviços.

— Por quê? — indagou Lorcan de novo. Além da esperteza que a mantivera longe das garras do ilken, ele não via outro motivo para que a rainha vadia precisasse da garota.

A boca farta de Marion se contraiu.

— Porque sou de Terrasen e acreditei na morte de minha rainha. E agora ela está viva, lutando, então lutarei a seu lado. Para que nenhuma outra jovem seja tirada do lar e levada até Morath para ser esquecida.

Lorcan considerou contar à jovem o que sabia: suas duas tarefas eram uma. Mas isso levaria a perguntas, e ele não estava disposto...

— Por que quer ir a Morath? — perguntou ela. — Todos estão fugindo de lá.

— Fui enviado por minha senhora para impedir a ameaça que aquele lugar representa.

— Você é apenas um homem... macho. — Não era um insulto, mas o guerreiro a encarou com superioridade mesmo assim.

— Tenho minhas habilidades, como você tem as suas.

Os olhos da jovem se voltaram para as mãos do

semifeérico, cobertas de sangue negro seco. Ele se perguntou, no entanto, se a menina imaginava a magia que irrompera dali.

Lorcan esperou que Marion perguntasse mais, porém ela calçou a meia, então a bota e amarrou o cadarço.

— Não deveríamos descansar por muito tempo.

De fato.

A menina se levantou devagar, encolhendo um pouco o corpo, mas lançou uma expressão de gratidão na direção da perna. Lorcan tomou aquilo como resposta suficiente sobre a eficiência da sálvia. Ela se abaixou para pegar a lata, e a cortina de cabelos escuros deslizou sobre seu rosto. Em algum momento, os fios tinham se soltado da trança.

A garota se levantou e atirou a lata a Lorcan, que a pegou com uma das mãos.

— O que faremos depois de chegarmos ao Acanthus?

Lorcan guardou a lata no bolso do manto.

— Há inúmeras caravanas de mercadores e circos sazonais perambulando pelas planícies, passei por muitos a caminho daqui. Algumas podem até estar tentando cruzar o rio. Iremos com uma delas. Ficaremos escondidos. Depois de atravessarmos e caminharmos o suficiente pelos campos, você irá para o norte; eu seguirei para o sul.

Os olhos de Marion se semicerraram levemente, e ela

indagou:

— Por que sequer viajar comigo?

— Há mais detalhes com relação ao interior de Morath que quero ouvir. Eu a manterei longe do perigo, e você os fornecerá a mim.

O sol começou a descida final, banhando o bosque em ouro. Marion franziu a testa levemente.

— Você jura? Que vai me proteger?

— Não a deixei para os ilken hoje, não foi?

Ela o encarou com uma clareza e uma franqueza que o fizeram hesitar.

— Jure.

Ele revirou os olhos.

— Prometo. — A garota não fazia ideia de que, durante os últimos cinco séculos, promessas eram a única moeda que Lorcan realmente usava como troca. — Não a abandonarei.

Marion assentiu, parecendo satisfeita.

— Então contarei o que sei.

Lorcan começou a se dirigir para o leste, jogando a bolsa por cima do ombro.

Mas a jovem disse:

— Vão nos caçar a cada encruzilhada, revistando carruagens. Se conseguiram me encontrar aqui, me encontrarão em qualquer estrada principal.

E encontrariam Lorcan também, se as bruxas ainda quisessem seu sangue.

— Tem alguma ideia para contornar isso? — perguntou o guerreiro.

Um leve sorriso dançou pela boca em formato de botão de rosas, apesar dos horrores dos quais tinham escapado e dos momentos de tormento no bosque.

— Talvez.

# 11

Manon Bico Negro aterrissou em Morath mais que pronta a cortar gargantas.

Tudo acabara em merda.

Tudo.

Ela acabara com aquela vadia das Pernas Amarelas e sua serpente alada, salvara o rei de olhos cor de safira e observara enquanto o príncipe feérico massacrara aquelas quatro outras sentinelas Pernas Amarelas.

Cinco. Cinco bruxas Pernas Amarelas estavam mortas, pelas mãos de Manon ou por omissão. Cinco membros da aliança de Iskra.

No fim, mal participara da destruição de Forte da Fenda, deixando-a para as demais. Mas de novo vestira o elmo coroado e ordenara que Abraxos voasse para a mais

alta torre do castelo de pedra e rugisse vitória... e comando.

Mesmo nas distantes muralhas brancas da cidade, enquanto dilaceravam guardas e pessoas em fuga, as serpentes aladas tinham parado à ordem de Abraxos de sentido. Nenhuma aliança desobedecera.

As Treze encontraram Manon momentos depois. Ela não contara às bruxas o que acontecera, mas tanto Sorrel quanto Asterin a encaravam de perto: a primeira na inspeção por quaisquer cortes ou ferimentos recebidos durante o "ataque" que a Líder Alada alegara ter ocorrido, a última porque estivera com Manon no dia em que haviam voado para Forte da Fenda e pintado uma mensagem com sangue valg para a rainha de Terrasen.

Com as Treze empoleiradas nas torres do castelo, algumas deitadas sobre elas como gatos ou serpentes, Manon esperara por Iskra Pernas Amarelas.

Enquanto seguia, então, pelos corredores escuros e fétidos de Morath, o elmo coroado enfiado sob o braço, Asterin e Sorrel ao encalço, Manon repassava a conversa mais uma vez.

Iskra aterrissara no único espaço disponível: uma parte mais baixa de telhado, sob Manon. O posicionamento fora intencional.

Os cabelos castanhos da bruxa tinham se soltado da

trança apertada, e o rosto arrogante estivera manchado de sangue humano enquanto a bruxa berrara para Manon:

— *Essa vitória era minha.*

Com o rosto oculto em sombras sob o elmo, a Líder Alada retrucara:

— A cidade é minha.

— Forte da Fenda era *minha* para ser tomada, você devia apenas supervisionar. — Um lampejo de dentes de ferro. Na torre à direita de Manon, Asterin grunhira em aviso. Iskra lançara os olhos escuros para a sentinela loira e rugira de novo. — Tire seu bando de vadias de minha cidade.

Manon olhara Fendir, a serpente alada macho da Pernas Amarelas, de cima a baixo.

— Já deixou marcas suficientes. Seu trabalho foi notado.

Iskra tremera de ódio. Não pelas palavras.

O vento havia mudado, soprando em sua direção.

Soprando o cheiro de Manon para ela.

— Quem? — questionara Iskra, fervilhando. — *Quem das minhas você assassinou?*

A herdeira Bico Negro não hesitara, não permitira que um lampejo de arrependimento ou de preocupação transparecesse.

— Por que eu deveria saber seu nome? Ela me atacou

quando me aproximei de minha presa, querendo pegar o rei para si e disposta a atacar uma herdeira por isso. Mereceu a punição. Principalmente porque a presa fugiu enquanto eu lidava com ela.

*Mentirosa mentirosa mentirosa.*

Então Manon exibira os dentes de ferro, a única parte do rosto visível sob o elmo coroado.

— Quatro outras jazem mortas dentro do castelo, assassinadas pelas mãos do príncipe feérico que foi resgatar o rei enquanto *eu* cuidava de sua vadia descontrolada. Considere-se sortuda, Iskra Pernas Amarelas, por eu não lhe imputar tal perda também.

O rosto bronzeado de Iskra tinha ficado pálido. Ela analisara a Líder Alada, com todas as Treze reunidas, e falara:

— Faça o que quiser com a cidade. É sua. — Um lampejo de sorriso surgira quando Iskra erguera a mão, indicando Manon. As Treze ficaram tensas ao seu redor, as flechas silenciosamente a postos, apontadas para a herdeira das Pernas Amarelas. — Mas *você*, Líder Alada... — Aquele sorriso ficara mais largo conforme Iskra puxava as rédeas da serpente alada, preparando-se para tomar os céus. — Você é uma mentirosa, *Assassina de Bruxas*.

Então ela partira.

Disparando não para a cidade, mas para o céu.

Em minutos, sumira de vista... voando para Morath.

Para a avó de Manon.

De volta à Fortaleza, a Líder Alada olhava para Asterin, então para Sorrel, conforme elas reduziam a velocidade e paravam antes de virar em uma esquina que levaria à câmara do conselho de Erawan. Onde Manon sabia que Iskra e a avó e as demais Matriarcas estariam à espera. De fato, um olhar para o outro lado revelou as terceiras e quartas na hierarquia de várias alianças montando guarda, entreolhando-se com tanta suspeita quanto os homens inexpressivos a postos ao lado das portas duplas.

— Isso vai ser caótico — disse Manon à imediata e à terceira no comando.

— Lidaremos com isso — assegurou Sorrel, baixinho.

Manon segurou o capacete um pouco mais forte.

— Se não correr bem, deve pegar as Treze e partir.

— Não pode entrar aceitando a derrota, Manon. Negue até o último suspiro — sussurrou Asterin. Se tinha percebido que a herdeira matara aquela bruxa para salvar o inimigo, não deixou transparecer. A imediata indagou: — Para onde iríamos?

— Não sei e não me importo — respondeu Manon. —

Mas quando eu estiver morta, as Treze serão alvo de qualquer um que queira um ajuste de contas. — Uma lista muito, muito longa. Ela encarou a imediata de volta. — Tire-as daqui. A qualquer custo.

Elas se entreolharam, e Sorrel falou:

— Faremos como pede, Líder Alada.

Manon esperou... esperou por alguma objeção da imediata, mas os olhos pretos de Asterin estavam brilhando quando ela fez uma reverência com a cabeça e murmurou em concordância.

Um nó se soltou no peito da herdeira, que esticou os ombros uma vez antes de se virar. Mas Asterin segurou sua mão.

— Cuidado.

Manon pensou em responder que não fosse uma tola medrosa, mas... já vira do que a avó era capaz. Estava marcado na pele de Asterin.

Não entraria ali parecendo culpada, parecendo uma mentirosa. Não... faria Iskra rastejar no fim.

Então ela respirou fundo antes de retomar o ritmo acelerado de sempre, a capa vermelha oscilando atrás de si com um vento fantasma.

Todos encararam conforme elas se aproximaram. Mas isso era esperado.

A Líder Alada não ousou cumprimentar as terceiras e quartas reunidas, embora as tivesse avaliado pela visão periférica. Duas jovens da aliança de Iskra. Seis mais velhas, os dentes de ferro salpicados de ferrugem, de alianças das Matriarcas. E...

Havia duas jovens sentinelas no corredor, com faixas trançadas de couro índigo na testa.

Petrah Sangue Azul viera também.

Se as herdeiras e as Matriarcas estavam todas reunidas...

Manon não tinha lugar para medo no coração vazio.

Ela escancarou as portas, e Asterin a seguiu enquanto Sorrel ficou para trás, se juntando às demais no corredor.

Ao entrar, dez bruxas se viraram em sua direção. Erawan não estava à vista.

E, embora a avó de Manon estivesse no centro de onde todas se posicionavam na sala, com a própria imediata contra a parede de pedra ao fundo em fila com as outras quatro imediatas reunidas, a atenção da jovem bruxa foi até a herdeira de cabelos dourados.

Até Petrah.

Manon não via a herdeira Sangue Azul desde o dia dos Jogos de Guerra, quando a salvara de uma queda certamente mortal. Salvara-lhe a vida, mas fora incapaz de salvar a serpente alada de Petrah — cuja garganta fora dilacerada

pelo macho de Iskra.

A herdeira Sangue Azul estava ao lado da mãe, Cresseida, ambas altas e magras. Havia uma coroa de estrelas de ferro sobre a testa pálida da Matriarca; seu rosto estava indecifrável.

Diferente do de Petrah. Cautela... aviso brilhava naqueles olhos azuis profundos. Ela usava o couro de montaria, um manto azul-marinho pendia de presilhas de bronze nos ombros, e a trança dourada serpenteava sobre o peito. Petrah sempre fora esquisita, com a cabeça nas nuvens, mas aquele era o jeito das Sangue Azul. *Místicas, fanáticas, zelotes* eram alguns dos termos mais agradáveis usados para descrevê-las e sua adoração pela Deusa de Três Rostos.

Mas havia um vazio no rosto de Petrah que não estava ali meses antes. Diziam os boatos que a perda da serpente alada deixara a herdeira arrasada — que ela não saíra da cama durante semanas.

Bruxas não vestiam luto, porque bruxas não amavam o suficiente para permitir que a perda as arrasasse. Mesmo que Asterin, agora posicionada ao lado da imediata da Matriarca Bico Negro, tivesse provado o contrário.

Petrah acenou, um leve movimento do queixo; mais que um mero reconhecimento de uma herdeira para outra.

Manon se virou na direção da avó antes que alguém notasse.

A avó de Manon vestia a túnica preta volumosa, os cabelos negros estavam trançados sobre a coroa em sua cabeça. Como a coroa que a avó ambicionava para ambas — para si e para Manon. *Grã-Rainhas do Deserto*, prometera a Matriarca certa vez a Manon. Mesmo que significasse entregar cada bruxa naquela sala.

Manon fez uma reverência para a avó, para as outras duas Matriarcas reunidas.

Iskra grunhiu ao lado da Matriarca das Pernas Amarelas, uma velha anciã, de costas curvas, com pedaços de carne do almoço ainda nos dentes. Manon fixou um olhar frio para a herdeira quando esticou o corpo.

— Três reunidas — começou a avó de Manon, e cada osso do corpo de Manon enrijeceu. — Três Matriarcas para honrar os três rostos de nossa Mãe. — Donzela, Mãe, Idosa. Era por isso que a Matriarca das Pernas Amarelas era sempre anciã, por isso a das Bico Negro era sempre uma bruxa no apogeu, e por isso Cresseida, a Matriarca das Sangue Azul, ainda parecia jovem e bela.

Mas Manon não se importava com aquilo. Não quando as palavras eram pronunciadas.

— A Foice da Velha pende sobre nós — entoou Cresseida. — Que seja a lâmina da justiça da Mãe.

Aquilo não era uma reunião.

Era um julgamento.

Iskra começou a sorrir.

Como se um fio se trançasse entre elas, Manon podia sentir Asterin esticando o corpo atrás de si, sentiu a imediata se preparando para o pior.

— Sangue pede sangue — disse em voz rouca a idosa Pernas Amarelas. — Decidiremos o quanto é devido.

Manon se manteve parada, sem ousar mostrar uma gota de medo, de trepidação.

Julgamentos de bruxas eram brutais, precisos. Em geral, problemas eram resolvidos com os três golpes; na face, nas costelas e no estômago. Raramente, apenas nas mais graves circunstâncias, as três Matriarcas se reuniam para exercer julgamento.

— Você é acusada, Manon Bico Negro, de abater uma sentinela Pernas Amarelas sem provocação além do próprio orgulho — declarou a avó de Manon.

Os olhos de Iskra estavam verdadeiramente incandescentes.

— E, como a sentinela era parte da aliança da herdeira das Pernas Amarelas, é também um crime contra Iskra. — O rosto da avó estava contraído de ódio, não pelo que Manon fizera, mas porque tinha sido pega. — Por

negligência ou por erro de cálculo, as vidas de quatro outros membros da aliança foram encerradas. Esse sangue também mancha suas mãos. — Os dentes de ferro da avó de Manon brilhavam à luz das velas. — Nega essas acusações?

Manon manteve as costas retas, olhou cada uma delas nos olhos.

— Não nego que matei a sentinela de Iskra quando ela tentou reivindicar meu prêmio de direito. Não nego que as outras quatro foram massacradas pelo príncipe feérico. Mas nego qualquer má-fé de minha parte.

Iskra sibilou.

— Dá para sentir o cheiro do sangue de Zelta nela... o cheiro de medo e de *dor*.

Manon riu com escárnio.

— Você sente esse cheiro, Pernas Amarelas, porque sua sentinela tinha o coração de uma covarde e atacou outra irmã de guerra. Quando percebeu que não venceria nossa luta, já era tarde demais para ela.

O rosto de Iskra se contorceu de fúria.

— *Mentirosa...*

— Conte-nos, Bico Negro — falou Cresseida —, o que aconteceu em Forte da Fenda há três dias.

E Manon contou.

E pela primeira vez durante o século de sua miserável

existência, mentiu para as anciãs. Teceu uma tapeçaria exótica de falsidades, *acreditando* nas histórias que contava. E, quando terminou, gesticulou para Iskra Pernas Amarelas.

— É do conhecimento de todas que a herdeira Pernas Amarelas há muito cobiça minha posição. Talvez tenha corrido de volta à Fortaleza a fim de atirar acusações contra mim e roubar meu lugar como Líder Alada, assim como a sentinela tentou roubar minha presa.

Iskra fervilhou de ódio, mas ficou de boca fechada. Petrah deu um passo adiante, no entanto, e falou:

— Tenho perguntas para a herdeira Bico Negro, se não for impertinência.

A avó de Manon parecia preferir ter as unhas arrancadas, mas as outras duas assentiram.

Manon esticou o corpo, preparando-se para o que quer que Petrah tinha em mente.

Os olhos azuis de Petrah estavam calmos quando encontraram o olhar de Manon.

— Você me consideraria inimiga ou rival?

— Eu a considero uma aliada quando a ocasião demanda, mas sempre uma rival, sim. — A primeira coisa verdadeira que Manon dissera.

— No entanto, me salvou da morte certa nos Jogos de Guerra. Por quê?

As outras Matriarcas se entreolharam, as expressões eram indecifráveis.

Manon ergueu o queixo.

— Porque Keelie lutou por você ao morrer. Não permitiria que sua morte fosse em vão. Não poderia oferecer menos a uma colega guerreira.

Ao som do nome da serpente alada morta, mágoa percorreu o rosto de Petrah.

— Lembra-se do nome dela?

Manon sabia que não era uma pergunta calculada. Mas assentiu mesmo assim.

Petrah olhou para as Matriarcas.

— Naquele dia, Iskra Pernas Amarelas quase me matou, e seu macho assassinou minha fêmea.

— Lidamos com isso — interrompeu Iskra, exibindo os dentes — e desconsideramos por ter sido acidental...

Petrah ergueu a mão.

— Não terminei, Iskra Pernas Amarelas.

Nada além de aço cruel naquelas palavras quando Petrah se dirigiu à outra herdeira. Uma pequena parte de Manon ficou feliz por não estar do lado que recebeu as palavras.

Iskra viu que negócios inacabados aguardavam naquele tom de voz e recuou.

Petrah abaixou a mão.

— Manon Bico Negro teve a chance de me deixar morrer naquele dia. A escolha mais fácil teria sido me deixar morrer, e não seria acusada como é agora. Mas arriscou a vida, e a vida da montaria, para me poupar da morte.

Uma dívida de vida... era isso que pairava entre as duas. Será que Petrah pensava em pagar a dívida ao falar em favor de Manon agora? Manon conteve o escárnio.

— Não entendo por que Manon Bico Negro me salvaria apenas para, mais tarde, se voltar contra as irmãs Pernas Amarelas — continuou Petrah. — Vocês a coroaram Líder Alada pela obediência, disciplina e brutalidade, não deixem que o ódio de Iskra Pernas Amarelas amorteça as qualidades que viram em Manon então, e as quais ainda se sobressaem hoje. Não percam sua Líder Alada por causa de um mal-entendido.

As Matriarcas, de novo, se entreolharam conforme Petrah fez uma reverência, recuando para o lugar à direita da mãe. Mas as três bruxas continuaram aquela discussão velada entre elas. Até que a avó de Manon deu um passo adiante, as outras duas recuando — concedendo a ela a decisão. Manon quase se curvou de alívio.

Encurralaria Petrah da próxima vez que a herdeira fosse tola o bastante para sair sozinha, faria com que admitisse por que tinha falado em favor de Manon.

O olhar preto e dourado da avó de Manon era severo. Sem misericórdia.

— Petrah Sangue Azul disse a verdade.

Aquele fio tenso, repuxado, entre Manon e Asterin também se afrouxou.

— Seria um desperdício perder nossa Líder Alada obediente e *fiel*.

Manon tinha sido espancada antes. Podia suportar o punho da avó de novo.

— Por que a herdeira do clã Bico Negro daria a vida por aquela de uma mera sentinela? Líder Alada ou não, ainda é a palavra de herdeira contra herdeira neste assunto. Mas o sangue mesmo assim foi derramado. E sangue deve ser pago.

Manon segurou o elmo de novo. A avó deu um pequeno sorriso.

— O sangue derramado deve ser igual — entoou a avó de Manon. Sua atenção se voltou para trás do ombro de Manon. — Então você, Neta, não morrerá por isso. Mas uma de suas Treze, sim.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, Manon provou o sabor do medo, da impotência humana quando a avó disse, com triunfo iluminando os olhos anciões:

— Sua imediata, Asterin Bico Negro, pagará a dívida de

sangue entre nossos clãs. Ela morre amanhã, ao nascer do sol.

# 12

Sem Evangeline para atrasá-los, Aelin, Aedion e Lysandra viajaram quase sem descanso conforme se arrastavam para a costa.

Aelin permaneceu na forma feérica para acompanhar Aedion, que ela relutantemente admitiu ser, de longe, o melhor cavaleiro, enquanto Lysandra se transformava em várias formas de pássaros para reconhecer o terreno adiante em busca de perigos. Rowan a ensinara como fazê-lo, que coisas notar e o que evitar ou olhar mais de perto, enquanto estavam na estrada nas últimas semanas. Mas Lysandra não encontrou muito para relatar do céu, e Aelin e Aedion encontraram poucos perigos em terra conforme cruzaram os vales e as planícies baixas de Terrasen.

Pouco restava do território que um dia fora tão rico.

Aelin tentou não pensar muito naquilo — nas propriedades nuas, nas fazendas abandonadas, no povo pálido com que se deparavam ao se aventurarem pelas cidades, cobertos com mantos e disfarçados, atrás de suprimentos desesperadamente necessários. Embora tivesse enfrentado a escuridão e surgido cheia de luz, uma voz sussurrava a seu ouvido: *Você fez isso, você fez isso, você fez isso.*

Aquela voz amiúde parecia ter os tons gélidos de Weylan Darrow.

A jovem deixara moedas de ouro ao passar; escondidas sob uma caneca de chá aguado oferecido a ela e a Aedion em uma manhã tempestuosa; soltas na caixa do pão de um fazendeiro que lhes dera fatias, além de um pouco de carne para o então falcão Lysandra; colocadas na gaveta de moedas de um dono de estalagem, gentil em oferecer uma tigela de ensopado a mais, por conta da casa, ao ver o quão rapidamente devoraram os almoços.

Mas aquele ouro não suavizou o coração partido de Aelin... aquela voz horrível que lhe perseguia os pensamentos, acordada e sonhando.

Ao chegarem à antiga cidade portuária de Ilium uma semana depois, ela havia parado de deixar ouro para trás.

Começara a ter a sensação de que mais parecia um suborno. Não para o povo, que não fazia ideia da presença

de Aelin entre eles, mas para a própria consciência.

Por fim, as planícies verdes deram lugar a quilômetros rochosos e áridos de litoral, antes de surgir a cidade envolta em muralhas brancas, localizada entre o revolto mar turquesa e a ampla abertura do rio Florine, serpenteando continente adentro até Orynth. A cidade de Ilium era tão antiga quanto a própria Terrasen e provavelmente já teria sido esquecida por mercadores e pela história, não fosse pelo templo em ruínas no limite nordeste, que atraía peregrinos suficientes para mantê-la próspera.

O Templo da Pedra, como era chamado, tinha sido construído em torno da mesma rocha na qual Brannon pisou ao sentar pés pela primeira vez no continente, antes de subir o Florine, velejando até a nascente do rio na base das montanhas Galhada do Cervo. Como o Povo Pequenino soubera de que modo representar o templo, Aelin não fazia ideia.

O templo volumoso e amplo fora erguido sobre um penhasco pálido com vista imponente da bela e erodida cidade atrás da construção e do oceano infinito além — tão azul que lembrava Aelin das águas tranquilas do sul.

Águas para as quais Rowan e Dorian deveriam estar se dirigindo naquele momento, se tivessem tido sorte. Ela tentou não pensar naquilo também. Sem o príncipe feérico

ao lado, havia um silêncio terrível, interminável.

Era quase tão silencioso quanto as muralhas brancas da cidade... e o povo dentro dela. Encapuzados e armados até os dentes sob os mantos pesados, Aelin e Aedion cavalgaram pelos portões abertos, não mais que dois cautelosos peregrinos a caminho do templo. Disfarçados para manter sigilo; e também devido ao pequeno detalhe de Ilium estar sob ocupação de Adarlan.

Lysandra levara a notícia naquela manhã, depois de voar à frente, permanecendo em forma humana apenas o bastante para informá-los.

— Deveríamos ter ido para o norte, para Eldrys — murmurou Aedion, conforme cavalgaram por um aglomerado de sentinelas de expressões severas e que usavam armaduras de Adarlan; os soldados olharam para eles apenas para reparar no falcão de olhos atentos e bico afiado empoleirado no ombro de Aelin. Nenhum sequer notou o escudo escondido entre as bolsas da sela de Aedion, cuidadosamente encoberto pelas dobras de seu manto. Nem as espadas que ambos escondiam. Damaris permanecia onde Aelin a guardara durante as semanas na estrada: presa sob as pesadas bolsas que continham os antigos livros de feitiços *emprestados* da biblioteca real de Dorian em Forte da Fenda.

— Ainda podemos dar meia-volta.

A jovem olhou para ele com irritação sob as sombras do capuz.

— Se acha por um momento que vou deixar esta cidade nas mãos de Adarlan, pode ir para o inferno. — Lysandra emitiu um estalo com o bico em concordância.

O Povo Pequenino não estivera errado ao mandar a mensagem os guiando até ali, a representação do templo fora quase perfeita. Por meio de qualquer que fosse a magia que possuíam, tinham previsto a notícia muito antes de alcançar Aelin na estrada: Forte da Fenda realmente caíra, o rei sumira e a cidade fora saqueada por bruxas. Encorajado por isso, assim como pelo boato de que *ela* não tomaria de volta o trono, pois também estava em fuga, o Lorde de Meah, pai de Roland Havilliard e um dos lordes mais poderosos de Adarlan, marchara com as tropas para atravessar as fronteiras de Terrasen. E reivindicara aquele porto para si.

— Cinquenta soldados estão acampados aqui — avisou Aedion a Aelin e Lysandra.

A metamorfa apenas inflou as penas como se dissesse *E daí?*

O maxilar do general se contraiu.

— Acredite em mim, também quero acabar com eles.

Mas...

— Não vou me esconder em meu próprio reino — interrompeu a prima. — E não vou partir sem mandar um lembrete de a quem esta terra pertence.

Aedion se manteve calado conforme dobraram uma esquina, seguindo para a pequena estalagem à beira-mar que Lysandra também reconhecera naquela manhã. Do lado oposto do templo na cidade.

O templo que os soldados tinham a *audácia* de usar como quartel.

— A questão aqui é mandar uma mensagem para Adarlan ou Darrow? — perguntou Aedion, por fim.

— A questão é libertar meu povo, que já lidou com esses merdas de Adarlan por tempo de mais — disparou Aelin, fazendo a égua parar diante do pátio da estalagem. As garras de Lysandra se enterraram no ombro da amiga em concordância silenciosa. A poucos metros além do muro erodido, o mar reluzia com um forte tom de safira. — Agimos ao anoitecer.

Aedion permaneceu quieto, o rosto parcialmente escondido, conforme o dono da estalagem saía às pressas e eles garantiam um quarto para a noite. Aelin deixou que o primo ficasse um pouco emburrado e controlou sua magia. Não libertara nada naquela manhã, pois queria força total

para o que estavam prestes a fazer à noite, mas o esforço lhe dava puxões, um comichão sem alívio, uma pontada que não conseguia abrandar.

Apenas quando estavam entocados no minúsculo aposento de duas camas, com Lysandra empoleirada no batente da janela, Aedion falou:

— Aelin, sabe que ajudarei, sabe que quero esses desgraçados fora daqui. Mas o povo de Ilium vive aqui há séculos, ciente de que em uma guerra são o primeiro alvo.

E aqueles soldados poderiam facilmente retornar assim que saíssem, ele não precisou acrescentar.

Lysandra bicou a janela; um pedido silencioso. Aelin caminhou até ela e abriu a janela para que a brisa entrasse.

— Símbolos têm poder, Aedion — comentou ela, observando a metamorfa abrir as asas salpicadas. Lera livros e mais livros sobre isso durante aquela ridícula competição em Forte da Fenda.

O general riu com escárnio.

— Eu sei. Acredite em mim, eu os empunho em vantagem própria o máximo que posso. — Aedion bateu no punho de osso da Espada de Orynth para dar ênfase. — Pensando bem, falei exatamente o mesmo a Dorian e Chaol. — Ele balançou a cabeça ao se lembrar.

Aelin apenas se recostou ao batente da janela.

— Ilium costumava ser a fortaleza dos mycenianos.

— Os mycenianos não passam de um mito, foram banidos há trezentos anos. Se está procurando um símbolo, estão um pouco ultrapassados, além de serem controversos.

Ela sabia disso. Os mycenianos tinham um dia governado Ilium não como nobreza, mas como senhores do crime. E durante alguma guerra antiga, sua frota letal fora tão crucial na vitória que tinham sido legitimados por qualquer que fosse o rei na época. Mas então foram exilados séculos depois, quando se recusaram a ajudar Terrasen em outra guerra.

O olhar de Aelin encontrou os olhos verdes de Lysandra enquanto a metamorfa abaixou as asas, suficientemente refrescadas. Estivera distante durante aquela semana na estrada, preferindo penas ou pelo a pele. Talvez porque algum pedaço de seu coração estivesse cavalgando para Orynth com Ren e Murtaugh no momento. Aelin acariciou a cabeça sedosa da amiga.

— Os mycenianos abandonaram Terrasen para não morrer em uma guerra na qual não acreditavam.

— E debandaram e sumiram logo depois disso, para nunca mais serem vistos — replicou Aedion. — Aonde quer chegar? Acha que libertar Ilium os convocará de novo? Eles se foram há muito tempo, Aelin, e levaram junto os dragões

marinhos.

De fato, não havia sinal em lugar algum naquela cidade da lendária frota e dos guerreiros que velejaram para guerras em mares distantes e violentos, que tinham defendido aquelas fronteiras com o próprio sangue derramado nas ondas além das janelas. E com o sangue dos dragões marinhos... tanto aliados quanto armas. Apenas quando o último dos dragões morrera, de coração partido por ser banido das águas de Terrasen, os mycenianos foram realmente perdidos. E apenas quando os dragões marinhos retornassem, os mycenianos também voltariam para casa. Ou assim diziam as antigas profecias.

Aedion começou a remover as lâminas sobressalentes escondidas nas bolsas das selas, exceto por Damaris, e as prendeu ao corpo, uma a uma. Ele verificou duas vezes a faca de Rowan, presa e segura na lateral do corpo, antes de dizer a Aelin e Lysandra, ainda à janela:

— Sei que vocês duas têm a opinião de que nós, homens, estamos aqui para lhes alegrar os olhos e saciar paladares, mas *sou* um general de Terrasen. Precisamos encontrar um exército de verdade, e não passar o tempo caçando fantasmas. Se não levarmos um esquadrão para o norte até o meio do outono, as tempestades de inverno o manterão isolado por terra e por mar.

— Se é tão versado em símbolos que possuem poderes, Aedion — retrucou Aelin. — Então sabe por que Ilium é vital. Não podemos permitir que Adarlan a controle. Por uma dezena de motivos. — A jovem tinha certeza de que o primo já calculara todos eles.

— Então retome a cidade — desafiou ele. — Mas precisamos velejar ao amanhecer. — Os olhos de Aedion se semicerraram. — O templo. A questão também é terem invadido o local, não?

— Aquele templo é meu direito de nascença — declarou a jovem. — Não posso permitir que tal insulto fique sem punição. — Ela deu de ombros. Revelar os planos, se explicar... Levaria um tempo para se acostumar com aquilo. Mas prometera tentar ser mais... aberta com relação às maquinações. E pelo menos naquele assunto podia ser. — Tanto por Adarlan quanto por Darrow. Não se algum dia for reivindicar meu trono.

Aedion considerou. Então bufou, um indício de sorriso se estampava em seu rosto.

— Uma rainha sem contestação, não apenas por sangue, mas também por lendas. — O rosto permaneceu contemplativo. — Seria uma rainha sem contestação se conseguisse fazer com que a chama do rei florescesse de novo.

— Pena que Lysandra só possa transformar a si, e não as coisas — ponderou Aelin. A amiga estalou com o bico em concordância, inflando as penas.

— Dizem que a chama do rei floresceu uma vez durante o reinado de Orlon — refletiu Aedion. — Apenas uma flor, encontrada na floresta de Carvalhal.

— Eu sei — afirmou Aelin, baixinho. — Ele a mantinha prensada em vidro sobre a mesa. — Ela ainda se lembrava da pequena flor vermelha e laranja, de formato tão simples, mas tão vibrante que sempre a deixara sem fôlego. Florescera em campos e montanhas de todo o reino no dia em que Brannon colocara os pés naquele continente. E durante séculos depois, se uma flor solitária fosse encontrada, o monarca da época era considerado abençoado, o reino verdadeiramente em paz.

Antes de a flor ser encontrada na segunda década do reinado de Orlon, a última fora vista havia 95 anos. Aelin engoliu em seco.

— Por acaso Adarlan...

— Darrow a tem — respondeu Aedion. — Foi a única coisa de Orlon que ele conseguiu pegar antes de os soldados tomarem o palácio.

Ela assentiu, e a magia estremeceu em resposta. Até a Espada de Orynth tinha caído nas mãos de Adarlan, mas

Aedion a conquistara de volta. Sim, seu primo entendia, talvez mais que qualquer outro, o poder de representação de um único símbolo. Como a perda ou a reivindicação de um ícone podia destruir ou reunir um exército, um povo.

Bastava... *bastava* de destruição e dor infligidas ao reino de Aelin.

— Vamos — disse ela para Lysandra e Aedion, seguindo para a porta. — Melhor comermos antes de abrirmos as portas do inferno.

# 13

Fazia um bom tempo desde que Dorian vira tantas estrelas.

Muito atrás deles, a fumaça ainda manchava o céu, a neblina iluminada pela lua crescente. Pelo menos os gritos tinham sumido quilômetros antes. Assim como o bater das asas poderosas.

Sentado atrás do rei no esquife de um único mastro, o príncipe Rowan Whitethorn olhava a calma extensão negra do mar. Velejariam para o sul, impulsionados pela magia do guerreiro, até as ilhas Mortas. Ele tinha levado os dois rapidamente para a costa, onde não teve problemas em roubar aquele barco enquanto o dono se concentrava na cidade em pânico a oeste. E durante todo o tempo, Dorian ficara em silêncio, um inútil. Assim como fizera enquanto a cidade era destruída, e seu povo, assassinado.

— Você devia comer — aconselhou Rowan do outro lado do pequeno barco.

O rapaz olhou na direção da sacola de suprimentos que o feérico também roubara. Pão, queijo, maçãs, peixe seco... O estômago se revirou.

— Foi empalado por um espinho venenoso — lembrou Rowan, a voz não parecia mais alta que as ondas batendo contra o barco conforme o vento ágil os empurrava. — Sua magia foi drenada para mantê-lo vivo e caminhando. Precisa comer ou ela não se reabastecerá. — Uma pausa. — Aelin não o avisou sobre isso?

Dorian engoliu em seco.

— Não. Ela não teve muito tempo para me ensinar sobre magia. — Ele olhou para a traseira do barco, onde Rowan estava sentado com a mão apoiada no leme. Ver aquelas orelhas pontudas ainda era um choque, embora já conhecesse o macho havia meses. E aquele cabelo prateado...

Não era como o cabelo de Manon, branco puro de luar ou de neve.

O rapaz se perguntou o que teria acontecido com a Líder Alada... que matara por ele, que o poupara.

Ou melhor, não o poupara. Resgatara-o.

Dorian não era tolo. Sabia que a bruxa o fizera por quaisquer motivos que lhe fossem úteis. Era tão

desconhecida para ele quanto o guerreiro sentado na outra ponta do barco... ainda mais.

No entanto, aquela escuridão, aquela violência e a forma direta e honesta de ver o mundo... Não haveria segredos com ela. Nenhuma mentira.

— Precisa comer para manter suas forças — continuou Rowan. — Sua magia se alimenta de sua energia, se alimenta de *você*. Quanto mais descansado estiver, maior a força. Ainda mais importante, maior o controle. Seu poder é tanto parte de você quanto é uma entidade própria. Se deixado sozinho, ele o consumirá, usará *você* como uma ferramenta. — Um lampejo de dentes surgiu quando o guerreiro deu um sorriso. — Certa pessoa que conhecemos gosta de distribuir o poder, usar em coisas frívolas para distraí-lo. — Dorian conseguia sentir o olhar de Rowan como um golpe físico. — A escolha é sua do quanto permite que entre em sua vida, como o usa, mas fique tempo demais sem o controlar, Majestade, e ele o destruirá.

Um calafrio percorreu a coluna do rapaz.

E talvez fosse o mar aberto, ou as estrelas infinitas acima deles, mas Dorian falou:

— Não foi suficiente. Naquele dia... no dia em que Sorscha morreu, não foi suficiente para salvá-la. — Ele espalmou as mãos no colo. — Só quer destruição.

Silêncio caiu por tanto tempo que Dorian se perguntou se Rowan dormira. Ele não ousou perguntar quando o feérico havia dormido pela última vez; certamente comera o suficiente para um homem faminto.

— Eu não estava lá para salvar minha parceira quando ela foi assassinada também — confessou Rowan, por fim.

Dorian enrijeceu o corpo. Aelin contara bastante da história do príncipe, mas não aquilo. Ele supôs que o segredo e a dor não eram dela para que compartilhasse.

— Sinto muito — respondeu o rapaz.

Sua magia sentira o laço entre Aelin e Rowan; o laço que era mais profundo que sangue, que a magia de ambos, e Dorian presumira que era apenas porque eram parceiros, e não tinham anunciado a ninguém. Mas, se o guerreiro já tivera uma parceira e a perdera...

— Vai odiar o mundo, Dorian — continuou o guerreiro. — Vai se odiar. Odiará sua magia, e odiará qualquer momento tranquilo ou feliz. Mas eu tinha o luxo de estar em um reino em paz, e de não ter ninguém dependendo de mim. Você não.

O guerreiro mexeu no leme, ajustando o curso mais para mar aberto conforme a linha da costa se aproximava e os recebia, uma parede crescente de penhascos íngremes. Sabia que estavam viajando rapidamente, mas deviam estar quase a

meio caminho da fronteira sul... e seguindo muito mais rápido do que percebera sob o manto da escuridão.

Por fim, Dorian comentou:

— Sou o soberano de um reino partido. Meu povo não sabe quem o governa. E agora que estou fugindo... — Ele balançou a cabeça, exaustão lhe corroía os ossos. — Cedi meu reino a Erawan? O que... o que sequer *faço* agora?

O rangido do navio e a água correndo eram os únicos sons.

— Seu povo terá descoberto a esta altura que não estava entre os mortos. Cabe a você dizer a eles como interpretar o fato, se devem enxergar como se os tivesse abandonado, ou se devem enxergá-lo como um homem que está partindo em busca de ajuda para salvá-los. Deve deixar isso claro.

— Ao ir para as Ilhas Mortas.

Um aceno de cabeça.

— Não é de surpreender que Aelin tem uma história carregada com o lorde pirata. Mas você não. É de seu interesse fazer com que ele o veja como um aliado vantajoso. Aedion me contou que as Ilhas Mortas foram certa vez tomadas pelo general Narrok e diversas das forças de Erawan. Rolfe e sua frota fugiram, e, embora agora seja novamente governante de baía da Caveira, aquela desgraça pode seu bilhete de entrada. Convença-o de que não é filho

de seu pai, e também de que garantirá a Rolfe e aos piratas privilégios.

— Quer dizer transformá-los em corsários.

— Você tem ouro, nós temos ouro. Se prometer a Rolfe dinheiro e liberdade para saquear os navios de Erawan for garantir uma armada no sul, seríamos tolos de nos esquivar.

Dorian considerou as palavras do príncipe.

— Jamais conheci um pirata.

— Conheceu Aelin quando ela ainda fingia ser Celaena — declarou Rowan, sarcasticamente. — Posso prometer que Rolfe não será muito pior.

— Isso não é reconfortante.

Uma risada contida. Silêncio recaiu entre os dois de novo. Então o feérico falou:

— Sinto muito... por Sorscha.

Dorian deu de ombros, odiando-se pelo gesto, como se aquilo diminuísse o que Sorscha tinha significado, o quanto fora corajosa... especial.

— Sabe — começou ele —, às vezes queria que Chaol estivesse aqui... para me ajudar. Mas também fico feliz por ele não estar, por não se arriscar de novo. Fico feliz por estar em Antica com Nesryn. — Dorian observou o príncipe feérico, as linhas letais do corpo, a calma predatória com a qual se sentava, mesmo ao guiar o barco. — Poderia...

poderia me ensinar sobre magia? Não tudo, quero dizer, mas... o que puder, sempre que pudermos.

Rowan considerou por um momento, depois respondeu:

— Conheci muitos reis em minha vida, Dorian Havilliard. E era raro um homem que pedia ajuda quando precisava, que colocava o orgulho de lado.

O rapaz tinha quase certeza de que seu orgulho fora destruído sob as garras do príncipe valg.

— Ensinarei o máximo que puder antes de chegarmos a baía da Caveira — respondeu ele. — Lá podemos encontrar alguém que tenha escapado dos assassinos, alguém para instruí-lo melhor que eu.

— Você ensinou Aelin.

De novo, silêncio. Em seguida:

— Aelin é meu coração. Ensinei a ela o que sabia, e funcionou porque nossas magias se entendiam profundamente, assim como nossas almas. Você é... diferente. Sua magia é algo que raramente encontrei. Precisa de alguém que a entenda, ou pelo menos entenda como treiná-lo. Mas posso ensinar sobre controle; posso ensinar sobre se espiralar para dentro de seu poder e cuidar de si mesmo.

Dorian assentiu em agradecimento.

— Assim que conheceu Aelin, soube...?

Um riso irônico.

— Não. Pelos deuses, não. Queríamos nos matar. — A diversão tremeluziu. — Ela estava... em um lugar muito sombrio. Nós dois estávamos. Mas um ajudou o outro a sair de lá. Encontramos uma forma... juntos.

Por um segundo, Dorian apenas o encarou. Como se lesse sua mente, o guerreiro disse:

— Vai encontrar seu caminho também, Dorian. Vai encontrar um caminho para sair disso.

O príncipe não tinha as palavras certas para transmitir o que ia em seu coração, portanto suspirou para o céu estrelado e infinito.

— Para a baía da Caveira, então.

O sorriso de Rowan parecia um corte branco na escuridão.

— Para a baía da Caveira.

# 14

Vestindo o negro de batalha da cabeça aos pés, Aedion Ashryver se mantinha nas sombras da rua diante do templo enquanto observava a prima escalar o prédio ao lado.

Já haviam garantido passagem em um navio para a manhã seguinte, junto de outro navio mensageiro que velejaria para Wendlyn, levando cartas com pedidos de ajuda aos Ashryver, assinadas tanto por Aelin quanto pelo próprio Aedion. Porque o que tinham descoberto naquele dia...

Aedion tinha ido a Ilium o suficiente na última década para saber se virar. Normalmente, ele e a Devastação acampavam fora das muralhas da cidade, e se divertiam tanto nas tavernas que Aedion acabava vomitando no próprio capacete na manhã seguinte. Algo bem diferente do silêncio entorpecido enquanto ele e Aelin caminhavam pelas

ruas pálidas de terra, disfarçados e antissociais.

Em todas aquelas visitas à cidade, Aedion jamais se imaginou passeando por aquelas ruas com sua rainha; ou que o rosto da jovem estaria tão sério conforme observava o povo assustado e infeliz, as cicatrizes da guerra.

Nenhuma flor atirada em seu caminho, nenhum trompete lhes anunciando o retorno. Apenas o quebrar do mar, o uivo do vento e o sol forte acima. E o ódio que ondulava de Aelin quando via os soldados posicionados pela cidade...

Todos os estranhos eram tão observados que tiveram de tomar cuidado ao garantir o navio. Para a cidade, para o mundo, embarcariam no *Dama do verão* no meio da manhã, na direção norte, para Suria. Mas, em vez disso, entrariam às escondidas no *Trovador do vento* logo antes do alvorecer, para velejar para o sul quando amanhecesse. Tinham pago em ouro pelo silêncio do capitão.

E por informações. Estavam prestes a sair da cabine do homem quando ele disse:

— Meu irmão é mercador. Ele se especializa em mercadorias de terras distantes. Me trouxe notícias na semana passada de que navios foram vistos se reunindo na costa oeste do território feérico.

— Para velejarem para cá? — perguntara Aelin.

Ao mesmo tempo em que Aedion exigira saber:

— Quantos navios?

— Cinquenta... todos navios de guerra — respondera o capitão, olhando para os dois com cautela. Sem dúvida presumindo que eram agentes de uma das muitas coroas no jogo daquela guerra. — Um exército de guerreiros feéricos acampado na praia adiante. Pareciam esperar a ordem de velejar.

A notícia provavelmente se espalharia com rapidez. Deixaria o povo em pânico. Aedion fizera uma nota mental de enviar um aviso a seu imediato para que preparasse a Devastação para aquilo... e para rebater qualquer boato sem fundamento.

O rosto de Aelin empalidecera um pouco, e Aedion apoiou a mão firme no meio das costas da prima. Mas a rainha apenas esticou o corpo ao toque e perguntou ao capitão:

— Seu irmão teve a sensação de que a rainha Maeve se aliou a Morath, ou que vem ao auxílio de Terrasen?

— Nenhum dos dois — retrucara o capitão. — Ele estava apenas velejando por ali, mas se a armada estava exposta daquele jeito, duvido que fosse segredo. Não sabemos mais nada... talvez os navios fossem para outra guerra.

O rosto da rainha não mostrava nada sob a escuridão do capuz. Aedion forçou o dele a fazer o mesmo.

Exceto pelo fato de que a expressão de Aelin permaneceu daquele jeito durante toda a caminhada de volta, e durante as horas desde então, enquanto afiavam as armas e então voltavam de fininho para as ruas sob o manto da escuridão. Se Maeve realmente reunia um exército para lutar contra eles...

Aelin parou no alto do telhado, o cabo reluzente de Goldryn envolto em tecido para lhe esconder o brilho, e Aedion olhou entre a figura sombreada de Aelin e o vigia de Adarlan que patrulhava as muralhas do templo poucos metros abaixo.

Mas a prima se voltou para o oceano próximo, como se pudesse ver Maeve e a frota à espera. Se a cadela imortal tivesse se aliado a Morath... Certamente Maeve não seria tão burra. Talvez os dois governantes sombrios destruíssem um ao outro na luta por poder. E provavelmente destruiriam o continente no processo.

Mas um Rei Sombrio e uma Rainha Sombria unidos contra a Portadora do Fogo...

Precisavam agir com rapidez. Cortar uma das cabeças da cobra antes de lidar com a outra.

Tecido farfalhou sobre pele, e Aedion olhou para onde

Lysandra aguardava, atrás dele, o sinal de Aelin. Ela usava as roupas de viagem, um pouco gastas e sujas. Lysandra lia um livro de aparência antiga a tarde toda. *Criaturas esquecidas das profundezas*, ou como quer que se chamasse. Um sorriso repuxou os lábios do general enquanto se perguntava se Lysandra tinha pego emprestado ou roubado o volume.

A dama olhou para onde Aelin estava de pé no telhado, nada mais que uma sombra. Lysandra pigarreou e falou, baixo demais para qualquer um ouvir, tanto a rainha quanto os soldados do outro lado da rua:

— Ela aceitou o decreto de Darrow com tranquilidade demais.

— Eu dificilmente chamaria isso de tranquilo. — Mas Aedion sabia o que a metamorfa queria dizer. Desde que Rowan partira, desde que a notícia da queda de Forte da Fenda chegara, Aelin estivera apenas meio presente. Distante.

Os olhos verde-claros de Lysandra se fixaram no general.

— É a calmaria antes da tempestade, Aedion.

Cada um dos instintos predatórios do homem se arrepiou.

O olhar de Lysandra se voltou de novo para a silhueta esguia de Aelin.

— Uma tempestade está vindo. Uma grande tempestade.

Não eram as forças à espreita em Morath, não era Darrow tramando em Orynth, não era Maeve reunindo sua armada... mas a mulher naquele telhado, com as mãos apoiadas na borda enquanto se agachava.

— Não está com medo de...? — Aedion não conseguiu completar a frase. De alguma forma tinha se acostumado a ter a metamorfa como guarda-costas de Aelin, achara a ideia bastante atraente. Rowan à direita, Aedion à esquerda, Lysandra às costas: nada e ninguém chegaria à rainha.

— Não... não, nunca — respondeu ela. Algo relaxou no peito do general. — Mas quanto mais penso a respeito, mais... mais parece que foi tudo planejado, arranjado há muito tempo. Erawan teve décadas antes de Aelin nascer para atacar, décadas durante as quais ninguém com os poderes da rainha, ou os poderes de Dorian, existiu para desafiá-lo. No entanto, por destino ou sorte, ele age agora. No momento em que a Portadora do Fogo caminha sobre a terra.

— Aonde quer chegar? — Ele ponderara sobre tudo aquilo antes, durante as longas vigias na estrada. Era tudo assustador, impossível, mas... tanto na vida deles desafiava a lógica ou a normalidade. A metamorfa a seu lado

comprovava isso.

— Morath está libertando seus horrores — respondeu Lysandra. — Maeve se agita do outro lado do oceano. Duas deusas caminham lado a lado com Aelin. Mais que isso, Mala e Deanna a vigiaram durante toda a vida. Mas talvez não estivessem vigiando. Talvez estivessem... moldando-a. Para que um dia pudessem libertá-la também. E me pergunto se os deuses sopesaram os custos dessa tempestade. E consideraram que as perdas valeriam a pena.

Um calafrio percorreu a espinha de Aedion.

Lysandra continuou, tão silenciosamente que o general se perguntou se ela temia não que a rainha ouvisse, e sim os deuses.

— Ainda não vimos a extensão total da escuridão de Erawan. E acho que também ainda não vimos a extensão total do fogo de Aelin.

— Ela não é um peão sem vontade própria. — Aedion desafiaria os deuses, encontraria uma forma de matá-los caso ameaçassem Aelin, caso considerassem que aquelas terras eram um sacrifício justo para derrotar o Rei Sombrio.

— É realmente *tão* difícil assim concordar comigo ao menos uma vez?

— Eu nunca *discordo*.

— Sempre tem uma resposta para tudo. — Lysandra

balançou a cabeça. — É insuportável.

Ele sorriu.

— Bom saber que finalmente causo arrepios em sua pele. Ou seria em seus pelos?

Aquele rosto estonteantemente lindo se tornou completamente maligno.

— Cuidado, Aedion. Eu mordo.

O general se inclinou um pouco mais para perto. Sabia que havia limites com Lysandra... sabia que não podia ultrapassá-los nem forçá-los. Não depois do que ela aguentara desde a infância, não depois de ter recuperado a liberdade. Não depois do que ele também passara.

Mesmo que ainda não tivesse contado a Aelin a respeito daquilo. Como poderia? Como poderia explicar o que lhe fora feito, o que fora forçado a fazer naqueles anos iniciais da conquista?

Mas flertar com Lysandra era inofensivo... tanto para ele quanto para a metamorfa. E, pelos deuses, como era bom conversar com ela por mais que um minuto entre formas. Então Aedion rangeu os dentes e falou:

— Que bom que sei fazer as mulheres ronronarem.

Ela riu baixinho, mas o som sumiu quando olhou para a rainha de novo conforme a brisa do mar soprou os sedosos cabelos pretos da metamorfa.

— A qualquer minuto agora — avisou Lysandra.

Aedion não dava a mínima para o que Darrow achava, para suas carrancas. Lysandra lhe salvara a vida; lutara pela rainha e arriscara tudo, inclusive a própria segurança, para resgatá-lo da execução e reuni-lo a Aelin. Ele vira com que frequência os olhos da metamorfa tinham desviado para trás nos primeiros dias... como se ela pudesse ver Evangeline com Murtaugh e Ren. Sabia que mesmo naquele momento parte de Lysandra permanecia com a garota, assim como parte de Aelin permanecia com Rowan. Aedion se perguntava se algum dia sentiria aquilo... aquela intensidade de amor.

Por Aelin, sim; mas... era parte de si, assim como os braços e as pernas. Jamais fora uma escolha, como o altruísmo de Lysandra com aquela garotinha, como Rowan e Aelin tinham escolhido um ao outro. Talvez fosse estúpido pensar a respeito, considerando o que fora treinado para fazer e o que os aguardava em Morath, mas... Aedion jamais diria aquilo a prima, nem em mil anos, mas ao vê-la com Rowan, às vezes os invejava.

Nem mesmo queria pensar no que mais Darrow quisera dizer... ao comentar que uma união entre Wendlyn e Terrasen *fora* tentada mais de dez anos antes, com um casamento entre ele e Aelin como preço, apenas para ser

rejeitada pelos parentes do outro lado do oceano.

Aedion amava a prima, mas pensar em tocá-la daquela forma fazia seu estômago se revirar. Tinha a sensação de que Aelin sentia o mesmo.

Ela não mostrara a Aedion a carta que escrevera a Wendlyn. Não ocorrera a ele pedir para vê-la até aquele instante. O general encarou a figura solitária diante do mar escuro e amplo.

E percebeu que não queria saber.

Ele era um general, um guerreiro moldado por sangue, ódio e perda; vira e fizera coisas que ainda lhe tiravam o sono, noite após noite, mas... Não queria saber. Ainda não.

Lysandra falou:

— Deveríamos partir antes do amanhecer. Não gosto do cheiro deste lugar.

Aedion inclinou a cabeça na direção dos cinquenta soldados acampados dentro das muralhas do templo.

— Obviamente.

Mas, antes que ela pudesse responder, chamas azuis se acenderam nas pontas dos dedos de Aelin. O sinal.

Lysandra se transformou em leopardo-fantasma, então Aedion desapareceu nas sombras conforme a metamorfa soltou um rugido que despertou todos os lares próximos. As pessoas saíram pelas portas no momento em que os soldados

abriram os portões do templo para ver qual era o motivo da comoção.

Aelin desceu do telhado em poucas manobras ágeis, aterrissando com graciosidade felina quando os soldados irromperam na rua, armas em punho e olhos arregalados.

Os olhos se abriram ainda mais ao verem Lysandra caminhar para o lado de Aelin, grunhindo. Ao verem Aedion aparecendo do outro lado. Juntos, os dois tiraram os capuzes. Alguém arquejou atrás do grupo.

Não devido aos cabelos dourados, aos rostos. Mas à mão envolta em chama azul que se ergueu acima da cabeça de Aelin conforme ela disse aos soldados que apontavam arcos para o trio:

— Deem o fora de meu templo.

Os homens piscaram. Um dos cidadãos atrás deles começou a chorar quando uma coroa de fogo surgiu no topo dos cabelos de Aelin. Quando o tecido que abafava Goldryn se queimou e o rubi brilhou vermelho-sangue.

Aedion sorriu para os desgraçados de Adarlan, soltou o escudo das costas e falou:

— Minha senhora dá uma escolha a vocês: saiam agora... ou não saiam nunca mais.

Os soldados trocaram olhares. A chama ao redor da cabeça de Aelin queimou mais forte, um farol na escuridão.

*Símbolos têm poder de fato.*

Ali estava ela, coroada em chama, um bastião contra a noite reunida. Então Aedion sacou a Espada de Orynth da bainha ao longo das costas, e alguém gritou ao ver a antiga lâmina poderosa.

Mais e mais soldados encheram o pátio aberto do templo além do portão. E alguns soltaram as armas imediatamente, recuando.

— Seus covardes desgraçados — grunhiu um soldado, abrindo caminho até a frente. Um comandante, pelas condecorações no uniforme vermelho e dourado. Humano. Nenhum anel preto em nenhum deles. O lábio do homem se contraiu ao ver Aedion, o escudo e a espada inclinados e prontos para o derramamento de sangue. — O Lobo do Norte. — O tom de escárnio se intensificou. — E a vadia cuspidora de fogo em pessoa.

Aelin, para seu crédito, apenas pareceu entediada. Ela disse uma última vez aos soldados humanos reunidos ali, alternando o peso do corpo entre os pés:

— Viver ou morrer; a escolha é de vocês. Mas decidam agora.

— Não ouçam a vadia — disparou o comandante. — São simples truques de mágica, foi o que disse o Lorde de Meah.

Porém mais cinco soldados soltaram as armas e correram, disparando direto para as ruas.

— Mais alguém? — perguntou Aelin, baixinho.

Trinta e cinco soldados permaneceram; armas em punho, rostos severos. Aedion lutara contra e ao lado de tais homens. Aelin olhou para ele de modo inquisidor. Seu primo assentiu. O comandante tinha as garras sobre eles... só recuariam quando o homem o fizesse.

— Vamos lá. Vejamos o que tem a oferecer — provocou o sujeito. — Tenho uma linda filha de fazendeiro que quero terminar...

Como se apagasse uma vela, Aelin exalou um sopro na direção do homem.

Primeiro, o comandante ficou quieto. Como se cada pensamento, cada sensação tivesse parado. Então o corpo pareceu enrijecer, como se tivesse sido transformado em pedra.

E por um segundo, Aedion achou que o homem *tivesse* sido transformado em pedra, pois a pele e o uniforme de Adarlan assumiram diversos tons de cinza.

Mas, quando a brisa do mar soprou e o sujeito simplesmente *desabou* em nada além de cinzas, ele percebeu, bastante chocado, o que a prima fizera.

Ela o queimara vivo. De dentro para fora. Alguém

gritou.

Mas Aelin apenas disse:

— Eu avisei. — Então mais alguns soldados fugiram.

Ainda assim, a maioria se manteve onde estava; ódio e desprezo brilhavam nos olhos dos homens diante da magia, diante da rainha de Aedion... e diante dele.

E ele sorriu como o lobo que era ao erguer a Espada de Orynth e avançar contra a fileira de soldados levantando armas à esquerda. Lysandra disparava à direita com um grunhido gutural enquanto Aelin fazia chover chamas douradas e cor de rubi sobre o mundo.



Eles reconquistaram o templo em vinte minutos.

Com apenas dez minutos, tinham conseguido controlar o lugar; os soldados foram mortos e os que se renderam, foram arrastados para o calabouço da cidade por homens e mulheres que se juntaram à luta. Os outros dez minutos foram gastos verificando o local em busca de soldados escondidos. Mas encontraram apenas as vestimentas e seu lixo, além da fachada do templo bastante malcuidada; as paredes sagradas tinham sido entalhadas com os nomes dos brutamontes de Adarlan, e as urnas antigas de fogo infinito

tinham sido apagadas ou usadas para cozinhar...

Aelin deixou que todos a vissem lançar um fogo incandescente sobre o lugar, engolindo cada vestígio dos soldados, removendo anos de terra e poeira e fezes de gaivotas para revelar os entalhes gloriosos e antigos por baixo, gravados em cada pilastra e degrau e parede.

O complexo do templo consistia em três prédios em volta de um imenso pátio: os arquivos, a residência para as sacerdotisas há muito mortas e o templo propriamente dito, onde a antiga Rocha ficava. Aelin deixou Aedion e Lysandra nos arquivos, na área de longe mais defensável, para procurarem qualquer coisa adequada na qual pudessem dormir, envolvendo todo o local com uma parede de chamas.

Os olhos do general ainda brilhavam com a excitação da batalha quando Aelin alegou que queria um momento sozinha à Rocha. Ele lutara perfeitamente... e Aelin se certificou de deixar alguns homens vivos para a lâmina de Aedion. Ela não era o único símbolo ali naquela noite, não era a única sendo observada.

E quanto à metamorfa que dilacerara aqueles soldados com uma selvageria tão feral... Aelin a deixou novamente em forma de falcão, empoleirada em uma viga podre nos arquivos cavernosos, encarando a enorme representação de

um dragão marinho entalhado no chão, por fim revelado pelo fogo incandescente. Um de muitos entalhes semelhantes do lugar, o patrimônio de um povo que fora exilado havia muito tempo.

Em cada espaço do templo, era possível ouvir o quebrar das ondas na praia bem abaixo, sussurrando ou rugindo. Não havia nada para absorver o som, para suavizá-lo. Ótimo, salões extensos e pátios onde deveria haver altares e estátuas e jardins estavam completamente vazios, a fumaça do fogo de Aelin ainda permanecia.

Que bom. Fogo podia destruir... mas também limpar.

Ela caminhou silenciosamente pelo complexo escuro do templo, seguindo em direção ao santuário mais central e mais sagrado que se estendia até a beira do mar. Luz dourada vazava para o terreno rochoso diante dos degraus do santuário interior; luz dos tonéis de chamas acesos eternamente a partir daquele instante para honrar o dom de Brannon.

Ainda vestida de preto, Aelin era pouco mais que uma sombra ao reduzir aquelas chamas até que virassem brasas dormentes e murmurantes, e então entrar no coração do templo.

Uma imensa parede fora erguida para afastar a ira das tempestades marítimas da pedra em si, mas, mesmo assim,

o espaço estava úmido, e o ar, pesado com a maresia.

Aelin limpou a enorme antecâmara e caminhou entre as grossas pilastras que emolduravam o santuário interior. Na ponta mais afastada, aberta à ira do mar além dela, erguia-se a imensa Rocha negra.

Era lisa como vidro, sem dúvida por causa das mãos adoradoras que a tocaram ao longo de milênios, e talvez fosse tão grande quanto a carruagem de um fazendeiro-mercador. A Rocha se projetava para o alto, sobre o mar, refletindo a luz das estrelas na superfície pontilhada conforme Aelin extinguia todas as chamas, exceto a única vela branca que tremeluzia no centro do objeto sagrado.

Os entalhes do templo não revelavam marcas de Wyrd ou outras mensagens do Povo Pequenino. Apenas redemoinhos e cervos.

A jovem teria de fazer aquilo da forma antiga, então.

Ela subiu os pequenos degraus que permitiam que peregrinos observassem a Rocha sagrada... e em seguida subiu no monumento.

# 15

O mar pareceu parar.

Aelin puxou a chave de Wyrd de dentro do casaco, deixando que repousasse entre os seios ao se sentar na beira da pedra e observar o mar coberto pela noite.

E esperou.

O fio da lua crescente começava a descer quando uma grave voz masculina surgiu atrás dela e disse:

— Parece mais jovem do que pensei.

Aelin encarou o mar, mesmo com o estômago se apertando.

— Mas tão bonita quanto, certo?

Ela não ouviu passos, mas a voz estava definitivamente mais próxima ao falar:

— Pelo menos minha filha estava certa quanto a sua

humildade.

— Engraçado, ela nunca deu a entender que você tinha senso de humor.

Um sussurro de vento à direita de Aelin, então pernas longas e musculosas sob uma armadura antiga surgiram ao lado, deixando que os pés calçados em sandálias pendessem sobre a arrebentação.

A jovem finalmente ousou virar o rosto e viu que a armadura se prolongava sobre um poderoso corpo masculino, que terminava em um bonito rosto de ossos largos. Ele podia ter enganado qualquer um a pensar que era de carne e osso... não fosse pelo brilho pálido de luz azul ao redor.

Aelin fez uma leve reverência com a cabeça para Brannon.

Um meio sorriso foi o único sinal de reconhecimento, os cabelos loiro-avermelhados oscilando sob o luar.

— Uma batalha brutal, porém eficiente — comentou ele.

Ela deu de ombros.

— Fui enviada a este templo. Encontrei-o ocupado. Então o desocupei. De nada.

Os lábios dele se contraíram para formar um sorriso.

— Não posso ficar muito tempo.

— Mas vai conseguir inserir o máximo de avisos enigmáticos que puder, certo?

Suas sobrancelhas se ergueram, e os olhos cor de conhaque se enrugaram, com humor.

— Há um motivo para eu ter pedido a meus amigos que lhe enviassem aquela mensagem, sabia?

— Ah, tenho certeza. — Aelin não teria arriscado reivindicar o templo caso contrário. — Mas antes me conte sobre Maeve. — Já bastava dessa história de esperar até que *eles* jogassem uma mensagem em seu colo. A jovem tinha suas malditas perguntas também.

A boca de Brannon se contraiu.

— Especifique o que precisa saber.

— Ela pode ser assassinada?

A cabeça do rei se virou na direção de Aelin.

— Ela é velha, herdeira de Terrasen. Era velha quando eu era criança. E seus planos são extensos...

— Eu sei, eu sei. Mas morrerá se eu lhe enfiar uma espada no coração? Cortar a cabeça fora?

Uma pausa.

— Não sei.

— Como assim?

Brannon balançou a cabeça.

— Não sei. Todos os feéricos podem ser mortos, mas

ela sobreviveu até mesmo às nossas expectativas de vida estendidas, e o poder... ninguém realmente entende aquele poder.

— Mas você viajou com ela para recuperar as chaves...

— Eu não sei. Mas ela temia muito minha chama. E a sua.

— Ela não é valg, é?

Uma risada baixa.

— Não. Fria como um, mas não. — Os limites da visão começaram a se embaçar um pouco.

Mas ao ver a pergunta nos olhos de Aelin, o homem assentiu para que ela continuasse.

A jovem engoliu em seco, e o maxilar se contraiu um pouco ao exalar de forma forçada.

— Em algum momento fica mais fácil lidar com o poder?

O olhar de Brannon se suavizou levemente.

— Sim e não. Como isso afeta seus relacionamentos com aqueles a seu redor se torna mais difícil que lidar com o poder... mas também está ligado a ele. Magia não é um dom fácil em forma alguma, mas fogo... Queimamos não apenas dentro de nossa magia, mas também em nossas almas. Para melhor ou pior. — Sua atenção se voltou para Goldryn, despontando sobre o ombro de Aelin, e Brannon

riu com uma surpresa contida. — A besta na caverna está morta?

— Não, mas ele me contou que sente sua falta e que você deveria ir visitá-lo. Está solitário lá dentro.

Ele riu de novo.

— Teríamos nos divertido juntos, você e eu.

— Estou começando a desejar que tivessem mandado você para lidar comigo em vez de sua filha. Acho que o senso de humor deve pular uma geração.

Talvez tivesse dito a coisa errada, pois o lampejo de humor imediatamente se dissipou daquele lindo rosto bronzeado, deixando os olhos cor de conhaque frios e severos. Brannon pegou a mão de Aelin, mas os dedos atravessaram os dela... até a própria pedra.

— O Fecho, herdeira de Terrasen. Eu a convoquei aqui por isso. No pântano de Pedra, há uma cidade afundada; o Fecho está escondido lá. É necessário para unir as chaves de volta ao Portão de Wyrd quebrado. É a única forma de levá-las de volta ao portão e selá-lo permanentemente. Minha filha implora a você...

— Que Fecho...

— Encontre o Fecho.

— *Onde* no pântano de Pedra? Não é exatamente pequeno...

Brannon sumiu.

Com uma expressão de raiva, Aelin enfiou o Amuleto de Orynth de volta na camisa.

— É claro que tem uma droga de um fecho — murmurou ela.

A jovem resmungou um pouco ao se colocar de pé, então franziu a testa para o mar escuro como a noite quebrando a poucos metros. Para a antiga rainha do outro lado, preparando sua armada.

Aelin mostrou a língua.

— Bem, se Maeve já não estava pronta para atacar, isso certamente a provocará — comentou Aedion pausadamente das sombras de uma pilastra próxima.

Aelin enrijeceu o corpo e sibilou.

O primo sorriu para ela, com dentes brancos como a lua.

— Acha que eu não sabia que você tinha outra carta na manga como motivo para retomarmos este templo? Acha mesmo que esta primavera em Forte da Fenda não me ensinou nada sobre sua tendência a planejar diversas coisas ao mesmo tempo?

Ela revirou os olhos, saindo de cima da pedra sagrada e descendo as escadas batendo os pés.

— Presumo que tenha ouvido tudo.

— Brannon até piscou para mim antes de desaparecer.

Aelin contraiu o maxilar.

Aedion apoiou o ombro na pilastra entalhada.

— Um Fecho, hein? E quando, exatamente, nos informaria sobre essa nova mudança de direção?

Ela caminhou irritada até ele.

— Quando eu bem quisesse, isso sim. E não é uma mudança de direção... ainda não. Aliados continuam a ser nossa meta, e não comandos enigmáticos de reis mortos.

Seu primo apenas sorriu. Uma movimentação nas sombras empoeiradas do templo chamou a atenção de Aelin, fazendo-a soltar um suspiro.

— Vocês dois são sinceramente insuportáveis.

Lysandra bateu as asas até o alto de uma estátua próxima e estalou o bico com bastante ousadia.

Aedion passou o braço sobre os ombros de Aelin, guiando-a de volta à residência em ruínas dentro do complexo.

— Nova corte, novas tradições, você disse. Até mesmo para *você*. Começando com menos tramoias e segredos que tiram anos de minha vida sempre que faz uma grande revelação. Embora eu certamente tenha gostado daquele novo truque com as cinzas. Muito artístico.

Aelin o cutucou na lateral do corpo.

— *Não...*

As palavras cessaram quando passadas vindas do pátio próximo estalaram na terra seca. O vento soprou, carregando um cheiro que conheciam bem demais.

Valg. E bem poderoso, se tinha atravessado a muralha de chamas de Aelin.

A jovem sacou Goldryn enquanto a espada do próprio Aedion rangeu baixinho, a Espada de Orynth reluziu ao luar, como aço recém-forjado. Lysandra permaneceu no alto, mergulhando mais para dentro das sombras.

— Fomos traídos ou é puro azar de merda? — murmurou o general.

— Provavelmente os dois — resmungou Aelin ao ver a figura surgir entre duas pilastras.

Ele era atarracado e um pouco acima do peso; nem de perto tinha a beleza impossível preferida pelos príncipes valg quando escolhiam um corpo humano. Mas o fedor inumano, mesmo com aquele colar no pescoço grosso... Tão mais forte que o normal.

É claro que Brannon não poderia ter se incomodado em avisá-la.

O valg deu um passo para a luz dos braseiros sagrados.

Os pensamentos se esvaziaram da mente de Aelin ao ver o rosto do homem.

E ela percebeu que Aedion estivera certo: suas ações naquela noite *tinham* mandado uma mensagem. Uma declaração descarada da própria localização. Erawan estivera esperando por aquele encontro havia muito mais que poucas horas. E o rei valg conhecia os dois lados da história de Aelin.

Afinal, era o capataz-chefe de Endovier quem sorria diante deles.



Ela ainda sonhava com ele.

Com aquele banal rosto rechonchudo olhando de forma maliciosa para ela, assim como para as outras mulheres de Endovier. Com sua risada quando ela fora despida até a cintura e açoitada a céu aberto, então deixada pendurada nos grilhões sob o frio gélido ou o sol incandescente. Com o sorriso quando ela fora enfiada naqueles poços sem iluminação; a satisfação ainda estampada no rosto conforme a tiravam dos poços dias ou semanas depois.

O cabo de Goldryn ficou escorregadio em sua mão. Chama queimou imediatamente nos dedos da outra. Aelin xingou Lorcan por ter roubado de volta o anel de ouro, por ter levado aquela única peça de imunidade, de redenção.

Aedion olhava de um para o outro, entendendo o reconhecimento nos olhos da prima.

O capataz de Endovier a olhou com desprezo.

— Não vai nos apresentar, escrava?

O silêncio total no rosto do primo de Aelin disse a ela o bastante sobre o que ele compreendera — assim como o olhar para as cicatrizes fracas nos pulsos da jovem, onde tinham ficado os grilhões.

Aedion deslizou um passo para se colocar entre os dois, sem dúvida observando cada som e sombra e cheiro para ver se o homem estava sozinho, estimando a dificuldade da luta e quanto tempo precisariam para se livrar daquilo. Lysandra bateu asas até outra pilastra, pronta para mudar de forma e atacar quando ouvisse um único chamado.

Aelin tentou reunir a arrogância que a protegera e a livrara de tudo. Mas só via o homem arrastando aquelas mulheres para trás de prédios; só ouvia o ruído daquela grade de ferro sobre o poço sem luz; só percebia o cheiro do sal e do sangue e dos corpos sujos; só sentia o sangue que descia e ardia pelas costas destruídas...

*Não terei medo; não terei medo...*

— Acabaram os meninos bonitos dos reinos para você habitar? — ironizou Aedion, ganhando tempo para que descobrissem suas chances.

— Chegue mais perto — respondeu o capataz com um sorriso. — E veremos se será mais adequado, general.

Aedion soltou uma gargalhada baixa, erguendo a Espada de Orynth um pouco mais.

— Não acho que sairia com vida disso.

E foi a visão daquela lâmina, da espada do pai, a espada de seu povo...

Aelin levantou o queixo, e as chamas que lhe envolviam a mão esquerda ficaram mais brilhantes.

Os olhos azul-água do capataz se voltaram para os dela, semicerrando-se com divertimento.

— Que pena que não possuía esse belo dom quando a coloquei naqueles poços. Ou quando pintei a terra com seu sangue.

Um grunhido baixo foi a resposta de Aedion.

Mas Aelin se obrigou a sorrir.

— Está tarde. Acabei de destruir seus soldados. Vamos acabar com essa conversa para eu poder descansar.

Os lábios do homem se curvaram.

— Vai aprender a se comportar direito em breve, menina. Todos vocês aprenderão.

O amuleto entre seus seios pareceu ranger, uma faísca de poder antigo e puro.

Aelin o ignorou, afastando qualquer pensamento sobre

aquilo. Se o valg, se Erawan sequer farejasse que ela possuía o que ele tão desesperadamente buscava...

O capataz abriu a boca de novo. Mas Aelin atacou.

O fogo o atirou contra a parede mais próxima, descendo pela garganta do homem, pelas orelhas, subindo pelo nariz. Chamas que não queimavam, chamas que eram apenas luz, ofuscantemente branca...

Ele rugiu, debatendo-se conforme a magia o tomava por dentro, misturava-se a seu corpo.

Mas não havia nada dentro a que se agarrar. Nenhuma escuridão para extinguir, nenhuma brasa restante na qual soprar vida. Apenas...

A jovem cambaleou para trás, a magia sumiu, e os joelhos fraquejaram como se golpeados. A cabeça latejou e náusea lhe subiu pelo estômago. Aelin conhecia aquela sensação... aquele gosto.

Ferro. Como se o interior do sujeito fosse feito daquilo. E o gosto que restara, oleoso, terrível... pedra de Wyrd.

O demônio dentro do capataz soltou uma gargalhada engasgada.

— O que são colares e anéis comparados a um coração sólido? Um coração de ferro e pedra de Wyrd para substituir o coração do covarde que bate no interior.

— Por que — sussurrou Aelin.

— Fui plantado aqui para demonstrar o que está à espera caso você e sua corte visitem Morath.

Ela disparou o fogo contra ele, devastando as entranhas do homem, golpeando aquele centro de pura escuridão do lado de dentro. De novo, e de novo, e de novo. O capataz continuava rugindo, mas Aelin continuava atacando, até...

Ela vomitou sobre as pedras entre eles. Aedion a puxou para cima.

Sua prima ergueu a cabeça. Tinha queimado as roupas, mas não tocara a pele do capataz.

E ali, pulsando contra as costelas do homem como um punho socando, estava um coração.

Chocava-se contra os limites do sujeito, esticando osso e pele.

Aelin se encolheu. Aedion estendeu a mão para ela conforme o capataz arqueou o corpo em agonia, a boca aberta em um grito mudo.

Lysandra desceu das vigas, transformando-se em leopardo ao lado dos dois e grunhindo.

Novamente, aquele punho golpeou do interior. Então ossos se partiram, socando para fora, rasgando músculo e pele, como se a cavidade do peito do homem fosse as pétalas de uma flor aberta. Não havia nada dentro. Nenhum sangue, nenhum órgão.

Apenas uma escuridão poderosa, eterna... e duas brasas douradas tremeluzindo no centro.

Não eram brasas. Eram olhos. Brilhando com malícia antiga. Eles se semicerraram em reconhecimento e prazer.

Foi preciso cada chama do fogo de Aelin para lhe segurar a coluna, para que conseguisse inclinar a cabeça em um ângulo despreocupado e dizer:

— Pelo menos sabe chegar com estilo, Erawan.

# 16

O capataz falou, mas a voz não era sua. E a voz não era de Perrington.

Era uma voz nova, uma voz antiga, uma voz de um mundo e de uma vida diferentes, uma voz que se alimentava de gritos e sangue e dor. A magia de Aelin se debateu ao ouvir o som, e mesmo Aedion xingou baixinho, ainda tentando conter a prima.

Mas ela rapidamente se ergueu contra a escuridão que olhava para eles de dentro do peito aberto do homem, sabendo que mesmo que o corpo não tivesse sido irremediavelmente quebrado, não restara nada para ser salvo. Nada que valesse a pena salvar, para início de conversa.

Aelin flexionou os dedos na lateral do corpo, reunindo a magia contra a escuridão que se encolhia e rodopiava dentro

do peito destruído do homem.

— Acho que me deve um agradecimento, herdeira de Brannon — disse Erawan.

A jovem ergueu as sobrancelhas, sentindo o gosto de fumaça na boca. *Calma*, murmurou Aelin para a magia. Cuidado; precisaria tomar muito cuidado para que ele não visse o amuleto em seu pescoço, para que não sentisse a presença da última chave de Wyrd ali dentro. Já de posse das duas primeiras, se Erawan suspeitasse que a terceira chave estava naquele templo e que seu domínio total sobre aquela terra e todas as demais estava tão perto... Aelin precisava mantê-lo distraído.

— Por que eu deveria agradecer a você, exatamente? — perguntou ela, com ironia.

Os olhos de brasas se voltaram para cima, como se avaliassem o corpo vazio do capataz.

— Por este pequeno presente como aviso. Por livrar o mundo de mais um verme.

*E por fazer você perceber o quanto será inútil me enfrentar*, sussurrou aquela voz dentro da cabeça de Aelin.

Ela disparou fogo para fora em uma manobra às cegas, cambaleando para trás e chocando-se contra Aedion ao sentir a carícia daquela voz terrível e linda. Pelo rosto pálido do primo, podia ver que ele também a ouvira, também

sentira o toque violador da voz.

Erawan riu.

— Fico surpreso por ter tentado salvá-lo primeiro. Considerando o que fez a você em Endovier. Meu príncipe mal aguentou ficar dentro da mente deste sujeito, de tão cruel que era. Acha prazeroso decidir quem deve ser salvo e quem está além da salvação? Como é fácil se tornar uma pequena deusa incandescente.

Náusea, verdadeira e fria, a golpeou.

Mas foi Aedion quem riu.

— Achei que tinha coisas melhores a fazer, Erawan, que nos provocar na calada da noite. Ou isso tudo é apenas uma forma de se sentir melhor por Dorian Havilliard ter escapado de suas mãos?

A escuridão sibilou. O general apertou o ombro da prima em um aviso silencioso. Acabe com isso já. Antes que Erawan possa atacar. Antes que sinta que a chave de Wyrd que procura está a apenas metros de distância.

Então Aelin inclinou a cabeça contra a força que os encarava através de carne e osso.

— Sugiro que descanse e reúna suas forças, Erawan — ronronou ela, piscando um olho para ele com cada gota de coragem que lhe restava. — Vai precisar.

Uma gargalhada baixa soou quando chamas começaram

a faiscar nos olhos da jovem, aquecendo o sangue com um calor bem-vindo e delicioso.

— De fato. Principalmente considerando os planos que tenho para o aspirante a rei de Adarlan.

O coração de Aelin congelou.

— Talvez devesse ter dito a seu amante que se disfarçasse antes de tirar Dorian Havilliard de Forte da Fenda. — Aqueles olhos se semicerraram até virarem fendas. — Qual era o nome dele... Ah, sim — sussurrou Erawan, como se alguém o tivesse cochichado para ele. — Príncipe Rowan Whitethorn de Doranelle. Que prêmio ele será.

Ela mergulhou para dentro do fogo e da escuridão, recusando-se a ceder um pingo de si ao terror que tomava seu corpo.

— Meus caçadores já os estão seguindo — cantarolou Erawan. — E vou feri-los, Aelin Galathynius. Vou torná-los meus generais mais fiéis. Começando por seu príncipe feérico...

Um aríete do azul mais intenso se chocou contra o poço na cavidade peitoral do homem, contra aqueles olhos incandescentes.

A jovem manteve a magia concentrada naquele peito, nos ossos e na carne que derretiam, deixando apenas o

coração de ferro e de pedra de Wyrd intocados. A magia fluiu ao redor do sujeito, como um rio desviando de uma rocha, queimando o corpo e aquela *coisa* dentro dele...

— Não se dê o trabalho de salvar qualquer parte — grunhiu Aedion, baixinho.

Conforme a magia rugiu para fora, Aelin olhou por cima de um ombro. Lysandra se transformara em humana e estava ao lado de Aedion, os dentes trincados para o capataz...

Aquele olhar teve um preço.

Aelin ouviu o grito do primo antes de sentir o soco de escuridão de Erawan se chocar contra seu peito.

Sentiu o ar estalar contra ela ao ser atirada para trás, sentiu o corpo reclamar contra a parede de pedra antes de a agonia daquela escuridão realmente ser compreendida. A respiração diminuiu o ritmo, o sangue parou...

*Levante levante levante.*

Erawan riu baixinho ao ver Aedion se colocar imediatamente ao lado da prima, arrastando-a e erguendo-a conforme mente e corpo de Aelin tentavam se reorganizar...

A jovem disparou o poder de novo, deixando que Aedion acreditasse que ela permitira que ele a colocasse de pé simplesmente porque se esquecera de sair do caminho, e não porque os joelhos tremiam tão violentamente que Aelin

não tinha certeza se *podia* ficar de pé.

Mas pelo menos a mão permaneceu firme ao estendê-la.

O templo ao redor estremeceu sob a força do poder que Aelin projetou para fora de si. Poeira e partículas de escombros caíram do teto alto; colunas oscilaram como amigos bêbados.

Os rostos de Aedion e de Lysandra brilhavam sob a luz azul da chama, estampando expressões com olhos arregalados, porém cheias de determinação... e ira. Quando a magia rugiu para fora de seu corpo, Aelin se apoiou mais no general cuja mão se apertou na cintura da prima.

Cada segundo durava uma vida; cada fôlego doía.

Mas o corpo do capataz por fim se dilacerou sob o poder de Aelin; os escudos sombrios ao redor dele cedendo a ela.

E alguma pequena parte de Aelin percebeu que aquilo só havia acontecido porque Erawan ousara sair, permitindo que aqueles olhos semelhantes a brasas, com faíscas de diversão, tremeluzissem e se extinguissem.

Quando o corpo do homem não passava de cinzas, Aelin recolheu a magia, encasulando o coração nela. Ela segurava o braço de Aedion, tentando não respirar alto demais, para que ele não ouvisse o ronco dos pulmões afetados, para que não percebesse o quanto aquela única fumaça de escuridão a

tinha atingido.

Um estampido pesado ecoou pelo templo silencioso quando a pilha de ferro e pedra de Wyrd caiu.

Aquele foi o custo... o plano de Erawan. Perceber que a única misericórdia que poderia oferecer a sua corte seria a morte.

Se algum dia fossem capturados... Erawan a obrigaria a assistir conforme todos eram destrinchados e preenchidos com seu poder. Faria com que ela os encarasse quando ele terminasse, para que não encontrasse vestígio das almas no interior. Daí ele trabalharia em Aelin.

E Rowan e Dorian... Se Erawan os estava caçando naquele exato momento, se descobrisse que estavam em baía da Caveira e percebesse com que intensidade tinha realmente a atingido...

As chamas de Aelin se contiveram em uma brasa tranquila, então ela finalmente encontrou força o suficiente nas pernas para se afastar das mãos de Aedion.

— Temos de estar naquele navio antes do amanhecer, Aelin — disse seu primo. — Se Erawan não estava blefando...

Aelin apenas assentiu. Precisavam chegar a baía da Caveira o mais rápido que os ventos e as correntezas pudessem levá-los.

Mas ao se voltar para o arco do templo para seguir em direção aos arquivos, ela olhou para o peito, completamente intocado, embora o poder de Erawan a tivesse atingido como uma lança disparada.

Ele errara. Por quase 8 centímetros, não atingira o amuleto. E possivelmente deixara de sentir a chave de Wyrd ali dentro.

Mas o golpe ainda reverberava contra seus ossos em ondas cruéis.

Um lembrete de que Aelin podia ser a herdeira do fogo... mas Erawan era o Rei da Escuridão.

# 17

Manon Bico Negro observou os céus negros acima de Morath sangrarem até se tornarem cinza pútrido na última manhã da vida de Asterin.

Ela não dormira a noite inteira. Não comera ou bebera; não fizera nada além de afiar Ceifadora do Vento na frieza do ninho a céu aberto. Manon afiara a lâmina diversas vezes, encostada na lateral aquecida de Abraxos, até que os dedos estivessem duros demais devido ao frio para segurar espada ou pedra.

A avó da herdeira ordenara que Asterin fosse trancada nas profundezas do calabouço da Fortaleza, tão intensamente vigiada que uma fuga seria impossível. E um resgate também.

Manon considerara a ideia durante as primeiras horas

depois que a sentença fora proferida. Mas resgatar a imediata seria trair a Matriarca, o Clã. Fora seu erro... somente *seu*, suas malditas escolhas haviam levado àquilo.

E se saísse da linha de novo, o restante das Treze seria abatido. Manon tinha sorte por não haver perdido o título de Líder Alada. Pelo menos ainda podia liderar seu povo, protegê-lo. Melhor que permitir que alguém como Iskra assumisse o controle.

O ataque da legião do desfiladeiro Ferian sobre Forte da Fenda no comando de Iskra tinha sido descuidado, caótico; não fora o saque sistemático e calculado que Manon teria planejado caso a tivessem consultado. Mas naquele momento não fazia diferença se a cidade estava total ou parcialmente arruinada. Não mudava o destino de Asterin.

Então havia pouco a se fazer, a não ser afiar a antiga espada e memorizar as Palavras Rogativas. Ela precisaria proferi-las no momento certo. Podia dar aquele último presente à prima. O único presente.

Não a longa e lenta tortura seguida de decapitação que era típica da execução de uma bruxa.

Mas a misericórdia ágil da lâmina da própria Manon.

Botas se arrastaram sobre pedra e esmagaram o feno que cobria o piso do ninho. A jovem bruxa conhecia aquele andar... o conhecia tão bem quanto o andar da própria

Asterin.

— O que — disse ela a Sorrel, sem olhar para trás.

— O amanhecer se aproxima — respondeu a terceira no comando.

Que em breve seria a imediata. Vesta se tornaria a terceira e... e talvez Asterin por fim visse aquele caçador, visse a bruxinha natimorta que tiveram juntos.

Nunca mais Asterin cavalgaria os ventos; nunca mais dispararia no dorso da fêmea azul-celeste. Os olhos de Manon se voltaram para a serpente alada do outro lado do ninho... alternando o peso do corpo entre as pernas, acordada enquanto as demais dormiam.

Como se pudesse sentir o destino da dona chamando a cada momento que se passava.

O que seria da fêmea depois que Asterin se fosse?

Manon ficou de pé, e Abraxos lhe cutucou a parte de trás das coxas com o focinho. A bruxa abaixou a mão, tocando a cabeça escamosa. Não sabia quem aquele movimento confortava. A capa carmesim, tão ensanguentada e imunda quanto o restante de seu corpo, ainda estava presa ao peito.

As Treze se tornariam doze.

Manon encarou Sorrel. Mas a atenção da terceira estava em Ceifadora do Vento, exposta na mão da Líder Alada.

— Pretende dizer as Palavras Rogativas — constatou a terceira.

Manon tentou falar. Mas não conseguiu abrir a boca. Então apenas assentiu.

Sorrel encarou o arco aberto além de Abraxos.

— Queria que ela tivesse a chance de ver os desertos. Apenas uma vez.

A herdeira se obrigou a erguer o queixo.

— Não temos desejos. Não temos esperanças — lembrou ela para aquela que em breve seria sua imediata. Os olhos de Sorrel dispararam para a líder, algo como mágoa passou por eles. Manon aceitou o golpe interno e disse: — Conseguiremos seguir em frente, iremos nos adaptar.

Sorrel disse, baixinho, mas não com fraqueza:

— Ela vai de encontro à própria morte para guardar seus segredos.

Foi o mais perto que Sorrel chegara de um desafio direto. De ressentimento.

Manon embainhou Ceifadora do Vento na lateral do corpo e caminhou para as escadas, incapaz de encarar os olhos curiosos de Abraxos.

— Então terá me servido bem como imediata e será lembrada por isso.

A terceira não respondeu.

Então a Líder Alada desceu para a escuridão de Morath para matar a prima.



A execução não aconteceria no calabouço.

Em vez disso, a avó de Manon escolhera uma ampla varanda que se abria para uma das quedas infinitas da ravina que envolvia Morath. Bruxas tinham se entulhado na sacada, praticamente vibrando com sede de sangue.

As Matriarcas estavam diante do grupo reunido; Cresseida e a Matriarca das Pernas Amarelas acompanhadas pelas respectivas herdeiras, todas de frente para as portas abertas pelas quais Manon e as Treze saíram da Fortaleza.

Manon não ouviu os murmúrios da multidão; não ouviu o vento rugindo entre as torres altas; não ouviu o bater dos martelos nas forjas do vale abaixo.

Não quando a atenção foi em direção a Asterin, de joelhos diante das Matriarcas. Ela também estava de frente para Manon, ainda usava as roupas de montaria, os cabelos dourados estavam soltos e embaraçados, salpicados de sangue. Asterin ergueu o rosto...

— Seria justo — falou a avó de Manon lentamente, e a multidão se calou — que Iskra Pernas Amarelas também se

vingasse pelas quatro sentinelas mortas sob sua vigília. Três golpes para cada uma das bruxas mortas.

Doze golpes no total. Mas pelos cortes e hematomas no rosto de sua prima, pelo lábio cortado, pela forma como curvava o corpo enquanto se ajoelhava... Fora muito mais que isso.

Devagar, a Líder Alada olhou para Iskra. Cortes cobriam os nós de seus dedos... ainda abertos devido à surra que dera em Asterin no calabouço.

Enquanto Manon estivera no andar de cima, lamentando-se.

Ela abriu a boca, o ódio era algo vivo que se debatia em seu estômago, no sangue. Mas Asterin falou no lugar da líder.

— Fique feliz ao saber, Manon — contou a imediata, com a voz rouca e um sorriso leve e arrogante —, que ela precisou me acorrentar para me surrar.

Os olhos de Iskra se incendiaram.

— Você gritou mesmo assim, vadia, enquanto eu a açoitava.

— Basta — interrompeu a Matriarca das Bico Negro, gesticulando com a mão.

Manon mal ouviu a ordem.

Tinham *açoitado* sua sentinela como um ser inferior,

como alguma besta mortal...

Alguém grunhiu, um som baixo e cruel à direita.

Ela perdeu o fôlego ao ver Sorrel — uma rocha imóvel, uma pedra insensível — exibindo os dentes para Iskra, para aquelas reunidas ali.

A avó de Manon deu um passo adiante, fervilhando com desprazer. Atrás da Líder Alada, as Treze eram uma parede silenciosa e indestrutível.

Asterin começou a lhe observar os rostos, e a herdeira percebeu que a imediata entendia que era a última vez que o faria.

— Sangue será pago com sangue — anunciaram em uníssono a avó de Manon e a Matriarca das Pernas Amarelas, recitando a partir dos rituais mais antigos. A jovem bruxa tomou coragem, esperando o momento certo.
— Qualquer bruxa que queira extrair sangue em nome de Zelta Pernas Amarelas pode vir à frente.

Unhas de ferro deslizaram das mãos de toda a aliança das Pernas Amarelas.

Asterin apenas encarou as Treze, o rosto ensanguentado imóvel, os olhos límpidos.

— Formem uma fila — ordenou a Matriarca das Pernas Amarelas.

Manon se intrometeu.

— Invoco o direito à execução.

Todas congelaram.

O rosto de sua avó ficou pálido com ódio. Mas as outras duas Matriarcas, inclusive a das Pernas Amarelas, apenas esperaram.

De cabeça erguida, a Líder Alada falou:

— Reivindico o direito à cabeça de minha imediata. Sangue será pago com sangue, mas pela ponta de minha espada. Ela é minha, então sua morte deverá ser minha.

Pela primeira vez, a boca de Asterin se contraiu e os olhos reluziram. Sim, compreendia o único presente que Manon poderia lhe dar, a única honra que restava.

Foi Cresseida Sangue Azul que interrompeu antes que as outras duas Matriarcas pudessem falar.

— Por ter salvo a vida de minha filha, Líder Alada, será concedido.

A Matriarca das Pernas Amarelas virou a cabeça para Cresseida com uma resposta nos lábios, mas era tarde demais. As palavras foram ditas, e as regras deveriam ser obedecidas a qualquer custo.

Com a capa vermelha da Crochan oscilando ao vento, Manon ousou olhar para a avó. Apenas ódio brilhava naqueles olhos antigos — ódio e um lampejo de satisfação porque Asterin seria morta depois de décadas sendo

considerada uma imediata inadequada.

Mas pelo menos aquela morte seria concedida por Manon.

E a leste, deslizando por cima das montanhas como ouro derretido, o sol começou a nascer.

Cem anos ela tivera com Asterin. Sempre pensara que teriam mais cem.

Manon disse baixinho para Sorrel:

— Vire-a. Minha imediata verá o alvorecer uma última vez.

A bruxa obedientemente deu um passo adiante, virando Asterin para as Grã-Bruxas, com a multidão perto do parapeito... e o raro alvorecer perfurando a escuridão de Morath.

Sangue encharcava a parte de trás das vestes da imediata de Manon.

Ainda assim, Asterin permaneceu de joelhos, com ombros eretos e a cabeça erguida, ao olhar não para o alvorecer, mas para a própria Manon, que dava a volta pela imediata e assumia uma posição poucos metros adiante das Matriarcas.

— Antes do café da manhã, Manon — disse a avó alguns metros atrás.

Manon sacou Ceifadora do Vento, a lâmina cantou

baixinho ao se libertar da bainha.

A luz do sol emoldurou a varanda quando Asterin sussurrou, tão baixo que apenas a líder ouviu:

— Leve meu corpo de volta ao chalé.

Algo dentro de Manon se partiu... se partiu tão violentamente que ela se perguntou se seria possível que ninguém tivesse ouvido.

Ela ergueu a espada.

Seria preciso apenas uma palavra de Asterin para salvar a própria pele. Poderia contar os segredos de Manon, suas traições, e sairia livre. Mas a imediata não disse mais nada.

E Manon entendeu naquele momento que havia forças maiores que a obediência, e a disciplina, e a brutalidade. Entendeu que não nascera sem alma; não nascera sem coração.

Pois ali estavam ambos, implorando a ela que não descesse aquela espada.

A Líder Alada olhou para as Treze, de pé em volta de Asterin, formando um semicírculo.

Uma a uma, elas ergueram dois dedos até a testa.

Um murmúrio percorreu a multidão. O gesto não era para honrar uma Grã-Bruxa.

Mas uma Bruxa-Rainha.

Havia quinhentos anos que as bruxas não tinham uma

rainha, entre as Crochan ou as Dentes de Ferro. Nenhuma.

Perdão se estampou nos rostos das Treze. Perdão e compreensão e uma lealdade que não era por obediência cega, e sim forjada pela dor e pela batalha, pela vitória e pela derrota compartilhadas. Forjada pela esperança de uma vida melhor... um mundo melhor.

Por fim, Manon encontrou o olhar de Asterin, lágrimas escorriam pelo rosto da imediata. Não por medo ou dor, mas pelo adeus. Cem anos... e mesmo assim Manon desejava ter tido mais tempo.

Por um segundo, pensou naquela fêmea azul-celeste no ninho, a serpente alada que esperaria e esperaria por uma montadora que jamais voltaria. Pensou em uma terra verde rochosa que se estendia até o mar ocidental.

Com a mão trêmula, Asterin levou os dedos à testa e os estendeu.

— Leve nosso povo para casa, Manon — sussurrou ela.

A bruxa inclinou Ceifadora do Vento, preparando-se para o golpe.

A Matriarca das Bico Negro disparou:

— Acabe logo com isso, Manon.

A herdeira encarou Sorrel, então Asterin. E deu às Treze sua ordem final.

— *Corram.*

Então Manon Bico Negro se virou e desceu Ceifadora do Vento sobre a avó.

# 18

Manon só viu o lampejo de dentes enferrujados, o brilho das unhas de ferro da avó quando ela as ergueu para se defender da espada... mas já tarde demais.

A jovem bruxa avançou com Ceifadora do Vento, um golpe que teria cortado a maioria dos homens ao meio.

Mas a avó recuou tão rápido que a arma deslizou sobre seu torso, cortando tecido e pele conforme rasgava uma linha rasa entre os seios. Sangue azul jorrou, mas isso não impediu a Matriarca, que bloqueou o golpe seguinte de Manon com as unhas de ferro; ferro tão duro que Ceifadora do Vento ricocheteou.

A Líder Alada não olhou para ver se as Treze obedeceram. Mas Asterin rugia; rugia e gritava, pedindo que *parassem*. Os gritos ficaram mais distantes, então ecoaram,

como se ela estivesse dentro do salão, sendo arrastada para longe.

Nenhum ruído de perseguição — como se as espectadoras estivessem chocadas demais. Que bom.

Iskra e Petrah empunharam as espadas e projetaram os dentes de ferro ao se colocarem entre as próprias Matriarcas e Manon, afastando as duas Grã-Bruxas.

O clã da Matriarca das Bico Negro avançou, mas foi impedido por um erguer de mão.

— Para trás — ordenou a avó de Manon, ofegante, enquanto a neta a circundava. Sangue azul escorria pelo corpo da bruxa. Um centímetro mais perto, e teria sido morta.

Morta.

A Matriarca exibiu dentes enferrujados.

— Ela é minha. — A bruxa indicou Manon com o queixo. — Faremos isso do modo antigo.

O estômago da jovem bruxa se revirou, mas ela embainhou a espada.

Com um gesto de punhos, Manon projetou as unhas, e um estalo no maxilar fez os dentes descerem.

— Vejamos o quanto você é boa, Líder Alada — sibilou a Matriarca, então atacou.

Manon jamais vira a avó lutar, jamais treinara com ela.

E uma pequena parte especulava se seria porque a Matriarca não queria revelar às outras o quanto era habilidosa.

A Líder Alada mal se movia rápido o bastante a fim de evitar que unhas lhe rasgassem o rosto, o pescoço, o estômago... que recuasse passo após passo após passo.

Só precisava ganhar tempo suficiente para que as Treze tomassem os céus.

A Grã-Bruxa avançou contra a face da neta, que bloqueou o golpe com o cotovelo, chocando a articulação com força contra o antebraço da Matriarca. A bruxa gritou de dor, e Manon saiu do alcance, circundando de novo.

— Não é tão fácil atacar agora, não é, Manon Bico Negro? — provocou a avó, arfando, conforme as duas se observavam. Ninguém em volta ousava se mover; as Treze haviam sumido, até a última delas. Manon quase suspirou de alívio. Só precisava manter a Matriarca ocupada tempo bastante e impedir que ela desse às espectadoras a ordem de as perseguirem. — Muito mais fácil com uma espada, a arma daqueles humanos covardes — declarou a bruxa, fervilhando de ódio. — Com os dentes e as unhas... É preciso *vontade*.

Elas avançaram uma contra a outra, alguma parte essencial de Manon se partia a cada golpe, corte e bloqueio.

As duas se desvencilharam de novo.

— Tão patética quanto sua mãe — disparou a Matriarca. — Talvez você morra como ela também, com meus dentes em seu pescoço.

A mãe, que ela matara ao nascer, a qual morrera dando à luz Manon...

— Durante anos, tentei treiná-la para que perdesse a fraqueza de sua mãe. — A bruxa cuspiu sangue azul nas pedras. — Para o bem das Dentes de Ferro, transformei você em uma força da natureza, uma guerreira como nenhuma outra. E é assim que me retribui...

Manon não deixou as palavras a afetarem. Ela disparou para a garganta, apenas para fintar e, então, rasgar.

Sua avó emitiu um berro de dor — *dor* genuína — quando as garras da neta lhe dilaceraram o ombro.

Sangue inundou a mão da jovem bruxa, e carne se agarrou às unhas...

Manon cambaleou para trás; bile queimou sua garganta.

Ela viu o golpe vindo, mas não teve tempo de impedir a mão direita que lhe cortou a barriga.

Couro, tecido e pele se rasgaram. Manon gritou.

Sangue, quente e azul, jorrou antes que a avó disparasse para trás.

A jovem bruxa pressionou a mão contra o abdômen,

segurando a pele destruída, enquanto sangue escorria entre seus dedos e pingava no chão.

Bem no alto, uma serpente alada rugiu.

Abraxos.

A Matriarca das Bico Negro gargalhou, limpando o sangue da neta das unhas.

— Vou picar sua serpente alada em pedacinhos e dá-los de comer aos cães.

Apesar da ferida na barriga, a visão de Manon ficou mais nítida.

— Não se eu matá-la primeiro.

A avó riu, ainda circundando, avaliando.

— Perdeu seu título de Líder Alada. Perdeu seu título de herdeira. — Um passo após o outro, mais e mais perto, uma víbora dando voltas em torno da presa. — De hoje em diante, é Manon Assassina de Bruxas, Manon Matadora das Suas.

As palavras a atingiram como pedras. Ela recuou na direção do parapeito da varanda, pressionando a ferida no estômago para não perder mais sangue. A multidão se afastou como água a sua volta. Apenas mais um pouco; apenas mais um ou dois minutos.

Então a avó de Manon parou, piscando na direção das portas abertas, como se percebesse que as Treze haviam

sumido. A jovem bruxa atacou de novo antes que a Matriarca pudesse dar a ordem da perseguição.

Golpe, avanço, corte, recuo — elas se moviam em um redemoinho de ferro e sangue e couro.

Mas, ao se virar para recuar, os ferimentos no estômago de Manon se abriram mais, fazendo-a cambalear.

Sua avó não perdeu um segundo e golpeou.

Não com as unhas ou os dentes, mas com o pé.

O chute no estômago da neta a fez gritar, um rugido mais uma vez respondido por Abraxos, trancado no alto. Prestes a morrer, era certo. Manon rezou para que as Treze lhe poupassem a serpente alada e que o deixassem se juntar ao grupo para onde fugissem.

A jovem bruxa se chocou contra o parapeito de pedra da varanda e se encolheu contra os azulejos pretos. Sangue azul jorrava, manchando as coxas de sua calça.

A Matriarca se aproximou devagar, ofegante.

Manon se agarrou ao parapeito, fazendo força para se levantar uma última vez.

— Quer ouvir um segredo, Matadora das Suas? — sussurrou a avó.

Manon se recostou ao parapeito da varanda; a queda seria infinita e um alívio. Caso contrário, seria levada para o calabouço; seria usada para a procriação de Erawan, ou a

torturariam até que implorasse pela morte. Talvez ambos.

A Matriarca falou tão baixo que até mesmo Manon mal conseguiu ouvir por cima da respiração difícil.

— Enquanto sua mãe estava em trabalho de parto, ela confessou quem era seu pai. Disse que você... *você* seria aquela a quebrar a maldição, a nos salvar. Disse que seu pai era um raro príncipe Crochan. E disse que seu sangue misto seria a chave. — A avó dela ergueu as unhas até a boca e lambeu o sangue azul da neta.

Não.

*Não.*

— Portanto, você foi uma Matadora das Suas a vida inteira — ronronou a bruxa. — Caçando aquelas Crochans, suas *parentes*. Quando era pequena, seu pai a procurou pelos territórios. Ele nunca deixou de amar sua mãe. *Amá-la* — disparou ela. — E amar você. Então eu o matei.

Manon olhou para a queda abaixo, para a morte que a chamava.

— O desespero dele foi delicioso quando contei o que fizera a ela. E em que transformaria você. Não uma filha da paz... mas da guerra.

*Transformada.*

*Transformada.*

*Transformada.*

As unhas de ferro de Manon se quebraram na pedra preta do parapeito. E então a avó disse as palavras que a destruíram.

— Sabe por que aquela Crochan espionava o desfiladeiro Ferian na primavera? Fora enviada para encontrar *você*. Depois de 116 anos de buscas, tinham finalmente descoberto a identidade da filha perdida de seu príncipe morto.

O sorriso da Matriarca parecia medonho naquele triunfo absoluto. Manon desejou que tivesse força nos braços, nas pernas.

— Seu nome era Rhiannon, em homenagem à última rainha Crochan. E ela era sua meia-irmã. Confessou isso para mim em nossas mesas de abate, pois achou que assim salvaria a própria vida. E quando viu o que você tinha se tornado, escolheu que esse conhecimento morresse com ela.

— Sou uma Bico Negro — retrucou Manon, a voz rouca, engasgando com sangue.

A avó deu um passo, sorrindo ao cantarolar:

— Você é uma Crochan. A última da linhagem real após a morte de sua irmã por suas mãos. É uma *rainha* Crochan.

Havia silêncio absoluto das bruxas reunidas.

A Matriarca estendeu a mão para ela.

— E vai morrer como uma quando eu terminar com você.

Manon não deixou que as unhas a tocassem.

Um estrondo soou próximo.

Então a jovem bruxa usou a força que reunira nos braços e nas pernas para se atirar por sobre o beiral da varanda.

E rolar para o espaço aberto.



Ar e rocha e vento e sangue...

Manon se chocou contra uma pele quente e encouraçada, gritando quando a dor dos ferimentos lhe ofuscou a visão.

Acima, em algum lugar bem distante, a avó vociferava ordens...

Manon cravou as unhas na pele encouraçada, enterrando as garras profundamente. Abaixo, soou um ganido de desconforto que ela reconheceu. Abraxos.

Mas ela continuou segurando firme, e a serpente alada suportou a dor ao se inclinar para o lado, desviando da sombra de Morath...

Manon as sentiu ao redor.

Ela conseguiu abrir os olhos e posicionar a pálpebra transparente de proteção contra o vento.

Edda e Briar, suas Sombras, a flanqueavam. A jovem bruxa sabia que tinham permanecido ali, esperando escondidas com as serpentes aladas, e que haviam ouvido cada uma daquelas malditas últimas palavras.

— As outras partiram na frente. Fomos enviadas para resgatá-la — gritou Edda, a mais velha das irmãs, por cima do rugido do vento. — Seu ferimento...

— É superficial — disparou Manon, forçando-se a afastar a dor para se concentrar na tarefa adiante. Estava no pescoço de Abraxos, com a sela poucos centímetros atrás. Sofrendo com cada fôlego, a bruxa soltou as unhas, uma a uma, da pele da montaria e deslizou para a sela. Abraxos retificou o voo, oferecendo vento suave para que Manon se prendesse ao cinto.

Sangue lhe escorria das lacerações na barriga... deixando o assento rapidamente escorregadio.

Atrás delas, diversos rugidos fizeram as montanhas estremecerem.

— Não podemos deixar que cheguem às demais — disse Manon, com esforço.

Briar, cujos cabelos pretos esvoaçavam atrás do corpo, deslizou para perto.

— Seis Pernas Amarelas em nosso encalço. Da aliança pessoal de Iskra. Aproximando-se rapidamente.

Com contas a ajustar, sem dúvida tinham recebido carta branca para matá-las.

Manon avaliou os picos e as ravinas das montanhas que as cercavam.

— Duas para cada — ordenou ela. As serpentes negras das Sombras eram imensas, habilidosas em se esconder e devastadoras em uma luta. — Edda, atraia duas para oeste; Briar, leve as outras duas para leste. Deixem as duas últimas comigo.

Nenhum sinal do restante das Treze nas nuvens cinzentas ou nas montanhas.

Que bom; tinham fugido. Bastava.

— Matem-nas, então encontrem as outras — declarou Manon, com um braço sobre o ferimento.

— Mas, Líder Alada...

O título quase destruiu sua força de vontade. Ainda assim, a bruxa disparou:

— É uma ordem.

As Sombras fizeram uma reverência com a cabeça. Então, como se compartilhassem a mente e o coração, desviaram para direções opostas, afastando-se de Manon, como pétalas ao vento.

Iguais a cães de caça farejando o alvo, quatro Pernas Amarelas se separaram do grupo para lidar com cada Sombra.

As duas no centro voavam mais rápido, mais intensamente, dividindo-se para se aproximar de Manon. A visão da bruxa ficou embaçada.

O que não era nada bom... nada bom mesmo.

— Vamos tornar essa resistência final digna de uma canção — sussurrou para Abraxos.

O animal urrou em resposta.

As Pernas Amarelas voaram e se aproximaram o bastante para que a herdeira Bico Negro lhes contasse as armas. Um grito de batalha soou daquela à direita.

Manon enterrou o tornozelo esquerdo na lateral de Abraxos.

Como uma estrela cadente, ele disparou para baixo, na direção dos picos das montanhas cinzentas. As Pernas Amarelas mergulharam com os dois.

Apesar da visão embaçada, lampejando preto e branco, Manon mirou uma ravina que percorria a espinha da cordilheira. Um calafrio passou pelos ossos da bruxa.

As paredes da ravina os envolveram, Abraxos e ela, como a boca de uma besta poderosa, então Manon puxou as rédeas uma vez.

A serpente alada abriu as asas e planou pela lateral da ravina antes de pegar uma corrente de vento e se nivelar, batendo as asas desesperadamente pelo coração do vale, onde pilares de pedras se projetavam do leito, como lanças.

Com montarias grandes e corpulentas, as Pernas Amarelas, que mal raciocinavam devido à sede de sangue, hesitaram diante da ravina, da curva acentuada...

Houve um estrondo e um guincho, em seguida a ravina toda estremeceu.

Manon engoliu o grito de dor ao olhar para trás. Uma das serpentes aladas entrara em pânico, pois era muito grande para o espaço, e se chocara contra uma coluna de pedra. Fazendo chover ossos quebrados e sangue.

Mas a outra tinha conseguido desviar e voava na direção de Manon e Abraxos, com asas tão largas que quase tocavam as laterais da ravina.

— *Voe, Abraxos* — ofegou a jovem bruxa, entre dentes ensanguentados.

E sua gentil montaria, com coração de guerreiro, voou.

Manon se concentrou em continuar na sela, em pressionar o braço contra o ferimento para estancar o sangue e manter aquele frio letal afastado. Havia se ferido o suficiente na vida para saber que a avó a atingira profundamente e com vontade.

A ravina desviava para a direita, e Abraxos fez a curva com uma habilidade experiente. Ela rezou por um estrondo contra a parede e um rugido da serpente alada que os perseguia, mas não ouviu nada.

No entanto, Manon conhecia aqueles cânions mortais. Voara por aquele caminho inúmeras vezes durante as intermináveis e fúteis patrulhas dos últimos meses. As Pernas Amarelas, reclusas no desfiladeiro Ferian, não os conheciam.

— Até o fim, Abraxos — disse a montadora. O rugido da besta foi a única confirmação.

Uma chance. Manon teria uma chance. Então poderia morrer satisfeita, sabendo que as Treze não seriam perseguidas. Pelo menos não naquele dia.

Volta após volta, Abraxos disparou pela ravina, golpeando a própria cauda contra as rochas para lançar os destroços na sentinela Pernas Amarelas.

A montadora desviava das rochas, com a serpente alada oscilando ao vento. Mais perto... Manon precisava dela mais perto. Ela puxou as rédeas, e Abraxos conteve a velocidade.

Volta após volta após volta, rochas negras disparando, embaçadas como a própria visão em falência da bruxa.

A Pernas Amarelas estava próxima o bastante para atirar uma adaga.

Manon olhou por cima de um dos ombros com a visão comprometida e viu que a bruxa faria exatamente aquilo.

Não uma adaga... mas duas, metal refletindo à luz fraca do cânion.

Ela se preparou para o impacto do metal sobre carne e osso.

Abraxos fez a curva final no momento em que a sentinela atirou as lâminas contra Manon. Uma parede alta e impenetrável de pedra preta se ergueu a poucos metros.

Mas a montaria disparou para cima, pegando a corrente ascendente e planando para fora do coração da ravina, tão perto que Manon podia tocar a parede do beco sem saída.

As duas adagas atingiram a rocha onde ela estivera momentos antes.

E a sentinela Pernas Amarelas, sobre a serpente alada corpulenta e pesada, também a atingiu.

Rocha gemeu quando o animal e a montadora se estatelaram contra ela. E caíram no leito da ravina.

Ofegante, com a respiração rouca e úmida de sangue, Manon deu tapinhas na lateral de Abraxos. Até mesmo aquele movimento foi fraco.

— Boa — elogiou ela, com dificuldade.

Montanhas se tornaram pequenas de novo. A floresta de Carvalhal se estendeu diante de Manon. Árvores; a

cobertura das árvores poderia escondê-la...

— Carva... — começou a bruxa, rouca.

Ela não terminou o comando antes de a Escuridão disparar para reivindicá-la.

# 19

Elide Lochan se manteve quieta durante os dois dias em que caminhou com Lorcan pelo limite leste da floresta de Carvalhal, seguindo para as planícies além.

Não fizera as perguntas que pareciam importar mais, deixando que o semifeérico pensasse que era uma garota tola, cega pela gratidão de ter sido salva.

Lorcan rapidamente esquecera que, embora a tivesse carregado, Elide se salvara. E ele aceitara seu nome — o nome da *mãe* — sem questionamentos. Se Vernon estivesse atrás da jovem... Fora um erro bobo, mas não tinha como desfazê-lo, não sem levantar as suspeitas do guerreiro.

Então a jovem se manteve calada e engoliu as perguntas. Por que ele a estava caçando; ou quem era a senhora de

Lorcan, capaz de comandar um guerreiro tão poderoso; por que ele queria ir até Morath; por que ficava tocando um objeto sob a jaqueta escura. E por que parecera tão surpreso, embora tivesse tentado esconder, quando Elide mencionara Celaena Sardothien e Aelin Galathynius.

Ela não tinha dúvidas de que o semifeérico guardava segredos próprios e de que, apesar da promessa de protegê-la, assim que conseguisse todas as respostas que queria, a proteção terminaria.

Mas mesmo assim, Elide tinha dormido em paz nas duas últimas noites — graças à barriga cheia de carne, cortesia da caça de Lorcan. Ele pegara dois coelhos, e quando a menina devorou o seu em minutos, Lorcan lhe dera metade do que tinha restado do dele. Ela não se incomodara em ser educada e recusar.

Era o meio da manhã quando a luz na floresta ficou mais forte e o ar mais fresco. Em seguida ouviram o rugido de águas poderosas: o Acanthus.

Lorcan seguiu à frente, e, quando ergueu a mão em um gesto silencioso para que ela esperasse, Elide podia ter jurado que até mesmo as árvores se inclinaram e abriram caminho para o guerreiro.

A jovem obedeceu, permanecendo na escuridão entre as copas e rezando para que ele não os obrigasse a retornar para

o emaranhado da floresta de Carvalhal, para que ele não lhe negasse aquele passo em direção ao mundo iluminado e aberto...

Lorcan gesticulou de novo, para que ela seguisse. O caminho estava livre.

Piscando para a torrente de luz do sol, Elide ficou em silêncio conforme caminhou da última fileira de árvores até o leito alto e rochoso do rio onde Lorcan aguardava.

O rio era imenso, manchado de correntezas cinzentas e marrons — devido ao restante do gelo que derretera das montanhas. Tão amplo e tão selvagem que ela percebeu que não poderia nadar para o lado oposto, e que a travessia precisaria ser em outro lugar. Contudo, além do rio, como se água fosse uma fronteira entre dois mundos...

Colinas e campos de grama esmeralda alta oscilavam do outro lado do Acanthus, parecendo um mar sibilante sob um céu azul sem nuvens que se estendia eternamente até o horizonte.

— Não consigo me lembrar — murmurou Elide, as palavras quase inaudíveis por cima da canção rugida do rio. — Da última vez que vi... — Em Perranth, trancafiada naquela torre, tinha apenas vista para a cidade, talvez para o lago se o dia estivesse limpo o suficiente. Então fora parar naquela carruagem de prisão, depois em Morath, onde havia

apenas montanhas e cinzas e exércitos. E durante o voo com Manon e Abraxos, estivera perdida demais em terror e luto para reparar em qualquer coisa. Mas naquele momento... Não conseguia se lembrar da última vez que vira a luz do sol dançando em um campo, ou passarinhos marrons saltitando e planando na brisa morna.

— A estrada fica 1,5 quilômetro rio acima — disse Lorcan, com os olhos pretos insensíveis ao Acanthus ou ao gramado ondulante adiante. — Se quer que seu plano funcione, agora é o momento de se preparar.

Ela olhou para Lorcan.

— É você quem precisa de mais preparação. — Sobrancelhas pretas se ergueram, e Elide explicou: — Se é para esse disfarce dar certo, precisa ao menos... fingir ser humano.

Nada a seu respeito sugeria que a herança humana estava presente.

— Esconda mais as armas — continuou ela. — Deixe apenas a espada.

Mesmo a lâmina poderosa seria um indício óbvio de que Lorcan não era um viajante comum.

Elide pegou uma faixa sobressalente de couro do bolso do casaco.

— Prenda o cabelo. Vai parecer menos... — Ela parou

de falar diante do leve interesse misturado com aviso no olhar do semifeérico. — Selvagem — obrigou-se a dizer a jovem, balançando a faixa de couro entre os dois. Os dedos largos de Lorcan pegaram o objeto, e ele contraiu os lábios ao obedecer. — E desabotoe o casaco — falou Elide, vasculhando o catálogo mental em busca de traços que tivesse notado que pareciam menos ameaçadores, menos intimidantes. Ele obedeceu àquela ordem também, e logo a camisa cinza-escuro sob o casaco preto justo estava à mostra, revelando o peito largo e musculoso. Pelo menos assim parecia mais inclinado ao trabalho braçal que aos campos de batalha.

— E você? — indagou Lorcan, ainda com as sobrancelhas erguidas.

Elide se observou, então apoiou a sacola. Primeiro, retirou o casaco de couro, embora a fizesse se sentir como se uma camada de pele tivesse sido arrancada, depois enrolou as mangas da camisa branca. Sem o couro justo, o contorno dos seios ficava visível — marcando-a como uma mulher, e não como a garota franzina que presumiam que fosse. Em seguida ela cuidou dos cabelos, soltando-os da trança e fazendo um coque no alto da cabeça. O penteado de uma mulher casada, e não as mechas soltas nem as tranças da juventude.

A jovem enfiou o casaco na sacola e ficou de pé para encarar Lorcan.

Os olhos do guerreiro percorreram a moça dos pés à cabeça, e ele franziu a testa de novo.

— Peitos maiores não provarão ou esconderão nada.

As bochechas de Elide esquentaram.

— Talvez mantenham os homens distraídos por tempo suficiente para não fazerem perguntas.

Com isso, rumou para o rio, tentando não pensar nos homens que a haviam tocado e ridicularizado naquela cela. Mas, se o corpo pudesse levá-la em segurança para o outro lado do rio, usaria aquilo em vantagem própria. Homens veriam o que quisessem: uma jovem bonita que não se irritava com a atenção, que falava de modo suave e reconfortante. Alguém de confiança, alguém doce, porém comum.

Lorcan a seguiu, então a alcançou e caminhou ao seu lado durante os últimos metros em curva do rio, como um verdadeiro companheiro, e não como uma escolta presa a ela por uma promessa.

Cavalos e carruagens e gritos os receberam antes que o cenário surgisse.

Mas lá estava: uma ponte de pedra ampla, embora gasta, com carros e carroças e montadores enfileirados em

multidões de cada lado. E cerca de duas dúzias de guardas com as cores de Adarlan monitorando cada margem, coletando pedágios e...

Verificando carruagens, inspecionando cada rosto e pessoa.

Os ilken sabiam sobre o andar manco de Elide.

Ela ficou mais lenta, mantendo-se próxima a Lorcan conforme se aproximavam das surradas tendas de dois andares do seu lado do rio. No fim da estrada, ladeados pelas árvores, alguns prédios igualmente deploráveis fervilhavam com atividade. Uma estalagem e uma taverna. Para que viajantes esperassem fora da fila, com uma bebida ou uma refeição, ou talvez para que alugassem um quarto durante o clima inclemente.

Tantas pessoas; humanos. Nenhuma parecia em pânico ou ferida ou doente. E os guardas, apesar dos uniformes, moviam-se como homens conforme vasculhavam as carruagens passando pelas tendas que serviam de pedágio e dormitório.

Ao seguirem para a estrada de terra e para o fim distante da fila, Elide falou, baixinho, para Lorcan:

— Não sei qual magia possui, mas, se puder tornar meu mancar menos óbvio...

Antes que a jovem terminasse a frase, uma força como

vento frio da noite se pressionou contra seu tornozelo, envolvendo-o como uma amarra sólida. Uma tala.

Os passos de Elide se igualaram, e ela precisou conter a vontade de dar um gritinho diante da sensação de caminhar reto e com determinação. Não se permitiu aproveitar a sensação, saboreá-la, não quando aquilo provavelmente só duraria até que atravessassem a ponte.

Carruagens de mercadores se demoravam, lotadas de bens daqueles que não quiseram arriscar o rio Avery para o norte; os condutores esperavam com expressões tensas diante das inspeções iminentes. Elide observou condutores, mercadores, outros viajantes... Cada um fazia com que seus instintos gritassem que seriam traídos assim que pedissem carona ou oferecessem uma moeda em troca de silêncio.

Como furar a fila atrairia os guardas, a jovem usou cada passo até o fim da linha para observá-la. Ainda assim não conseguiu nada.

Lorcan, no entanto, olhou significativamente para a taverna atrás de Elide, sem dúvida pintada de branco para esconder as pedras aos pedaços.

— Vamos comer algo antes de esperar — disse ele, alto o suficiente para que a carruagem adiante ouvisse e os ignorasse.

A jovem assentiu. Haveria outras pessoas lá dentro, e seu

estômago roncava. Mas...

— Não tenho dinheiro — murmurou Elide ao se aproximarem da porta de madeira pálida. Mentira. Tinha ouro e prata de Manon. Mas não exibiria o dinheiro diante de Lorcan, com ou sem promessa.

— Tenho bastante — rebateu ele, firme, e ela delicadamente pigarreou.

Lorcan ergueu a sobrancelha.

— Não vai conquistar aliados com essa aparência — indicou Elide, dando um sorrisinho doce ao semifeérico. — Entre lá parecendo um guerreiro e será notado.

— E o que eu deveria ser, então?

— O que precisar ser quando chegar a hora. Mas... não faça expressão de raiva.

Lorcan abriu a porta, e, quando os olhos de Elide se ajustaram ao brilho dos candelabros de ferro retorcido, o rosto do guerreiro *tinha* mudado. Os olhos talvez jamais fossem calorosos, mas um sorriso sereno se estampava em seu rosto, e os ombros estavam relaxados... como se estivesse levemente incomodado pela espera, mas ansioso por uma boa refeição.

Quase parecia humano.

A taverna estava lotada; o barulho era tão ensurdecedor que Elide mal conseguia falar alto o bastante com a

garçonete mais próxima para pedir almoço. Tinham se espremido entre mesas cheias, e a jovem reparou que mais do que poucos pares de olhos se voltaram para seus seios, depois para seu rosto. E se detiveram.

Ela afastou a sensação nauseante e manteve os passos lentos ao seguir para uma mesa encaixada na parede dos fundos, que acabara de ser desocupada por um casal de aparência cansada.

A poucos metros deles, havia um grupo barulhento de oito pessoas amontoado em volta de uma mesa, e uma mulher de meia-idade com uma gargalhada estrondosa imediatamente se destacou como a líder. Os demais à mesa — uma linda mulher de cabelos pretos; um homem barbudo, com peito largo e mãos tão grandes quanto pratos de comida; e algumas pessoas de aparência tosca —, todos olhavam para a mulher mais velha, medindo suas reações e ouvindo atentamente o que tinha a dizer.

Elide deslizou para a cadeira de madeira gasta, e Lorcan ocupou o assento diante dela; o tamanho do guerreiro lhe garantiu um olhar do homem barbudo e da mulher de meia-idade.

A jovem mediu aquele olhar.

De avaliação. Não para lutar nem para ameaçar. Mas com apreciação e cálculo.

Ela se perguntou por um segundo se a própria Anneith teria cutucado o outro casal para que fosse embora... para que liberasse aquela mesa para os dois. Para aquele exato olhar.

Elide apoiou a mão na mesa, com a palma para cima, e deu um sorriso preguiçoso a Lorcan, um que vira uma criada da cozinha dar a um cozinheiro de Morath certa vez.

— Marido — disse ela, com doçura, agitando os dedos.

A boca de Lorcan se contraiu, mas ele pegou a mão de Elide, fazendo os dedos da jovem sumirem sob os dele.

Os calos do guerreiro rasparam contra os dela, o que ambos repararam no mesmo momento. Então Lorcan deslizou a mão para segurar a da companheira em concha, inspecionando a palma da mão. A jovem a fechou e girou, em seguida pegou a mão de Lorcan novamente.

— Irmão — murmurou ele, para que ninguém mais ouvisse. — Sou seu irmão.

— É meu marido — retrucou Elide, igualmente baixo. — Somos casados há três meses. Acompanhe minhas deixas.

Ele observou o entorno, sem notar o olhar de avaliação que os dois tinham recebido. Dúvida ainda dançava nos olhos do guerreiro, com uma pergunta silenciosa.

Elide falou, simplesmente:

— Homens não temem a ameaça de um irmão. Eu

ainda não seria de ninguém, ainda estaria aberta a... convites. Já vi o quão pouco os homens respeitam qualquer coisa a que pensem ter direito. Então você é meu marido — sibilou ela. — Até que eu diga o contrário.

Uma sombra percorreu os olhos de Lorcan, com outra pergunta. Uma que Elide não queria e não podia responder. A mão dele se apertou sobre a dela, exigindo que ela o fitasse, mas a jovem se recusou.

Felizmente a comida chegou antes que Lorcan pudesse fazer a pergunta.

Ensopado; raízes e coelho. Elide atacou o prato, quase derretendo o céu da boca com a primeira mordida.

O grupo atrás dos dois começou a conversar de novo, e ela ouvia conforme comia, selecionando partes do que escutava, como se fossem conchas em uma praia.

— Talvez possamos oferecer uma apresentação para eles reduzirem a taxa do pedágio pela metade — disse o homem loiro e barbudo.

— Acho difícil — respondeu a líder. — Aqueles desgraçados *nos* cobrariam pela apresentação. Pior, iriam gostar de nossas apresentações e exigiriam que ficássemos um tempo. Não podemos arriscar a espera. Não quando outras companhias já estão a caminho. Não queremos chegar às cidades das planícies depois de todos.

Elide quase engasgou no ensopado. Anneith *devia* ter liberado aquela mesa, então. Seu plano era encontrar uma trupe ou um circo itinerante ao qual se misturassem, disfarçando-se de trabalhadores, e aquilo...

— Se pagarmos o preço cheio do pedágio — falou a bela mulher —, chegaremos à primeira cidade quase mortos de fome e incapazes de nos apresentar.

Elide ergueu o olhar para Lorcan; ele assentiu.

Ela tomou um pouco do ensopado, preparando-se, pensando em Asterin Bico Negro. Charmosa, confiante, destemida. Sempre tinha a cabeça inclinada em um ângulo descontraído, com braços e pernas relaxados, um indício de sorriso nos lábios. Elide respirou fundo, deixando que essas memórias se enterrassem em músculos e carne e osso.

Então se virou na cadeira, apoiando o braço no encosto ao se inclinar na direção da mesa do grupo, e disse, sorrindo:

— Desculpe interromper sua refeição, mas não pude deixar de ouvir a conversa. — Todos se viraram para ela, com as sobrancelhas erguidas, os olhos da líder disparando direto para o rosto de Elide. Ela percebeu a avaliação: jovem, bela, intocada por uma vida difícil. Elide manteve uma expressão agradável, tentando fazer com que os olhos se alegrassem. — São algum tipo de trupe artística? — Ela indicou Lorcan com a cabeça. — Meu marido e eu estamos

procurando nos juntar a uma há semanas, sem sorte... estão todas cheias.

— Também estamos — declarou a líder.

— Certo — respondeu Elide, alegremente. — Mas aquele pedágio é caro para qualquer um. Se fizéssemos negócios juntos, talvez de forma temporária... — O joelho de Lorcan roçou o dela em aviso. A jovem o ignorou. — Ficaríamos felizes em contribuir com a taxa... cobrir alguma diferença devida.

A avaliação da mulher se transformou em cautela.

— Somos uma trupe, de fato. Mas não estamos precisando de novos membros.

O homem barbudo e a linda mulher olharam para a líder com reprimenda nos olhos.

Elide deu de ombros.

— Tudo bem, então. Mas caso mudem de ideia antes de partir, meu marido — um gesto para Lorcan, que tentava ao máximo sorrir de modo tranquilo — é um experiente atirador de facas. E em nossa trupe anterior conseguiu um bom dinheiro desafiando homens que queriam derrotá-lo em testes de força.

A líder voltou os olhos atentos para o semifeérico; para a altura e os músculos e a postura.

Elide sabia que tinha adivinhado corretamente a vaga

que precisavam preencher quando a mulher perguntou:

— E o que você fazia?

— Eu trabalhava como vidente, me chamavam de oráculo. — Ela deu de ombros. — A maior parte era jogo de sombras e adivinhação. — Precisaria ser, considerando o pequeno detalhe de que Elide não sabia ler.

A mulher permaneceu apática.

— E qual era o nome da trupe?

Provavelmente a conheceriam... conheciam todas as trupes que patrulhavam as planícies.

Elide buscou na memória algo útil, qualquer coisa...

Pernas Amarelas. As bruxas de Morath tinham certa vez mencionado Baba Pernas Amarelas, que havia viajado com um circo itinerante para evitar ser reconhecida, que morrera em Forte da Fenda naquele inverno sem explicações... Detalhe após detalhe, enterrado nas catacumbas da memória, veio à tona.

— Estávamos no Parque dos Espelhos — explicou Elide. Reconhecimento, assim como surpresa e respeito, percorreu os olhos da líder. — Até que Baba Pernas Amarelas, nossa dona, foi morta em Forte da Fenda no último inverno. Partimos e estamos em busca de trabalho desde aquela época.

— De onde vieram então? — perguntou o homem

barbudo.

— Minha família mora do lado oeste das montanhas Canino Branco. Passamos os últimos meses com eles, esperando a neve derreter, pois a passagem estava muito traiçoeira — respondeu Lorcan. — Há coisas estranhas acontecendo nas montanhas ultimamente — acrescentou.

A companhia ficou em silêncio.

— De fato — afirmou a mulher de cabelos pretos. Ela olhou para a líder do grupo. — Poderiam ajudar a pagar o pedágio, Molly. E desde que Saul partiu, o espetáculo está vazio...

Provavelmente o atirador de facas.

— Como eu disse — intrometeu-se Elide, com o lindo sorriso de Asterin —, ficaremos aqui um tempinho. Então, se mudarem de ideia... avisem. Se não... — Ela fez uma saudação com a colher amassada. — Boa viagem.

Algo lampejou nos olhos de Molly ao examiná-los de cima a baixo mais uma vez.

— Boa viagem — murmurou ela.

Elide e Lorcan retornaram à refeição.

E quando a garçonete foi pegar o dinheiro devido, Elide levou a mão ao bolso interno e tirou uma moeda de prata.

Os olhos da garçonete se arregalaram, mas foram os olhos atentos de Molly e dos demais naquela mesa que Elide

notou durante o tempo em que a garota saiu e trouxe de volta o troco.

Lorcan se manteve em silêncio ao ver Elide deixar uma gorjeta generosa na mesa. Então ambos ofereceram sorrisos agradáveis à trupe quando desocuparam a mesa, saindo da taverna em seguida.

A jovem foi até o fim da fila, ainda com aquele sorriso no rosto, as costas eretas.

O guerreiro se aproximou, de forma nada extraordinária para o papel que interpretavam.

— Não tem dinheiro, não é?

Elide lhe ofereceu um olhar de esguelha.

— Parece que me enganei.

Um lampejo de dentes brancos surgiu quando Lorcan sorriu; um sorriso genuíno dessa vez.

— Bem, é melhor torcer para que você e eu tenhamos o bastante, Marion, porque Molly está prestes a fazer uma oferta.

Elide se virou ao ouvir o estalar da terra sob botas pretas, e viu a mulher diante deles, os demais detendo-se... alguns dando a volta para os fundos da taverna, sem dúvida para buscar as carruagens.

O rosto severo de Molly estava corado, como se o grupo tivesse discutido. Mas ela apenas emitiu um estalo com a

língua e disse:

— Um número temporário. Se forem uma merda, estão fora, e não devolveremos o dinheiro do pedágio.

Elide sorriu, um sorriso que não era totalmente fingido.

— Marion e Lorcan, a seu serviço, madame.



Sua mulher. Pelos deuses.

Lorcan tinha mais de 500 anos; e aquela... aquela menina, jovem mulher, diaba, o que quer que fosse, acabara de blefar e mentir para conseguir um trabalho. Atirador de facas, de fato.

O guerreiro se deteve fora da taverna com Marion ao lado. Uma pequena trupe — por isso a falta de fundos —, e uma trupe que vira dias melhores, percebeu Lorcan quando as duas carruagens pintadas de amarelo chacoalharam e se agitaram diante dele, puxadas por quatro cavalos velhos.

Marion observou atentamente conforme Molly ocupou o assento do condutor ao lado da beldade de cabelos pretos, a qual não deu qualquer atenção a Lorcan.

Bem, estar com Marion como sua maldita *esposa* certamente tornava impossível qualquer coisa além de apreciar a bela mulher.

Ele se conteve para não grunhir. Não ficava com uma mulher havia meses. E é claro — é claro — que teria tempo e interesse em uma... apenas para ser impedido pelas mentiras de outra.

Sua mulher.

Não que Marion fosse desagradável aos olhos, notou Lorcan ao vê-la obedecer à ordem ríspida de Molly e entrar na traseira da segunda carruagem. Alguns dos outros membros do grupo os acompanhavam em cavalos maltrapilhos.

A jovem aceitou a mão estendida do barbudo, que a puxou para a carruagem com facilidade. Lorcan a seguiu, analisando todos no grupo, todos na cidadezinha improvisada. Um punhado de homens e algumas mulheres repararam em Marion quando ela passou.

O rosto meigo acompanhado de curvas pecaminosas — sem mancar, com os cabelos afastados do rosto... A jovem sabia exatamente o que estava fazendo. Sabia que as pessoas notariam essas coisas, pensariam nesses detalhes, em vez de se lembrarem da mente esperta e das mentiras com as quais eram alimentados.

Lorcan ignorou a mão do barbudo e subiu na traseira da carruagem, obrigando-se a sentar perto de Marion, a passar o braço sobre os ombros ossudos e a parecer aliviado e feliz

por ter uma trupe novamente.

Suprimentos preenchiam a carruagem, assim como mais cinco pessoas que sorriram para Marion... e então rapidamente desviaram o olhar do guerreiro.

A jovem apoiou a mão no joelho de Lorcan, que evitou a vontade de afastar o corpo. Fora um choque, mais cedo, sentir o quanto aquelas mãos delicadas eram ásperas.

Não fora apenas uma prisioneira em Morath, mas uma escrava.

Os calos eram bastante antigos e firmes, indicando que Marion provavelmente trabalhara durante anos. Trabalho árduo, ao que parecia — e com aquela perna destruída...

O semifeérico tentou não pensar naquele cheiro de medo e dor que sentira quando ela lhe contara o quão pouco acreditava na bondade e na decência dos homens. Não deixou que a imaginação corresse solta com relação ao porquê a jovem poderia achar tal coisa.

A carruagem estava quente, e o ar, úmido com suor humano, feno, merda dos cavalos em fila diante deles, o fedor de ferro das armas.

— Vocês não têm muitos pertences? — perguntou o barbudo, Nik.

Merda. Lorcan se esquecera de que humanos viajavam com bagagem, como se estivessem de mudança para algum

lugar...

— Perdemos a maior parte em nossa viagem saindo das montanhas. Meu *marido* — explicou Marion, com uma irritação encantadora — insistiu para que atravessássemos um córrego rápido. Tenho sorte por ele ao menos ter *me* ajudado, pois certamente não saiu atrás de nossos suprimentos.

Uma risada baixa de Nik.

— Suspeito que ele estivesse mais concentrado em salvá-la que as bolsas.

A jovem revirou os olhos, dando tapinhas no joelho de Lorcan, que quase se encolhia a cada toque.

Mesmo com as amantes, o semifeérico não gostava de contato casual e distraído, exceto quando estavam na cama. Algumas achavam isso intolerável. Outras achavam que podiam dobrá-lo para que se tornasse um macho decente, que só queria um lar e uma boa fêmea para trabalhar ao seu lado. Nenhuma fora bem-sucedida.

— Posso me salvar sozinha — declarou Marion, alegremente. — Mas as espadas, nossos suprimentos de cozinha, minhas *roupas*... — Ela balançou a cabeça. — É possível que a performance de meu marido fique um pouco apagada até encontrarmos algum lugar para comprar mais

suprimentos.

Nik encarou Lorcan, fixando o olhar por mais tempo que a maioria dos homens ousava. O guerreiro não tinha certeza do que ele fazia para a trupe. Às vezes se apresentava... mas certamente era segurança. O sorriso do barbudo se fechou um pouco.

— A terra além das montanhas Canino Branco não é gentil. Seu povo deve ser resistente para viver por lá.

Lorcan assentiu.

— Uma vida mais dura — respondeu ele — do que quero para minha mulher.

— A vida na estrada não é muito melhor — replicou Nik.

— Ah — intrometeu-se Marion —, mas não é? Uma vida a céu aberto, nas estradas, perambulando por onde o vento levar, respondendo a ninguém e a nada? Uma vida de liberdade... — Ela gesticulou com a cabeça. — O que mais eu poderia pedir além de viver sem as barras de uma jaula?

Lorcan sabia que as palavras não eram mentira. Ele vira o rosto de Marion quando tinham chegado à planície gramada.

— Dito como alguém que passou bastante tempo na estrada — comentou Nik. — É sempre de um jeito ou de outro com nosso pessoal: você se assenta e nunca mais viaja,

ou perambula para sempre.

— Quero ver a vida... ver o mundo — disse Marion, a voz suavizando. — Quero ver tudo.

O guerreiro questionou se ela sequer chegaria a fazer aquilo caso ele fracassasse na própria tarefa e a chave de Wyrd acabasse em mãos erradas.

— Melhor não perambular longe demais — aconselhou Nik, franzindo a testa. — Não com o que aconteceu em Forte da Fenda... ou o que está acontecendo em Morath.

— O que aconteceu em Forte da Fenda? — interrompeu Lorcan, em um tom tão ríspido que Marion lhe apertou o joelho.

O homem coçou distraidamente a barba cor de trigo.

— A cidade foi saqueada, dizem. Tomada por terrores voadores, montados por mulheres-demônios. Bruxas, se é que se pode acreditar nos boatos. Dentes de Ferro, direto das lendas. — Ele estremeceu.

Pelos deuses. A destruição teria sido uma visão e tanto. Lorcan se obrigou a ouvir, a se concentrar e a não começar a calcular perdas e o que aquilo significaria para a guerra conforme Nik continuou:

— Nenhuma notícia do jovem rei. Mas a cidade pertence às bruxas e a suas bestas. Dizem que viajar para o norte agora significa encarar uma armadilha mortal; viajar

para o sul é outra armadilha mortal... Então — dando de ombros — vamos para o leste. Talvez possamos encontrar uma forma de contornar o que quer que esteja esperando em cada direção. Talvez a guerra venha e todos sejamos espalhados aos ventos. — Ele olhou Lorcan de cima a baixo. — Talvez homens como você e eu sejam recrutados.

O semifeérico conteve uma risada sombria. Ninguém podia forçá-lo a fazer nada; exceto uma pessoa, e ela... O peito de Lorcan se apertou. Era melhor não pensar em sua rainha.

— Acha que algum dos lados faria isso? Obrigaria os homens a lutar? — As palavras de Marion saíram sussurradas.

— Não sei — respondeu Nik no momento que o cheiro e o ruído do rio ficaram fortes o bastante, e Lorcan percebeu que estavam perto do pedágio. Ele levou a mão ao casaco para pegar o dinheiro que Molly exigira. Muito mais que a parte justa dos dois, mas o guerreiro não se importava. Aquelas pessoas podiam ir para o inferno assim que estivessem escondidos em segurança nas profundezas das planícies infinitas. — As forças do duque Perrington podem nem mesmo nos querer, se têm bruxas e bestas do seu lado.

E coisas muito piores, era o que Lorcan queria dizer. Cães de Wyrd e ilken, e sabiam os deuses o que mais.

— Mas Aelin Galathynius — ponderou o barbudo. A mão de Marion ficou inerte sobre o joelho do guerreiro. — Quem sabe o que ela fará. Não pediu ajuda, não pediu que soldados fossem até ela. Ainda assim, teve Forte da Fenda nas mãos, matou o rei, destruiu o castelo. Mas devolveu a cidade.

O banco sob eles rangeu quando Marion se inclinou para a frente.

— O que você sabe sobre Aelin?

— Boatos aqui e ali — respondeu ele, dando de ombros. — Dizem que é linda como o pecado e mais fria que o gelo. Dizem que é uma tirana, uma covarde, uma prostituta. Dizem que é abençoada pelos deuses, ou amaldiçoada por eles. Quem vai saber? Dezenove anos parece ser pouco para carregar tais fardos... Mas dizem os rumores que sua corte é forte. Uma metamorfa guarda as costas de Aelin, e dois príncipes-guerreiros a acompanham, um de cada lado.

Lorcan pensou naquela metamorfa, a qual tão desavergonhadamente vomitara sobre ele não uma, mas duas vezes; pensou naqueles dois príncipes-guerreiros... Um deles era o filho de Gavriel.

— Será que vai nos salvar ou condenar? — considerou Nik, enquanto monitorava a linha serpenteante atrás da carruagem. — Não sei se gosto muito da ideia de tudo estar

nas mãos da jovem, mas... se vencer, talvez a terra melhore... a vida melhore. E se fracassar... talvez todos mereçamos mesmo ser condenados.

— Ela vencerá — declarou Marion, com uma força silenciosa. As sobrancelhas do barbudo se ergueram.

Homens gritaram, e Lorcan disse:

— Eu deixaria a conversa sobre ela para outra hora.

Botas esmagaram o chão, então homens uniformizados olharam para dentro da traseira da carruagem.

— Fora — ordenou um. — Formem uma fila. — Os olhos do sujeito se fixaram em Marion.

O braço de Lorcan se apertou em torno da jovem ao ver uma luz feia e familiar demais tomar conta dos olhos do soldado.

— Venha, esposa — disse o semifeérico, contendo um grunhido.

A reparar em Lorcan, o soldado recuou um passo, um pouco pálido, e ordenou que os suprimentos fossem vasculhados.

Lorcan saiu primeiro, colocando a mão na cintura de Marion para ajudá-la a descer da carruagem. Quando ela fez menção de se afastar, o guerreiro puxou as costas da jovem contra si, envolvendo-a pelo abdômen. Ele encarou cada soldado que passou e se perguntou quem cuidava da bela

mulher de cabelos pretos na parte da frente da carruagem.

Um momento depois, ela apareceu com Molly. Havia um chapéu escuro, com abas, sobre a cabeça da bela mulher, obscurecendo metade do rosto bronzeado, e o corpo estava escondido em um casaco pesado, que disfarçava qualquer curva feminina. Mesmo o movimento da boca se tornara desagradável — como se tivesse entrado inteiramente na pele de outra pessoa.

Ainda assim, Molly a empurrou entre Lorcan e Nik. Então pegou a bolsa de dinheiro da mão livre do semifeérico sem sequer agradecer.

A bela de cabelos pretos se inclinou para a frente e murmurou para Marion:

— Não os encare e não responda.

Ela assentiu, abaixando o queixo ao concentrar o olhar no chão. Contra o corpo, Lorcan conseguia sentir o coração acelerado da jovem; descontrolado, apesar da submissão calma estampada em cada linha de sua postura.

— E você — sibilou a bela para Lorcan, enquanto os soldados verificavam as mercadorias, tomando o que queriam. — Molly disse que se você se meter em uma briga, está fora e que não vamos pagar sua fiança na prisão. Então deixe que falem e que riam, mas não interfira.

Ele pensou em dizer que podia matar todo aquele

grupamento se quisesse, mas assentiu.

Depois de cinco minutos, outra ordem foi gritada. Molly entregou o dinheiro do guerreiro, além do dela, como pedágio, e uma quantia extra pela "passagem com urgência". E então todos voltaram para a carruagem, sem ousar ver o que fora pilhado. Marion tremia, levemente apoiada na lateral do corpo de Lorcan, onde ele a aconchegara, mas o rosto da jovem parecia inexpressivo, entediado.

Os guardas sequer os interrogaram — nem perguntaram sobre uma mulher manca.

O Acanthus rugia abaixo conforme atravessavam a ponte; as rodas das carruagens ressoando sobre pedras antigas. Marion continuava tremendo.

Lorcan lhe observou o rosto de novo; os indícios vermelhos sobre as maçãs do rosto altas, a boca contraída.

Não tremia de medo, percebeu ele ao lhe sentir o cheiro. Um leve toque de pavor, talvez, mas em grande parte era algo vermelho-quente, algo selvagem que se debatia e...

Ódio. Era ódio fervilhante que a fazia tremer. Da inspeção, dos olhares lascivos dos guardas.

Uma idealista; era o que Marion era. Alguém que queria lutar por sua rainha, que acreditava, como Nik, que aquele mundo podia ser melhor.

Eles chegaram do outro lado da ponte, onde os soldados

permitiram sua passagem sem estardalhaço, então seguiram as margens do outro lado do rio, emergindo nas planícies, enfim, e no caminho Lorcan ponderou sobre aquele ódio... sobre aquela crença em um mundo melhor.

Ele não tinha vontade de contar a Marion, ou a Nik, que seu sonho era o sonho de um tolo.

Marion relaxou o suficiente para olhar pela traseira da carruagem — para a grama que acompanhava a ampla estrada de terra, para o céu azul, para o rio que rugia e para a extensão imponente da floresta de Carvalhal atrás deles. E, apesar de todo o ódio, um tipo de espanto hesitante cresceu nos olhos pretos da menina. Lorcan o ignorou.

Ele vira o pior e o melhor dos homens durante quinhentos anos.

Não havia tal coisa de um mundo melhor; não existia final feliz.

Porque não havia final.

E não haveria nada esperando por eles naquela guerra, nada esperando por uma jovem escrava fugida... que não uma cova rasa.

# 20

Rowan Whitethorn só precisava de um lugar para descansar. Ele não dava a mínima se seria em uma cama ou em uma pilha de feno, ou até mesmo sob um cavalo em um estábulo. Contanto que fosse silencioso e tivesse um teto para manter longe as correntes de chuva, ele não se importava.

Baía da Caveira era o que o guerreiro esperava, e ao mesmo tempo não era. Prédios em ruínas, pintados de todas as cores, mas na maioria abandonados e rachados, fervilhavam conforme os residentes puxavam varais para dentro e fechavam janelas para se proteger da chuva que perseguira Rowan e Dorian na entrada do porto minutos antes.

Encapuzados e cobertos com mantos, ninguém fizera

perguntas aos dois depois que o feérico dera cinco cobres ao mestre do cais. O suficiente para que ficasse de boca fechada, mas não o bastante para evitar que os potenciais ladrões que monitoravam o cais os seguissem.

Dorian já mencionara duas vezes que não tinha certeza de como o guerreiro ainda estava de pé. Sinceramente, Rowan também não. Ele se permitira cochilar apenas horas por vez durante os últimos dias. A exaustão pairava... constantemente o fazendo perder o controle sobre a magia e a concentração.

Quando não estivera dobrando os ventos para que impulsionassem o barco pelas vibrantes águas mornas do arquipélago das ilhas Mortas, o feérico ficara planando alto a fim de se certificar de que inimigos não se aproximavam. Não vira nenhum. Apenas oceano turquesa e areias brancas, salpicadas de pedras vulcânicas escuras. Tudo isso farfalhava a densa folhagem esmeralda sobre as ilhas montanhosas que se estendiam até onde os olhos de um falcão podiam ver.

Trovão ressoou sobre baía da Caveira, e o mar turquesa além do porto pareceu brilhar mais forte, como se um relâmpago distante tivesse iluminado todo o oceano. Ao longo do cais, um bar pintado de cobalto permanecia pouco vigiado, mesmo com a tempestade que caía sobre eles.

O Dragão Marinho. O quartel-general de Rolfe,

batizado em homenagem ao navio do pirata, segundo os relatórios de Aelin. Rowan pensou em seguir direto para lá, fingindo não passarem de dois viajantes perdidos, em busca de abrigo da tempestade.

Mas ele e o jovem rei haviam escolhido outro caminho durante as muitas horas em que cumprira a promessa de ensinar Dorian sobre magia. Trabalharam por apenas minutos por vez — pois seria inútil se o rapaz destruísse o barquinho caso o poder fugisse ao controle. Então fizeram exercícios com gelo: conjurando uma bola de gelo na palma da mão e deixando que derretesse. Diversas vezes.

Mesmo agora, parado como uma pedra em meio à corrente de pessoas que disparavam para se proteger da fúria da tempestade, o rei contraía e relaxava os dedos, deixando que Rowan fizesse o trabalho pelos dois, conforme olhava pela baía em forma de ferradura até a corrente colossal estendida na entrada; no momento, sob a superfície.

Quebra-Navios, era como a corrente se chamava. Coberta de cracas e envolta em algas, se conectava a duas torres de vigia, uma de cada lado da baía, nas quais guardas erguiam e desciam a corrente para permitir que navios saíssem. Ou para manter navios do lado de dentro até que tivessem pago as pesadas taxas. Os dois tiveram sorte pela corrente já ter sido abaixada em antecipação à tempestade.

Pois o plano de se anunciarem seria... calmo. Diplomático.

E precisaria ser mesmo, considerando que, da última vez que Aelin colocara os pés em baía da Caveira, dois anos antes, ela destruíra aquela corrente, depois derrubara uma das torres de vigia, que já fora reconstruída (Rolfe, ao que parecia, acrescentara uma torre-irmã do outro lado da baía desde então), além de acabar com metade da cidade. Fora isso, também inutilizara os lemes de todos os navios no porto, inclusive o do estimado navio de Rolfe, o *Dragão Marinho*.

Rowan não ficara surpreso, mas ao ver a *totalidade* da confusão que Aelin provocara... Pelos deuses.

Então o anúncio da chegada de Dorian seria o *oposto*. Eles ocupariam quartos em uma estalagem respeitável, então pediriam uma audiência com Rolfe. Adequada e dignamente.

Relâmpago brilhou, e o guerreiro agilmente verificou a rua adiante, segurando o capuz com a mão para evitar que o vento lhe revelasse a herança feérica.

Uma estalagem pintada de esmeralda ficava do outro lado do quarteirão, a placa emoldurada em ouro batia ao vento incontrolável. A rosa do oceano.

A melhor estalagem da cidade, alegara o mestre do cais quando perguntaram. Afinal, precisavam pelo menos parecer que podiam garantir o dinheiro que ofereceriam a Rolfe.

E descansar um pouco, pelo menos por algumas horas. Rowan caminhou na direção da estalagem, quase suspirando aliviado, e olhou por cima do ombro para indicar que o rei o seguisse.

Mas como se os próprios deuses quisessem testá-lo, uma lufada de vento frio da chuva soprou seus rostos e algum sentido se aguçou. Uma mudança no ar. Como um grande bolsão de poder por perto, chamando.

Rowan imediatamente pegou a faca na lateral do corpo com a mão encharcada e verificou os telhados, revelando apenas cortinas de chuva. O feérico silenciou a mente para ouvir a cidade e a tempestade em volta.

Dorian tirou os cabelos pingando do rosto e abriu a boca para falar... até que reparou na faca.

— Também está sentindo isso.

Rowan assentiu, conforme a chuva deslizava por seu nariz.

— O que você sentiu?

O poder puro do rei podia captar sensações diferentes, pistas diferentes, do que o vento e o gelo e o instinto do

guerreiro conseguiriam. Mas sem treinamento, talvez não fosse claro.

— Parece... velho. — Dorian encolheu o corpo, então disse, por cima do barulho da tempestade: — Feral. Impiedoso. Não consigo perceber mais nada.

— Lembra os valg?

Se havia uma pessoa que saberia, seria o rei diante de Rowan.

— Não — respondeu ele, semicerrando os olhos. — Eles eram repulsivos para minha magia. Essa coisa que está aí... Só deixa minha magia curiosa. Cautelosa, mas curiosa. Mas está oculta, de alguma forma.

O feérico embainhou a faca.

— Então fique perto e mantenha-se alerta.

Dorian jamais estivera em um lugar como baía da Caveira.

Mesmo com a chuva pesada os fustigando conforme caçavam a fonte daquele poder pela rua principal, ele se maravilhara com a mistura da ausência de leis e da total ordem da ilha-cidade. O local não se curvava a nenhum rei de sangue real, mas era governado por um lorde pirata, que lutara até alcançar o poder graças às mãos tatuadas com um

mapa dos oceanos do mundo.

Um mapa, diziam os boatos, que revelara onde inimigos, tesouro e tempestades esperavam por ele. O custo: a alma eterna.

Aelin certa vez confirmara que Rolfe era realmente desalmado *e* de fato tatuado. Quanto ao mapa... Ela dera de ombros, dizendo que o pirata tinha alegado que ele parara de se mover quando a magia havia caído. Dorian se perguntou se o tal mapa indicava nesse momento que ele e Rowan caminhavam pela cidade... se os marcava como inimigos.

Talvez a chegada de Aelin fosse sabida muito antes de ela colocar os pés na ilha.

Cobertos pelos mantos e capuzes e completamente ensopados, Dorian e Rowan fizeram um amplo circuito pelas ruas adjacentes. As pessoas tinham sumido rapidamente, e os navios no porto oscilavam, descontrolados, com as ondas batendo por cima do amplo cais até os paralelepípedos. Palmeiras se debatiam e farfalhavam, e nem mesmo as gaivotas se moviam.

A magia do rapaz permaneceu dormente, apenas murmurando quando ele enrijecia o corpo ao ouvir um ruído alto vindo das tavernas, das estalagens, dos lares e das lojas por onde passavam. Ao seu lado, Rowan disparava pela tempestade; a chuva e o vento pareciam lhe dar passagem.

Ao chegarem ao cais, viram o imenso e estimado navio de Rolfe sobre as águas agitadas, com as velas amarradas por causa da tempestade.

Pelo menos o lorde pirata estava lá. Pelo menos aquilo tinha dado certo.

Dorian ficara tão absorto observando o navio que quase se chocou contra as costas do feérico quando este parou.

Rowan felizmente não fez comentários a respeito, então o jovem rei cambaleou para trás e verificou o prédio que chamara a atenção do guerreiro.

Sua magia se eriçou, como um cervo assustado.

— Eu não deveria estar surpreso — resmungou o feérico, e a placa pintada de azul acima da entrada da taverna chacoalhou com o vento. o dragão marinho.

Dois guardas estavam na metade do quarteirão; não era um uniforme que os identificava como guardas, mas sua postura, parados naquela tempestade, as mãos nas espadas.

Rowan inclinou a cabeça, parecendo a Dorian que ele provavelmente contemplava se valia a pena atirar os homens ao porto revolto. No entanto, ninguém os impediu quando, após um olhar de cautela para Dorian, o feérico abriu a porta da taverna particular do lorde pirata. Luz dourada, temperos, pisos e paredes revestidos de madeira polida os receberam.

O bar estava vazio, apesar da tempestade. Completamente vazio, exceto por cerca de uma dúzia de mesas.

Rowan fechou a porta atrás de Dorian, verificando o salão e a escada curta nos fundos. De onde estavam, o jovem rei conseguia ver as palavras que cobriam a maioria das mesas.

*Caçador de Tempestades. Lady Ann. Estrela-Tigre.*

Eram popas de navios. Cada mesa fora feita com uma.

Não haviam sido tiradas de naufrágios. Não, aquele era um salão de troféus — um lembrete de como, exatamente, o lorde pirata conquistara a coroa.

Todas as mesas pareciam orbitar em relação a uma nos fundos, maior e mais gasta que as demais. *Destruidor*. As enormes tábuas estavam salpicadas de queimaduras e buracos... mas as letras permaneciam claras. Como se Rolfe jamais quisesse esquecer qual navio era usado como sua mesa de refeições particular.

Quanto ao próprio homem e aquele poder que eles sentiram... Não havia sinal de nenhum dos dois.

Uma porta se abriu atrás do bar, e uma jovem magra de cabelos castanhos saiu. O avental a identificava como atendente da taverna, mas os ombros estavam esticados, e a cabeça, erguida — a mulher observou os dois com olhos

cinzentos, atentos e nítidos, permanecendo pouco impressionada.

— Ele estava se perguntando quando vocês viriam xeretar — comentou ela, com o sotaque carregado, como o de Aedion.

— Ah, é?! — exclamou Rowan.

A atendente do bar indicou com o queixo a estreita escadaria de madeira nos fundos.

— O capitão quer vê-los... no escritório dele. Um lance de escadas acima, segunda porta seguindo o corredor.

— Por quê.

Até Dorian sabia que não deveria ignorar aquele tom. Mas a garota apenas pegou um copo, ergueu-o contra a luz da vela para inspecionar manchas, e tirou um retalho do avental. Tatuagens idênticas de dragões marinhos rampantes serpenteavam pelos antebraços bronzeados; as bestas pareciam se mover conforme os músculos da atendente se agitavam com o movimento.

Dorian reparou que as escamas dos dragões combinavam perfeitamente com os olhos dela quando a mulher se virou para encará-los mais uma vez antes de dizer, friamente:

— Não o deixem esperando.

Ao subirem as escadas barulhentas e mal iluminadas, o rapaz murmurou para Rowan:

— Pode ser uma armadilha.

— Possivelmente — retrucou o feérico, em tom igualmente baixo. — Mas considere que tivemos permissão de vir até aqui. Se fosse uma armadilha, a ação mais inteligente seria nos pegar desprevenidos.

Dorian assentiu, e algo em seu peito se aliviou.

— E você... sua magia está... melhor?

Aquela expressão severa não revelou nada.

— Darei um jeito. — Não era uma resposta.

Ao longo do corredor do segundo andar havia quatro rapazes de olhar determinado a postos, cada um armado com espadas requintadas, cujos cabos tinham sido entalhados como dragões marinhos atacando — certamente a marca de seu capitão. Não se incomodaram em falar qualquer coisa quando Dorian e Rowan seguiram para a porta indicada.

O príncipe feérico bateu uma vez e recebeu um resmungo como resposta.

Dorian não sabia o que esperar do lorde dos Piratas.

Mas certamente não era um homem de cabelos pretos, com no máximo 30 anos, se tanto, relaxando sobre uma espreguiçadeira de veludo vermelho diante das janelas curvas

salpicadas de chuva.

# 21

O lorde pirata de baía da Caveira nem se virou da espreguiçadeira onde estava jogado. Ao redor, havia pilhas de papéis cobrindo o tapete cobalto da sala. Poucos metros dentro do escritório, parado com Rowan, Dorian mal conseguia ver as colunas organizadas que pareciam preencher os papéis com números de mercadorias ou despesas; obtidas de forma ilegal ou não.

Rolfe, no entanto, continuava monitorando as embarcações que oscilavam no porto conforme a sombra de Quebra-Navios, frouxa na água, os separava do mundo envolto em tempestade.

O homem provavelmente ficara sabendo da chegada da dupla por estar sentado ali, e não devido ao mapa mágico. De fato, luvas de couro preto lhe adornavam as mãos; o

material marcado e rachado pela idade. Não havia um indício das lendárias tatuagens sob as luvas.

Rowan não se moveu, mal piscou ao observar o capitão e o escritório. O próprio Dorian tinha participado de manobras políticas suficientes para reconhecer a utilidade do silêncio... o poder de quem falava primeiro. O poder em fazer alguém esperar.

A chuva martelando as janelas e os pingos abafados das roupas encharcadas dos dois no tapete em frangalhos preenchiam o silêncio.

Rolfe bateu com o dedo enluvado no braço da espreguiçadeira, observando o porto por mais um segundo — como se para se certificar de que o *Dragão Marinho* ainda flutuava — e finalmente se voltou para eles.

— Tirem os capuzes. Quero saber com quem estou falando.

Dorian enrijeceu o corpo diante do comando, mas Rowan respondeu:

— Sua garçonete falou que você sabe muito bem quem somos.

Um meio sorriso irônico repuxou os lábios do pirata; o canto superior esquerdo era marcado por uma pequena cicatriz. Esperava que Aelin não fosse responsável por ela.

— Minha atendente fala demais.

— Então por que a manter?

— É uma bela visão... o que é difícil de encontrar por aqui — respondeu ele, colocando-se de pé. Tinha quase a altura de Dorian e usava roupas pretas simples, porém bem-feitas. Um florete elegante pendia ao lado do corpo, com uma faca de luta combinando.

Rowan riu com escárnio, mas para a surpresa de Dorian, retirou o capuz.

Os olhos verde-mar de Rolfe brilharam; sem dúvida devido ao cabelo prateado, às orelhas pontudas e aos caninos levemente alongados. Ou à tatuagem.

— Um homem que gosta de tinta tanto quanto eu — disse ele, com um aceno de reconhecimento. — Acho que você e eu nos entenderemos bem, príncipe.

— Macho — corrigiu Rowan. — Machos feéricos não são homens humanos.

— Semântica — retrucou o pirata, voltando a atenção para Dorian. — Então você é o rei por quem todos estão em polvorosa.

O rapaz finalmente puxou o capuz.

— E se for?

Com aquela mão enluvada, Rolfe apontou para uma escrivaninha coberta por papéis e para duas poltronas estofadas diante dela. Como o próprio homem, era elegante,

porém gasta; devido à idade, ao uso ou às batalhas passadas. E aquelas luvas... Para cobrir os mapas pintados ali?

Rowan fez um aceno com a cabeça para que Dorian se sentasse. As chamas nas velas tremeluziram quando eles passaram e ocuparam os assentos.

Rolfe deu a volta pelas pilhas de papéis no chão e ocupou o assento dele à mesa. Sua poltrona entalhada e de costas altas poderia muito bem ter sido um trono de algum reino distante.

— Você parece espantosamente calmo para um rei que acaba de ser declarado traidor da coroa e destronado.

Dorian ficou feliz pelo homem estar se sentando.

Rowan ergueu a sobrancelha.

— De acordo com quem?

— De acordo com os mensageiros que chegaram ontem — respondeu ele, encostando-se na cadeira e cruzando os braços. — O duque Perrington... ou deveria chamá-lo de rei Perrington agora? Lançou um decreto assinado pela maioria dos senhores e das senhoras de Adarlan nomeando *você*, Majestade, um inimigo do reino e alegando que ele libertou Forte da Fenda de *suas* garras depois que você e a rainha de Terrasen mataram diversos inocentes na primavera. O decreto também alega que qualquer aliado — um aceno na direção do feérico — é um inimigo. E que você será

esmagado caso não se entregue.

Silêncio tomou conta da mente de Dorian. O pirata continuou, talvez de forma um pouco mais gentil:

— Seu irmão foi nomeado herdeiro de Perrington, assim como príncipe herdeiro.

Pelos deuses. Hollin era uma criança, mas mesmo assim... possuía um quê de apodrecido, estragado...

Dorian os deixara lá. Em vez de lidar com a mãe e com o irmão, dissera a eles que ficassem naquelas montanhas. Onde nesse momento eram como cordeiros cercados por uma matilha de lobos.

O rapaz desejou que Chaol estivesse com ele. Desejou que o tempo apenas... *parasse* a fim de que pudesse entender todos aqueles pedaços fracionados de si, colocá-los em algum tipo de ordem caso não fosse possível encaixá-los totalmente de novo.

— Pela expressão, acho que sua chegada tem realmente algo a ver com o fato de que Forte da Fenda está agora em ruínas, com o povo fugindo para onde pode — comentou Rolfe.

Dorian afastou os pensamentos traiçoeiros e respondeu:

— Vim descobrir de que lado você está, capitão, em relação a esse conflito.

Rolfe aproximou o corpo, apoiando os antebraços na

mesa.

— Deve estar realmente desesperado então. — Um olhar para Rowan. — E sua rainha está igualmente desesperada por minha ajuda?

— Minha rainha — disse o feérico — não faz parte desta discussão.

O lorde pirata apenas sorriu para Dorian.

— Quer saber de que lado estou? Estou do lado que ficar bem longe de meu território.

— De acordo com os boatos — replicou Rowan, em tom tranquilo —, a parte mais a leste deste arquipélago parece não fazer mais parte de seu território.

Rolfe o encarou. Um segundo se passou. Então outro. Um músculo estremeceu no maxilar do pirata.

Então ele tirou as luvas e revelou mãos tatuadas das pontas dos dedos até o pulso. Voltando as palmas para cima, Rolfe revelou um mapa do arquipélago e o que...

Dorian e Rowan se inclinaram para a frente quando as águas azuis realmente oscilaram, eram pequenos pontos velejando. E na ponta mais a leste do arquipélago, curvando-se para o mar...

Aquelas águas estavam cinzentas, as ilhas eram de um marrom-avermelhado. Mas nada se movia... nenhum ponto indicava navios. Como se o mapa tivesse congelado.

— Eles têm magia que os protege... mesmo disto — comentou Rolfe. — Não consigo contar seus navios, ou os homens, ou as bestas. Batedores jamais retornam. Neste inverno, ouvíamos rugidos das ilhas, alguns quase humanos e alguns que definitivamente não eram. Era comum vermos... coisas de pé naquelas rochas. Homens, mas que não eram homens. Deixamos passar por tempo demais... e pagamos o preço.

— Bestas — repetiu Dorian. — Que tipo de bestas?

Um sorriso sombrio fez a cicatriz se esticar.

— Bestas que o fariam considerar fugir deste continente, Majestade.

A condescendência do homem libertou algo no temperamento de Dorian.

— Já caminhei por mais pesadelos do que imagina, capitão.

Rolfe riu com deboche, mas os olhos se voltaram para aquela linha pálida sobre o pescoço do jovem rei.

Rowan se recostou na cadeira com uma graciosidade preguiçosa — o Comandante de Guerra encarnado.

— Deve ter uma trégua consistente então, se ainda está posicionado aqui com um mínimo de navios no porto.

Rolfe apenas calçou as luvas gastas.

— Minha frota precisa piratear um pouco de vez em

quando, sabe? Contas para pagar e tal.

— Tenho certeza. Principalmente quando emprega quatro guardas para vigiarem seu corredor.

Dorian entendeu a linha de pensamento do feérico e comentou:

— Não senti cheiro de valg na cidade.

Não, o que quer que fosse aquele poder... tinha se extinguido.

— Isso é porque — interrompeu Rolfe — matamos a maioria deles.

Vento chacoalhou as janelas, borrifando-as com chuva.

— E quanto aos quatro homens no corredor... são tudo que restou de minha tripulação. Graças à batalha que tivemos no início desta primavera para reivindicar a ilha depois que o general de Perrington a roubou de nós.

Dorian xingou baixinho e com crueldade. O capitão assentiu.

— Mas sou novamente lorde pirata de baía da Caveira, e, se as ilhas a leste são até onde Morath pretende ir, então Perrington e suas bestas podem ficar com elas. O Fim mal passa de cavernas e rochas mesmo.

— Que tipo de bestas? — perguntou Dorian, de novo.

Os olhos verde-claros de Rolfe ficaram sombrios.

— Serpentes marinhas. Bruxas governam os céus com

serpentes aladas, mas estas águas agora estão tomadas por bestas criadas para batalha naval, corrupções desprezíveis de um tipo antigo. Imagine uma criatura com a metade do tamanho de um navio de primeira linha, mais rápida que um golfinho de corrida, e os danos que pode causar com os dentes, as garras e uma cauda envenenada tão grande quanto um mastro. Pior, se matar um de seus filhotes cruéis, os adultos o caçam até o fim do mundo. — O homem deu de ombros. — Então, Majestade, descobrirá que não tenho interesse em perturbar as ilhas leste se eles não me incomodarem mais. Não tenho interesse em fazer nada além de continuar a lucrar com meus negócios. — Com uma das mãos, ele indicou distraidamente os papéis espalhados.

Dorian conteve a língua. A oferta que planejara fazer... Seus cofres pertenciam a Morath agora. O jovem duvidava de que corsários fossem se voluntariar com base em crédito.

Rowan lhe lançou um olhar que dizia o mesmo. Precisariam de outro caminho para conquistar o pirata para a causa deles então. Dorian observou o escritório, o gosto era relativamente requintado, mas tampouco não estava desgastado. A cidade quase em ruínas ao redor. Os quatro sobreviventes da tripulação. A forma como Rolfe olhara para aquela linha branca no pescoço de Dorian.

Rowan abriu a boca, mas foi o jovem rei quem falou:

— Não foram apenas mortos, os membros de sua tripulação. Alguns foram levados, não foram?

Os olhos verde-mar de Rolfe ficaram gélidos.

— Capturados, assim como os outros, e levados para as ilhas Mortas — insistiu Dorian. — Usados para obter informações a respeito de como e onde atacar você. A única forma de libertá-los quando eram enviados de volta, com demônios vestindo seus corpos, era decapitá-los. Queimá-los.

— Eles usavam anéis ou colares, capitão? — perguntou Rowan, em tom áspero.

A garganta do homem oscilou uma vez. Depois de um longo momento, ele respondeu:

— Anéis. Disseram que haviam sido libertados. Mas não eram os homens que... — Um gesto com a cabeça. — Demônios — sussurrou Rolfe, como se isso explicasse algo. — Foi isso que ele colocou neles.

Então Rowan contou ao pirata. Sobre os valg e seus príncipes, e também sobre Erawan, o último rei valg.

Até mesmo Rolfe teve o bom senso de parecer perturbado quando o guerreiro concluiu:

— Ele abandonou o disfarce de Perrington. É apenas Erawan agora... Rei Erawan, aparentemente.

Os olhos do lorde pirata se voltaram de novo para o

pescoço de Dorian, e foi difícil não tocar a cicatriz ali.

— Como sobreviveu? Até cortamos os anéis, mas meus homens... não estavam mais lá.

O jovem balançou a cabeça.

— Não sei. — Não responder não tornava os homens de Rolfe... inferiores por terem perecido. Talvez Dorian tivesse sido infestado por um príncipe valg que se deliciava com a espera.

O capitão pegou um pedaço de papel na mesa, lendo de novo por um segundo, como se fosse uma simples distração enquanto pensava. Por fim, falou:

— Varrer o que sobrou deles das ilhas Mortas não vai ajudar merda alguma contra o poder de Morath.

— Não — replicou Rowan. — Mas, se controlarmos o arquipélago, podemos usar estas ilhas para travar uma batalha pelos mares enquanto atacamos por terra. Podemos usar estas ilhas para abrigar frotas de outros reinos, outros continentes.

— Minha Mão está atualmente no continente sul, em Antica mesmo — acrescentou Dorian. — Ele os convencerá a mandar uma frota. — Chaol não faria menos por ele, por Adarlan.

— Nenhuma virá — retorquiu Rolfe. — Não vieram dez anos antes; certamente não virão agora. — Observando

Rowan, ele concluiu, com um leve risinho: — Principalmente não com as últimas notícias.

Dorian decidiu que aquilo não acabaria bem quando Rowan perguntou, inexpressivo:

— Que notícias?

O lorde pirata não respondeu; em vez disso, ficou analisando a baía tempestuosa, ou o que quer que lhe atiçasse o interesse lá fora. Tinham sido meses difíceis para o homem, percebeu Dorian. Alguém agarrado àquele lugar por pura arrogância e força de vontade. E todas aquelas mesas abaixo, reunidas dos destroços de navios conquistados... Quantos inimigos circundavam, esperando uma chance de se vingar?

Rowan abriu a boca, sem dúvida para exigir uma resposta, no momento que Rolfe bateu três vezes com o pé calçado em bota nas tábuas gastas do chão. Uma batida em resposta soou na parede.

Silêncio caiu. Considerando o ódio do pirata pelos valg, Dorian duvidava de que Morath estivesse prestes a fechar o cerco com uma armadilha, mas... ele mergulhou mais profundamente na magia ao ouvir passos no fim do corredor. Pela expressão contida do rosto tatuado ao lado, o rapaz sabia que Rowan fazia o mesmo. Principalmente porque Dorian sentiu a própria magia se voltar para o

interior da magia do príncipe feérico, como fizera naquele dia com Aelin no alto do castelo de vidro.

Os passos pararam do lado de fora do escritório, e de novo aquela pulsação de magia estranha e poderosa se ergueu. A mão de Rowan desceu, posicionando-se a uma distância casual da faca de caça na coxa.

Dorian se concentrou na respiração, em reunir fileiras e fragmentos da magia. Gelo lhe queimou as palmas das mãos quando a porta do escritório se abriu.

Dois machos de cabelos dourados surgiram.

O grunhido de Rowan reverberou pelas tábuas do piso e pelos pés do jovem rei conforme ele observou os músculos, as orelhas pontudas, as bocas abertas que revelavam caninos alongados...

Os dois estranhos, a fonte daquele poder... eram feéricos.

Aquele com olhos pretos como a noite e um sorriso torto olhou Rowan de cima a baixo e falou:

— Eu gostava de seu cabelo mais longo.

Uma adaga enterrada na parede, a não menos de 3 centímetros da orelha do macho, foi a única resposta do príncipe feérico.

# 22

Dorian não viu Rowan atirar a adaga até a lâmina se chocar contra a parede de madeira, o cabo ainda oscilando com o impacto.

Mas o macho de olhos pretos e pele cor de bronze — tão bonito que o jovem rei chegou a piscar — deu um risinho para a arma que estremecia ao lado da própria cabeça.

— Essa mira de merda também estava ruim assim quando cortou o próprio cabelo?

O outro macho — bronzeado, de olhos amarelados, com um tipo de quietude constante — ergueu as mãos largas e tatuadas.

— Rowan, abaixe as armas. Não estamos aqui atrás de você.

Pois já havia mais armas nas mãos do guerreiro. Dorian nem mesmo o ouvira ficar de pé, que dirá sacar a espada ou o elegante machado que segurava na outra mão.

A magia do jovem rei se contorcia nas veias enquanto ele estudava os dois estranhos. *Aí estão vocês*, cantava ela.

Sozinha com Rowan, a magia de Dorian tinha se acostumado ao assombroso abismo de poder do príncipe feérico, mas com três daqueles machos juntos, antigos, poderosos e primitivos... Eram um redemoinho próprio. Podiam destruir aquela cidade sem nem tentar. Ele se perguntou se Rolfe tinha ideia disso.

— Imagino que se conheçam — comentou o lorde pirata, sarcasticamente.

O macho sério, de olhos dourados, assentiu; vestia roupas claras, bem parecidas com aquelas de que Rowan gostava: tecido eficiente em camadas, adequado para a batalha. Uma faixa de tatuagens pretas circundava o pescoço musculoso. O estômago de Dorian se revirou. De longe, poderia muito bem ser outro tipo de colar preto.

— Gavriel e Fenrys costumavam... trabalhar comigo — respondeu Rowan, contido.

Os olhos verde-mar de Rolfe percorreram todos eles, observando, considerando.

Fenrys. Gavriel. Dorian conhecia os nomes. O príncipe

feérico os mencionara durante a viagem até ali... Dois membros de sua equipe.

— Eles têm um juramento de sangue com Maeve. Como eu costumava ter — explicou Rowan a Dorian.

O que significava que agiam por ordens da rainha. E se Maeve enviara não um, mas *dois* tenentes para aquele continente, quando Lorcan já estava lá...

Rowan embainhou as armas, mas perguntou entre dentes:

— Que negócios têm com Rolfe?

Dorian libertou a magia dentro de si. Ela se aconchegou no centro do rei, como um pedaço solto de fita.

Rolfe gesticulou com a mão para os dois machos.

— São os portadores das notícias que lhes prometi... entre outras coisas.

— E estávamos prestes a nos sentar para almoçar — comentou Fenrys, aqueles olhos castanhos dançando. — Vamos?

Sem esperar por uma resposta, ele voltou para o corredor e saiu andando.

O tatuado — Gavriel — suspirou baixinho.

— É uma longa história, Rowan, e uma que você e o rei de Adarlan — os olhos amarelados se voltaram na direção de Dorian — precisam ouvir. — Gavriel indicou o corredor e

falou, com o rosto totalmente petrificado: — Sabe como Fenrys fica irritadiço quando não come.

— Ouvi isso — gritou uma voz masculina grave do corredor.

Dorian conteve o sorriso, observando Rowan à espera de uma reação. Mas o príncipe feérico somente assentiu para Gavriel em uma ordem silenciosa para que tomasse a dianteira.

Nenhum deles, nem mesmo Rolfe, falou ao descerem para o salão principal. A atendente do bar saíra, apenas copos reluzentes atrás do balcão indicavam que ela estivera ali. E, de fato, já atacando uma tigela fumegante do que cheirava a peixe ensopado, Fenrys os aguardava à mesa nos fundos.

Gavriel se sentou ao lado, levando a tigela quase cheia a transbordar um pouco com o movimento da mesa, e disse a Rowan, que havia parado a meio caminho do salão:

— Ela... — O guerreiro feérico pausou, como se medisse as palavras e como Rowan reagiria se a pergunta fosse malfeita. Dorian entendeu por que no segundo seguinte. — Aelin Galathynius está com você?

O jovem rei não sabia para onde olhar: para os guerreiros à mesa, para Rowan ao lado ou para Rolfe cujas sobrancelhas se ergueram conforme ele se inclinou sobre o

corrimão da escada, sem saber que a rainha era sua grande inimiga.

Rowan balançou a cabeça uma vez, com um movimento ágil e de corte.

— Minha rainha não está em nossa companhia.

Fenrys ergueu as sobrancelhas, mas continuou devorando a refeição; o casaco cinza desabotoado revelava o peito moreno e musculoso despontando pelo decote da camisa branca. Bordado dourado espiralava pelas lapelas do casaco — o único sinal de riqueza ali.

Dorian não sabia muito bem o que acontecera na última primavera com a equipe do feérico, mas... obviamente não tinham se despedido muito bem. Pelo menos não da parte de Rowan.

Gavriel levantou para puxar duas cadeiras; mais próximas da saída, reparou Dorian. Talvez ele fosse o guerreiro que mantinha a paz entre os membros da equipe.

Rowan não avançou na direção das cadeiras. Era tão fácil esquecer que o príncipe tinha séculos de experiência com cortes estrangeiras... que entrara e saíra de guerras. Com aqueles machos.

No entanto, sem se incomodar com burocracias, ele disse:

— Desembuche logo a porcaria da notícia.

Fenrys e Gavriel trocaram olhares. O primeiro apenas revirou os olhos e gesticulou com a colher para que o companheiro falasse:

— A armada de Maeve veleja para este continente.

Dorian ficou feliz por não ter nada no estômago.

As palavras de Rowan soaram guturais quando ele perguntou:

— Aquela vadia vai se aliar a Morath? — Ele disparou o que Dorian considerou a definição de um olhar gélido para Rolfe. — *Você* vai se aliar a ela?

— Não — respondeu Gavriel, imparcialmente.

O lorde pirata, para crédito próprio, apenas deu de ombros.

— Já disse: não quero tomar parte nesta guerra.

— Maeve não é do tipo que compartilha poder — interrompeu Gavriel, calmamente. — Mas, antes de partirmos, ela preparava a armada para navegar... em direção a Eyllwe.

Dorian soltou um suspiro.

— Por que Eyllwe? É possível que envie ajuda?

Pelo olhar de Rowan, o jovem percebeu que ele já estava catalogando e marcando, analisando o que sabia sobre a antiga rainha, sobre Eyllwe e sobre como aquilo se encaixava com todo o resto.

Dorian tentou controlar o coração acelerado, sabendo que provavelmente podiam ouvir a mudança de ritmo.

Fenrys apoiou a colher.

— Duvido que mande ajuda para alguém... pelo menos não no que diz respeito a este continente. E, de novo, ela não nos disse os motivos específicos.

— Sempre dizia — replicou Rowan. — Maeve nunca reteve informações como essa.

Os olhos escuros de Fenrys brilharam.

— Isso foi antes de você a humilhar ao abandoná-la por Aelin do Fogo Selvagem. E antes de Lorcan abandoná-la também. Ela não confia em nenhum de nós agora.

Eyllwe... Maeve devia saber como o reino era querido por Aelin. Mas lançar uma armada... Devia haver algo lá, alguma coisa que valesse o esforço. Dorian repassou todas as lições que tinha recebido, todos os livros que lera sobre o reino, mas nada chamou sua atenção.

— Maeve não pode acreditar que conseguiria conquistar Eyllwe... pelo menos não por um extenso período de tempo, não sem levar todos os seus exércitos e deixar o próprio reino indefeso — comentou Rowan.

Mas talvez aquilo desgastasse Erawan, mesmo que o custo da invasão de Maeve fosse alto...

— *Novamente* — repetiu Fenrys — não sabemos

detalhes. Só contamos a ele — uma indicação com o queixo na direção de Rolfe, que ainda estava recostado contra o corrimão com os braços cruzados — como um aviso de cortesia... entre outras coisas.

Dorian reparou que Rowan não perguntou se teriam estendido aquela cortesia a eles caso não estivessem ali. Ou o que eram, exatamente, aquelas outras *coisas*. Em vez disso, o príncipe feérico disse a Rolfe:

— Preciso enviar mensagens. Imediatamente.

O pirata observou as mãos enluvadas.

— Por que se incomodar? O destinatário não vai chegar em breve?

— O quê?

Dorian se preparou para o temperamento que fervilhava no tom de voz de Rowan.

Rolfe sorriu.

— Dizem os boatos que Aelin Galathynius destruiu o general Narrok e seus soldados em Wendlyn. E que realizou isso com um príncipe feérico ao lado. Impressionante.

Rowan exibiu os caninos.

— E aonde quer chegar, capitão?

— Só quero saber se Sua Majestade, Rainha do Fogo, espera uma grande comemoração ao chegar.

Dorian duvidava de que Rolfe fosse gostar muito do

outro título de Aelin: Assassina de Adarlan.

O grunhido do príncipe feérico saiu baixinho.

— De novo, ela não vem para cá.

— Ah, não? Quer dizer que o amante da rainha resgata o rei de Adarlan e, em vez de levá-lo para o norte, o traz *aqui*, e isso não significa que, de alguma forma, serei seu anfitrião em breve?

Ao mencionar *amante*, Rowan lançou um olhar letal para Fenrys. O lindo macho — realmente não havia outro modo de descrevê-lo — apenas deu de ombros.

Mas Rowan disse ao lorde pirata:

— Ela me pediu para trazer o rei Dorian aqui e persuadi-lo a se juntar a nossa causa. Mas como não tem interesse em nada além de seus negócios, parece que nossa viagem foi um desperdício. Então não temos mais uso para você nesta mesa, principalmente se é incapaz de enviar mensageiros. — O príncipe feérico voltou o olhar para as escadas atrás de Rolfe. — Está dispensado.

Fenrys conteve uma gargalhada sombria, mas Gavriel esticou o corpo quando o capitão sibilou:

— Não me importa quem seja e que poder empunhe. Não venha me dar ordens em meu território.

— É melhor se acostumar a recebê-las — declarou Rowan, com uma calma na voz que fazia todos os instintos

de Dorian se prepararem para fugir. — Pois se Morath vencer a guerra, não ficarão contentes deixando você flutuar por estas ilhas, fingindo ser rei. Eles o excluirão de todos os portos e rios, e negarão que faça comércio com cidades das quais passou a depender. Quem serão seus compradores quando não restar ninguém para adquirir suas mercadorias? Duvido que Maeve vá se incomodar, ou sequer se lembrar de você.

— Se estas ilhas forem saqueadas, velejaremos para outras... e outras. Os mares são meu santuário; nas ondas sempre seremos livres — argumentou Rolfe.

— Dificilmente chamaria se entocar na taverna com medo de assassinos valg de ser livre.

As mãos enluvadas do pirata se flexionaram e se abriram, e Dorian se perguntou se o capitão ia pegar o florete na lateral do corpo. Mas, em vez disso, ele disse a Fenrys e Gavriel:

— Nos encontraremos aqui amanhã às 11 horas. — Ao voltar o olhar para Rowan, ele ficou severo. — Mande quantas malditas mensagens quiser. Pode ficar até sua rainha chegar, e não tenho dúvidas de que ela *virá*. E quando isso acontecer, ouvirei o que a lendária Aelin Galathynius tem a dizer pessoalmente. Até lá, *dê o fora*. — Com o queixo, Rolfe indicou Gavriel e Fenrys. — Podem conversar com os

*príncipes* na porcaria das *próprias* acomodações. — O homem saiu pisando duro até a porta da frente, escancarando-a e revelando uma parede de chuva, assim como os quatro homens, que eram jovens, porém fortes, e permaneciam no cais ensopado. As mãos deles dispararam para as armas, mas Rolfe não fez menção de convocá-los. Apenas apontou para a porta.

Rowan o encarou com raiva por um momento, então disse aos antigos companheiros:

— Vamos.

Eles não eram tão burros para discutir.



Aquilo era ruim. Inegavelmente ruim.

A magia de Rowan se desgastava enquanto ele tentava manter os escudos ao redor de si e de Dorian intactos. Mas o feérico não deixou que Fenrys ou Gavriel sentissem o cheiro daquela exaustão, não revelou um pingo do esforço que foi preciso para conter a magia *e* se concentrar.

Rolfe podia muito bem ser uma causa perdida contra Erawan ou Maeve — principalmente quando visse Aelin. Rowan teve a sensação de que o *Dragão Marinho* — tanto a

estalagem quanto o navio ancorado no porto — teria terminado em chamas se ela estivesse presente durante aquela conversa. Mas aquelas serpentes marinhas... E a armada de Maeve... Ele pensaria nisso depois. Mas merda. Apenas... *merda*.

A estalajadeira séria da Rosa do Oceano não fez perguntas conforme Rowan pediu dois quartos; os melhores que a estalagem tinha a oferecer. Não quando o príncipe feérico colocou uma moeda de ouro no balcão. Com um olhar de reconhecimento para as roupas do guerreiro, a mulher oferecera duas semanas de acomodações, mais todas as refeições, além de guardar os cavalos no estábulo, se os tivessem, e lavanderia ilimitada.

E quaisquer convidados que ele desejasse, acrescentou ela quando Rowan deu um assobio agudo, e Dorian, Fenrys e Gavriel atravessaram o pátio pavimentado, com os capuzes sobre a cabeça, reunindo-se em torno da fonte borbulhante. Chuva pingava nas palmeiras envasadas e farfalhava a buganvília magenta que subia pelas paredes na direção das varandas pintadas de branco, ainda protegidas contra a tempestade.

O príncipe feérico pediu à mulher que enviasse o que provavelmente seria comida bastante para oito pessoas, então seguiu para as escadas polidas nos fundos do salão de

jantar escuro; os demais foram atrás. Felizmente Fenrys ficou calado até eles chegarem ao quarto, tirarem os mantos e Rowan acender algumas velas. Esse simples ato deixou um buraco no peito do príncipe feérico.

Fenrys afundou em uma das poltronas estofadas diante da lareira escura, passando um dedo pelo braço pintado de preto.

— Que belas acomodações. Qual dos reais está pagando por elas?

Dorian, que estava prestes a reivindicar o assento à pequena mesa diante das janelas fechadas, enrijeceu o corpo. Gavriel lançou a Fenrys um olhar que dizia: *Por favor, nada de briga.*

— Faz diferença? — perguntou Rowan, seguindo de parede em parede e tirando os quadros de flores exuberantes em busca de buracos de espionagem ou pontos de acesso. Então ele verificou os mastros de madeira preta retorcida da cama coberta por lençóis brancos, iluminados pela luz das velas, tentando não considerar que apesar de toda a sua determinação... ela compartilharia aquele quarto com ele. Aquela cama.

O espaço era seguro — até mesmo sereno, com o pingar da chuva no pátio e no telhado, além do cheiro pesado de frutas doces no ar.

— Alguém precisa ter dinheiro para financiar esta guerra — ronronou Fenrys, observando Rowan por fim se recostar contra uma cômoda baixa ao lado da porta. — Embora, talvez, considerando o decreto de ontem de Morath, você se mude para acomodações mais... econômicas.

Bem, isso dizia o bastante do que Fenrys e Gavriel sabiam a respeito do decreto de Erawan sobre Dorian e seus aliados.

— Preocupe-se com seus problemas, Fenrys — disse Gavriel.

O feérico soltou um riso de escárnio, brincando com um pequeno cacho de cabelos dourados em sua nuca.

— Como sequer consegue andar com tanto aço pelo corpo, Whitethorn, sempre foi um mistério para mim.

— Como ninguém jamais cortou sua língua apenas para que cale a boca também sempre foi um mistério para mim — rebateu Rowan, tranquilamente.

Uma risada afiada.

— Já me disseram que é minha melhor qualidade. Pelo menos é o que as mulheres pensam.

Uma risada baixa escapou de Dorian; o primeiro som do tipo que Rowan testemunhava.

Rowan apoiou as mãos na cômoda.

— Como mantiveram seus cheiros ocultos?

Os olhos amarelados de Gavriel ficaram sombrios.

— Um novo truque de Maeve... para nos manter quase invisíveis em uma terra que não recebe nosso tipo calorosamente. — Ele indicou Dorian e Rowan com o queixo. — Embora não pareça totalmente eficiente.

— É melhor os dois terem uma explicação muito boa para estar aqui, assim como para terem envolvido Rolfe no que quer que isso seja — disse o príncipe feérico.

— Conseguiu tudo o que queria, Rowan, e ainda consegue ser um babaca insensível. Lorcan ficaria orgulhoso — retrucou Fenrys, pausadamente.

— Onde está Connall? — respondeu Rowan de forma debochada, invocando o gêmeo de Fenrys.

O rosto do outro guerreiro ficou tenso.

— Onde você acha? Um de nós é sempre a âncora.

— Ela o dispensaria do papel de refém se você não demonstrasse seu descontentamento de forma tão óbvia.

Rowan sempre achara Fenrys um pé no saco. E ele não se esquecera de que fora Fenrys quem quisera a tarefa de cuidar de Aelin Galathynius na última primavera. O guerreiro adorava qualquer coisa selvagem e bela, e provocá-lo com Aelin... Maeve soubera que tinha sido uma tortura.

Talvez fosse uma tortura também que Fenrys estivesse

tão longe das mãos de Maeve, mas saber que o gêmeo estava em Doranelle e que se ele jamais retornasse... Connall seria punido de formas inomináveis. Fora como a rainha os capturara inicialmente: crias eram raras entre os feéricos, mas gêmeos? Ainda mais raros. E gêmeos nascidos com o dom da força, que cresceriam e virariam machos cujo domínio rivalizava com aquele de guerreiros séculos mais velhos que eles...

Maeve os cobiçara. Mas Fenrys recusara a oferta de se juntar a ela. Então a rainha fora atrás de Connall — a sombra à luz dourada de Fenrys, o silêncio ao rugido, a reflexão à inconsequência.

Fenrys conseguia o que queria: mulheres, glória, riquezas. Connall, embora habilidoso, estava sempre à sombra do gêmeo. Portanto, quando a rainha se aproximou dele a respeito do juramento de sangue, em um momento em que Fenrys, e não Connall, fora escolhido para lutar na guerra contra os akkadianos... Connall fizera o juramento.

E quando Fenrys retornara e encontrara o irmão preso à rainha, descobrindo o que Maeve o obrigava a fazer atrás de portas fechadas... ele negociara: faria o juramento, mas apenas para que seu irmão fosse deixado em paz. Havia mais de um século que Fenrys servia no quarto da rainha, sentando-se, acorrentado por grilhões invisíveis, ao lado de

seu trono sombrio.

Rowan poderia ter gostado dele. Respeitado o macho. Se não fosse por aquela maldita boca.

— Então — disse Fenrys, muito ciente de que não tinha respondido à exigência por informação. — Em breve o chamaremos de rei Rowan?

— Pelos deuses, Fenrys. — murmurou Gavriel, suspirando como se sofresse havia muito tempo, depois acrescentou, antes que o companheiro pudesse abrir aquela boca estúpida: — Sua chegada, Rowan, foi uma reviravolta afortunada.

Rowan encarou o macho ao seu lado; o imediato de Maeve após Rowan ter deixado o título. Como se lesse o nome nos olhos do príncipe feérico, Gavriel perguntou:

— Onde está Lorcan?

Rowan estivera debatendo como responder àquela pergunta assim que os vira. A pergunta feita por Gavriel... Por que *tinham* ido à baía da Caveira?

— Não sei onde está Lorcan — respondeu Rowan. Não era mentira. Se tivessem sorte, o antigo comandante pegaria as outras duas chaves de Wyrd, perceberia que Aelin o havia enganado, e viria correndo, entregando as duas chaves para que Aelin as destruísse.

Se tivessem sorte.

— Não sabe onde ele está, mas o viu — comentou Gavriel.

Rowan assentiu.

Fenrys riu com deboche.

— Vamos mesmo brincar de verdades e mentiras? Apenas conte, seu babaca.

Rowan fixou os olhos em Fenrys. O Lobo Branco de Doranelle sorriu de volta.

Que os deuses ajudassem todos eles se Fenrys e Aedion algum dia se sentassem na mesma sala.

— Estão aqui sob ordens de Maeve, à frente da armada? — indagou Rowan.

Gavriel balançou a cabeça.

— Nossa presença não tem nada a ver com a armada. Ela nos enviou para caçá-lo. Você já sabe qual crime foi cometido.

Um ato de amor — embora apenas da forma deturpada que Lorcan podia amar as coisas. Apenas da forma deturpada como amava Maeve.

— Ele alega estar fazendo isso pelo bem dela — comentou Rowan, casualmente, ciente do rei sentado ao seu lado. O príncipe feérico sabia que a maioria das pessoas subestimava a inteligência aguçada que havia sob aquele sorriso encantador. Sabia que o valor de Dorian não era a

magia comparável à de um deus, mas a mente. Ele percebera o medo e o trauma de Rolfe nas mãos dos valg e erguera os alicerces, alicerces que ele se certificaria de que Aelin exploraria.

— Lorcan sempre foi arrogante assim — disse Fenrys, lentamente. — Dessa vez, ele ultrapassou um limite.

— Então foram enviados para levar Lorcan de volta?

As tatuagens no pescoço de Gavriel — marcas que o próprio Rowan desenhara — oscilaram com cada palavra conforme ele respondeu:

— Fomos enviados para matá-lo.

# 23

Pelos deuses.

Rowan congelou.

— Isso explica vocês dois, então.

Fenrys afastou os cabelos dos olhos castanhos.

— Três, na verdade. Vaughan saiu ontem à tarde para voar em direção ao norte, enquanto cobrimos o sul. — Vaughan, na forma de águia-pescadora, podia cobrir o terreno mais árduo com mais facilidade. — Acabamos nesta cidade de merda para ver se Rolfe tinha negócios com Lorcan, para suborná-lo a nos informar caso Lorcan viesse até aqui de novo, querendo contratar um barco. — Baía da Caveira seria um dos poucos portos onde o semifeérico poderia fazer tal coisa sem perguntas. — Avisar Rolfe sobre a armada de Maeve fazia parte do plano para convencer o

desgraçado a nos ajudar. Devemos seguir para o continente daqui, começar nossa caçada no sul. E como estas terras são bem grandes... — Um lampejo de dentes brancos em um sorriso feral. — Qualquer dica sobre o paradeiro do comandante seria muito apreciada, *príncipe*.

Rowan pensou sobre o assunto. Mas se o pegassem e Lorcan estivesse de posse de sequer uma chave de Wyrd... Se fosse levado com as chaves para Maeve, principalmente considerando que ela já velejava para Eyllwe por quaisquer motivos...

Ele deu de ombros.

— Lavei as mãos com relação a todos vocês na primavera. Os problemas de Lorcan são dele.

— Seu *babaca*... — grunhiu Fenrys.

— Será que podemos negociar? — interrompeu Gavriel.

Havia algo parecido com dor — e arrependimento — nos olhos do guerreiro. De todos da equipe, ele provavelmente fora o único amigo de Rowan.

O príncipe feérico considerou se deveria contar a ele sobre o filho que seguia até eles no momento. Considerou se Aedion gostaria de ter a chance de conhecer o pai... talvez antes que a guerra transformasse todos em cadáveres.

Mas, em vez disso, perguntou:

— Maeve lhes deu liberdade para negociarem em seu

nome?

— Só recebemos nossas ordens — retrucou Fenrys. — E a permissão de usar quaisquer meios necessários para matar Lorcan. Ela sequer mencionou sua rainha. Então a resposta é *sim*.

Rowan cruzou os braços.

— Se me mandarem um exército de guerreiros de Doranelle, direi onde Lorcan está e aonde planeja ir.

Fenrys soltou uma risada rouca.

— Pelas tetas da Mãe, Rowan. Mesmo que pudéssemos, a armada já está em uso.

— Acho que precisarei me virar com vocês dois, então.

Dorian teve o bom senso de não parecer tão surpreso quanto os antigos companheiros de Rowan.

Fenrys soltou uma gargalhada.

— O quê... trabalhar para sua rainha? Travar suas batalhas?

— Não é o que quer, Fenrys? — Rowan o olhou fixamente. — Servir minha rainha? Está puxando a coleira há meses. Bem, eis a chance.

Toda a diversão sumiu do lindo rosto do guerreiro.

— Você é um desgraçado, Rowan.

Rowan se voltou para Gavriel.

— Presumo que Maeve não tenha especificado *quando*

precisariam fazer isso. — Um aceno curto de cabeça foi a única confirmação. — E tecnicamente estariam realizando seu comando. — O juramento de sangue operava por comandos específicos e claros. E dependia de contato físico próximo para permitir aquele *puxão* que faria o corpo ceder. De tão longe... precisavam obedecer às ordens de Maeve, mas podiam usar brechas na linguagem em vantagem própria.

— Quando você considerar que nosso trato foi cumprido, é bem provável que Lorcan já tenha partido — replicou Fenrys.

Rowan sorriu um pouco.

— Ah, mas a questão é... O caminho de Lorcan vai, por fim, levá-lo direto até mim. Até minha rainha. Quem sabe quanto tempo levará, mas ele nos encontrará de novo. E então será de vocês. — Ele bateu com o dedo no bíceps. — As pessoas falarão dessa guerra por mil anos. Até mais. — O príncipe feérico inclinou o queixo para Fenrys. — Você nunca fugiu de uma luta.

— Se sobrevivermos, não é? — retrucou Fenrys. — E quanto aos dons de Brannon? Por quanto tempo durará uma única chama contra a escuridão que se reúne? Maeve escondeu os motivos sobre a armada e Eyllwe, mas pelo menos nos contou quem realmente governa Morath.

Mais cedo, ao entrar pela porta do Dragão Marinho, Rowan se perguntara que deus tinha mandado a tempestade que os levara à baía da Caveira naquele dia, naquela hora.

Juntos, ele e a equipe tinham enfrentado uma legião das forças de Adarlan na primavera e vencido... com facilidade.

E mesmo que Lorcan, Vaughan e Connall não estivessem com eles... Um guerreiro feérico era tão bom quanto cem soldados mortais. Talvez até mais.

Terrasen precisava de mais tropas. Bem, ali estava um exército de três machos.

E contra o esquadrão das legiões de Dentes de Ferro, precisariam da velocidade, da força e dos séculos de experiência feéricos.

Juntos, tinham saqueado cidades e reinos por Maeve; juntos, tinham travado e encerrado guerras.

— Há dez anos, não fizemos nada para impedir isso — disse Rowan. — Se Maeve tivesse enviado forças, poderíamos ter evitado que saísse tanto do controle. Nossos irmãos foram caçados e mortos e torturados. Maeve deixou aquilo acontecer por desprezo, porque a mãe de Aelin não cedeu aos seus desejos. Então sim, minha Coração de Fogo é uma chama no mar de escuridão. Mas está disposta a lutar, Fenrys. Está disposta a enfrentar Erawan, enfrentar Maeve e os próprios deuses se isso significar que teremos paz.

Do outro lado do quarto, Dorian fechara os olhos. Rowan sabia que o rei lutaria — e que morreria lutando caso fosse preciso —, e que seu dom podia fazer a diferença entre a vitória e a derrota. No entanto... não tinha treino. Ainda não fora testado, apesar de tudo pelo que passara.

— Mas Aelin é só uma pessoa — continuou ele. — E até mesmo seus dons podem não bastar para vencermos. Sozinha — Rowan respirou, encarando Fenrys, então Gavriel —, ela morrerá. E depois que aquela chama se apagar, será o fim. Não haverá uma segunda chance. Depois que aquele fogo se extinguir, estaremos todos condenados, em todas as terras e todos os mundos.

As palavras eram como veneno em sua língua, os ossos doíam só de pensar naquela morte... no que faria caso aquilo acontecesse.

Gavriel e Fenrys se entreolharam, falando daquela forma silenciosa que Rowan costumava fazer com eles. Havia uma carta que o príncipe feérico precisava tirar da manga para convencê-los... para convencer Gavriel.

Mesmo que a especificidade do comando de Maeve permitisse, ela poderia muito bem os punir por *driblarem* suas ordens. Já o fizera antes; todos tinham cicatrizes por isso. Conheciam os riscos tão bem quanto Rowan. Gavriel balançou a cabeça levemente para Fenrys.

Antes que pudessem se virar para responder não, Rowan falou para o antigo companheiro:

— Se não lutar nessa guerra, Gavriel, condena seu filho à morte.

O feérico congelou.

— Mentira — disparou Fenrys. Até mesmo Dorian ficara um pouco boquiaberto.

Rowan se perguntou o quanto aquilo deixaria Aedion revoltado, no entanto, disse:

— Pense em minha proposta. Mas saiba que seu filho está a caminho de baía da Caveira. Talvez queira conhecê-lo antes de decidir.

— Quem... — Rowan não tinha certeza se o guerreiro respirava direito. As mãos estavam fechadas com tanta força que as cicatrizes sobre os nós dos dedos tinham ficado brancas como a lua. — Eu tenho um filho?

Ao assentir, uma parte de Rowan se sentiu como o babaca que Fenrys alegara que ele era, e não como o macho que Aelin acreditava que fosse.

A informação teria sido revelada mais cedo ou mais tarde.

Se Maeve descobrisse primeiro, poderia tramar para aprisionar Aedion... poderia ter enviado a equipe para matá-lo ou sequestrá-lo. Desse modo, supôs Rowan, ele mesmo

tinha aprisionado a equipe. Era apenas uma questão do quão desesperadamente Gavriel queria conhecer o filho... e o quanto temiam fracassar com Maeve caso não encontrassem Lorcan.

Então Rowan disse, friamente:

— Fiquem fora de nosso caminho até que eles cheguem, e nós ficaremos fora do de vocês.

Dar as costas a eles ia contra todos os instintos do príncipe feérico, mas ele manteve os escudos firmes, espalhando a magia para alertá-lo se sequer respirassem errado enquanto abria a porta do quarto em uma dispensa silenciosa. Tinha muito a fazer. Começando com escrever um aviso à realeza de Eyllwe e às forças de Terrasen. E terminando por tentar entender como poderiam travar duas drogas de guerras ao mesmo tempo.

Gavriel ficou parado, inexpressivo, pálido; havia algo como devastação estampado ali.

Rowan enxergou a faísca de percepção que percorreu os olhos de Dorian um segundo antes de o rei a extinguir. Sim; a princípio, Aedion e Aelin pareciam irmãos, mas era o sorriso do general que revelava sua ascendência. Gavriel saberia em um segundo... se o cheiro de Aedion não o entregasse primeiro.

Fenrys se aproximou e apoiou a mão no ombro do

companheiro conforme seguiram para o corredor. Tanto para Rowan quanto para Fenrys, Gavriel sempre fora o porto seguro. Nunca um para o outro — não, ele e Fenrys... era mais fácil se engalfinharem.

Rowan disse ao dois ex-companheiros:

— Se derem qualquer indício do filho de Gavriel a Maeve, nosso acordo acaba. Jamais encontrarão Lorcan. E se Lorcan aparecer... Ficarei feliz em ajudá-lo a matar vocês. — Rowan rezou para que não chegasse àquilo, a uma luta tão brutal e devastadora.

Estavam em guerra, no entanto. E o feérico não tinha intenção alguma de perder.

# 24

O *Trovador do Vento* deixou Ilium ao alvorecer, com a tripulação e o capitão alheios ao fato de que os dois indivíduos encapuzados — e seu falcão de estimação — que pagaram em ouro não tinham intenção alguma de seguir jornada até Leriba. Se tinham feito a ligação entre aqueles dois indivíduos e o general e a rainha que libertaram a cidade na noite anterior, não deixaram transparecer.

A viagem pela costa do continente era considerada fácil, embora Aelin se perguntasse se dizer aquilo em voz alta garantiria que *não seria* uma viagem fácil. Primeiro, havia a questão de velejar por águas de Adarlan — perto de Forte da Fenda, especificamente. Se as bruxas patrulhassem em mar aberto...

Mas não tinham outra escolha, não com a rede que Erawan espalhara sobre o continente. Não com a ameaça de encontrar e capturar Rowan e Dorian ainda fresca na mente de Aelin, assim como o latejar do hematoma roxo-escuro no peito, bem sobre o coração.

Parada no deque do navio, o sol nascente manchando de dourado e rosa a baía turquesa de Ilium, ela se perguntou se aquelas águas estariam vermelhas da próxima vez que as visse. Se perguntou quanto tempo os soldados de Adarlan permaneceriam do seu lado da fronteira.

Aedion se colocou ao lado de Aelin depois de terminar a *terceira* inspeção.

— Parece que está tudo certo.

— Lysandra disse que estava tudo livre. — De fato, do alto do mastro principal do navio, os olhos de falcão da amiga não perdiam nada.

Aedion franziu a testa.

— Sabe, vocês damas *podem* deixar que nós homens façamos as coisas de vez em quando.

Aelin ergueu uma sobrancelha.

— E qual seria a graça nisso? — Mas ela sabia que aquela seria uma discussão recorrente, recuar para que outros, como seu primo, pudessem lutar por ela. Fora ruim o suficiente em Forte da Fenda, ruim o suficiente saber que

aqueles anéis e colares poderiam escravizá-los, mas o que Erawan fizera com aquele capataz... como um *experimento*.

A jovem olhou na direção da tripulação agitada, contendo o comando para que se *apressassem*. Cada minuto de atraso era um minuto a mais para Erawan se aproximar de Rowan e Dorian. Era apenas uma questão de tempo antes que um relatório a respeito de onde foram avistados o alcançasse. Aelin bateu com o pé no deque.

A oscilação do navio nas ondas calmas ecoou a batida. Sempre amara o cheiro e a sensação do mar. Mas naquele instante... mesmo o bater das ondas parecia dizer *rápido, rápido*.

— O rei de Adarlan... e Perrington, acredito eu, me tiveram nas mãos durante anos — comentou Aedion, a voz tão contida que Aelin se virou do mar para o encarar. Ele se agarrara ao corrimão de madeira, as cicatrizes nas mãos se destacavam contra a pele bronzeada de verão. — Eles me encontraram em Terrasen, em Adarlan. Estive no maldito *calabouço* dele, pelos deuses. Mas não fez *aquilo* comigo. Me ofereceu o anel, mas não reparou que eu usava um falso. Por que não me abriu e me corrompeu? Devia saber... *devia* saber que você viria atrás de mim.

— O rei deixou Dorian em paz pelo máximo de tempo

que conseguiu, talvez essa bondade tenha se estendido a você também. Talvez soubesse que, se você morresse, eu poderia muito bem decidir mandar este mundo para o inferno e jamais o libertar por vingança.

— Teria feito isso?

*As pessoas que ama são apenas armas que serão usadas contra você*, lhe dissera Rowan certa vez.

— Não desperdice sua energia se preocupando com o que poderia ter acontecido. — Aelin sabia que não tinha respondido à pergunta.

Aedion não a encarou ao dizer:

— Eu sabia o que tinha acontecido em Endovier, Aelin, mas ao ver o capataz, ouvir o que ele disse... — Ele engoliu em seco. — Eu estava tão perto das minas de sal. Naquele ano... eu tinha acampado com a Devastação logo além da fronteira durante três meses.

Ela virou o rosto para o primo.

— Não vamos fazer isso. Erawan mandou aquele homem por um motivo, por *este* motivo. Ele conhece meu passado, *quer* que eu saiba que está ciente disso, que o usará contra mim. Contra nós. Usará todos que conhecemos, se precisar.

Aedion suspirou.

— Teria me contado o que aconteceu ontem à noite caso eu não estivesse lá?

— Não sei. Aposto que você teria acordado assim que eu soltasse meu poder sobre ele.

O general riu com deboche.

— É difícil não chamar atenção.

O grito das gaivotas acima preencheu o silêncio que se seguiu. Apesar da declaração de não se deter no passado, a jovem comentou, cautelosamente:

— Darrow disse que você lutou em Theralis. — Aelin queria perguntar havia semanas, mas não reunira coragem.

Aedion fixou o olhar na água revolta.

— Foi há muito tempo.

Ela engoliu em seco contra a queimação na garganta.

— Mal tinha 14 anos.

— Sim. — O maxilar dele se contraiu. Aelin só podia imaginar a carnificina. E o horror, não apenas pelo garoto matando e lutando, mas por ele ver as pessoas com quem se importava caírem. Uma a uma.

— Sinto muito — sussurrou ela. — Por você ter precisado passar por aquilo.

O general se virou para Aelin. Não havia indício de superioridade nem de insolência.

— Theralis é o campo de batalha que mais vejo... em

meus sonhos. — Aedion raspou uma mancha no corrimão. — Darrow se certificou de que eu ficasse longe do pior, mas estávamos sobrecarregados. Era inevitável.

Ele jamais contara a Aelin... que Darrow tentara protegê-lo. Ela colocou a mão sobre a de seu primo e a apertou.

— Sinto muito — repetiu a jovem. Ela não conseguiu perguntar mais.

Aedion ergueu um ombro.

— Minha vida como guerreiro foi escolhida muito antes daquele campo de batalha.

De fato, Aelin não o conseguia imaginar sem aquela espada e o escudo — ambos presos às costas do primo no momento. Ela não conseguia decidir se aquilo era algo bom.

Silêncio caiu entre os dois, pesado e antigo e exausto.

— Não o culpo — disse Aelin, por fim. — Não culpo Darrow por bloquear meu acesso a Terrasen. Eu faria o mesmo, julgaria igual, se fosse ele.

Aedion franziu a testa.

— Achei que fosse combater o decreto dele.

— Eu vou — jurou a jovem. — Mas... entendo por que Darrow fez isso.

O general a observou antes de assentir. Um gesto sério, de um soldado para outro.

Aelin colocou a mão no amuleto sob as roupas. O poder antigo e sobrenatural roçou contra ela, fazendo um calafrio percorrer sua espinha. *Encontre o Fecho.*

Que bom que baía da Caveira ficava no caminho até o pântano de Pedra em Eyllwe.

E que bom que o governante possuía um mapa mágico pintado nas mãos. Um mapa que revelava inimigos, tempestades... e tesouros escondidos. Um mapa para encontrar coisas que não queriam ser encontradas.

Aelin abaixou a mão, apoiando-a com a outra no corrimão e examinando a cicatriz em cada palma. Tantas promessas e juramentos feitos. Tantas dívidas e favores ainda por cobrar.

Ela se perguntou quais respostas e juramentos poderia encontrar à espera em baía da Caveira.

Se chegassem lá antes de Erawan.

# 25

Manon Bico Negro acordou com o farfalhar de folhas, o canto distante de pássaros atentos, além do fedor de solo argiloso e madeira antiga.

Ela grunhiu ao abrir os olhos, semicerrando-os diante da luz intermitente do sol filtrada pelo denso dossel.

Conhecia aquelas árvores. Carvalhal.

Ainda montava a sela de Abraxos, que estava deitado sob Manon, o pescoço virado para poder monitorar a respiração da bruxa. Os olhos pretos da serpente alada se arregalaram em pânico quando ela gemeu, tentando se sentar. Manon caíra de costas e sem dúvida ficara deitada assim um tempo, a julgar pelo sangue azul que cobria as laterais de Abraxos.

Ela ergueu a cabeça e olhou para a barriga, contendo um

grito conforme os músculos repuxaram.

Calor úmido lhe escorreu do abdômen. Os ferimentos mal tinham coagulado então, se estavam se abrindo tão facilmente.

A cabeça da bruxa latejava como mil forjas. E a boca parecia tão seca que mal conseguia mover a língua.

Assunto de primeira ordem: sair daquela sela. Depois, tentar avaliar o próprio estado. Em seguida, água.

Um córrego gorgolejava nas proximidades, perto o suficiente para Manon conjeturar se Abraxos escolhera aquele local por isso.

A serpente alada bufou, movendo-se com preocupação, e Manon sibilou quando a ferida se rasgou mais.

— Pare — disse ela, rouca. — Estou... bem.

Não estava bem, nada bem.

Mas não estava morta.

O que era um começo.

As outras merdas — a avó, as Treze, a afirmação sobre as Crochan... Manon lidaria com tudo aquilo depois, quando não estivesse com um pé na Escuridão.

Ela ficou deitada ali por longos minutos, respirando apesar da dor.

Limpar o ferimento; estancar o sangramento.

Não tinha nada consigo exceto o couro de batalha —

mas a camisa... A bruxa não tinha forças para primeiro ferver o tecido.

Precisaria rezar para que a imortalidade que agraciava seu sangue afastasse qualquer infecção.

Seu sangue Crochan...

Manon sentou subitamente, sem se permitir hesitação, contendo o grito com tanta força que o lábio sangrou e um gosto de cobre lhe preencheu a boca.

No entanto, tinha se erguido. Sangue escorreu por baixo da armadura de couro, mesmo assim, ela se concentrou em soltar as correias que a prendiam à sela, uma fivela por vez.

Não estava morta.

A Mãe ainda tinha utilidade para ela.

Livre do cinto, Manon encarou a altura de Abraxos até o leito coberto de musgo da floresta.

Que a Escuridão a salvasse, aquilo doeria.

O simples movimento do corpo para passar a perna para o lado a fez trincar os dentes contra a vontade de chorar. Se nas unhas da avó houvesse veneno, ela estaria morta.

Mas foram deixadas irregulares; irregulares em vez de afiadas e cheias de ferrugem.

Uma cabeça grande a cutucou no joelho, e ela viu Abraxos ali, o pescoço esticado — a cabeça logo abaixo dos pés da bruxa, com um olhar de oferta.

Sem confiar que o estado consciente duraria muito, Manon deslizou para a ampla cabeça da serpente alada, respirando entre as ondulações de dor ardente. O hálito de Abraxos lhe aqueceu a pele fria enquanto cuidadosamente a baixou para a clareira gramada.

A bruxa ficou deitada de costas, permitindo que o animal a cutucasse com o focinho, um choro fraco saía da serpente.

— Bem... — sussurrou Manon. — Eu estou...



Manon acordou ao crepúsculo.

Abraxos estava enroscado ao seu redor, formando uma cobertura improvisada com a asa inclinada.

Pelo menos estava aquecida. Mas a sede...

A bruxa gemeu, e a asa imediatamente foi recolhida, revelando uma cabeça encouraçada e olhos preocupados.

— Seu... mãe coruja — disse Manon, arquejando e deslizando os braços para baixo do corpo para se levantar.

Pelos deuses, pelos deuses, pelos deuses...

Mas estava sentada.

Água. Aquele córrego...

Abraxos era grande demais para alcançar em meio às

árvores, mas Manon precisava de água. Logo. Quantos dias tinham se passado? Quanto sangue tinha perdido?

— Ajuda — sussurrou ela.

Presas poderosas se fecharam em volta do colarinho da túnica, erguendo-a com tanta delicadeza que seu peito se apertou. A bruxa oscilou, apoiando-se na lateral encouraçada de Abraxos, mas permaneceu de pé.

Água; então poderia dormir mais.

— Espere aqui — pediu Manon, cambaleando para a árvore mais próxima, com a mão na barriga; Ceifadora do Vento era um peso às costas. Ela pensou em deixar a espada para trás, mas qualquer movimento extra, mesmo soltar o boldrié do peito, era impensável.

De árvore em árvore, a bruxa cambaleou, enterrando as unhas em cada tronco para manter-se de pé e preenchendo a floresta silenciosa com a respiração irregular.

Estava viva; estava viva...

O córrego mal passava de um fiapo em meio às pedras musguentas. Mas era límpido e corrente, e a coisa mais linda que Manon já vira.

Ela o analisou. Se ficasse de joelhos, conseguiria se levantar outra vez?

Dormiria ali se precisasse. Depois de beber.

Com cuidado, pois os músculos estavam trêmulos,

Manon se ajoelhou na margem. Ela engoliu o grito quando se curvou sobre o córrego, quando mais sangue escorreu. A bruxa bebeu os primeiros punhados sem parar — então diminuiu a velocidade, a barriga doía tanto dentro quanto fora.

Um galho estalou, e Manon se levantou; o instinto se sobrepôs à dor tão rapidamente que a agonia a atingiu um segundo depois. Mesmo assim, ela avaliou as árvores e as rochas e o dossel e as pequenas colinas.

Do outro lado do córrego, uma calma voz feminina disse:

— Parece que caiu longe do ninho, Bico Negro.

Manon não conseguia identificar a quem pertencia, que bruxa encontrara...

De trás das sombras de uma árvore, uma bela jovem emergiu.

O corpo era elegante, porém ágil; os cabelos arruivados caíam soltos e cobriam parcialmente a nudez da mulher. Não havia um trecho de tecido cobrindo a pele cor de creme. Nenhuma cicatriz ou marca maculavam a carne tão pura quanto a neve. Ela se moveu, e os cabelos sedosos balançaram também.

Mas a mulher não era uma bruxa. E os olhos azuis...

Corra. *Corra*...

Olhos de um azul-gélido reluziram mesmo na floresta escura. E uma boca vermelha carnuda, feita para a alcova, se abriu, revelando um sorriso branco demais conforme a mulher observava Manon, o sangue, o ferimento. Abraxos rugiu em aviso, fazendo com que o chão, as árvores, as folhas tremessem.

— Quem é você?— exigiu a bruxa, a voz áspera.

A jovem inclinou a cabeça... como um tordo estudando uma minhoca trêmula.

— O Rei Sombrio me chama de Cão de Caça.

Manon aproveitou cada fôlego ao reunir forças.

— Nunca ouvi falar de você — respondeu ela, rouca.

Algo escuro demais para ser sangue serpenteou sob a pele creme do abdômen da mulher, então sumiu. Ela passou a pequena e linda mão sobre o ponto em que a coisa se contorcera na curva da barriga firme.

— Não teria ouvido falar de mim. Até sua traição, eu era mantida sob aquelas outras montanhas. Mas, quando ele aperfeiçoou o poder em meu sangue... — Aqueles olhos azuis se fixaram em Manon, e loucura reluziu ali. — Ele poderia fazer muito com você, Bico Negro. Tanto. Fui enviada para levar a montadora coroada de volta ao lado certo...

A bruxa recuou um passo; apenas um.

— Não tem para onde fugir. Não com a barriga mal se contendo dentro de si. — A mulher jogou os cabelos vermelhos sobre um ombro. — Ah, como será divertido agora que a encontrei, Bico Negro. Para todos nós.

Manon se preparou, sacando Ceifadora do Vento quando a forma da mulher brilhou, como um sol negro, então ondulou, seus limites se expandiram, metamorfoseando-se, até que...

A mulher era uma ilusão. Um encantamento. A criatura que estava diante de Manon nascera na escuridão; era tão branca que a bruxa duvidava de que jamais tivesse sentido o beijo do sol até o momento. E a mente que a inventara... A imaginação de alguém nascido em outro mundo — onde pesadelos caminhavam pela terra escura e fria.

O corpo e o rosto eram vagamente humanos. Mas... Cão de Caça. Sim, era adequado. As narinas eram enormes, os olhos tão grandes e sem pálpebras que ela se perguntou se o próprio Erawan as teria cortado, e a boca... Os dentes pareciam cotocos pretos, a língua espessa e vermelha; para provar o ar. E abrindo-se daquele corpo branco, o meio de transporte de Manon: asas.

— Veja bem — ronronou a jovem Cão de Caça. — Está vendo o que ele pode lhe dar? Agora posso provar o vento; sentir o cheiro de sua essência. Assim como senti seu

cheiro do outro lado do terreno.

Manon manteve um braço aninhado sobre a barriga enquanto o outro estremeceu, erguendo Ceifadora do Vento.

A mulher gargalhou, de modo baixo e suave.

— Acho que vou gostar disso — declarou ela, então avançou.

Viva; ela estava *viva* e continuaria assim.

A bruxa saltou para trás, deslizando entre duas árvores, tão perto que a criatura as atingiu, como uma parede de madeira no caminho. Aqueles olhos de bezerro se semicerraram com ódio, e as mãos brancas — com garras para cavar nas pontas — se enterraram no tronco quando a mulher recuou...

Apenas para se ver presa.

Talvez a Mãe estivesse olhando por Manon.

A jovem Cão de Caça ficara presa entre as duas árvores, metade para a frente, metade para trás, graças àquelas asas, a madeira a espremendo...

Manon correu. Dor irradiava a cada passo, e ela gritava entre os dentes conforme disparava pelas árvores. Houve um estalo e estrondo de madeira e folhas atrás.

A bruxa se forçou a ir mais além, pressionando uma das mãos contra o ferimento e segurando Ceifadora do Vento

na outra com tanta força que a espada tremia. Mas ali estava Abraxos, olhos selvagens e asas já abertas, preparando-se para voar.

— *Vá* — ordenou Manon, a voz rouca, atirando-se contra a serpente alada ao ouvir madeira sendo esmagada atrás de si.

Abraxos disparou para a bruxa, que se esticou para ele — não para montá-lo, mas na direção das garras do animal, na direção das enormes unhas que a envolveram sob os seios. O estômago de Manon se rasgou um pouco mais ao ser erguida pela serpente alada, subindo mais e mais e mais em meio a troncos, folhas e ninhos.

O ar estalou sob suas botas, e a bruxa virou para baixo com os olhos cheios d'água e avistou as garras da mulher Cão de Caça esticando-se desesperadamente. Mas era tarde demais.

Soltando um grito de ódio, a jovem recuou alguns passos para a beira da clareira, preparando-se para correr e dar um salto enquanto Abraxos batia as asas como nunca...

Eles atravessaram o dossel, e as asas da serpente alada destruíram galhos, atirando-os à Cão de Caça.

O vento se chocou contra Manon conforme Abraxos voava, mais e mais alto, seguindo para o leste, na direção das planícies — leste e sul...

A criatura não ficaria detida por muito tempo. O animal percebeu isso também.

Planejara isso.

Um lampejo branco irrompeu do dossel abaixo deles.

Abraxos avançou, um mergulho ágil e letal, com um rugido de ódio que fez a cabeça de Manon zunir.

A mulher Cão de Caça não teve tempo de recuar quando a poderosa cauda se chocou contra ela, os espinhos de ferro cobertos de veneno atingindo-a em cheio.

Sangue preto e pútrido jorrou; asas membranosas cor de marfim se partiram.

Então os dois dispararam de volta para cima, deixando a criatura cair pelo dossel; quase morta ou ferida, Manon não se importava.

— *Encontrarei você* — gritou a mulher do leito da floresta.

Apenas depois de quilômetros as palavras gritadas se extinguiram.

Manon e Abraxos pararam somente por tempo suficiente para que a bruxa subisse nas costas do animal e se prendesse. Nenhum sinal de outras serpentes aladas no céu, nenhum indício de que a jovem Cão de Caça os perseguia. Talvez o veneno a mantivesse no chão por um tempo; se não para sempre.

— Para a costa — ordenou a bruxa, por cima do ruído do vento, conforme o céu sangrava carmesim até a escuridão final. — Algum lugar seguro.

Sangue escorreu entre os dedos de Manon — mais rápido e mais intensamente que antes —, e, em seguida, a Escuridão a reivindicou de novo.

# 26

Mesmo depois de duas semanas em baía da Caveira, sendo totalmente ignorados por Rolfe apesar dos pedidos para se reunirem com ele, Dorian ainda não havia se acostumado completamente com o calor e a umidade. O clima o seguia dia e noite, tirando-o do sono encharcado de suor, perseguindo-o até o interior da Rosa do Oceano quando o sol estava a pino.

E como o pirata se recusava a recebê-los, Dorian tentava preencher os dias com coisas que *não fossem* reclamar do calor. As manhãs eram para praticar sua magia em uma clareira na floresta a poucos quilômetros de onde estavam. Pior, Rowan o fazia correr até lá e voltar; e quando retornavam, na hora do almoço, tinha a "escolha" de comer

antes ou depois dos exercícios torturantes do feérico.

Sinceramente, ele não tinha ideia de como Aelin havia sobrevivido a meses daquilo — e, ainda mais, se apaixonado pelo guerreiro nesse ínterim. Embora Dorian pudesse perceber um lado sádico tanto na rainha quanto no príncipe feérico, o que parecia torná-los compatíveis.

Em alguns dias, Fenrys e Gavriel os encontravam no pátio da pousada para se exercitarem ou para dar dicas não requisitadas sobre a técnica de Dorian com uma espada ou uma adaga. Em alguns dias, Rowan os deixava ficar; em outros, expulsava os dois com um grunhido.

O rapaz notou que o segundo caso costumava ocorrer quando nem mesmo o calor e o sol conseguiam afastar as sombras dos últimos meses; quando ele acordava com o suor parecendo o sangue de Sorscha, quando não conseguia suportar nem mesmo o roçar da túnica contra o pescoço.

Não tinha certeza se deveria agradecer ao príncipe feérico por notar, ou odiá-lo pela bondade.

Durante as tardes, os dois caminhavam pela cidade em busca de fofocas e notícias, observando os homens de Rolfe com a mesma proximidade com que eram observados. Apenas sete capitães da armada desfalcada permaneciam na ilha — oito, contando com o próprio lorde pirata, e havia menos navios ainda ancorados na baía. Alguns tinham

fugido depois do ataque valg; outros foram dormir com os peixes no fundo do porto, assim como seus navios.

Choviam notícias de Forte da Fenda: que a cidade estava sob controle das bruxas e que a maior parte ficara em ruínas; diziam que a nobreza e os mercadores tinham fugido para propriedades de campo e deixado os pobres para se defenderem sozinhos. As bruxas controlavam os portões e as docas da cidade. Nada nem ninguém entrava sem que elas soubessem. Pior, navios do desfiladeiro Ferian velejavam pelo Avery para Forte da Fenda e já tinham descarregado estranhos soldados e bestas, que transformavam a cidade em um território de caça particular.

Erawan não fora tolo ao planejar aquela guerra. Rowan alegara que os navios velejando o Avery eram pequenos demais, e certamente os exércitos d'O Fim não representavam toda a armada do Rei Sombrio. Então, onde estivera a frota de Adarlan esse tempo todo?

O guerreiro descobriu a resposta cinco dias depois de chegarem: no golfo de Oro. Parte da frota fora posicionada perto da costa mais a noroeste de Eyllwe; outra parte ficara escondida nos portos de Melisande, onde, diziam os boatos, a rainha permitia que soldados de Morath entrassem por qualquer lado que quisessem. Erawan tinha habilidosamente dividido a armada, posicionando-a em locais-chave, assim

Rowan informou a Dorian que suas forças e as de Aelin precisariam sacrificar terras, aliados e vantagens geográficas se quisessem manter outros.

O rapaz odiara admitir ao guerreiro feérico que jamais ouvira falar daqueles planos nos últimos anos — as reuniões do conselho haviam sido todas a respeito de políticas e comércio e escravos. Uma distração, percebeu ele, uma forma de manter os lordes e governantes do continente concentrados em uma coisa enquanto outros planos eram postos em ação. E agora... se Erawan conjurasse a frota do golfo, provavelmente velejaria em torno da costa sul de Eyllwe e saquearia cada cidade até chegar à porta de Orynth.

Talvez tivessem sorte e a frota de Erawan colidisse com a de Maeve. Não que houvessem escutado algo a respeito da última. Nem mesmo um sussurro de onde e com que rapidez os navios velejavam. Ou um murmúrio de para onde Aelin Galathynius fora. Dorian sabia que Rowan percorria as ruas da cidade por notícias da rainha.

Então os dois coletavam fragmentos de informação e voltavam à estalagem toda noite para analisá-los enquanto comiam camarões temperados, vindos das águas quentes do arquipélago, e arroz fumegante de mercadores do continente sul, mantendo os copos de água com infusão de laranja apoiados sobre os mapas e os esquemas que compraram na

cidade. As informações eram em grande parte de segunda ou terceira mão — e uma prostituta comum patrulhando as ruas parecia saber tanto quanto os marinheiros que trabalhavam no cais.

Mas nenhuma das prostitutas ou dos marinheiros ou dos comerciantes tinha notícias dos paradeiros do príncipe Hollin ou da rainha Georgina. A guerra se aproximava... e o destino de uma criança e de uma rainha frívola, que jamais se incomodara em tomar o poder para si, não era preocupação para ninguém, exceto Dorian, ao que parecia.

Em uma tarde especialmente abafada, que se refrescava graças a uma espantosa tempestade de raios, Dorian apoiou o garfo ao lado do prato de peixe de coral no vapor e comentou com Rowan:

— Acho que estou cansado de esperar que Rolfe queira nos encontrar.

O garfo tilintou contra o prato quando o príncipe feérico o apoiou... e esperou com uma quietude sobrenatural. Onde Gavriel e Fenrys estavam naquela tarde não importava. Na verdade, Dorian estava feliz pela ausência de ambos ao dizer:

— Preciso de papel... e de um mensageiro.

Três horas depois, Rolfe os convocou, com a equipe, para o Dragão Marinho.

Rowan estivera ensinando Dorian a erguer escudos durante os últimos dias — então o rapaz ergueu um ao redor de si quando Rolfe guiou os quatro pelo corredor do andar de cima da taverna, dirigindo-se ao escritório.

Sua ideia correra tranquilamente; com perfeição.

Ninguém reparara que a carta que Rowan tinha enviado depois do almoço fora a mesma entregue a Dorian mais tarde na estalagem.

Mas os espiões do lorde pirata notaram o choque de Dorian enquanto a lia; a decepção e o medo e o ódio diante de quaisquer que fossem as notícias recebidas. Rowan, fiel à encenação, caminhara de um lado para outro e grunhira diante da *notícia* recebida. Eles se certificaram de que o criado lavando o corredor tivesse entreouvido a menção da informação que mudaria o rumo da guerra, que o próprio Rolfe podia ganhar muito com aquilo... ou perder tudo.

E naquele instante, caminhando para o escritório do homem, Dorian não sabia dizer se estava satisfeito ou irritado por serem tão observados a ponto de seu plano ter funcionado. Gavriel e Fenrys, ainda bem, não fizeram perguntas.

O lorde pirata, usando um desbotado casaco azul e

dourado, parou diante da porta de carvalho do escritório. Calçava luvas, e o rosto exibia ansiedade. O jovem rei duvidava de uma melhora de expressão quando Rolfe percebesse que não havia notícia alguma — e que faria a reunião, querendo ele ou não.

Dorian reparou nos três machos feéricos analisando cada fôlego do pirata, sua postura, ouvindo os sons do imediato e do mestre quarteleiro um andar abaixo. O trio trocou acenos quase imperceptíveis. Aliados; pelo menos até que Rolfe os ouvisse.

— É melhor que isso valha meu tempo — murmurou o capitão, enquanto abria a porta e caminhava para a escuridão além. Então, parou subitamente.

Mesmo à luz aquosa, Dorian conseguia discernir perfeitamente a mulher sentada à mesa de Rolfe. Com pés apoiados na superfície de madeira escura, ela vestia roupas pretas sujas e carregava armas reluzentes.

Aelin Galathynius, as mãos cruzadas atrás da cabeça, sorriu para todos e disse:

— Gosto mais deste escritório que do outro, Rolfe.

# 27

Dorian não ousou se mover quando Rolfe soltou um grunhido.

— Tenho a nítida lembrança, Celaena Sardothien, de avisar que, se colocasse os pés em meu território de novo, sua vida estaria acabada.

— Ah — falou Aelin, abaixando as mãos, mas deixando os pés ainda apoiados na mesa. — Mas qual seria a graça disso?

Rowan parecia imóvel como a morte ao lado de Dorian. O sorriso de Aelin ficou felino quando ela finalmente abaixou os pés e passou as mãos pelas laterais da mesa, avaliando a madeira lisa, como se fosse um cavalo premiado. A jovem inclinou a cabeça para Dorian.

— Olá, Majestade.

— Oi, Celaena — respondeu ele, o mais calmamente possível e bastante ciente de que os dois machos feéricos às suas costas podiam lhe ouvir o coração acelerado. Rolfe virou a cabeça para Dorian.

Porque era Celaena que estava sentada ali; por qualquer que fosse o motivo, era Celaena Sardothien naquela sala.

Ela inclinou o queixo para o lorde pirata.

— Você já viu dias melhores, mas, considerando que foi abandonado por metade da frota, diria que parece bastante decente.

— Saia de minha cadeira — ordenou ele, baixo demais.

Aelin ignorou o pedido. Apenas lançou um olhar provocante a Rowan... da cabeça aos pés. A expressão do guerreiro permanecia indecifrável, os olhos atentos, quase brilhando. Então ela disse ao feérico, com um sorriso enigmático:

— Você eu não conheço. Mas gostaria.

Os lábios de Rowan se repuxaram para cima.

— Não estou disponível, infelizmente.

— Que pena — lamentou Aelin, inclinando a cabeça ao reparar em uma tigela de pequenas esmeraldas sobre a mesa de Rolfe. *Não faça isso, não...*

Ela pegou as esmeraldas com uma das mãos, separando-as enquanto olhava para Rowan sob os cílios.

— Deve ser uma beldade rara e estonteante para que lhe seja tão fiel.

Que os deuses salvassem a todos. Ele podia jurar que Fenrys tossira atrás dele.

Aelin jogou as esmeraldas na tigela de metal, como se fossem moedas de cobre; o único ruído era o som metálico.

— Deve ser inteligente — *ploc* — e fascinante — *ploc* — e muito, *muito* talentosa. — *Ploc*, *ploc*, *ploc* faziam as esmeraldas. Ela examinou as quatro gemas que restavam na mão. — Deve ser a pessoa mais maravilhosa que já existiu.

Outra tossida vinda de trás; daquela vez de Gavriel. Mas a jovem tinha olhos apenas para Rowan, que afirmou:

— Realmente é. E mais.

— Hmmm — murmurou Aelin, virando as esmeraldas com facilidade habilidosa na palma da mão coberta de cicatrizes.

— O. Quê. Você. Está. Fazendo. Aqui — grunhiu Rolfe.

Ela soltou as esmeraldas na tigela.

— Isso são modos de falar com uma velha amiga?

O homem caminhou até a mesa, e Rowan estremeceu, contendo-se quando o lorde pirata apoiou as mãos na superfície de madeira.

— A última notícia que tive foi que seu mestre estava

morto e você tinha vendido a Guilda para os subordinados. É uma mulher livre. O que faz em *minha* cidade?

Aelin encarou os olhos verde-mar com uma irreverência capaz de intrigar Dorian; seria nata ou aperfeiçoada com habilidade e sangue e aventuras?

— A guerra se aproxima, Rolfe. Não posso considerar minhas opções? Pensei em ver o que *você* planeja fazer.

O lorde pirata olhou para Dorian por cima dos ombros largos.

— Dizem os rumores que ela foi sua campeã no último outono. Quer lidar com *isso*?

— Vai descobrir, Rolfe, que não se *lida* com Celaena Sardothien. Apenas se sobrevive a ela — respondeu o rapaz, tranquilamente.

Um lampejo de sorriso de Aelin. Rolfe revirou os olhos e disse à rainha-assassina:

— Então, qual é o plano? Fez um acordo para sair de Endovier, tornou-se a campeã do rei e, agora que ele morreu, quer ver como pode lucrar?

Dorian tentou não encolher o corpo. Morto; o pai estava morto... pelas mãos do próprio filho.

— Sabe do que eu gosto — retrucou Aelin. — Mesmo com a fortuna de Arobynn e a venda da Guilda... O período

de guerra pode ser lucrativo para pessoas que são espertas com seus negócios.

— E onde está a pirralha sabe-tudo de 16 anos que destruiu seis de meus navios, roubou dois e acabou com minha cidade, tudo por duzentos escravos?

Uma sombra, uma que lançou calafrios pela espinha de Dorian, percorreu os olhos da jovem.

— Passe um ano em Endovier, Rolfe, e vai aprender rapidinho como jogar um outro tipo de jogo.

— Eu disse — afirmou ele, fervilhando com um veneno silencioso — que um dia pagaria por aquela arrogância.

O sorriso da jovem se tornou letal.

— E de fato paguei. Assim como Arobynn Hamel.

O lorde pirata piscou... apenas uma vez, então enrijeceu o corpo.

— Saia de minha cadeira. E devolva a esmeralda que enfiou na manga.

Aelin riu com deboche e, com um movimento ágil das mãos, surgiu uma esmeralda — a quarta, da qual Dorian tinha se esquecido — entre seus dedos.

— Que bom. Pelo menos sua visão não está falhando com a idade avançada.

— E a outra — disse Rolfe, entre dentes.

Ela sorriu de novo. Em seguida se recostou de volta na

cadeira, inclinou a cabeça para cima e cuspiu a esmeralda que, de alguma forma, escondera sob a língua. O jovem rei observou a gema percorrer um arco perfeito no ar.

O ruído da joia tocando a tigela foi o único som.

Dorian olhou para Rowan. Prazer brilhava em seus olhos — prazer e orgulho e luxúria fumegante. O rapaz rapidamente desviou o olhar.

Então Aelin disse ao lorde pirata:

— Tenho duas perguntas para você.

A mão de Rolfe estremeceu na direção do florete.

— Não está em posição de fazer pergunta alguma.

— Não estou? Afinal de contas, fiz uma promessa a você há dois anos e meio. Uma que tem sua assinatura.

O homem grunhiu.

Ela apoiou o queixo no punho.

— Você, ou algum de seus navios, comprou, vendeu ou transportou escravos desde aquele... dia infeliz?

— Não.

Um breve aceno de satisfação.

— E ofereceu abrigo a eles?

— Não corremos atrás de ajudá-los, mas, se algum chegou até aqui, sim. — Cada palavra era mais contida que a outra, uma mola prestes a disparar adiante e atingir a rainha. Dorian rezou para que o homem não fosse burro o

bastante para atacá-la. Não com Rowan observando cada fôlego de Rolfe.

— Muito bem — comentou Aelin. — Foi inteligente de sua parte não mentir para mim. Pois, quando cheguei esta manhã, assumi a tarefa de olhar em seus armazéns, de perguntar nos mercados. E então vim para cá... — Ela percorreu as mãos por papéis e livros sobre a mesa. — Para ver seus livros contábeis por conta própria. — A jovem passou um dedo por uma página que continha várias colunas e números. — Têxteis, temperos, aparelho de jantar de porcelana, arroz do continente sul e vários contrabandos, mas... nenhum escravo. Preciso dizer, estou impressionada. Tanto por ter honrado sua palavra quanto pelos primorosos registros.

Um grunhido baixo.

— Sabe quanto me custou sua brincadeira?

Aelin voltou os olhos para um pedaço de pergaminho na parede. Havia diversas adagas, espadas e até mesmo tesouras presas a ele: treino de tiro ao alvo para Rolfe, ao que parecia.

— Olhe! Aí está a conta do bar do qual saí sem pagar... — disse ela sobre o documento, que continha, de fato, uma lista de itens, e, pelos deuses, era uma enorme quantia em dinheiro.

O lorde pirata se voltou para Rowan, Fenrys e Gavriel.

— Querem minha assistência nesta guerra? Eis o custo. Matem-na. Agora. Então meus navios e homens são seus.

Os olhos pretos de Fenrys brilharam, mas não para Rolfe, e sim para Aelin quando ela ficou de pé. As roupas pretas estavam gastas pela viagem, os cabelos dourados reluziam à luz cinzenta. E, mesmo em uma sala cheia de assassinos profissionais, a jovem era quem mais se destacava.

— Ah, não acho que eles farão isso — respondeu ela. — Ou sequer o podem fazer.

Rolfe se virou para Aelin.

— Vai descobrir que não é tão habilidosa diante de guerreiros feéricos.

Ela apontou para uma das cadeiras diante da mesa.

— É melhor se sentar.

— Dê o *fora* da...

Aelin soltou um assobio baixo.

— Permita-me apresentar, capitão Rolfe, a *incomparável*, a bela e a total e completamente perfeita rainha de Terrasen.

A testa de Dorian se enrugou. Mas passadas soaram, então...

Os machos se moveram quando Aelin Galathynius de fato entrou na sala, com os cabelos loiros soltos e vestindo uma túnica verde-escura igualmente gasta e suja. Os olhos turquesa e dourado riam conforme ela passou por um Rolfe

boquiaberto para se sentar no braço da cadeira de Aelin.

Dorian não sabia distingui-las... sem o olfato de um feérico, não sabia.

— O quê... que bruxaria é essa? — Sibilou o homem, recuando um único passo.

Aelin e Aelin se entreolharam. Aquela de preto sorriu para a recém-chegada.

— Ah, você é *mesmo* linda, não é?

Aquela de verde sorriu também, mas, apesar da beleza do sorriso, de toda a malícia... Era um sorriso mais suave, em uma boca que talvez estivesse menos acostumada a grunhir e exibir os dentes e sair ilesa ao dizer coisas terríveis e arrogantes. Lysandra, então.

As duas rainhas encararam Rolfe.

— Aelin Galathynius não tinha uma irmã gêmea — grunhiu ele, a mão na espada.

A Aelin de preto — a verdadeira Aelin, que estivera entre eles o tempo todo — revirou os olhos.

— Ai, Rolfe. Está estragando minha diversão. É claro que não tenho uma irmã gêmea!

Ela gesticulou para Lysandra com o queixo, então o corpo da metamorfa brilhou e derreteu: o cabelos se tornaram uma cascata pesada e lisa de mechas escuras, a pele ganhou um tom bronzeado e os olhos repuxados assumiram

um verde deslumbrante.

Alarmado, Rolfe murmurou e cambaleou para trás, apenas para que Fenrys o estabilizasse, apoiando uma mão no ombro do pirata conforme dava um passo adiante, os olhos arregalados.

— Uma metamorfa — sussurrou o guerreiro feérico.

Aelin e Lysandra o fitaram com olhares pouco impressionados que teriam rechaçado homens inferiores.

Até mesmo o rosto plácido de Gavriel ficou inexpressivo diante da metamorfa; as tatuagens oscilaram quando o feérico engoliu em seco. O pai de Aedion. E se Aedion estivesse lá com Aelin...

— Por mais que me intrigue ao ver a equipe presente — comentou Aelin —, podem confirmar para Sua Pirateza que sou quem digo que sou, assim poderemos passar a assuntos mais urgentes?

O rosto de Rolfe ficou branco de ódio ao perceber que todos sabiam quem realmente estava sentada à mesa.

— Ela é Aelin Galathynius. E Celaena Sardothien — esclareceu Dorian.

No entanto, foi para Fenrys e Gavriel, o grupo de fora, que Rolfe se virou. Gavriel assentiu; os olhos de Fenrys estavam fixos na rainha.

— Ela é quem diz ser.

O capitão se voltou para Aelin, mas a rainha focava a atenção em Lysandra e franziu a testa quando a metamorfa lhe entregou um tubo selado com cera.

— Deixou o cabelo mais curto.

— Tente ter aquele cabelo longo e veja se dura mais de um dia — respondeu a amiga, tocando os cabelos na altura da clavícula.

Rolfe as olhou boquiaberto. Aelin sorriu para a companheira, depois encarou o lorde pirata.

— Então, Rolfe — falou a rainha, pausadamente, passando o tubo entre as mãos. — Vamos discutir esse detalhe de você se recusar a ajudar minha causa.

# 28

Aelin Galathynius não se incomodou em conter a presunção quando Rolfe apontou para a mesa grande no canto direito do cômodo — muito maior que o escritório de merda onde certa vez fez com que ela e Sam o encontrassem.

A jovem deu apenas um passo para o assento designado a ela antes de Rowan surgir ao seu lado, apoiando a mão em seu cotovelo.

O rosto do príncipe — pelos deuses, como sentira falta daquele rosto severo e determinado — carregava uma expressão contida ao se inclinar para sussurrar com suavidade feérica:

— A equipe está trabalhando conosco sob a condição de que isso os leve a Lorcan, pois Maeve os enviou para matá-

lo. Me recusei a divulgar seu paradeiro. A maior parte da frota de Adarlan está no golfo de Oro graças a algum acordo desprezível com Melisande para usar seus portos, e a armada da própria Maeve veleja para Eyllwe; se é para atacar ou ajudar, não sabemos.

Bem, era bom saber que o inferno os esperava e que a informação sobre a armada de Maeve estava certa. Mas então Rowan acrescentou:

— E morri de saudade de você.

Aelin sorriu apesar das notícias, detendo-se para olhar para ele. Intocado, ileso.

Era mais do que poderia esperar. Mesmo com as notícias que dera.

Ela decidiu que não dava a mínima para quem quer que os observasse, e ficou na ponta dos pés para roçar os lábios contra os de Rowan. Fora preciso toda inteligência e habilidade para evitar deixar vestígios de seu cheiro, para que ele não a pudesse detectar — e o prazer e o choque no rosto do guerreiro tinham valido muito a pena.

A mão do feérico apertou o braço de Aelin quando ela se afastou.

— O sentimento, príncipe — murmurou a jovem —, é mútuo.

Os demais faziam o possível para não os encarar, exceto

por Rolfe, que ainda fervilhava de ódio.

— Ah, não pareça tão revoltado, capitão — zombou Aelin, dando as costas a Rowan e se sentando diante de Rolfe. — Você me odeia, eu o odeio, nós *dois* odiamos receber ordens de impérios xeretas e mandões, é uma combinação perfeita.

— Você quase destruiu tudo por que trabalhei. Sua língua afiada e arrogância não a livrarão disso — acusou o lorde pirata.

Apenas por diversão, Aelin sorriu e mostrou a língua. Mas não a língua verdadeira, e sim uma bifurcada de fogo prateado que se agitou como uma cobra no ar.

Fenrys engasgou com uma gargalhada sombria. Ela o ignorou. Lidaria com a presença *deles* depois. Só rezava para ter tempo de advertir Aedion antes que ele esbarrasse com o pai — que estava a duas cadeiras dela, olhando-a boquiaberto, como se Aelin tivesse dez cabeças.

Pelos deuses, até a expressão era parecida com a de Aedion. Como ela não tinha reparado naquilo na primavera em Wendlyn? Seu primo era um menino da última vez que o vira então; mas como homem... com a imortalidade de Gavriel, os dois até pareciam ter a mesma idade. Diferentes de muitas formas, mas aquele olhar... era um reflexo.

Rolfe não sorria.

— Uma rainha que brinca com fogo não é uma aliada consistente.

— E um pirata cujos homens o abandonaram ao primeiro teste de lealdade é um comandante naval de merda, mas aqui estou eu, nesta mesa.

— Cuidado, menina. Precisa de mim mais do que preciso de você.

— Preciso? — Uma dança, aquilo era uma dança. Muito antes de Aelin colocar os pés naquela ilha horrorosa, tinha sido uma dança, e estava prestes a começar o segundo movimento. Ela apoiou a carta de recomendação selada de Murtaugh na mesa entre os dois. — Do modo como vejo, tenho o ouro e a habilidade de elevá-lo de um criminoso comum a um homem de negócios respeitável e bem-estabelecido. Charco Lavrado pode disputar quem é dono destas ilhas, mas... e se eu lhe desse meu apoio? E se em vez de ser o lorde dos Piratas, eu o tornasse o rei dos Piratas?

— E quem confirmaria a palavra de uma princesa de 19 anos?

Aelin indicou com o queixo o tubo selado com cera.

— Murtaugh Allsbrook confirmaria. Ele escreveu uma bela e longa carta sobre o assunto.

Rolfe pegou o tubo, avaliou e o atirou, em um arco perfeito, na lata de lixo. O ruído ecoou pelo escritório.

— E eu confirmaria — declarou Dorian, inclinando-se para a frente antes que Aelin pudesse grunhir para a carta ignorada. — Se vencermos esta guerra, terá os dois maiores reinos do continente o proclamando rei incontestável de todos os piratas. Baía da Caveira e as ilhas Mortas deixariam de ser um esconderijo para seu povo e se tornariam um verdadeiro lar. Um novo reino.

Rolfe soltou uma risada baixa.

— A conversa de jovens idealistas e sonhadores.

— O mundo — disse Aelin — será salvo e refeito pelos sonhadores, Rolfe.

— O mundo será salvo pelos guerreiros, pelos homens e pelas mulheres que derramarão sangue por ele. Não por promessas vazias e sonhos dourados.

Aelin apoiou as mãos abertas na mesa.

— Talvez. Mas, se vencermos esta guerra, será um novo mundo, um mundo livre. Essa é minha promessa... a você, a qualquer um que marche sob minha bandeira. Um mundo melhor. E precisará decidir seu lugar em tudo isso.

— Essa é a promessa de uma menininha que ainda não sabe como o mundo funciona de verdade — retrucou ele. — Mestres são necessários para manter a ordem, para manter as coisas em curso e lucrativas. Nada acabará bem para aqueles que queiram subverter isso.

— Quer ouro, Rolfe? Quer um título? — ronronou Aelin. — Quer glória ou mulheres ou terras? Ou é apenas a sede de sangue que o guia? — Ela lançou um olhar significativo para as mãos enluvadas do pirata. — Qual foi o custo do mapa? Qual era o objetivo final se esse sacrifício precisou ser feito?

— Não há nada que possa oferecer ou dizer, Aelin Galathynius, que eu mesmo não possa conseguir. — Um sorriso malicioso. — A não ser que planeje me oferecer sua mão e me tornar rei de seu território... o que pode ser uma proposta interessante.

Desgraçado. Desgraçado horrível e aproveitador. Rolfe tinha visto Aelin com Rowan. Estava se aproveitando do silêncio entre eles, da morte nos olhos de Rowan.

— Parece que apostou no cavalo errado — cantarolou o lorde pirata, então voltou os olhos para Dorian. — Que notícia recebeu?

Mas aquele cavalo errado interrompeu, tranquilamente:

— Não havia notícia. Mas ficará feliz em saber que seus espiões na Rosa do Oceano certamente estão fazendo seu trabalho. E que Sua Majestade é um ator bastante bom. — Aelin conteve a gargalhada.

O rosto de Rolfe ficou sombrio.

— Saiam de meu escritório.

Friamente, Dorian indagou:

— Por um ranço mesquinho se recusaria a considerar ser nosso aliado?

Aelin riu com escárnio.

— Dificilmente chamaria a destruição de sua cidade de merda, assim como dos navios, um "ranço mesquinho".

— Tem dois dias para sair desta ilha — informou o lorde pirata, exibindo os dentes. — Depois disso, ainda manterei minha promessa de dois anos e meio atrás. — Um olhar de desprezo para os companheiros de Aelin. — Leve seu... zoológico.

Fumaça rodopiou na boca de Aelin. Esperara discussão, mas... Estava na hora de se reunirem; era hora de ver o que Rowan e Dorian tinham feito para planejar os próximos passos.

Que Rolfe pensasse que ela deixava a dança inacabada por enquanto.



Aelin chegou ao corredor estreito, com uma parede de músculos às costas e outra ao lado, e se viu diante de outro dilema: Aedion.

Ele aguardava do lado de fora da estalagem a fim de

monitorar forças inimigas. Se fosse direto até lá, colocaria o primo frente a frente com o pai havia muito perdido e totalmente alheio ao filho.

A jovem deu apenas três passos pelo corredor quando Gavriel disse atrás dela:

— Onde ele está?

Aelin se virou devagar. O rosto bronzeado do guerreiro parecia tenso; os olhos cheios de tristeza e firmeza.

Ela sorriu.

— Se está se referindo ao doce e querido Lorcan...

— Sabe a quem estou me referindo.

Rowan se colocou entre os dois, mas o rosto severo não revelou nada. Fenrys seguiu para o corredor, fechando a porta do escritório de Rolfe, e os observou com um interesse sombrio. Ah, Rowan tinha contado muito a respeito do feérico para Aelin. Um rosto e um corpo que mulheres e homens matariam para ter; o que Maeve o obrigara a fazer; o que ele suportara pelo irmão gêmeo.

— A pergunta melhor não seria "*Quem* é ele"? — disse a jovem a Gavriel, inspirando, entre dentes.

O guerreiro feérico não sorriu. Não se moveu. Ela precisava ganhar tempo para si, ganhar tempo para Aedion...

— Não pode decidir quando e onde e como vai conhecê-lo — argumentou Aelin.

— Ele é meu filho, cacete. Acho que posso.

Ela deu de ombros.

— Nem mesmo pode decidir se tem permissão de chamá-lo assim.

Aqueles olhos amarelados brilharam; as mãos tatuadas se fecharam em punhos. Mas Rowan interviu:

— Gavriel, ela não pretende mantê-lo longe de seu filho.

— Diga onde ele está. *Agora*.

Ah! E ali estava ele. O rosto do Leão. Do guerreiro que derrubara exércitos, cuja reputação fazia soldados experientes estremecerem. Cujos guerreiros caídos tinham sido tatuados pelo corpo.

Ainda assim, Aelin limpou as unhas, depois franziu a testa para o corredor que ficara vazio atrás da jovem.

— Não faço ideia de para onde ele foi.

Eles piscaram, então se espantaram ao olharem para onde Lysandra estivera antes. De onde sumira, voando ou rastejando ou caminhando pela janela aberta. Para afastar Aedion.

Aelin apenas disse a Gavriel, a voz inexpressiva e fria:

— Jamais me dê ordens.

Aedion e Lysandra já esperavam na Rosa do Oceano. Quando entraram no belo pátio, Aelin mal reuniu forças para comentar com Rowan que estava chocada por ele não ter escolhido acomodações de guerreiro.

Dorian, alguns passos atrás, gargalhou baixinho; o que era bom, supôs a jovem. Era bom que ele estivesse rindo. Não estivera da última vez que o vira.

E fazia semanas desde que ela mesma dera uma risada, que havia sentido aquele peso se erguer por tempo suficiente para rir.

Aelin lançou a Rowan um olhar que dizia para encontrá-la no andar de cima, e parou no meio do pátio. Ao perceber a intenção da amiga, Dorian também parou.

O ar da noite estava pesado com o perfume de frutas doces e flores de trepadeiras, a fonte no centro gorgolejava baixinho. Aelin se perguntou se o dono da estalagem vinha do deserto Vermelho — se teria visto o uso de água e pedra e plantas na fortaleza dos Assassinos Silenciosos.

Então ela murmurou para Dorian:

— Sinto muito. Por Forte da Fenda.

O rosto do rei, bronzeado de verão, ficou tenso.

— Obrigado... pela ajuda.

Aelin deu de ombros.

— Rowan está sempre procurando uma desculpa para se

exibir. Resgates dramáticos dão a ele propósito e realização em sua tediosa vida imortal.

Uma tosse proposital soou das portas abertas da varanda acima, forte o suficiente para informar que o guerreiro a ouvira e não se esqueceria da piadinha quando estivessem a sós.

Ela conteve o sorriso. Fora uma surpresa agradável notar que havia uma tranquilidade respeitosa fluindo entre Rowan e Dorian na caminhada até a estalagem.

Aelin indicou para que o rei a acompanhasse, e disse, baixinho, muito ciente de quantos espiões Rolfe empregava dentro do prédio:

— Parece que você e eu estamos no momento sem nossas coroas, graças a alguns pedaços de papel de merda.

Dorian não devolveu o sorriso. As escadas rangeram conforme seguiram para o segundo andar. Estavam quase no quarto indicado quando ele comentou:

— Talvez seja algo bom.

Aelin abriu e fechou a boca... e escolheu, pelo menos uma vez, ficar calada, balançando de leve a cabeça ao entrar no quarto.

A reunião foi sussurrada e detalhada. Rowan e Dorian expuseram em detalhes precisos o que acontecera com eles; Aedion insistira por relatos sobre as bruxas, suas armaduras,

como voavam, que formações preferiam. Qualquer coisa para auxiliar a Devastação, para aumentar suas defesas no norte, independentemente de quem os comandasse. O general do Norte — que juntaria todos aqueles pedaços e montaria sua resistência. Mas a simples facilidade com que a legião das Dentes de Ferro tomara a cidade...

— Manon Bico Negro seria uma aliada valiosa se conseguíssemos que ela mudasse de lado — ponderou Aedion.

Aelin olhou para o ombro de Rowan... onde uma leve e recente cicatriz marcava a pele dourada sob as roupas.

— Talvez conseguir que Manon se volte contra as dela incite uma guerra interna entre as bruxas — comentou a jovem. — Quem sabe nos poupam a tarefa de matá-las e acabem destruindo umas às outras?

Dorian enrijeceu o corpo na cadeira, mas apenas fria maquinação brilhava em seus olhos ao replicar:

— Mas o que elas querem? Além de nossas cabeças, quero dizer. Por que sequer se aliaram a Erawan?

E todos olharam para o colar fino de cicatrizes que marcava a base do pescoço de Aelin — onde o cheiro a distinguia permanentemente como Assassina de Bruxas. Baba Pernas Amarelas visitara o castelo no último inverno por causa daquela aliança, mas será que havia mais alguma

coisa?

— Podemos contemplar os porquês e os meios depois — declarou ela. — Se encontrarmos alguma bruxa, a levamos viva. Quero algumas perguntas respondidas.

Então ela explicou o que eles testemunharam em Ilium. A ordem que Brannon lhe dera: Encontre o Fecho. Bem, ele e a tarefazinha podiam entrar na fila.

Não tinha fim, pensou Aelin naquela noite, conforme jantavam caranguejo apimentado e arroz temperado. Aquele fardo, as ameaças.

Erawan estivera planejando aquilo havia décadas. Talvez séculos, enquanto ficara imóvel, planejara tudo aquilo. E Aelin recebia apenas comandos obscuros de realezas há muito mortas para descobrir uma forma de acabar com aquilo, nada mais que malditos *meses* para reunir uma força contra o Rei Sombrio.

Ela duvidava de que fosse coincidência Maeve velejar para Eyllwe no mesmo momento em que Brannon ordenara que Aelin fosse para o pântano de Pedra na península sudoeste do território. Ou que a maldita frota de Morath estivesse alojada no golfo de Oro — logo do outro lado.

Não havia tempo bastante, não havia *tempo* bastante para fazer o que ela precisava fazer, para *consertar* as coisas.

Mas... um passo de cada vez.

Aelin precisava lidar com Rolfe. A pequena questão de assegurar a aliança com os piratas. E o mapa que ainda precisava persuadir o homem a usar para ajudá-la a rastrear aquele Fecho.

Mas primeiro... era melhor se assegurar de que aquele mapa infernal realmente funcionava.

# 29

Qualquer animal perambulando pelas ruas àquela hora atrairia a atenção errada.

Mas Aedion ainda preferia que a metamorfa estivesse usando pelo ou penas em vez de... aquilo.

Não que fosse uma visão desagradável assim, como uma jovem de cabelos vermelhos e olhos verdes. Poderia ter se passado por uma das lindas donzelas das montanhas do norte de Terrasen com aquelas cores. Era *quem* Lysandra deveria personificar enquanto esperavam em um beco. E quem *ele* deveria personificar também.

Ela se recostou contra a parede de tijolos e apoiou um pé ali, deixando à mostra um pedaço da coxa branca cremosa. E Aedion, a mão apoiada contra a parede ao lado

da cabeça de Lysandra, não passava de um cliente regular.

Não havia nenhum som no beco além do de ratos chafurdando, buscando frutas podres jogadas fora. Baía da Caveira era exatamente o chiqueiro imaginado pelo general, incluindo o lorde pirata que a controlava.

Que, sem saber, possuía o único mapa para o Fecho que Aelin recebera a ordem de encontrar. Quando Aedion reclamara que *era claro* que seria um mapa que não poderiam roubar, Rowan tinha sugerido aquele... plano. Uma armadilha. O que quer que fosse.

O general olhou para a delicada corrente dourada que pendia no pescoço pálido de Lysandra, seguindo a extensão da joia pela frente do corpete da jovem, até onde estava escondido o Amuleto de Orynth, por baixo da roupa.

— Admirando a vista?

Ele desviou os olhos dos seios generosos.

— Desculpe.

Mas a metamorfa de alguma forma viu os pensamentos se revirando na mente de Aedion.

— Acha que isso não vai dar certo?

— Acredito que há muitas coisas valiosas nesta ilha, por que Rolfe se incomodaria em vir atrás disso? — Tempestades, inimigos e tesouros: era o que o mapa mostrava. E como Aedion e Lysandra não se encaixavam nas

duas primeiras categorias... aparentemente apenas uma poderia surgir naquele mapa pintado nas mãos de Rolfe.

— Rowan alegou que Rolfe acharia o amuleto interessante o suficiente para vir atrás dele.

— Rowan e Aelin têm a tendência a dizer uma coisa quando querem dizer outra totalmente diferente. — Ele expirou pelo nariz. — Já estamos aqui há uma hora.

Lysandra arqueou uma sobrancelha vermelha.

— Tem outro lugar para ir?

— Você está cansada.

— Estamos todos cansados — retorquiu a metamorfa, em tom afiado.

Aedion calou a boca, pois não queria ter a cabeça arrancada.

Cada transformação tirava algo de Lysandra. Quanto maior a mudança, maior o animal, mais alto era o custo. Ele testemunhara a mulher passar de borboleta para abelha para beija-flor para morcego ao longo de minutos. Mas passar de humana para leopardo-fantasma ou urso ou alce ou cavalo, como demonstrara a metamorfa certa vez, levava mais tempo, porque a magia precisava reunir forças para se *tornar* daquele tamanho, para preencher o corpo com todo o poder inerente.

Passos casuais soaram, acentuados por um assobio de

duas notas. O hálito de Lysandra roçou contra o maxilar de Aedion diante do som. O general enrijeceu levemente o corpo conforme o som se aproximava, então ele se viu diante do filho de seu grande inimigo. Que virara rei.

Ainda era um rosto que Aedion odiara, desprezara e debatera se cortaria em picadinho durante muitos, muitos anos. Um rosto que vira bêbado até cair em festas apenas algumas estações atrás; um rosto que vira enterrado contra o pescoço de mulheres cujos nomes jamais se incomodara em aprender; um rosto que o provocara naquela cela do calabouço.

No momento, aquele rosto se escondia sob o capuz e, para todo o mundo, parecia estar ali para perguntar sobre os serviços de Lysandra; depois que Aedion tivesse terminado com ela. O general trincou os dentes.

— O que foi?

Dorian olhou a mulher da cabeça aos pés, como se avaliasse a mercadoria, e Aedion lutou contra a raiva.

— Rowan me enviou para ver se vocês têm alguma novidade. — O príncipe e Aelin estavam na estalagem, bebendo no salão de jantar, onde todos os olhos espiões de Rolfe poderiam ver e reportar. Dorian piscou para a metamorfa, espantado. — E, pelos deuses... realmente *consegue* assumir qualquer forma humana.

Lysandra deu de ombros, a irreverente prostituta de rua pensando no cachê.

— Não é tão interessante quanto pensa. Gostaria de ver se posso me tornar uma planta. Ou uma lufada de vento.

— Pode... *fazer* isso?

— É claro que pode — respondeu Aedion, afastando-se da parede e cruzando os braços.

— Não — discordou Lysandra, olhando com irritação para o general. — E não há nada a reportar. Nem mesmo o cheiro de Rolfe ou de seus homens.

Dorian assentiu, levando as mãos aos bolsos. Silêncio.

O tornozelo de Aedion doeu quando Lysandra o chutou subitamente.

Ele conteve a expressão de raiva ao se virar para o jovem rei.

— Então você e Whitethorn não se mataram.

O rapaz franziu a testa.

— Ele salvou minha vida, quase se esgotou ao fazê-lo. Por que sentiria qualquer coisa que não gratidão? — Lysandra lançou um sorriso arrogante para Aedion.

Em seguida, Dorian perguntou a ele:

— Vai ver seu pai?

O general encolheu o corpo. Tinha ficado feliz pela tarefa da noite, pois assim não precisara decidir. Aelin não

mencionara nada, e ele ficara satisfeito por ir até ali, mesmo que aquilo o colocasse em risco de esbarrar com o macho.

— É claro que o verei — retrucou Aedion, tenso. O rosto de Lysandra, branco como a lua, parecia calmo e firme conforme o observava, o rosto de uma mulher treinada para ouvir homens, para nunca exibir surpresa...

Ele não se ressentia do que ela fora, do que representava no momento, apenas dos monstros que viram a beldade em que a criança se tornaria, e a levaram para aquele bordel. Aelin lhe contara o que Arobynn tinha feito com o homem que ela amara. Era um milagre que a metamorfa ainda conseguisse sorrir.

Aedion indicou Dorian com o queixo.

— Vá dizer a Aelin e Rowan que não precisam ficar se metendo. Damos conta sozinhos.

O jovem rei enrijeceu o corpo, mas recuou e saiu do beco, sem passar de um potencial cliente insatisfeito.

Lysandra empurrou o peito de Aedion com a mão e sibilou:

— Aquele homem já passou por coisas *suficientes*, Aedion. Um pouco de bondade não mataria você.

— Ele *esfaqueou* Aelin. Se conhecesse Dorian como eu o conheço, não estaria tão disposta a agradá-lo...

— Ninguém espera que você o agrade. Mas uma palavra

gentil, algum *respeito*...

Ele revirou os olhos.

— Mantenha a voz baixa.

Lysandra abaixou o tom, mas continuou:

— Ele estava escravizado; foi *torturado* durante meses. Não apenas pelo pai, mas por aquela *coisa* dentro dele. Foi *violado*, e, mesmo que você não consiga perdoá-lo por esfaquear Aelin contra a vontade, então tente ter alguma compaixão por *isso*. — O coração de Aedion palpitou ao ver o ódio e a dor no rosto da metamorfa. E aquela palavra que ela usou...

Ele engoliu em seco, verificando a rua atrás deles. Nenhum sinal de qualquer pessoa atrás do tesouro que carregavam.

— Conheci Dorian como um arrogante inconsequente...

— Eu conheci sua rainha da mesma forma. Éramos crianças então. Podemos cometer erros, temos o direito de buscar entender quem desejamos ser. Se consegue dar a Aelin sua aceitação...

— Não me importa que ele era arrogante e frívolo como Aelin, não me *importa* se foi escravizado por um demônio que tomou conta de sua mente. Olho para Dorian

e vejo minha família *assassinada*, vejo aquelas pegadas até o rio e ouço Quinn me contar que Aelin se afogou e *morreu*. — A respiração do general estava irregular e a garganta queimava, mas ele ignorou aquelas sensações.

— Aelin o perdoou. Aelin nunca usou isso contra ele — replicou Lysandra.

Aedion grunhiu para ela. Lysandra grunhiu de volta e o encarou, mantendo firme o olhar de um rosto que não fora treinado ou feito para alcovas, mas o verdadeiro rosto abaixo, selvagem, intacto e indômito. Não importava que corpo assumisse, era as montanhas Galhada do Cervo ganhando vida, o coração da floresta de Carvalhal.

— Vou tentar — disse ele, com voz rouca.

— Tente mais. Tente melhor.

Aedion apoiou a palma da mão contra a parede de novo e se aproximou, fitando a metamorfa com raiva. Ela não cedeu um centímetro.

— Há uma ordem e hierarquia em nossa corte, *milady*, e da última vez que verifiquei, você *não* era a terceira no comando. Não me dê ordens.

— Isto não é um campo de batalha — sibilou Lysandra. — Qualquer hierarquia é formalidade. E da última vez que *eu* verifiquei... — Ela lhe cutucou o peito, bem entre os

músculos peitorais, e ele podia jurar que a ponta de uma garra perfurara a pele sob as roupas. — *Você* não era tão patético assim, a ponto de reforçar uma hierarquia para se esconder do próprio erro.

O sangue de Aedion se incendiou e latejou. Ele se viu observando as curvas sensuais da boca de Lysandra, contraídas pela raiva.

O brilho de irritação nos olhos da metamorfa se extinguiu, e, quando ela retirou o dedo, como se tivesse sido queimada, Aedion congelou diante do pânico que tomou conta das feições da jovem. Merda. *Merda*...

Lysandra recuou um passo, de forma casual demais para não ser um movimento calculado. Mas Aedion tentou — pelo bem dela, tentou parar de pensar naquela boca...

— Quer mesmo conhecer seu pai? — perguntou ela, calmamente. Calma demais.

Aedion assentiu, engolindo em seco. Cedo demais; Lysandra não iria querer o toque de um homem por muito tempo. Talvez para sempre. E ele se odiaria se insistisse naquilo antes de ela querer. E, pelos deuses, se a metamorfa algum dia olhasse para *qualquer* homem com interesse... Aedion ficaria feliz por ela. Feliz por ela escolher por conta própria, mesmo que não fosse o escolhido...

— Eu... — O general engoliu em seco, obrigando-se a lembrar o que Lysandra tinha perguntado. O pai dele. Certo. — Ele queria me ver? — Foi tudo que conseguiu pensar em perguntar.

A mulher inclinou a cabeça para o lado, um movimento tão felino que o fez questionar se ela passava tempo demais naquela pele de leopardo-fantasma.

— Ele quase arrancou a cabeça de Aelin quando ela se recusou a dizer onde estava e quem você era. — Gelo preencheu as veias de Aedion. Se o pai tivesse sido grosseiro com a prima... — Mas tive a sensação — esclareceu Lysandra rapidamente ao vê-lo ficar tenso — que é o tipo de macho que respeitaria seus desejos se escolhesse não o ver. Mas nesta cidadezinha, com a companhia que temos... talvez isso se revele impossível.

— Também teve a sensação de que isso poderia persuadi-lo a nos ajudar? Me conhecer?

— Não acho que Aelin pediria isso de você — respondeu Lysandra, apoiando a mão no braço ainda ao lado de sua cabeça.

— O que eu diria a ele? — murmurou Aedion. — Ouvi tantas histórias sobre ele... o Leão de Doranelle. É um maldito cavaleiro branco. Não acho que aprovaria um filho que a maioria das pessoas chama de Puta de Adarlan. — A

metamorfa emitiu um estalo com a língua, mas ele a paralisou com um olhar. — O que você faria?

— Não posso responder essa pergunta. Meu próprio pai... — Ela sacudiu a cabeça. Ele sabia sobre aquilo, o pai metamorfo que ou abandonara a mãe de Lysandra ou nem mesmo soubera que ela estava grávida. Depois a mãe a jogara na rua ao descobrir a ascendência da menina. — Aedion, o que *você* quer fazer? Não por nós, não por Terrasen, mas por *você*.

Ele fez uma leve reverência com a cabeça, olhando de esguelha para a rua silenciosa de novo.

— Minha vida inteira foi... não foi a respeito do que eu queria. Não sei como escolher essas coisas.

Não, assim que chegara a Terrasen, aos 5 anos, fora treinado; seu caminho já havia sido escolhido. E quando Terrasen queimara sob as tochas de Adarlan, outra mão tinha segurado a coleira de seu destino. Mesmo agora, com a guerra sobre eles... Realmente jamais quisera algo para si? Só o juramento de sangue. E Aelin dera isso a Rowan. Não se ressentia por isso, não mais, no entanto... Não percebera que pedira por tão pouco.

— Eu sei. Eu sei qual é a sensação — disse Lysandra, baixinho.

Aedion ergueu a cabeça, encontrando os olhos verdes na

escuridão novamente. Às vezes desejava que Arobynn Hamel ainda estivesse vivo... para que ele mesmo pudesse matar o rei dos Assassinos.

— Amanhã de manhã — murmurou ele. — Iria comigo? Para vê-lo.

Lysandra ficou em silêncio por um momento, então perguntou:

— Quer mesmo que eu vá?

Aedion queria. Não podia explicar por que, mas queria a metamorfa lá. Ela o irritava tão facilmente, mas... Lysandra o acalmava. Talvez porque fosse algo novo. Algo que ele não tinha encontrado, que não tinha enchido de esperança e dor e desejo. Não muito, ao menos.

— Se não se incomodar... sim. Quero você lá.

Lysandra não respondeu. O general abriu a boca, mas passos soaram.

Leves. Casuais demais.

Os dois se esquivaram mais para dentro das sombras do beco, com a parede da rua sem saída erguendo-se atrás deles. Se aquilo desse errado...

Se desse errado, Aedion tinha ao lado uma metamorfa capaz de dilacerar bandos de homens. Ele lançou um sorriso para Lysandra ao se inclinar sobre ela mais uma vez, quase lhe roçando o nariz no pescoço.

Os passos se aproximaram, e a metamorfa expirou, relaxando o corpo.

Da escuridão do capuz, Aedion monitorou o beco adiante, as sombras e os feixes de luar, preparando-se. Os dois tinham escolhido o beco sem saída por um motivo.

A garota dera um passo a mais antes de perceber seu erro.

— Ah.

Aedion ergueu o rosto, com as feições ocultas pelo capuz, e Lysandra ronronou para a mulher que se encaixava perfeitamente na descrição que Rowan fizera da atendente do bar de Rolfe.

— Terminarei em dois minutos se quiser esperar sua vez.

As bochechas da jovem coraram, mas ela deu um olhar mais demorado para os dois, observando-os da cabeça aos pés.

— Esquina errada — respondeu a menina.

— Tem certeza? — cantarolou Lysandra. — Está um pouco tarde para uma caminhada.

A atendente do bar lhes fixou um olhar aguçado e retornou para a rua.

Eles esperaram. Um minuto. Cinco. Dez. Não apareceu mais ninguém.

Aedion por fim se afastou enquanto Lysandra observava a entrada do beco. A metamorfa enroscou um cacho vermelho no dedo.

— Ela parece uma ladra improvável.

— Poderiam dizer coisas semelhantes sobre você e Aelin. — A mulher murmurou em concordância. Aedion ponderou: — Talvez fosse apenas uma batedora... os olhos de Rolfe.

— Por que se incomodar? Por que não simplesmente vir atrás do que quer?

Ele olhou de novo para o amuleto que desaparecia sob o corpete.

— Talvez tenha achado que procurava outra coisa.

Lysandra sabiamente não tirou o Amuleto de Orynth do vestido. Mas as palavras de Aedion pairaram entre os dois conforme, cautelosamente, tomaram o caminho de volta para a Rosa do Oceano.

# 30

Depois de duas semanas de progresso lento pelas lamacentas planícies abertas, Elide estava cansada de usar o nome da mãe.

Cansada de constantemente se manter alerta para o caso de ouvi-lo sendo berrado por Molly numa ordem para limpar as coisas depois de todas as refeições (fora um erro, sem dúvida, ter revelado à mulher sua experiência como ajudante em cozinhas turbulentas), cansada de escutar Ombriel — a beldade de cabelos pretos, que não era de modo algum uma atração da trupe, mas a sobrinha de Molly e a administradora do dinheiro — usá-lo quando fazia perguntas à jovem sobre como ferira a perna, de onde vinha sua família e como aprendera a observar os outros tão atentamente que podia ganhar dinheiro com previsões.

Pelo menos Lorcan quase não o utilizava, pois mal se falavam conforme a caravana se arrastava pelos campos cheios de lama. O chão parecia tão saturado com as chuvas diárias de verão, todo fim de tarde, que as carruagens costumavam atolar. Mal percorriam distância alguma, e, quando Ombriel via Elide olhando para o norte, perguntava — mais uma pergunta recorrente — o que havia ali para chamar a atenção da jovem tão frequentemente. Ela sempre mentia, sempre se esquivava. Felizmente tinha conseguido evitar com mais facilidade o problema de como Elide e o *marido* dormiriam.

Com a terra encharcada, dormir no chão era quase impossível. Então as mulheres se deitavam onde podiam nas duas carruagens, deixando que os homens tirassem no palitinho, toda noite, quem ocuparia qualquer espaço que restasse e quem dormiria sobre um leito de junco improvisado. Lorcan, de alguma forma, sempre pegava o palito mais curto — ou por habilidades próprias, ou por truques de mão de Nik, que comandava a segurança e a escolha dos palitinhos noturnos, ou simplesmente por puro azar.

Mas pelo menos aquilo o mantinha longe, bem longe de Elide, e mantinha a interação dos dois ao mínimo.

As poucas palavras trocadas — quando Lorcan a

escoltava para tirar água de um córrego ou para reunir o quanto de lenha podia ser encontrado na planície — não a tinham incomodado muito também. Ele a pressionava por mais detalhes sobre Morath, mais informações sobre o uniforme dos guardas, os exércitos acampados em torno da fortaleza, sobre os criados e as bruxas.

Elide começara no alto da Fortaleza — com os ninhos e as serpentes aladas e as bruxas. Então descera, andar por andar. Tinham levado aquelas duas semanas para chegar aos níveis subterrâneos, e os companheiros de viagem não faziam ideia de que, quando o jovem casal saía de fininho para mais "lenha", sussurrar frivolidades carinhosas era a última coisa na mente de ambos.

Quando a caravana parou naquela noite, Elide buscou um grupo de árvores no coração do campo para ver o que poderia ser usado na grande fogueira do acampamento. Lorcan seguiu ao lado, tão silencioso quanto a grama farfalhante ao redor. O relinchar dos cavalos e o ruído dos preparativos dos companheiros para a refeição da noite ficaram para trás, e Elide franziu a testa ao ver a bota afundar em cheio em um bolsão de lama. Ela puxou o pé, o tornozelo reclamando por suportar o peso do corpo, e trincou os dentes, até que...

A magia de Lorcan empurrou a perna de Elide,

libertando a bota com uma mão invisível e levando a jovem a cair, cambaleante, em cima do guerreiro. O braço e a lateral do corpo do semifeérico eram tão firmes e imóveis quanto a magia usada, e ela se afastou, esmagando a grama alta abaixo.

— Obrigada — murmurou a jovem.

Lorcan saiu caminhando adiante, sem olhar para trás.

— Terminamos nos três calabouços e nas entradas destes ontem à noite. Conte o que há lá dentro.

A boca de Elide ficou um pouco seca ao se lembrar da cela em que estivera, da escuridão e do ar sufocante...

— Não sei o que há lá dentro — mentiu ela, seguindo Lorcan. — Pessoas sofrendo, sem dúvida.

Ele se curvou, e a cabeça escura sumiu sob uma onda de grama. Ao emergir, carregava dois galhos nas mãos imensas, partindo-os sem esforço.

— Descreveu todo o resto sem problemas. Mas seu cheiro mudou agora. Por quê?

Elide passou por ele, abaixando-se para coletar qualquer que fosse a madeira espalhada que conseguisse encontrar.

— Faziam coisas terríveis lá embaixo — explicou ela, por cima do ombro. — Às vezes dava para ouvir as pessoas gritando. — A jovem rezava para que Terrasen fosse melhor. *Tinha* de ser.

— Quem eles mantinham lá embaixo? Soldados inimigos? — Potenciais aliados, sem dúvida, para o que quer que ele planejasse fazer.

— Qualquer um que quisessem torturar. — As mãos daqueles guardas, os risos de escárnio... — Presumo que vá partir assim que eu terminar de descrever o último trecho de Morath? — Elide catava galho após galho, e o tornozelo reclamava a cada mudança no equilíbrio.

— Algum problema se eu for? Foi nosso acordo. Já fiquei mais do que pretendia.

A jovem se virou e viu Lorcan com um punhado de galhos maiores. Ele os largou sem cerimônia na pequena pilha nos braços de Elide, depois soltou o machado na lateral do corpo antes de seguir para o galho curvo e caído atrás.

— Então simplesmente devo bancar a esposa abandonada?

— Já está bancando o oráculo, então que diferença faz outro papel? — O semifeérico desceu o machado no galho com um ruído sólido. A lâmina se cravou perturbadoramente fundo; madeira rangeu.

— Descreva o calabouço.

Era justo, e fora o acordo, afinal de contas: a proteção e a ajuda de Lorcan para tirar Elide do perigo em troca do que ela sabia. E o guerreiro fora complacente com todas as

mentiras que a jovem atirara à trupe; ficara quieto, mas entrara no jogo.

— Os calabouços se foram — conseguiu dizer Elide. — Ou a maioria deve ter ido. Assim como as catacumbas.

*Pow, pow, pow.* Lorcan partia o galho, fazendo a madeira ceder com um estalo alto. Ele começou a cortar outra seção.

— Destruídos naquela explosão? — O semifeérico ergueu o machado, os músculos das costas poderosas movendo-se sob a camisa preta, então parou. — Você disse que estava perto do pátio quando a explosão aconteceu; como sabe que os calabouços se foram?

Tudo bem. Elide mentira a respeito daquilo. Mas...

— A explosão veio das catacumbas e derrubou algumas torres. É de se presumir que os calabouços estivessem no caminho também.

— Não faço planos com base em presunções. — Lorcan voltou a cortar o galho, e ela revirou os olhos às costas dele. — Descreva a disposição do calabouço ao norte.

A jovem se virou para o sol que descia, manchando os campos além deles com laranja e dourado.

— Descubra sozinho.

O ruído de metal sobre madeira parou. Mesmo o vento na grama cessou.

Mas ela suportara morte e desespero e terror, além de já

ter contado o suficiente — revirara cada terrível pedra, olhara em torno de cada canto escuro de Morath por Lorcan. A grosseria e a arrogância do guerreiro... Ele podia ir para o inferno.

Elide mal apoiara um pé na grama oscilante quando Lorcan se colocou diante dela, nada além de uma sombra letal. Até mesmo o sol parecia evitar as amplas planícies do rosto bronzeado, embora o vento ousasse farfalhar as sedosas mechas pretas dos cabelos diante da face.

— Temos um acordo, menina.

Elide encarou aquele olhar sem fundo.

— Não especificou um prazo para eu contar. Então posso levar o tempo que quiser para me lembrar de detalhes, se desejar arrancar cada um deles de mim.

Lorcan exibiu os dentes.

— *Não* brinque comigo.

— Ou o quê? — A jovem o ultrapassou, como se ele não passasse de uma rocha em um rio. É claro que caminhar com irritação era difícil quando cada outro passo era manco, mas Elide manteve o queixo erguido. — Me mate, me fira, e ainda não terá respostas.

Mais rápido que ela pôde ver, o braço de Lorcan disparou — agarrando-a pelo cotovelo.

— Marion — grunhiu ele.

Aquele *nome*. A jovem ergueu o olhar para o rosto severo e selvagem; um rosto nascido em outra época, outro mundo.

— Tire a mão de mim.

Para surpresa de Elide, o guerreiro o fez imediatamente.

Mas o rosto não mudou — nem um lampejo — quando afirmou:

— Vai me contar o que desejo saber...

A coisa no bolso de Elide começou a latejar e bater, um coração fantasma batendo em seus ossos.

Lorcan recuou um passo enquanto as narinas se dilataram delicadamente, como se pudesse sentir aquela pedra despertando.

— O que você é — disse ele, baixinho.

— Não sou nada — respondeu Elide, com a voz profunda. Talvez depois que encontrasse Aelin e Aedion descobrisse um propósito, alguma forma de ser útil para o mundo. Por enquanto, era uma mensageira, a portadora daquela pedra... para Celaena Sardothien. Como quer que fosse conseguir encontrar uma pessoa em um mundo tão infinito e vasto. Precisava seguir para o norte, e rapidamente.

— Por que vai até Aelin Galathynius?

Havia tensão demais na pergunta para ser casual. Não, cada centímetro do corpo de Lorcan parecia conter-se. Ódio

controlado e instintos predatórios.

— Você conhece a rainha — sussurrou a jovem.

O semifeérico piscou. Não por estar surpreso, mas para ganhar tempo.

Ele a conhecia, sim... e considerava o que contar a Elide, como contar...

— Celaena Sardothien está a serviço da rainha — explicou Lorcan. — Seus dois caminhos são um. Encontre uma, e encontrará a outra.

Ele parou, esperando.

Seria aquela a vida dela, então? Pessoas desprezíveis, sempre cuidando de si, cada gentileza tendo um custo? Será que pelo menos a rainha de Elide olharia para ela com calor nos olhos? Será que Aelin sequer se lembraria dela?

— Marion — repetiu ele, envolvendo a palavra em um grunhido.

O nome da mãe. A mãe... e o pai. As últimas pessoas que olharam para a jovem com verdadeira afeição. Até mesmo Finnula, durante todos aqueles anos trancafiada na torre, sempre ficara de olho nela com um misto de pena e medo.

Não conseguia se lembrar da última vez que fora abraçada. Ou reconfortada. Ou que tinham sorrido para ela com amor genuíno por quem Elide era.

Subitamente palavras ficaram difíceis; seria necessário muita energia para criar uma mentira ou replicar. Então a jovem nem se incomodou e ignorou o comando, seguindo de volta para o aglomerado de carruagens pintadas.

Manon fora até ela, lembrou-se Elide a cada passo. Manon, e Asterin, e Sorrel. Mas mesmo elas a tinham deixado sozinha no bosque.

Aquela piedade, lembrou-se Elide — autopiedade não ajudaria em nada. Não com tantos quilômetros entre ela e qualquer que fosse a migalha de futuro que tinha a chance de encontrar. Mas, mesmo quando chegasse, passasse adiante o fardo e encontrasse Aelin... o que poderia oferecer? Não conseguia sequer ler, pelos deuses. Só de pensar em explicar isso à rainha, a qualquer um...

Pensaria nisso depois. Lavaria as roupas da monarca se precisasse. Pelo menos não precisava ser alfabetizada para aquilo.

Dessa vez, Elide não ouviu Lorcan aproximando-se, com os braços cheios de imensas lenhas.

— Vai me contar o que sabe — disse ele, entre dentes. A jovem quase suspirou, mas o guerreiro acrescentou: — Quando estiver... melhor.

Elide imaginou que tristeza e desespero deviam ser algum tipo de doença para Lorcan.

— Certo.

— Certo — repetiu ele.

Os companheiros de viagem sorriam quando os dois voltaram, pois tinham encontrado chão seco do outro lado das carruagens — sólido o suficiente para as tendas.

A menina olhou para a tenda que fora erguida para o casal, e desejou que chovesse.



Lorcan treinara guerreiros suficientes para saber quando não insistir. Torturara inimigos suficientes para saber quando estavam prestes a se partir de formas que os tornariam inúteis.

Então quando o cheiro de Marion havia mudado, quando o semifeérico tinha sentido até mesmo o poder estranho e sobrenatural escondido no sangue da jovem se tornar tristeza... pior ainda, se tornar desespero...

Lorcan quisera lhe dizer que não se incomodasse com esperanças.

Mas ela mal se tornara mulher. Talvez esperança, por mais tola que fosse, tivesse tirado Marion de Morath. Pelo menos sua inteligência tinha, com as mentiras e tal.

Ele havia lidado com pessoas o bastante; matado e

dormido e lutado ao lado de pessoas o bastante para saber que Marion não era maliciosa ou ardilosa ou completamente egoísta. Lorcan até queria que a jovem fosse, porque tornaria as coisas mais fáceis; tornaria a tarefa do guerreiro bem mais fácil.

Mas, se ela não lhe contasse a respeito de Morath, se Lorcan a deixasse destruída por insistir demais... Precisava de cada vantagem que conseguisse para entrar naquela Fortaleza. E para sair.

Marion o fizera uma vez. Talvez fosse a única pessoa viva que conseguira escapar.

Ele estava prestes a explicar isso à jovem quando viu o que ela encarava — a tenda.

A tenda *deles*.

Ombriel se adiantou, lançando o olhar cauteloso de sempre na direção do guerreiro, e maliciosamente informou a Elide que finalmente teriam uma noite juntos *sozinhos*.

Com os braços cheios de troncos, Lorcan apenas assistiu enquanto aquele rosto pálido, carregado de tristeza e desespero, se tornou um rosto jovem e travesso, ruborizando-se em antecipação, tão facilmente quanto se Marion tivesse erguido uma máscara. Ela até mesmo lhe lançou um olhar de flerte antes de sorrir para Ombriel e correr para soltar o punhado de galhos e gravetos no buraco

que tinham limpado para a fogueira noturna.

O semifeérico tinha o bom senso de pelo menos sorrir para a mulher que deveria ser sua esposa, mas, quando ele finalmente seguira para soltar a própria carga de madeira na fogueira, Marion já havia caminhado para a tenda montada a uma boa distância das outras.

Era pequena, percebeu Lorcan, com muito mais que um pingo de horror. Provavelmente destinada ao atirador de espadas que a usara por último. A silhueta esguia de Marion passou pelas abas de lona branca quase sem movê-la. O guerreiro apenas franziu a testa antes de se abaixar para entrar.

E permaneceu um pouco abaixado, pois a cabeça passaria direto pela lona se ficasse totalmente de pé. Tapetes trançados sobre montes de junco cobriam o interior abafado, e Marion estava do outro lado da tenda, encolhendo o corpo ao ver o colchão de acampamento no piso improvisado.

A tenda provavelmente teria espaço o suficiente para uma cama decente e uma mesa, se fosse preciso, mas a não ser que estivessem acampando por mais que uma noite, Lorcan duvidava que conseguiriam qualquer dessas coisas.

— Dormirei no chão — ofereceu ele, imediatamente. — Fique com a cama.

— E se alguém entrar?

— Aí você diz que brigamos.

— Toda noite? — Marion se virou, fixando os olhos intensos nos de Lorcan. A expressão fria e cansada retornara.

Lorcan considerou as palavras da jovem.

— Se alguém entrar em nossa tenda sem permissão esta noite, ninguém aqui cometerá o mesmo erro de novo.

Ele punira homens nos acampamentos de guerra por menos.

Mas os olhos da jovem permaneceram cansados; insensíveis e nada impressionados.

— Certo — afirmou Marion, de novo.

Perto demais; muito perto mesmo do limite de se partir para sempre.

— Posso encontrar uns baldes, esquentar água e você se banha aqui, se quiser. Montarei guarda do lado de fora.

Gentilezas... para que Marion confiasse nele, fosse grata a ele, quisesse ajudá-lo. Para suavizar aquela fragilidade perigosa.

A jovem olhou para si mesma. A camisa branca suja de terra, a calça de couro marrom que estava imunda, as botas...

— Oferecerei a Ombriel uma moeda para lavar tudo para você esta noite.

— Não tenho outras roupas.

— Pode dormir sem elas.

A cautela desapareceu com um lampejo de receio.

— Com você aqui?

Lorcan evitou a vontade de revirar os olhos.

— E quanto a suas roupas? — disparou Marion.

— O que tem elas?

— Você... elas também estão imundas.

— Posso esperar mais uma noite. — A jovem provavelmente imploraria para dormir na carruagem se ele ficasse nu ali dentro...

— Por que só eu deveria ficar nua? O embuste não funcionaria melhor se você e eu aproveitássemos a oportunidade de uma vez?

— Você é muito jovem — respondeu Lorcan, com cuidado. — E eu sou muito velho.

— Quão velho?

Ela nunca havia perguntado.

— Velho.

Marion deu de ombros.

— Um corpo é um corpo. Está fedendo tanto quanto eu. Vai dormir do lado de fora se não se lavar.

Um teste; não movido pelo desejo ou pela lógica, mas... para ver se ele a ouviria. Quem estava no controle. Preparar um banho para ela, fazer o que ela pedia... Deixar que tivesse

a sensação de controle da situação. Lorcan deu um sorriso fraco.

— Certo — disse ele.

Ao entrar na tenda de novo, carregando água, o guerreiro encontrou Marion sentada no colchão de acampamento, sem botas, com o tornozelo e o pé destruídos esticados diante do corpo. As pequenas mãos estavam apoiadas na pele arruinada e sem cor, como se estivesse esfregando para que a dor saísse.

— Dói muito no dia a dia? — Lorcan às vezes usava a magia para envolver o tornozelo. *Quando* se lembrava. O que não era com frequência.

A concentração de Marion, no entanto, foi direto para o caldeirão fumegante que ele apoiara no chão, em seguida para o balde que ele trouxera no ombro para que ela usasse também.

— Tenho esse problema desde criança — respondeu a jovem, distante, como se hipnotizada pela água limpa. Ela se levantou com pés desequilibrados e encolhendo o corpo pela dor da perna destruída. — Aprendi a viver com isso.

— Não é uma resposta.

— Por que se importa? — As palavras mal passavam de um sussurro conforme destrançava os cabelos longos e espessos, ainda concentrada no banho.

Lorcan estava curioso; queria saber como e quando e por quê. Marion era linda; certamente a desfigurar daquele jeito tinha sido feito com alguma má intenção. Ou para evitar algo pior.

Ela por fim olhou para o guerreiro.

— Você disse que montaria guarda. Achei que quisesse dizer *do lado de fora*.

Lorcan riu com escárnio. De fato, dissera.

— Aproveite — falou ele, saindo mais uma vez da tenda.

O semifeérico ficou de pé na grama, monitorando o acampamento movimentado enquanto a enorme cavidade que era o céu escurecia. Ele odiava as planícies. Havia muito espaço aberto; muita visibilidade.

Vindos de trás, as orelhas de Lorcan captaram o suspiro e o chiado de couro sobre a pele, assim como o farfalhar de tecido áspero sendo retirado. Então ruídos mais fracos, mais suaves, de tecido mais delicado deslizando. Depois silêncio — seguido por um barulho muito, muito baixo. Como se ela não quisesse que nem mesmo os deuses ouvissem o que estava fazendo. Feno foi esmagado. Então uma batida do colchão improvisado, levantando e caindo...

A pequena bruxa escondia algo. O feno estalou de novo quando ela voltou para a bacia.

Escondendo algo sob o colchão — algo que estivera carregando consigo e que não queria que Lorcan soubesse. Água transbordou e Marion soltou um gemido de intensidade e sinceridade surpreendentes. Lorcan afastou o som.

E, ao fazer aquilo, os pensamentos foram levados para Rowan e sua rainha-vadia.

Marion e a rainha tinham quase a mesma idade — uma morena, outra loira. Será que a rainha sequer se importaria com a chegada da jovem? Provavelmente, se o fato de Marion querer ver Celaena Sardothien atiçasse a curiosidade da última, mas... e quanto a depois?

Não era da conta dele. Lorcan deixara a consciência nos paralelepípedos dos becos de Doranelle cinco séculos antes. Matara homens que tinham implorado pelas próprias vidas, destruíra cidades inteiras e jamais olhara para os escombros incandescentes deixados para trás.

Rowan também. O maldito Whitethorn fora o general, assassino e carrasco mais eficiente que ele tivera durante séculos. Tinham transformado reinos em destroços, então haviam bebido e copulado até o estupor em comemorações que duravam dias entre as ruínas.

Naquele inverno, Lorcan fora um belo comandante à disposição, brutal e cruel e disposto a fazer praticamente

tudo que lhe fosse ordenado.

Quando vira Rowan depois daquilo, o príncipe feérico estivera rugindo, desesperado a ponto de atirar a si mesmo na escuridão letal para salvar a vida de uma princesa sem trono. Lorcan soubera... naquele momento.

Soubera, ao prender Rowan no chão do lado de fora de Defesa Nebulosa, com o príncipe se debatendo e gritando por Aelin Galathynius, que tudo estava prestes a mudar. Sabia que o comandante que mais valorizava mudara para sempre. Não mais se fartariam com vinho e mulheres; Rowan não olharia mais para um horizonte sem o lampejo de desejo nos olhos.

O amor tinha destruído uma perfeita máquina de matar. Lorcan se perguntou quantos séculos levaria até que não estivesse mais tão revoltado com isso.

E a rainha — princesa, ou como quer que Aelin fosse chamada... Era uma tola. Podia ter trocado o anel de Athril pelos exércitos de Maeve, por uma aliança para apagar Morath da terra. Mesmo sem saber o que o anel era, podia tê-lo usado em vantagem própria.

Mas escolhera Rowan. Um príncipe sem coroa, sem exército, sem aliados.

Eles mereciam morrer juntos.

A cabeça encharcada de Marion surgiu pela aba da

tenda. Lorcan se contorceu e viu o pesado cobertor de lã envolto no corpo da jovem, como um vestido.

— Pode levar as roupas agora? — Ela jogou a pilha de roupas para fora. Tinha embolado a roupa íntima na camisa branca e o couro... Jamais secariam até a manhã, e provavelmente encolheriam e se tornariam inúteis se lavadas inadequadamente.

Lorcan parou, pegou o monte de roupas e tentou não olhar para dentro da tenda para descobrir o que a jovem escondera sob a cama.

— E quanto a montar guarda?

Os cabelos de Marion estavam grudados na cabeça, destacando as linhas acentuadas das maçãs do rosto, o nariz fino. E os olhos estavam alegres de novo; os lábios carnudos se pareciam mais uma vez com um botão de rosa quando a jovem disse:

— Por favor, leve-as para lavar. Rápido.

Lorcan não se incomodou com uma confirmação e carregou as roupas para longe da tenda, deixando-a sentada parcialmente nua do lado de dentro. Ombriel estava cozinhando o que quer que estivesse na panela sobre o fogo. Provavelmente ensopado de coelho. De novo. O guerreiro examinou as roupas nas mãos.

Trinta minutos depois, ele voltou à tenda com um prato

de comida na mão. Marion estava agachada na cama, o pé estendido diante do corpo e o cobertor fechado sob os ombros.

A pele era tão pálida. Lorcan jamais vira pele branca tão impecável.

Como se a jovem jamais tivesse saído.

As sobrancelhas escuras se ergueram diante do prato — em seguida diante do monte de roupas no braço do semifeérico.

— Ombriel estava ocupada... então eu mesmo lavei suas roupas.

Ela corou.

— Um corpo é um corpo — repetiu Lorcan, simplesmente. — E roupas íntimas também.

Ela franziu a testa, mas a atenção foi de novo atraída para o prato. O guerreiro o apoiou diante da jovem.

— Trouxe seu jantar, pois imaginei que não fosse querer se sentar com os demais enrolada no cobertor. — Ele soltou a pilha de roupas no colchão. — E peguei roupas com Molly para você. Ela vai cobrar, é claro. Mas pelo menos não vai dormir nua.

A jovem engoliu o ensopado sem nem mesmo agradecer.

Lorcan estava prestes a sair quando Marion disse:

— Meu tio... Ele é um comandante em Morath.

Lorcan congelou. E olhou direto para o colchão.

— Ele... me trancou no calabouço uma vez — continuou ela, entre mastigadas.

O vento sobre a grama cessou, a fogueira do acampamento bem longe da tenda tremeluziu, as pessoas em torno se encolheram e ficaram mais próximas conforme os insetos da noite caíram em silêncio e as pequenas criaturas peludas das planícies fugiram para as tocas.

Ou Marion sequer reparou na onda de poder sombrio vinda de Lorcan, na magia beijada pela própria Morte, ou não se importou, pois apenas continuou:

— O nome dele é Vernon, e é inteligente e cruel, e provavelmente vai tentar mantê-lo vivo se for pego. Ele usa pessoas para conseguir poder. Não tem piedade, não tem alma. Não há código moral que o oriente.

A jovem voltou a comer; terminara por aquela noite.

— Quer que eu o mate para você? — perguntou Lorcan, baixinho.

Os límpidos olhos negros se voltaram para o rosto do guerreiro. E, por um momento, Lorcan conseguiu ver a mulher que ela se tornaria — que já estava se tornando. Alguém que, independentemente de onde tivesse nascido, qualquer rainha valorizaria ao seu lado.

— Haveria um preço?

O guerreiro escondeu o sorriso. Uma pequena bruxa, inteligente e astuta.

— Não — disse ele, com sinceridade. — Por que ele a trancafiou no calabouço?

O pescoço branco ondulou uma vez, duas vezes, quando Marion engoliu em seco. Ela pareceu fixar o olhar em Lorcan com esforço, recusando-se a se acovardar, mas não diante dele, e sim dos próprios medos.

— Porque ele queria ver se a própria linhagem poderia ser cruzada com os valg. Por isso fui levada a Morath. Para procriar, como uma égua premiada.

Cada pensamento se esvaiu da cabeça de Lorcan.

Ele vira e lidara e suportara muitas, muitas coisas inomináveis, mas aquilo...

— Ele conseguiu? — perguntou o guerreiro, com dificuldade.

— Não comigo. Houve outras antes de mim que... Ajuda veio tarde demais para elas.

— Aquela explosão não foi acidental, foi?

Um pequeno aceno negativo com a cabeça.

— Foi você? — Lorcan olhou para o colchão, para o que quer que Marion escondesse sob ele.

De novo, aquele aceno de cabeça.

— Não direi quem ou como. Não sem arriscar as vidas das pessoas que me salvaram.

— Por acaso os ilken são...

— Não. Os ilken não são as criaturas que foram criadas nas catacumbas. Eles... eles vieram das montanhas em torno de Morath. Por meios muito mais obscuros.

Maeve precisava saber. Precisava saber o que faziam em Morath. Os horrores que eram procriados ali, o exército de demônios e bestas que se assemelharia a qualquer uma das lendas. Ela jamais se aliaria com um mal desses; nunca seria tola o suficiente para se aliar aos valg. Não quando tinha guerreado com eles milênios antes. Mas, se não lutasse... Quanto tempo levaria até que essas bestas estivessem uivando em Doranelle? Até que o continente do próprio Lorcan fosse sitiado?

Doranelle conseguiria aguentar. Mas ele provavelmente estaria morto, depois que encontrasse alguma forma de destruir as chaves e que Maeve o punisse. E com Lorcan morto e Whitethorn provavelmente tendo virado carniça também... quanto tempo Doranelle duraria? Décadas? Anos?

Uma pergunta permanecia em sua mente, atraindo-o para o presente, para a pequena e abafada tenda.

— Seu pé está destruído há anos, no entanto. Ele

trancou você no calabouço por tanto tempo assim?

— Não — respondeu Marion, sem sequer se encolher diante da descrição grosseira. — Só fiquei no calabouço uma semana. O tornozelo, a corrente... Ele fez isso muito antes.

— Que corrente?

Ela piscou. E Lorcan percebeu que a jovem queria ter evitado contar aquele detalhe em especial.

Mas, olhando naquele momento, conseguia distinguir, entre o monte de cicatrizes, uma faixa branca. E ali, em volta do outro tornozelo perfeito e lindo, estava a irmã gêmea da marca.

Um vento envolto na poeira e na frieza de uma tumba percorreu o campo.

— Quando matar meu tio, pergunte você mesmo — disse Marion, apenas.

# 31

Bem, por um lado, pelo menos o mapa de Rolfe funcionava.

Fora ideia de Rowan, na verdade. E ela talvez tivesse se sentido levemente culpada por ter permitido que Aedion e Lysandra acreditassem que o lorde pirata só fora atrás do Amuleto de Orynth, mas... pelo menos agora sabiam que o mapa profano funcionava. E que Rolfe estava de fato vivendo com pavor de que os valg retornassem ao porto.

Aelin se perguntou o que o capitão tinha achado daquilo — o que o mapa mostrara sobre a chave de Wyrd. Se revelava a diferença entre ela e os anéis de pedra de Wyrd com os quais os homens de Rolfe foram escravizados. Qualquer que fosse o motivo, ele tinha enviado a atendente do bar para ver se havia alguma pista dos valg, sem perceber

que Rowan tinha escolhido o beco sem saída para se certificar de que *apenas* alguém enviado por Rolfe pudesse se aventurar tão profundamente. E como Aelin não tinha dúvida alguma de que Aedion e Lysandra haviam passado despercebidos pelas ruas... Bem, pelo menos aquela parte da noite dera certo.

Quanto ao resto... Acabava de passar da meia-noite quando Aelin se perguntou como ela e Rowan possivelmente voltariam à normalidade se sobrevivessem àquela guerra. Se haveria um dia em que não seria fácil saltar por telhados como se fossem pedras em um rio, ou invadir o quarto de alguém e segurar uma lâmina contra o pescoço do ocupante.

Eles fizeram as duas primeiras dentro de 15 minutos.

E, ao encontrarem Gavriel e Fenrys à espera, no quarto compartilhado na estalagem Dragão Marinho, Aelin supôs que não precisaria se incomodar com a terceira. Mesmo que ela e Rowan mantivessem as mãos ao alcance casual das adagas enquanto se recostavam à parede ao lado da janela que fora fechada. Eles a tinham destrancado com o vento do guerreiro — mas uma vela se acendeu no momento em que a janela se abriu. Dois guerreiros feéricos de expressões petrificadas surgiram, ambos vestidos e armados.

— Poderiam ter usado a porta — comentou Fenrys, de

braços cruzados, um pouco casual demais.

— Por que fazer isso quando uma entrada dramática é tão mais divertida? — replicou Aelin.

O lindo rosto de Fenrys se contorceu com divertimento que não alcançou os olhos cor de ônix.

— Que pena seria se você perdesse isso.

Aelin sorriu para ele. Ele sorriu para Aelin.

Mas, na verdade, os sorrisos eram menos sorrisos e mais... uma exposição de dentes.

A jovem riu com escárnio.

— Vocês dois parecem ter aproveitado o verão em Doranelle. Como está a doce tia Maeve?

As mãos tatuadas de Gavriel se fecharam em punhos.

— Você me nega o direito de ver meu filho e, no entanto, invade nosso quarto na calada da noite para exigir que passemos informações sobre nossa rainha com quem temos um juramento de sangue.

— Hum, *eu* não neguei nada a você, gatinho.

Fenrys soltou o que poderia ter sido uma gargalhada.

— A decisão é de seu filho, não minha. Não tenho tempo suficiente para supervisionar isso nem para me importar.

Mentiras.

— Deve ser difícil encontrar tempo para se importar

com alguma coisa — interrompeu Fenrys — quando se está diante de uma vida mortal. — Um olhar malicioso para Rowan. — Ou ela em breve vai Estabilizar?

Ah, como era desgraçado. Um desgraçado amargo e grosseiro, o lado cômico do mau-humor emburrado de Lorcan. Maeve certamente tinha um tipo.

O rosto de Rowan não revelou nada.

— A questão da Estabilização de Aelin não é de sua conta.

— Não é? Saber se ela é imortal muda as coisas. Muitas coisas.

— Fenrys — advertiu Gavriel.

Aelin sabia o bastante sobre aquilo; a transição pela qual feéricos de sangue puro e alguns semifeéricos passavam quando os corpos congelavam na juventude imortal. Era um processo árduo; os corpos e a magia precisavam de meses para se ajustar ao súbito congelamento e ao reordenamento do processo de envelhecimento. Alguns feéricos não tinham nenhum controle sobre seu poder; alguns o perdiam por completo durante o tempo que levava para se Estabilizarem.

E quanto aos semifeéricos... alguns poderiam viver mais, alguns poderiam ter o verdadeiro dom imortal entregue a eles. Como Lorcan. E possivelmente Aedion. Descobririam nos próximos anos se ele puxaria a mãe... ou o macho

sentado diante de Aelin no quarto. Se sobrevivessem à guerra.

E quanto a ela... não se permitia pensar nisso. Precisamente pelos motivos que Fenrys alegara.

— Não vejo o que mudaria — retrucou a jovem. — Já existe uma rainha imortal. Certamente uma segunda não seria nada novo.

— E você vai distribuir juramentos de sangue entre machos que achar atraentes, ou será apenas Whitethorn a seu lado?

Aelin conseguia sentir a agressão que começava a escorrer de Rowan e estava meio tentada a grunhir: *São seus amigos. Lide com eles*. Mas ele se manteve calado, contendo-se, quando a jovem falou:

— Não parecia nem de longe tão interessado em mim naquele dia em Defesa Nebulosa.

— Confie em mim, ele estava — murmurou Gavriel.

Aelin ergueu uma sobrancelha enquanto Fenrys lançou ao companheiro um olhar que prometia uma morte lenta.

— Foi Fenrys quem... se voluntariou para treiná-la quando Maeve nos contou que viria a Wendlyn — explicou Rowan.

Ah, foi mesmo? Interessante.

— Por quê?

Rowan abriu a boca, mas Fenrys o interrompeu.

— Teria me tirado de Doranelle. E provavelmente teríamos nos divertido bem mais, na verdade. Sei como Whitethorn pode ser babaca quando se trata de treinamento.

— Vocês dois teriam ficado naquele telhado em Varese e bebido até morrer — comentou Rowan. — E quanto ao treinamento... Está vivo hoje por causa daquele treinamento, menino.

Fenrys revirou os olhos. Mais jovem, percebeu Aelin. Ainda velho pelos padrões humanos, mas era mais jovem e se sentia mais novo. Mais selvagem.

— E por falar em Varese — disse ela, com diversão contida. — E Doranelle.

— Já aviso — interferiu Gavriel, baixinho — que sabemos pouco sobre os planos de Maeve, e podemos revelar ainda menos com as restrições do juramento de sangue.

— Como ela faz isso? — perguntou Aelin, com ousadia. — Com Rowan não é... Toda ordem que dou, mesmo aquelas com menos importância, são dele para decidir o que fazer. Apenas quando ativamente dou um puxão no laço consigo fazê-lo... ceder. E, mesmo assim, é mais uma sugestão.

— É diferente com ela — informou Gavriel,

suavemente. — Depende do governante a quem é feito o juramento. Vocês fizeram o juramento com amor no coração. Você não tinha desejo de possuir ou governar Rowan.

Aelin tentou não se encolher diante da verdade daquela palavra: *amor*. Naquele dia... quando Rowan a olhara nos olhos enquanto lhe bebia o sangue... Aelin começara a perceber o que era. Que a sensação que se passava entre os dois, tão poderosa que não havia língua para descrevê-la... Não era apenas amizade, mas algo nascido e fortalecido por ela.

— Maeve o oferece com essas coisas em mente — acrescentou Fenrys. — Então o próprio laço do juramento nasce da obediência a ela, independentemente de qualquer coisa. Ela ordena, nós cedemos. O que quer que ela deseje. — Sombras dançaram naqueles olhos, e os dedos de Aelin se fecharam em punhos. Por Maeve sentir a necessidade de forçar qualquer um deles a dormir com ela... Rowan lhe contara que a linhagem familiar entre ambos, embora distante, ainda era próxima o suficiente para que Maeve tivesse evitado procurá-lo, mas os demais...

— Então não poderiam quebrá-lo sozinhos.

— Nunca; se o fizéssemos, a magia que nos une a ela nos mataria no processo — explicou Fenrys. Aelin se

perguntou se ele havia tentado. Quantas vezes. O guerreiro inclinou a cabeça para o lado, o movimento era puramente lupino. — Por que está perguntando isso?

*Porque se Maeve de alguma forma puder reivindicar posse da vida de Aedion graças* à *linhagem de meu primo, não posso fazer nada para ajudá-lo.*

Aelin deu de ombros.

— Porque vocês me distraíram. — Ela lançou um sorrisinho para Fenrys que ela sabia deixar Rowan e Aedion malucos e... sim. Parecia que era um modo certeiro de irritar *qualquer* macho feérico, pois ira percorreu o rosto estupidamente perfeito de Fenrys também.

Ela cutucou as unhas.

— Sei que vocês dois são velhos e já passou da hora de dormir, então serei rápida: a armada de Maeve veleja para Eyllwe. Somos agora aliados. Mas é possível que meu caminho me leve a um conflito direto com aquela frota, talvez com ela, queira eu ou não. — Rowan ficou um pouco tenso, e ela desejou que não parecesse uma fraqueza olhar para ele, para tentar decifrar o que engatilhara a reação.

Fenrys olhou para o ex-companheiro... como se fosse um hábito.

— Acho que a preocupação maior é se Maeve velejar

para se juntar a Erawan. Ela poderia seguir qualquer dos caminhos.

— Nossa rede... quero dizer, a rede de informações da rainha é ampla demais — replicou Rowan. — Não tem como ela já não saber que a frota do império está acampada no golfo de Oro.

Aelin se perguntou com que frequência seu príncipe feérico tinha silenciosamente se corrigido a respeito de quais termos usar. *Nosso, dela...* Ela se perguntou se Rowan sentia falta de vez em quando dos dois machos que os encaravam de sobrancelhas franzidas.

— Maeve pode estar a caminho de interceptá-la — ponderou Gavriel. — Destruir a frota de Morath como prova das intenções de ajudar você, então... incorporar isso a qualquer que seja seu plano mais adiante.

A jovem emitiu um estalo com a língua.

— Mesmo com soldados feéricos naqueles navios, Maeve não poderia ser burra o bastante para arriscar perdas tão catastróficas apenas para cair em minhas graças de novo. — Embora Aelin soubesse que aceitaria qualquer oferta de ajuda da rainha, com ou sem risco.

Fenrys estampou um sorriso ansioso.

— Ah, as perdas de vidas feéricas seriam de pouca importância para ela. Provavelmente apenas a deixaram mais

animada.

— Cuidado — advertiu Gavriel. Pelos deuses, soava quase idêntico a Aedion com aquele tom de voz.

Aelin continuou:

— Independentemente. Vocês dois sabem o que enfrentaremos com Erawan; sabem o que Maeve queria de mim em Doranelle. O que Lorcan partiu para fazer. — Os rostos tinham recuperado a calma de guerreiros e nem mesmo se contraíram quando ela perguntou: — Maeve deu a vocês a ordem de pegar aquelas chaves de Lorcan também? E o anel? Ou lhe tomarão apenas a vida?

— Se dissermos que ela nos deu a ordem de levarmos tudo — falou Fenrys, apoiando as mãos atrás do corpo, sobre a cama. — Vai nos matar, Herdeira do Fogo?

— Vai depender do quanto se provarem úteis como aliados — respondeu ela, simplesmente.

O peso entre seus seios, sob a camisa, estremeceu, como que em resposta.

— Rolfe tem armas — disse Gavriel, baixinho. — Ou as receberá.

Aelin ergueu uma sobrancelha.

— E ouvir a respeito disso terá um custo?

Gavriel não era burro o bastante para pedir por Aedion, então apenas disse:

— São chamadas de lanças de fogo. Alquimistas no continente sul as desenvolveram para as próprias guerras territoriais. Mais que isso não sabemos, mas o dispositivo pode ser usado por um homem, com efeitos devastadores.

E com os possuidores de magia ainda tão inexperientes com os dons devolvidos, ou a maioria deles morta, graças a Adarlan...

Aelin não estaria sozinha. Não seria a única possuidora de fogo naquele campo de batalha.

Mas apenas se a armada de Rolfe se aliasse a ela. Se ele fizesse o que Aelin cuidadosamente, tão cuidadosamente tentava guiá-lo a fazer. Conseguir ajuda do continente sul levaria meses... que a jovem não tinha. Mas se Rolfe já tinha ordenado um carregamento... ela assentiu mais uma vez para Rowan, e os dois se desencostaram da parede.

— É isso? — indagou Fenrys. — Podemos saber o que planeja fazer com essa informação, ou somos apenas seus lacaios também?

— Não confiam em mim, e eu não confio em vocês — respondeu Aelin. — É mais fácil assim. — Ela abriu a janela com o cotovelo. — Mas obrigada pela informação.

As sobrancelhas de Fenrys se ergueram tanto que a jovem se perguntou se Maeve teria sussurrado aquelas palavras ao seu ouvido. E ela desejou sinceramente que

tivesse derretido a tia naquele dia em Doranelle.

Aelin e Rowan saltaram e subiram pelos telhados de baía da Caveira; as telhas antigas ainda estavam escorregadias devido à chuva do dia.

Quando a Rosa do Oceano reluziu como uma joia pálida um quarteirão adiante, a jovem parou às sombras de uma chaminé e murmurou:

— Não há margem para erros.

Rowan apoiou a mão em seu ombro.

— Eu sei. Faremos valer a pena.

Os olhos de Aelin se incendiaram.

— Estamos jogando contra dois monarcas que governaram e tramaram há mais tempo que a maioria dos reinos existe. — E até mesmo para ela, as chances de ser mais esperta e ágil que eles... — Ao ver a equipe, ver como Maeve os controla... Ela chegou tão perto de nos separar na primavera. Tão perto.

Rowan passou o polegar sobre a boca de Aelin.

— Mesmo que Maeve tivesse me mantido escravizado, eu teria lutado contra ela. A cada dia, a cada hora, com cada fôlego. — Ele lhe beijou os lábios suavemente e disse com a boca ainda sobre a dela: — Teria lutado pelo resto da vida para encontrar uma forma de voltar para você. Eu soube no momento em que a vi emergir da escuridão dos valg e sorrir

para mim em meio às chamas.

A jovem engoliu o nó na garganta e ergueu uma sobrancelha.

— Estava disposto a fazer isso antes de tudo que está acontecendo? Havia tão poucos benefícios então.

Diversão e algo mais profundo dançou nos olhos do feérico.

— O que eu sentia por você em Doranelle e o que sinto agora são a mesma coisa. Só não achei que teria a chance de fazer algo a respeito.

Aelin sabia por que precisava ouvir aquilo; Rowan também sabia. As palavras de Darrow e de Rolfe dançavam soltas na mente da jovem, um coro infinito de ameaças amargas. Mas ela apenas deu um risinho para o guerreiro.

— Vá em frente, príncipe.

Rowan soltou uma gargalhada grave e não disse nada antes de reivindicar a boca de Aelin, empurrando-a contra a chaminé em ruínas. Ela se entregou àquilo, e a língua de Rowan entrou, totalmente preguiçosa.

Ai, pelos deuses... aquilo. Era aquilo que a deixava louca — o fogo entre os dois.

Poderiam deixar o mundo inteiro em cinzas com ele. Rowan era dela, e Aelin era dele, e tinham se encontrado em meio a séculos de derramamento de sangue e perdas, em

meio a oceanos e reinos e guerra.

O guerreiro recuou, respirando pesado, e sussurrou contra os lábios de Aelin:

— Mesmo quando está em outro reino, Aelin, seu fogo ainda está em meu sangue, em minha boca. — Ela soltou um gemido baixo, arqueando o corpo contra Rowan conforme a mão do feérico lhe acariciava as costas, sem se importar se alguém nas ruas abaixo os visse.

— Você disse que não queria que fosse contra uma árvore da primeira vez — sussurrou Aelin, deslizando as mãos para cima nos braços dele, então percorrendo a extensão do peitoral escultural. — E quanto a uma chaminé?

Rowan bufou outra gargalhada e mordiscou o lábio inferior de Aelin.

— Por que mesmo que eu senti sua falta?

Aelin riu baixo, mas o som foi rapidamente silenciado quando Rowan lhe reivindicou a boca de novo e a beijou intensamente ao luar.

# 32

Aedion ficara metade da noite acordado debatendo os méritos de cada possível local de encontro com o pai. Na praia podia passar a impressão de uma conversa íntima que ele não tinha total certeza se queria ter; no quartel-general de Rolfe parecia público demais; no pátio da estalagem seria formal demais... O general estivera se revirando na cama, quase dormindo, quando ouvira Aelin e Rowan retornando bem depois da meia-noite. Não era surpreendente que tivessem saído de fininho sem contar a ninguém, e pelo menos Aelin levara o príncipe feérico.

Lysandra, dormindo como os mortos, não tinha se movido com os passos que fizeram ranger o corredor do lado de fora. Ela mal conseguira passar pela porta mais cedo, enquanto Dorian já dormia na própria cama, antes de voltar

ao corpo de sempre e se deitar.

Aedion quase não reparara na nudez de Lysandra; não quando ela rolara e ele precisara avançar para segurá-la, e evitando que a jovem caísse de cara no carpete.

A metamorfa tinha piscado, zonza, para ele, a pele pálida. Então o general gentilmente a colocara na beira da cama, pegara a manta jogada sobre o colchão e envolvera Lysandra.

— Já viu muitas mulheres nuas — dissera ela, sem se incomodar em segurar a manta no lugar. — Está quente demais para lã.

Assim, a manta deslizara pelas costas de Lysandra conforme o corpo se inclinara para a frente e ela apoiara os antebraços nos joelhos, respirando profundamente.

— Pelos deuses, isso me deixa tão tonta.

Aedion tinha apoiado a mão nas costas expostas da metamorfa, acariciando devagar. Ela enrijecera o corpo ao toque, mas o general fizera círculos amplos e leves sobre a pele macia como veludo. Depois de um momento, Lysandra soltara um ruído que poderia ter sido um ronronar.

O silêncio havia se prolongado por tanto tempo que ele percebera como Lysandra, de alguma forma, adormecera. Não um sono normal, mas o sono no qual Aelin e Rowan às vezes caíam para recuperar a magia. Tão profundo e

completo que nenhum treinamento poderia penetrá-lo, nenhum instinto poderia sobrepujá-lo. O corpo tinha reivindicado o que precisava, a qualquer custo, apesar de qualquer vulnerabilidade.

Debruçando a jovem nos braços antes que caísse de cara no chão, Aedion a apoiara por cima do ombro para carregá-la até a parte de cima da cama. Ele afastara os lençóis lisos de algodão com uma das mãos, então deitara Lysandra, com os cabelos da jovem, longos de novo, cobrindo os seios altos e firmes. Bem menores que aqueles com que Aedion a vira da primeira vez. Não se importava com qual tamanho tinham — eram lindos das duas formas.

A metamorfa não acordara de novo, e ele tinha seguido para a própria cama. Só havia dormido depois que a luz assumira o cinza aguado que precede o amanhecer. Tinha acordado logo após o nascer do sol e desistido de vez do sono. Duvidava que qualquer tipo de descanso viria até que aquele encontro tivesse passado.

Então Aedion tomou banho e se vestiu, debatendo se era um tolo por escovar os cabelos para o pai.

Lysandra estava acordada quando ele voltou para o quarto, e felizmente a cor tinha retornado às bochechas da jovem; o rei ainda dormia.

A metamorfa olhou para Aedion de cima a baixo e

disse:

— É *isso* que vai vestir?

Lysandra o obrigou a tirar as roupas sujas de viagem, invadiu o quarto de Aelin e Rowan usando apenas o próprio lençol e pegou o que queria do armário do príncipe feérico.

O rugido de *Saia!* vociferado por Aelin provavelmente foi ouvido do outro lado da baía, e a metamorfa sorria com malícia felina ao retornar, atirando o casaco e as calças verdes em Aedion.

Quando o general emergiu do banheiro, Lysandra também tinha se trocado; onde conseguira as roupas, Aedion não fazia ideia. Eram simples: calça preta justa, botas na altura dos joelhos e camisa branca para dentro. Ela deixara metade do cabelo solto, metade preso, e no momento torcia o volume sedoso sobre um dos ombros. A mulher observou Aedion com um sorriso de aprovação.

— Muito melhor. Muito mais principesco e menos... decadente.

Ele fez uma reverência de deboche.

Dorian se moveu, fazendo entrar uma brisa fria, como se sua magia também tivesse acordado, semicerrou os olhos

para os dois, então voltou o olhar para o relógio sobre a lareira. Ele apertou o travesseiro sobre os olhos e tornou a dormir.

— Bastante régio — disse Aedion a ele, seguindo para a porta.

Dorian grunhiu algo em meio ao travesseiro que o general escolheu não ouvir.

Ele e Lysandra tomaram café silenciosamente no salão de refeições — embora Aedion tivesse precisado forçar metade da comida para dentro. A metamorfa não fez perguntas, por consideração ou porque estava ocupada demais enchendo a pança com cada fatia oferecida à mesa do bufê.

Pelos deuses, as fêmeas daquela corte comiam mais que ele. Aedion supôs que a magia queimava as reservas de energia tão rapidamente que era um milagre não arrancarem sua cabeça a dentadas.

Eles seguiram para a taverna de Rolfe em silêncio, as sentinelas na frente abriram caminho sem fazer uma pergunta. Quando Aedion levou a mão à maçaneta, Lysandra disse, por fim:

— Tem certeza?

Ele assentiu. E foi isso.

O general abriu a porta, deparando-se com a equipe

exatamente onde imaginou que estariam àquela hora: tomando café no bar. Os dois machos pararam ao vê-los entrar.

E os olhos de Aedion foram direto para o homem de cabelos dourados — um dos dois, mas... não havia como negar quem era... seu.

Gavriel apoiou o garfo em um prato que ainda continha comida.

Ele usava roupas como as de Rowan; e, como o príncipe feérico, estava pesadamente armado, mesmo no café da manhã.

Aelin era o lado dourado de Aedion, mas Gavriel era como um reflexo obscuro. As feições delineadas, largas; a boca severa — que ele puxara. Os curtos cabelos loiros eram diferentes; com mais luz do sol que o loiro-mel dos fios na altura dos ombros de Aedion. E a pele do general tinha o tom de dourado dos Ashryver... sem o bronzeado intenso do sol.

Devagar, Gavriel ficou de pé. Aedion se perguntou se também tinha herdado a graça, a quietude predatória, o rosto indecifrável e determinado; ou se ambos tinham sido treinados daquela forma.

O Leão encarnado.

Aedion quisera fazer daquele jeito, como uma

emboscada, para que o pai não tivesse tempo de preparar belos discursos. Queria ver o que o pai faria ao ser confrontado com ele, que tipo de macho era, como reagia a *qualquer coisa*...

O outro guerreiro, Fenrys, olhava de um para o outro, ainda com um garfo na boca aberta.

O general se obrigou a andar, os joelhos surpreendentemente firmes, mesmo que o corpo parecesse pertencer a outra pessoa. Lysandra se manteve ao seu lado, sólida e de olhos brilhantes. A cada passo, o pai o avaliava, o rosto não entregava nada, até que...

— Você parece... — suspirou Gavriel, afundando na cadeira. — Você se parece tanto com ela.

Aedion sabia que o feérico não estava falando de Aelin. Até mesmo Fenrys levou o olhar ao Leão, reparando na tristeza que ondulava naqueles olhos amarelos.

Mas Aedion mal se lembrava da mãe. Mal se lembrava de qualquer coisa além do rosto moribundo e destruído.

Então ele falou:

— Ela morreu para que sua *rainha* não pusesse as garras em mim.

Não tinha certeza se o pai respirava. Lysandra se aproximou, uma rocha sólida no mar revolto da raiva de Aedion.

O general fixou o olhar no pai, sem saber de onde vinham as palavras, a ira, mas ali estavam, disparando dos lábios, como chicotes.

— Poderiam tê-la curado nos complexos feéricos, mas ela se recusou a ir até eles, e não deixava que se aproximassem por medo de que Maeve — Aedion cuspiu o nome — soubesse que eu existia. Por medo de que eu fosse escravizado como *você* foi.

O rosto bronzeado tinha perdido toda a cor. Aedion não se importava com o que quer que Gavriel suspeitasse até então. O Lobo grunhiu para o Leão:

— Tinha 23 anos. Nunca se casou, e a família a baniu. Ela se recusou a contar a qualquer um quem tinha me gerado, e aceitou o desdém, assim como a humilhação, sem uma gota de autopiedade. Fez isso porque *me* amava, não por você.

E subitamente desejou que tivesse pedido a Aelin que fosse também, para que pudesse mandar a prima queimar aquele guerreiro até que virasse cinzas, como ela fizera com o comandante em Ilium, porque ao olhar para aquele rosto — *seu rosto*... Aedion o odiou. Odiou Gavriel pela mulher de 23 anos que a mãe fora, mais jovem do que ele quando morrera, sozinha e deprimida.

— Se sua rainha vadia tentar me levar, vou lhe cortar a garganta. Se ferir minha família ainda mais do que já fez, cortarei a sua também — grunhiu o general.

Com a voz áspera, o pai disse:

— Aedion.

O som do nome que a mãe lhe dera nos lábios de Gavriel...

— Não quero nada de você. Se planejar nos ajudar, não vou recusar a... assistência. Mas, além disso, não quero nada de você.

— Me desculpe — pediu o pai, aqueles olhos de Leão cheios de tamanha tristeza que Aedion se perguntou se acabara de golpear um macho já caído.

— Não é para mim que precisa pedir desculpas — retrucou ele, voltando-se para a porta.

A cadeira do guerreiro raspou no piso.

— Aedion.

Aedion continuou andando, e Lysandra o acompanhou.

— Por favor — implorou o pai, quando a mão do general se fechou na maçaneta.

— Vá para o inferno — respondeu Aedion, saindo em seguida.

Ele não voltou para a Rosa do Oceano. E não conseguia suportar ficar perto de pessoas, perto dos sons e dos cheiros.

Então seguiu para a densa montanha acima da baía, perdendo-se na selva de folhas e sombras e solo úmido. Lysandra permaneceu um passo atrás, silenciosa como ele.

Somente ao encontrar uma projeção rochosa despontando da lateral da montanha na direção da baía, da cidade e das águas cristalinas além, ele parou. Sentou. E respirou.

Lysandra se sentou ao seu lado na rocha lisa e cruzou as pernas.

— Eu não esperava dizer nada daquilo — confessou Aedion.

A metamorfa olhava na direção da torre de vigia próxima, aninhada na base da montanha. Ele observou os olhos verdes avaliarem o nível inferior, reparando em Quebra-Navios envolta em um imenso carretel, então seguindo para a escadaria exterior espiralada que levava ao alto da própria torre, até os níveis superiores, onde havia uma catapulta e um imenso arpão armados, porém travados — ou seria um arco e flecha gigante? —, com o assento e a flecha de quem o empunhasse apontados para o inimigo invisível na baía abaixo. Com o tamanho da arma e a máquina que tinha sido construída para lançá-la na baía, Aedion não tinha dúvidas de que poderia penetrar um casco e causar danos letais a um navio. Ou perfurar três homens.

— Você falou com o coração. Talvez seja bom que ele tenha ouvido aquilo — falou Lysandra simplesmente.

— Precisamos que eles trabalhem conosco. Posso ter feito dele um inimigo.

Ela jogou os cabelos por cima de um ombro.

— Confie em mim, Aedion, não fez isso. Se tivesse dito a ele que rastejasse sobre carvão em brasa, ele o teria feito.

— Em breve ele vai perceber quem, exatamente, eu sou, e talvez não se sinta tão desesperado.

— Quem, exatamente, você acha que é? — Lysandra franziu a testa para ele. — A Puta de Adarlan? É isso que ainda pensa de si mesmo? O general que manteve o reino unido, que salvou o povo esquecido até mesmo pela própria rainha, esse é o homem que eu conheço. — A metamorfa grunhiu baixinho, e não para Aedion. — E se ele começar com acusações, vou fazê-lo lembrar que ele serve àquela vadia em Doranelle há séculos sem nenhum questionamento.

Aedion riu com deboche.

— Eu pagaria um bom dinheiro para vê-la se atracar com ele. E com Fenrys.

Ela o cutucou com o cotovelo.

— É só mandar, general, e me transformo no rosto dos pesadelos deles.

— E qual criatura seria essa?

Lysandra deu um sorrisinho sábio para Aedion.

— Algo em que venho trabalhando.

— Não quero saber, quero?

Ela exibiu dentes brancos.

— Não, não quer mesmo.

Aedion riu, surpreso por sequer conseguir fazê-lo.

— É um babaca, mas é bonito, admito isso.

— Acho que Maeve gosta de colecionar belos machos.

Ele riu com escárnio.

— E por que não? Precisa lidar com eles pela eternidade. Podem muito bem ser agradáveis aos olhos.

Lysandra riu de novo, e o som pareceu soltar um peso dos ombros de Aedion.



Carregando tanto Goldryn quanto Damaris para variar, Aelin entrou no Dragão Marinho duas horas depois, e desejou o retorno dos dias em que podia dormir sem o pesar da urgência de *algo* a chamando.

Desejou pelos dias em que poderia ter tido tempo de levar a droga do namorado para a cama sem ter de optar por algumas horas de sono no lugar disso.

Tivera a intenção. Na noite anterior, tinham voltado para a estalagem, e Aelin se banhara mais rápido que jamais o fizera antes. Até mesmo tinha saído nua do banheiro... e dera de cara com o príncipe feérico dormindo sobre a cama impecavelmente branca, ainda vestido, parecendo para o mundo todo que tivera a intenção de fechar os olhos enquanto Aelin se limpava.

E a exaustão pesada em Rowan... ela o deixara descansar. A jovem tinha se enroscado ao seu lado sobre os cobertores, ainda nua, e apagara antes de apoiar a cabeça contra o peito do guerreiro. Aelin sabia que haveria um momento quando não poderiam dormir com tanta segurança, tão tranquilamente.

Um total de cinco minutos antes de Lysandra invadir o quarto, Rowan tinha acordado — e começara o processo de acordá-la também. Devagar, com carícias provocantes e confiantes pelo torso exposto, pelas coxas, acentuadas por beijinhos breves na boca, na orelha, no pescoço.

Mas, assim que Lysandra invadira o quarto para roubar roupas para Aedion, assim que explicara *aonde* o general iria... a interrupção tinha permanecido. Fizera com que Aelin se lembrasse exatamente o que precisava realizar naquele dia. Com um homem que no momento queria matá-la e com uma frota dispersa e apavorada.

Gavriel e Fenrys estavam sentados com Rolfe à mesa nos fundos do bar, sem sinal de Aedion, e ambos arregalaram um pouco os olhos quando Aelin entrou com arrogância.

Ela poderia ter se sentido lisonjeada pelo olhar, caso Rowan não tivesse entrado logo atrás, já pronto para cortar as gargantas de ambos.

Rolfe se colocou de pé.

— O que está fazendo aqui?

— Eu tomaria muito, muito cuidado ao falar com ela hoje, capitão — comentou Fenrys, com mais cautela e consideração do que Aelin vira no dia anterior. Os olhos do feérico estavam fixos em Rowan, que realmente observava Rolfe como se o pirata fosse o jantar. — Escolha suas palavras com sabedoria.

O capitão encarou Rowan, e ao ver seu rosto, pareceu entender.

Talvez aquela cautela o tornasse mais disposto a concordar com o pedido de Aelin naquele dia. Se ela fizesse tudo direito. Se fizesse tudo bem direitinho.

A jovem deu um pequeno sorriso a Rolfe e se recostou contra a mesa vazia ao lado, as letras douradas lascadas sobre as tábuas diziam *Divisor das Brumas*. Rowan ocupou um espaço ao lado de Aelin, roçando o joelho contra o dela.

Como se mesmo poucos centímetros de distância fossem insuportáveis.

Então ela abriu um pouco mais o sorriso para Rolfe.

— Vim ver se mudou de ideia. Sobre minha aliança.

O lorde pirata tamborilou os dedos tatuados na mesa, sobre algumas letras douradas que diziam *Destruidor*. E ao lado... um mapa do continente fora aberto entre Rolfe e os guerreiros feéricos.

Não era o mapa de que Aelin realmente precisava, agora que descobrira que a maldita coisa funcionava, mas... ela enrijeceu o corpo diante do que viu.

— O que é isso? — perguntou a jovem, reparando nas figuras prateadas posicionadas sobre o meio do continente, uma fileira impenetrável desde o desfiladeiro Ferian até a boca do Avery. E havia ainda figuras adicionais no golfo de Oro. E em Melisande e Charco Lavrado e perto da fronteira norte de Eyllwe.

Antes que Rolfe tivesse o pescoço dilacerado por Rowan com qualquer resposta que estivesse preparando, Gavriel, parecendo um pouco como se tivesse levado uma pancada na cabeça — pelos deuses, como teria sido o encontro com Aedion? —, disse:

— O capitão Rolfe recebeu notícias esta manhã. Queria nosso conselho.

— O que é isso? — repetiu Aelin, cravando o dedo perto da linha principal de figuras estendidas pelo meio do continente.

— É o relatório mais recente — explicou Rolfe. — Dos locais onde estão os exércitos de Morath. Eles se posicionaram. Mandar ajuda para o norte é agora impossível. E estão prontos para atacar Eyllwe.

# 33

– Eyllwe não tem exército a postos — disse Aelin, sentindo o sangue fugir do rosto. — Não há nada nem ninguém para lutar depois dessa primavera, exceto pelos bandos da milícia rebelde.

— Tem números exatos? — perguntou Rowan a Rolfe.

— Não — respondeu o capitão. — A notícia foi dada apenas como um aviso, para manter carregamentos longe do Avery. Queria a opinião deles — um aceno com o queixo na direção da equipe — sobre como lidar com isso. Mas pelo visto deveria tê-los convidado também, considerando que eles parecem determinados a lhes contar sobre meus negócios.

Nenhum deles ousou responder. Aelin verificou aquela fileira... aquela fileira de *exércitos*.

— Com que rapidez se movem? — indagou Rowan.

— As legiões partiram de Morath há quase três semanas — informou Gavriel. — Se moveram mais rápido que qualquer exército que já vi.

O momento escolhido para aquilo...

Não. Não... não podia ser por causa de Ilium, porque ela o provocara...

— É um extermínio — afirmou Rolfe, diretamente.

Aelin fechou os olhos, engolindo em seco. Mesmo o capitão não ousava falar.

Rowan deslizou a mão pela lombar da jovem, reconfortando-a silenciosamente. Ele sabia... também estava juntando as peças.

Aelin abriu os olhos, aquela fileira queimava sua visão, seu coração, então disse:

— É uma mensagem. Para mim. — Ela desfez o punho, olhando para a cicatriz ali.

— Mas por que atacar Eyllwe? — perguntou Fenrys. — E por que se posicionar, mas não saquear?

Ela não conseguia dizer as palavras. Que tinha levado aquilo até Eyllwe ao debochar de Erawan, porque ele sabia com quem Celaena Sardothien se importava, e queria lhe destruir o espírito e o coração ao mostrar o que os exércitos podiam fazer. O que *fariam*, sempre que ele sentisse vontade.

Não com Terrasen... mas com o reino da amiga que Aelin amara tão intensamente.

O reino que ela jurara proteger, salvar.

— Temos laços pessoais com Eyllwe. Ele sabe que é importante para ela — explicou Rowan.

Os olhos de Fenrys permaneceram sobre Aelin, observando-a. Mas Gavriel, com a voz firme, disse:

— Erawan agora controla tudo ao sul do Avery. Exceto por este arquipélago. E mesmo aqui, ele tem presença n'O Fim.

Aelin encarou aquele mapa, o espaço que parecia cada vez menor ao norte.

Para oeste, havia a ampla extensão dos desertos que seguia além da divisa continental montanhosa. E seu olhar parou sobre um pequeno nome naquela costa.

Penhasco dos Arbustos.

O nome ecoou por Aelin, despertando-a com um estremecer, então ela percebeu que estavam conversando, debatendo sobre como tal exército podia se mover tão rapidamente pelo terreno.

A jovem esfregou a têmpora, encarando aquela mancha no mapa.

Considerando a dívida de vida que tinham com ela.

O olhar se arrastou para baixo... para o sul. O deserto

Vermelho. Onde outra dívida de vida, de muitas vidas, esperava que ela a reivindicasse.

Aelin percebeu que tinham lhe perguntado algo, mas não se importou em tentar entender. Em vez disso, falou em um tom baixo para Rolfe:

— Vai me dar sua armada. Vai armá-la com aquelas lanças de fogo que sei que encomendou, e vai enviar qualquer lança extra para a frota myceniana quando ela chegar.

Silêncio.

Rolfe soltou uma gargalhada e se sentou de novo.

— Até parece que vou. — Ele moveu a mão tatuada sobre o mapa, e as águas pintadas ali se agitaram e ondularam com algum padrão que Aelin se perguntou se apenas ele conseguia ler. Um padrão que ela *precisava* que o pirata pudesse ler para encontrar aquele Fecho. — Isso apenas mostra o quanto você está em desvantagem — O capitão ruminou as palavras da jovem. — A frota myceniana é pouco mais que um mito. Uma história para dormir.

Aelin olhou para o punho da espada de Rolfe, para a própria estalagem e para o navio do capitão, ancorado do lado de fora.

— Você é o herdeiro do povo myceniano — respondeu ela. — E vim reivindicar a dívida que tem com minha

linhagem por isso também.

Rolfe não se moveu, não piscou.

— Ou todas as referências a dragões marinhos vêm de algum fetiche pessoal? — perguntou Aelin.

— Os mycenianos já se foram — retrucou ele, simplesmente.

— Acho que não. Acho que estão escondidos aqui, nas ilhas Mortas, há muito, muito tempo. E você, de alguma forma, conseguiu voltar ao poder.

Os três machos feéricos se entreolhavam.

Aelin disse ao lorde pirata:

— Libertei Ilium de Adarlan. Tomei a cidade de volta, seu antigo lar, para você. Para os mycenianos. É sua, se ousar reivindicar a herança de seu povo.

A mão de Rolfe tremeu levemente. Ele a fechou em punho, escondendo-a sob a mesa.

Aelin permitiu que uma faísca da magia subisse até a superfície, permitiu que o dourado dos olhos brilhasse com chamas intensas. Gavriel e Fenrys se esticaram ao ver o poder preencher a sala, preencher a cidade. A chave de Wyrd entre os seios começou a latejar, a sussurrar.

A jovem sabia que não havia nada humano, nada de mortal em seu rosto.

Sabia porque a pele acobreada de Rolfe tinha assumido

um tom pálido de doença.

Aelin fechou os olhos e suspirou.

O tendão de poder que havia reunido ondulou para fora, como uma linha invisível. O mundo estremeceu ao encalço. Um sino soou na cidade, uma vez, então outra, com a força do poder. Mesmo as águas na baía tremeram quando aquela magia passou para além do arquipélago.

Ao abrir novamente os olhos, a mortalidade tinha retornado.

— Que merda foi essa? — indagou Rolfe, por fim.

Fenrys e Gavriel ficaram *muito* interessados no mapa diante de si.

Rowan respondeu, suavemente:

— *Milady* precisa liberar porções do poder diariamente ou ele pode consumi-la.

Apesar daquilo, apesar do que tinha feito, Aelin decidiu que queria que Rowan a chamasse de *milady* pelo menos uma vez por dia.

O príncipe feérico continuou, insistindo com Rolfe sobre o exército que avançava. O lorde pirata, que Lysandra confirmara semanas antes *ser* myceniano, graças à espionagem que Arobynn fazia nos parceiros de negócios, parecia quase incapaz de falar, por conta da oferta que Aelin

fizera. Mas a rainha apenas esperou.

Aedion e Lysandra chegaram depois de um tempo; e o primo da jovem simplesmente lançou um olhar passageiro a Gavriel conforme se posicionou diante do mapa, assumindo o raciocínio de um general e exigindo detalhes de todo tipo.

No entanto, Gavriel silenciosamente encarava o filho, observando os olhos de Aedion percorrendo o mapa, ouvindo o som de sua voz, como se fosse uma canção que tentasse memorizar.

Lysandra foi até a janela para a baía.

Como se pudesse ver a ondulação que Aelin enviara ao mundo.

A metamorfa havia contado a Aedion àquela altura — o porquê de realmente terem ido a Ilium. Não apenas para ver Brannon, não apenas para salvar o povo da cidade... mas para isso. As duas tinham maquinado o plano durante as longas noites montando guarda na estrada, considerando todas as vantagens e desvantagens.

Dorian entrou dez minutos depois, voltando os olhos diretamente para Aelin. Ele também sentira aquilo.

O rei deu um aceno educado para cumprimentar Rolfe, então permaneceu em silêncio conforme recebia informações sobre o posicionamento dos exércitos de Erawan. Depois ele ocupou um assento ao lado de Aelin

enquanto os outros machos continuavam discutindo rotas de suprimentos e armas, percorrendo círculo após círculo com Rowan.

Dorian apenas lançou um olhar indecifrável para ela e cruzou o tornozelo sobre o joelho.

O relógio soou 11 horas, então a jovem se levantou no meio do que quer que Fenrys estivesse dizendo a respeito de vários arsenais e de um possível investimento de Rolfe em minério para suprir a demanda.

Silêncio recaiu de novo. Aelin disse ao lorde pirata:

— Obrigada pela hospitalidade.

Em seguida se virou, dando somente um passo antes que o capitão indagasse:

— É isso?

Ela olhou por cima de um ombro, e Rowan se aproximou pela lateral. Aelin deixou que um pouco da chama subisse à superfície.

— Sim. Se não vai me dar uma armada, se não vai unir o que resta dos mycenianos e retornar a Terrasen, então encontrarei outro que o faça.

— Não há mais ninguém.

De novo, os olhos da jovem se voltaram para o mapa na mesa.

— Certa vez você disse que eu pagaria por minha

arrogância. E paguei. Muitas vezes. Mas Sam e eu enfrentamos sua cidade e sua frota inteiras e as destruímos. Tudo por duzentas vidas que você considerava inferiores às humanas. Portanto, talvez eu tenha me subestimado. Talvez não precise de você no fim das contas.

Aelin se virou de novo, e Rolfe riu com escárnio.

— Por acaso Sam morreu ainda correndo atrás de você, ou finalmente parou de tratá-lo como imundície?

Um ruído de estrangulamento soou, seguido por uma batida e o chacoalhar de copos. A jovem se virou devagar, e viu Rowan com as mãos em torno do pescoço de Rolfe, pressionando-o contra o mapa, as miniaturas espalhadas por toda parte, e os dentes expostos do guerreiro quase arrancando a orelha do capitão.

Fenrys deu um risinho.

— Eu disse para escolher as palavras com cuidado, Rolfe.

Aedion parecia fazer o possível a fim de ignorar o pai e dizer ao lorde pirata:

— Prazer em conhecê-lo. — Então ele caminhou até onde Aelin, Dorian e Lysandra estavam, aguardando à porta.

Rowan se inclinou para perto, murmurou algo ao ouvido de Rolfe que o fez empalidecer, então o empurrou com um

pouco mais de força contra a mesa antes de caminhar até Aelin.

O homem apoiou as mãos na mesa, impulsionando-se para cima a fim de disparar palavras obviamente estúpidas ao grupo, mas ficou rígido, como se alguma pulsação se debatesse por seu corpo.

O capitão virou as mãos, unindo as palmas lado a lado.

Ele ergueu os olhos, mas não para Aelin. Para as janelas.

Para os sinos que tinham começado a soar nas torres gêmeas de vigia que ladeavam a abertura da baía.

O toque frenético fez as ruas além pararem, silenciando-as.

O significado de cada batida era nítido o suficiente.

O rosto de Rolfe empalideceu.

Aelin observou enquanto a cor negra — mais escura que a tinta ali gravada — se espalhou pelos dedos de Rolfe, até as palmas das mãos. Negro como apenas os valg poderiam trazer.

Ah, não havia mais dúvida de que o mapa funcionava.

Ela disse aos companheiros:

— Partimos. Agora.

Rolfe já disparava na direção da jovem, da porta. Ele não disse nada quando a escancarou, caminhando até a rua pela qual o imediato e o mestre quarteleiro seguiam apressados

para encontrar o capitão.

Aelin fechou a porta atrás de Rolfe e encarou os amigos. E a equipe.

Foi Fenrys quem falou primeiro, ficando de pé e observando pela janela enquanto Rolfe e seus homens se apressavam.

— Me lembre de nunca o irritar.

— Se aquela força chegar a esta cidade, essas pessoas... — disse Dorian, baixinho.

— Não chegará — retrucou Aelin, encarando Rowan. Os olhos cor de verde-pinho a fitaram de volta.

*Mostre a eles por que lhe concedi meu juramento de sangue*, pediu a rainha silenciosamente.

O indício de um sorriso malicioso. O guerreiro se virou para o grupo.

— Vamos.

— Vamos — disparou Fenrys, apontando para a janela. — Para onde?

— Há um barco — informou Aedion — ancorado do outro lado da ilha. — Ele indicou Lysandra com a cabeça. — Era de se pensar que repariam em um esquife sendo rebocado para o alto-mar por um tubarão ontem à noite, mas...

A porta se escancarou, e a figura imponente de Rolfe a

preencheu.

— *Você*.

Aelin levou a mão ao peito.

— Eu?

— *Você* lançou aquela magia para lá; *você* os convocou.

Ela deu uma gargalhada, afastando-se da mesa.

— Se um dia eu aprender um talento tão útil, vou usá-lo para convocar meus aliados, acho. Ou os mycenianos, pois você parece tão certo de que eles não existem. — Ela olhou por cima do ombro de Rolfe, o céu ainda estava limpo. — Boa sorte — disse a jovem, ultrapassando-o.

— O quê? — disparou Dorian.

Aelin olhou o rei de Adarlan de cima a baixo.

— Esta batalha não é nossa. E não sacrificarei o destino de meu reino por uma animosidade com os valg. Se tiver algum bom senso, também não o fará. — O rosto de Rolfe se contorceu de ódio, mesmo quando o medo, profundo e sincero, brilhou em seus olhos. Aelin deu um passo na direção das ruas caóticas, mas parou, voltando-se para o lorde pirata. — Suponho que a equipe virá comigo também. Afinal, agora são meus aliados.

Silenciosamente, Fenrys e Gavriel se aproximaram, e ela podia ter suspirado de alívio por eles o terem feito sem questionamentos, por Gavriel estar disposto a fazer o que

fosse preciso para se aproximar do filho.

O capitão sibilou.

— Acha que recusar assistência vai me fazer ajudá-la? — Mas muito além da baía, entre as ilhas distantes e montanhosas, uma nuvem de escuridão se reunia.

— Falei com sinceridade, Rolfe. Ficarei bem sem você, com ou sem armada. Com ou sem mycenianos. E esta ilha agora se tornou perigosa para minha causa. — Ela inclinou a cabeça na direção do mar. — Farei uma oração para Mala em seu nome. — Aelin deu tapinhas no cabo de Goldryn. — Um conselho, de uma criminosa profissional para outro: corte as cabeças. É a única forma de matá-los. A não ser que os queime vivos, mas aposto que a maioria pularia do navio e nadaria para a praia antes que suas lanças em chamas pudessem causar algum dano.

— E quanto a seu idealismo? E quanto àquela *criança* que roubou duzentos escravos de mim? Deixaria o povo desta ilha perecer?

— Sim — respondeu a jovem, simplesmente. — Eu disse, Rolfe, que Endovier me ensinou algumas coisas.

Ele xingou.

— Acha que *Sam* aprovaria isso?

— Sam está morto — declarou Aelin. — Porque homens como você e Arobynn têm poder. Mas o reinado de

Arobynn já acabou. — Ela sorriu para o horizonte que escurecia. — Parece que o seu pode acabar em breve também.

— Sua *vadia*...

Rowan grunhiu, dando apenas um passo antes de Rolfe recuar.

Passos apressadas soaram, e o mestre quarteleiro apareceu à porta. Ele ofegou ao apoiar a mão no portal, a outra mão segurava o punho em formato de dragão marinho da espada.

— Estamos até o joelho em merda.

Aelin parou. O rosto do lorde pirata se contraiu.

— Quão ruim? — perguntou o capitão.

O homem limpou o suor da testa.

— Oito navios de guerra cheios de soldados, pelo menos cem em cada, mais nos níveis inferiores onde não pude ver. Acompanhados por duas serpentes-marinhas. Todos se movendo tão rápido que parecem carregados por ventos de tempestade.

Aelin olhou para Rowan.

— Com que rapidez podemos chegar àquele navio?

Rolfe olhou para os poucos navios no porto, com o rosto mortalmente pálido. Olhou para Quebra-Navios na baía, a corrente estava sob a superfície calma no momento. Ao ver

o olhar do capitão, Fenrys observou:

— Aquelas serpentes-marinhas vão partir a corrente. Tire seu povo da ilha. Use cada esquife e barco que tiver e *tire*-os daqui.

O lorde pirata se voltou devagar para Aelin, os olhos verde-mar fervilhavam de ódio. E resignação.

— Isso é uma tentativa de ver se estou blefando?

Aelin brincou com a ponta da trança.

— Não. O momento é conveniente, mas não.

Ele observou o grupo; o poder que poderia equilibrar a ilha se eles escolhessem. Quando, por fim, falou, a voz do capitão saiu rouca:

— Quero ser almirante. Quero este arquipélago inteiro. Quero Ilium. E, quando esta guerra acabar, quero *lorde* na frente de meu nome, como estava diante dos nomes de meus ancestrais tempos atrás. E quanto a meu pagamento?

Aelin, por sua vez, estudou o homem enquanto a sala inteira estava mortalmente silenciosa em comparação ao caos do lado de fora.

— Pode manter o ouro e os tesouros que estiverem a bordo de cada navio de Morath que saquear. Mas armas e munição vão para o front. Darei terras, mas nenhum título real além daquele de Lorde de Ilium e Rei do Arquipélago. Se tiver filhos, eu os reconhecerei como seus herdeiros,

como faria com qualquer filho de Dorian.

O rapaz assentiu com seriedade.

— Adarlan reconhecerá você e seus herdeiros, além desta terra como sua.

— Se mandar esses desgraçados de volta para a escuridão negra, minha frota é sua — vociferou Rolfe. — Não posso garantir que os mycenianos se levantarão, no entanto. Estamos muito espalhados há tempo demais. Apenas um pequeno número vive aqui, e não se mobilizarão sem a... motivação adequada. — Ele olhou para trás do bar, como se esperasse ver alguém ali.

Mas Aelin estendeu a mão, com um sorriso leve.

— Deixe isso comigo.

A pele tatuada encontrou as cicatrizes da outra mão conforme Rolfe a apertou. Com força suficiente para quebrar ossos, mas Aelin devolveu com a mesma força. E lançou uma pequena chama para queimar de leve os dedos do pirata.

Ele sibilou, puxando a mão de volta, e a jovem sorriu.

— Bem-vindo ao exército de Sua Majestade, corsário Rolfe. — Aelin gesticulou para a porta aberta. — Vamos?

Aelin era louca, percebeu Dorian. Brilhante e perversa, mas louca.

E talvez a melhor mentirosa, sem qualquer sombra de remorso, que ele jamais encontrara.

O rapaz sentira a convocação varrer o mundo. Sentira fogo murmurar contra a pele. Não havia como se enganar quanto a quem pertencia. E não havia como se enganar que fora direto para O Fim, onde as forças que ali habitavam saberiam que somente uma pessoa viva teria aquele tipo de chama à disposição, e rastreariam a magia até o lugar em que ela estava.

Dorian não sabia o que incitara aquilo, por que Aelin escolhera aquele momento, mas...

Mas Rowan a informara a respeito de como os valg assombravam Rolfe. Como o capitão mantinha a cidade vigiada dia e noite, temendo que voltassem. Então Aelin usara aquilo em vantagem própria. Os mycenianos; pelos deuses. Mal passavam de história para dormir e contos de advertência. Contudo, ali estavam, cuidadosamente escondidos. Até a jovem os assustar com chamas.

E conforme o lorde pirata e a rainha de Terrasen apertaram as mãos e Aelin sorriu para Rolfe, Dorian percebeu que ele... talvez ele pudesse se beneficiar de um pouco mais de malícia e insanidade também.

Aquela guerra não seria vencida com sorrisos e bons modos.

Seria vencida por uma mulher disposta a apostar com uma *ilha* inteira cheia de gente para conseguir o que queria, e salvar a todos. Uma mulher cujos amigos estavam igualmente dispostos a entrar no jogo, a destruir a própria alma se aquilo significasse salvar a população geral. Sabiam que peso tinham as vidas em pânico ao redor deles caso jogassem errado. Aelin talvez mais que qualquer outro.

Aelin e Rolfe caminharam pela porta aberta da taverna, seguindo para a rua adiante. Atrás de Dorian, Fenrys soltou um assobio baixo.

— Que os deuses o ajudem, Rowan, essa mulher é...

O jovem rei não esperou para ouvir o resto e foi até a rua para se juntar ao pirata e à rainha, com Aedion e Lysandra ao encalço. Fenrys manteve distância dos demais, mas Gavriel permaneceu perto, o olhar ainda fixo no filho. Pelos deuses, como se pareciam, *caminhavam* igual, o Leão e o Lobo.

Rolfe disparou ordens para os homens que aguardavam em fila diante dele:

— Todo navio que puder carregar homens veleja *agora*.

— Ele disparava comandos, direcionando os homens para

diversas embarcações, há muito desprovidas de uma tripulação que as capitaneasse, inclusive o próprio navio, enquanto Aelin esperava ali, com as mãos na cintura, observando todos.

— Qual é seu navio mais rápido? — perguntou ao capitão.

Rolfe apontou para o dele.

Aelin o encarou, e Dorian esperou pelo plano insano e inconsequente. Contudo, a jovem apenas falou, sem olhar para nenhum deles:

— Rowan, Lysandra, Fenrys e Gavriel, comigo. Aedion, suba na torre de vigia norte e conduza o arpão fixo. Abra um buraco na maldita lateral de qualquer navio que se aproximar demais da corrente. — Dorian enrijeceu quando ela, por fim, se dirigiu a ele, vendo as ordens já estampadas nos olhos da jovem. Ele abriu a boca para protestar, mas Aelin declarou, simplesmente:

— Esta batalha não é lugar para um rei.

— Mas é para uma rainha?

Não havia diversão, nada além de calma gélida ao lhe entregar uma espada que ele não tinha percebido que a rainha levava na lateral do corpo. Damaris.

Goldryn ainda estava presa às suas costas; o rubi brilhava como uma brasa viva quando ela disse:

— Um de nós precisa viver, Dorian. Assuma a torre de vigia sul, fique na base e prepare sua magia. Derrube qualquer força que tentar cruzar a corrente.

Não com aço, mas com magia. O rapaz prendeu Damaris ao cinto da espada, sentindo o peso estranho da arma.

— E o que você vai fazer? — indagou Dorian. Como se em resposta, o poder se contorceu em sua barriga, como uma víbora se enroscando para atacar.

Aelin olhou para Rowan, para sua mão tatuada.

— Rolfe, pegue qualquer corrente de ferro que tenha restado de seu comércio de escravos. Precisaremos delas.

Para ela... para Rowan. Como uma segurança contra a magia de ambos, caso saísse do controle.

Porque Aelin... Aelin ia velejar aquele navio até o coração da frota inimiga e explodiria todos para fora da água.

# 34

Ela era uma mentirosa e uma assassina e uma ladra, e Aelin tinha a sensação de que seria chamada de coisas muito piores ao fim da guerra. Mas, quando aquela escuridão sobrenatural se acumulou no horizonte, perguntou-se se havia tentado abocanhar mais do que ela e os amigos com presas podiam.

Aelin não cedeu um centímetro ao medo.

Não fez nada a não ser deixar que fogo negro ondulasse por seu corpo.

Assegurar aquela aliança era apenas parte do plano. A outra parte, a maior parte... era a mensagem. Não a Morath.

Mas ao mundo.

A qualquer potencial aliado observando aquele

continente, contemplando se seria, de fato, uma causa perdida.

Naquele dia, a mensagem ecoaria pelos reinos.

Não era uma princesa rebelde destruindo castelos inimigos e matando reis.

Era uma força da natureza. Era uma calamidade e uma comandante de lendários guerreiros imortais. E, se aqueles aliados não se juntassem a ela... Aelin queria que pensassem naquele dia, e no que ela faria ali, e se perguntassem se um dia a encontrariam em seus litorais, em seus portos também.

Eles não tinham aparecido dez anos antes. Aelin queria que soubessem que ela não se esquecera daquilo.

Rolfe terminou de disparar ordens para seus homens e correu para embarcar no *Dragão Marinho*. Aedion e Dorian correram para pegar cavalos que os levassem até as respectivas torres de vigia. Aelin se virou para Lysandra, que tranquilamente monitorava tudo, e falou, baixinho:

— Sabe o que preciso que faça?

Ao assentir, os olhos verde-musgo de Lysandra brilharam.

Aelin não se permitiu abraçar a metamorfa. Não se permitiu sequer tocar a mão da amiga. Não com Rolfe observando. Não com os habitantes da cidade olhando, com os mycenianos perdidos entre eles. Então apenas disse:

— Boa caçada.

Fenrys soltou um ruído engasgado, como se percebesse o que realmente fora exigido da metamorfa. Ao lado, Gavriel ainda estava ocupado demais, encarando Aedion, que sequer olhara na direção do pai antes de prender o escudo e a espada às costas, montar uma égua em estado deplorável e galopar até a torre de vigia.

Aelin declarou a Rowan, que já estava com o vento dançando nos cabelos prateados:

— Agimos agora.

E então seguiram.

As pessoas entravam em pânico nas ruas conforme a força escura tomava forma no horizonte: imensos navios com velas pretas, convergindo na baía, como se fossem realmente carregados por um vento sobrenatural.

Mas Aelin caminhou até o imponente *Dragão Marinho*, com Lysandra ao lado, e Rowan e os dois companheiros atrás.

Boquiabertas, as pessoas paravam a fim de olhar conforme eles subiam a rampa, verificando e reorganizando as armas. Facas e espadas, o machado de Rowan, que reluziu quando ele o prendeu na lateral do corpo, um arco e uma aljava cheia de flechas de penas pretas, que Aelin presumia serem liberadas com precisão mortal por Fenrys, e mais

lâminas. Ao entrarem no deque do *Dragão Marinho*, a madeira primorosamente polida oscilando suavemente, Aelin pensou que juntos formavam um arsenal ambulante.

Assim que Gavriel colocou os pés a bordo, a rampa foi puxada pelos homens de Rolfe. Os demais, sentados em bancos que ladeavam o deque, ergueram remos, dois homens em cada banco. Rowan indicou Gavriel e Fenrys com o queixo, e os dois silenciosamente se juntaram aos remadores, assumindo a ordenação e os ritmos que eram mais velhos que alguns reinos.

Rolfe saiu por uma porta que, sem dúvida, abria para seus aposentos, seguido por dois homens levando imensas correntes de ferro.

Aelin caminhou até eles.

— Ancore-as contra o mastro principal e certifiquem-se de que haja espaço o suficiente para que alcancem bem... aqui. — Ela apontou para o local onde parara, no centro do deque. Com bastante espaço vazio, com bastante espaço para que ela e Rowan trabalhassem.

O lorde pirata disparou uma ordem para que começassem a remar, olhando uma vez para Fenrys e Gavriel — cada qual ocupando um remo, com os dentes expostos conforme aplicavam força considerável ao movimento.

Devagar, o navio começou a se mover — assim como os demais ao seu redor.

Mas precisavam sair da baía primeiro, precisavam passar pelo limite de Quebra-Navios.

Os homens de Rolfe envolveram as correntes em volta do mastro, deixando extensão o suficiente para que chegassem até Aelin.

O ferro forneceria um limite, uma âncora para lembrá-la de quem ela era, do que era. O ferro a manteria presa quando a pura amplidão da magia, tanto dela quanto de Rowan, ameaçasse levá-la embora.

O *Dragão Marinho* avançou devagar pelo porto conforme os gritos e resmungos dos remadores de Rolfe abafavam a comoção na cidade atrás deles.

Aelin olhou rapidamente para cada uma das torres de vigia e viu Dorian chegar, depois viu os cabelos dourados de Aedion disparando pela escada espiralada externa até o imenso arpão posicionado no topo. O coração da jovem se apertou por um momento quando teve um lampejo da vez em que vira Sam correndo para o alto daquelas mesmas escadas; não para defender a cidade, mas para destruí-la.

Ela afastou o toque gelado daquela lembrança e se voltou para Lysandra, de pé no corrimão do deque, observando o primo de Aelin também.

— Agora.

Até mesmo Rolfe parou de dar ordens ao ouvir a palavra.

A metamorfa graciosamente se sentou no amplo corrimão de madeira, passou as pernas para o lado... e caiu na água.

Os homens do capitão correram até a beirada. Pessoas em barcos acompanhando-os fizeram o mesmo ao ver a mulher mergulhar no azul vívido.

Mas não foi uma mulher que afundou.

Abaixo, bem no fundo, Aelin conseguia discernir o brilho e a transformação e a expansão. Homens começaram a xingar.

Mas Lysandra continuou crescendo mais e mais sob a superfície, junto ao leito arenoso do porto.

Os homens remavam mais rápido.

Só que a velocidade do navio não era nada em comparação à velocidade da criatura que emergiu das ondas.

Um grande focinho verde-jade, salpicado de dentes brancos dilaceradores, bufou um fôlego poderoso, então mergulhou de volta para a água, revelando o lampejo de uma imensa cabeça e olhos atentos ao sumir.

Alguns homens gritaram. Rolfe apoiou a mão no leme. Seu imediato, com aquela espada de dragão marinho polida

na lateral do corpo, caiu de joelhos.

Lysandra mergulhou, deixando que vissem o longo corpo poderoso que despontava na superfície pouco a pouco conforme ela descia, as escamas cor de jade reluzindo como joias ao sol ofuscante do meio-dia. Que vissem a lenda direto das profecias, pois os mycenianos só retornariam quando os dragões marinhos retornassem.

Portanto, Aelin se certificou de que um aparecesse bem no maldito porto deles.

— Pelos deuses — murmurou Fenrys de onde remava.

De fato, foi praticamente a única reação que Aelin conseguiu reunir quando o dragão marinho mergulhou profundamente, nadando adiante.

Pois aquelas eram barbatanas poderosas; *asas* que Lysandra estendia sob a água, retraindo os pequenos braços dianteiros e as patas traseiras enquanto a imensa cauda espinhosa agia como leme.

Alguns dos homens de Rolfe murmuravam:

— Um dragão, um dragão para defender nosso navio... As lendas de nossos pais... — O lorde pirata estava verdadeiramente pálido ao encarar o local em que Lysandra tinha desaparecido para o azul, ainda agarrado ao leme, como se aquilo o impedisse de cair.

Duas serpentes-marinhas... contra um dragão marinho.

Pois todo o fogo do mundo não funcionaria sob o mar. E, se quisessem uma chance de dizimar aqueles navios, não poderia haver interferência sob a superfície.

— Vamos lá, Lysandra — sussurrou Aelin, e fez uma oração a Temis, a Deusa das Coisas Selvagens, para que mantivesse a metamorfa ágil e determinada sob as ondas.



Aedion jogou longe o escudo das costas e afundou no assento diante do imenso arpão de ferro: a extensão da arma talvez fosse um palmo mais alta que ele, a cabeça era maior que a do general. Havia apenas três lanças. Precisaria fazer cada disparo valer.

Do outro lado da baía, ele mal conseguia distinguir o rei assumindo uma posição na ameia no nível mais inferior da torre. No mar, o navio de Rolfe remava e se aproximava cada vez mais dos elos abaixados de Quebra-Navios.

Aedion pisou forte em um dos três pedais de controle do arpão armado, segurando as alças que posicionavam a lança no lugar, uma de cada lado. Cuidadosa e precisamente, o general mirou o arpão no limite mais exterior da baía, onde duas projeções da ilha se inclinavam uma na direção da outra, promovendo uma passagem estreita para o porto.

Ondas quebravam logo além... um recife. Bom para destruir embarcações contra ele — e sem dúvida onde Rolfe posicionaria o próprio navio, a fim de enganar a frota de Morath, para que desviassem pelo recife.

— Que diabo é aquilo? — sussurrou uma das sentinelas que operava a arma, apontando na direção das águas da baía.

Uma poderosa sombra longa disparava sob a água adiante do *Dragão Marinho*, mais rápida que o navio, mais rápida que um golfinho. O corpo extenso serpenteava pelo mar, carregado por asas que poderiam também ser barbatanas.

O coração de Aedion pareceu parar.

— É um dragão marinho — respondeu ele, com dificuldade.

Bem, pelo menos sabia em qual forma secreta Lysandra andara trabalhando.

E por que Aelin insistira em entrar no templo de Brannon. Não apenas para ver o rei, não apenas para reivindicar a cidade para os mycenianos e Terrasen, mas... para que a metamorfa estudasse os entalhes detalhados em tamanho real daqueles dragões marinhos. Para que se tornasse um mito vivo.

Aquelas duas... Ah, aquelas diabas ardilosas e astutas. Uma rainha de lendas, de fato.

— Como... como... — A sentinela se virou para os demais, que balbuciavam entre si. — Ele vai nos defender?

Lysandra se aproximou de Quebra-Navios, ainda abaixada sob a superfície, girando e arqueando o corpo, passando perto de rochas, como se estivesse se acostumando à nova forma. Acostumando-se com ela durante o pouco tempo que tinham.

— Sim — sussurrou Aedion quando terror lhe inundou as veias. — Ela vai.



A água estava morna e tranquila e eterna.

E ela era a sombra escamosa que fazia os peixes com cores de joias dispararem para dentro dos lares de corais; era uma ameaça ágil no mar que fazia os pássaros brancos, oscilando na superfície, se dispersarem em voo quando a percebiam abaixo.

Raios de sol entravam como pilares pela água, e Lysandra, naquela pequena parte que ainda permanecia humana, sentia como se estivesse deslizando por um templo de luz e sombras.

Mas lá — bem afastados, carregados por ecos de som e vibrações — Lysandra os sentia também.

Mesmo os predadores maiores daquelas águas fugiram, partindo para o mar aberto além das ilhas. Nem mesmo a promessa de água manchada de vermelho poderia mantê-los no caminho daquelas duas forças prestes a colidir.

Adiante, os poderosos elos de Quebra-Navios afundavam nas profundezas, como o colar colossal de alguma deusa que se abaixava para beber o mar.

Lysandra lera sobre eles — os dragões marinhos há muito esquecidos e mortos — a pedido de Aelin. Porque a amiga soubera que intimidar Rolfe com os mycenianos apenas os levaria até certo ponto, mas, se usassem o poder do mito também... o povo poderia se reunir em torno dele. E com um lar para finalmente lhes oferecer, naquelas ilhas e em Terrasen...

A metamorfa estudara os entalhes dos dragões marinhos no templo, depois de Aelin ter queimado a poeira sobre eles. A magia da rainha preenchera as lacunas que os desenhos não mostravam. Como as narinas que discerniam cada cheiro na correnteza, e as orelhas que revelavam diversas camadas de som.

Lysandra avançou para o recife logo além dos lábios abertos da ilha. Precisaria retrair as asas, mas ali... ali armaria sua resistência.

Ali teria que libertar cada instinto selvagem, abrindo

mão da parte de si que sentia e se importava.

Aquelas bestas, como quer que fossem feitas, eram apenas aquilo: bestas. Animais.

Não lutariam com moral e códigos. Lutariam até a morte e lutariam para sobreviver. Não haveria misericórdia, nenhuma compaixão.

Lysandra precisaria lutar como elas lutavam. Fizera isso antes — se tornara feral não apenas naquele dia em que o castelo de vidro se despedaçara, mas na noite em que fora capturada e aqueles homens tinham tentado levar Evangeline. Isso não seria diferente.

Lysandra cravou as garras de ossos, dilaceradoras e curvas, contra o leito do recife para manter a posição contra os impulsos da correnteza, em seguida olhou para o azul silencioso que se estendia infinitamente adiante.

E então começou a vigília da morte.

# 35

Empoleirada no corrimão do *Dragão Marinho*, agarrada à escada de corda que fluía do imponente mastro, Aelin saboreava a corrente refrescante que borrifava água em seu rosto conforme o navio cortava as ondas. Assim que a embarcação se afastara dos demais, Rowan fizera seus ventos tomarem as velas, lançando o *Dragão Marinho* com toda velocidade na direção da corrente monstruosa.

Foi difícil não olhar para trás quando passaram pela corrente submersa... e logo em seguida Quebra-Navios começou a subir.

Selando-os para fora da baía — onde os demais navios de Rolfe esperariam em segurança atrás da corrente — para proteger a cidade que naquele momento os observava

silenciosamente.

Se tudo corresse bem, precisariam apenas daquela embarcação, dissera Aelin ao pirata.

E, se corresse mal, então os navios não fariam diferença.

Agarrando a corda com força, a jovem se inclinou para fora, vendo passar abaixo o azul e o branco vibrante, como um borrão ligeiro. *Não muito rápido*, dissera ela a Rowan. *Não desperdice sua força — mal dormiu ontem à noite*.

Ele acabara de se inclinar e mordiscar a orelha de Aelin antes de passar ao banco de Gavriel para se concentrar.

O guerreiro ainda estava ali, permitindo com seu poder que os homens parassem de remar e se preparassem para o que avançava em sua direção. Aelin olhou de novo para a frente — na direção das velas pretas manchando o horizonte.

A chave de Wyrd em seu peito murmurou em resposta.

Aelin podia senti-los — a magia podia sentir *o gosto* da corrupção no vento. Não havia sinal de Lysandra, mas ela estava por lá.

O sol ofuscava nas ondas conforme a magia de Rowan diminuía a velocidade, fazendo-os deslizar determinadamente na direção de dois picos da ilha que se curvavam um para o outro.

Estava na hora.

Aelin se balançou para fora do corrimão, e as botas se chocaram contra a madeira encharcada do deque. Muitos olhos se voltaram para ela, para as correntes espalhadas sobre o convés principal.

Rolfe caminhou até a jovem, descendo do tombadilho, onde ele mesmo estivera operando o leme.

Ela pegou uma pesada corrente de ferro, perguntando-se quem os grilhões haviam prendido. Rowan ficou de pé com um movimento firme e gracioso, alcançando Aelin no mesmo instante que Rolfe.

— E agora? — indagou o capitão.

Aelin indicou com o queixo os navios já perto o bastante para discernir figuras entulhadas nos diversos deques. Muitas, *muitas* figuras.

— Vamos atraí-los para o mais próximo possível. Quando puder ver a parte branca dos olhos deles, grite para nós.

— E então ancore o navio a estibordo. Para darmos a volta — acrescentou Rowan.

— Por quê? — perguntou Rolfe, enquanto o guerreiro ajudava Aelin a prender o punho da corrente.

Ela deu um solavanco contra o ferro, pois a magia se contorceu. O feérico segurou o queixo de Aelin entre o polegar e o indicador, obrigando-a a lhe encarar os olhos

determinados, mesmo ao explicar para Rolfe:

— Porque não queremos os mastros no caminho quando abrirmos fogo. Acho que são uma parte importante do navio.

O capitão grunhiu e saiu andando.

Os dedos de Rowan deslizaram para segurar o maxilar de Aelin em concha, acariciando a bochecha com o polegar.

— Invocaremos nosso poder devagar e com calma.

— Eu sei.

Ele inclinou a cabeça, erguendo as sobrancelhas. Um meio sorriso curvou aquela boca pecaminosa.

— Tem mergulhado em seu poder há dias, não tem?

Ela assentiu. Aquilo exigira grande parte de sua concentração, fora um esforço enorme permanecer no presente, permanecer ativa e ciente enquanto se enterrava mais e mais fundo, invocando o máximo do poder que podia sem atrair atenção.

— Não queria arriscar aqui. Não se você estivesse esgotado por ter salvado Dorian.

— Eu me recuperei, saiba você. Então a demonstraçãozinha desta manhã...

— Uma forma de aliviar a força total do poder — comentou ela, sarcasticamente. — E fazer com que Rolfe mijasse nas calças.

Rowan riu, soltando o rosto da jovem para lhe entregar o outro punho da corrente. Aelin odiou o toque antigo e terrível dos grilhões em sua pele, na pele do feérico, quando fechou a corrente no punho tatuado de Rowan.

— Rápido — informou Rolfe do lugar no leme para onde havia retornado.

De fato, os navios avançavam contra eles. Nenhum sinal daquelas serpentes-marinhas... embora a metamorfa também estivesse fora de vista.

Rowan apoiou a faca de caça na palma da mão, e o aço brilhou contra o sol incandescente. Meio-dia.

Precisamente por que Aelin fora ao escritório de Rolfe quase duas horas antes.

Ela praticamente soara o alarme para os ocupantes d'O Fim. A jovem apostara que não esperariam até o pôr do sol, e pelo visto realmente temiam mais a ira de seu mestre caso ela escapasse do que temiam a própria luz. Ou eram burros demais para perceber que a herdeira de Mala estaria no auge do poder àquela hora.

— Quer fazer as honras, ou faço eu? — perguntou Rowan. Fenrys e Gavriel tinham se levantado, lâminas em punho, enquanto monitoravam de uma distância segura. Aelin estendeu a mão livre, com a palma coberta de cicatrizes, e tomou a faca do guerreiro. Um corte rápido fez

com que a pele ardesse, então sangue morno aqueceu a pele pegajosa devido à água do mar.

Rowan estava com a faca um segundo depois, e o cheiro de seu sangue preencheu o nariz de Aelin, deixando os sentidos aguçados. Em seguida a jovem estendeu a palma da mão ensanguentada.

A magia rodopiou para o mundo com ela, estalando nas veias, nos ouvidos. Aelin conteve a vontade de bater com o pé no chão e de estender os ombros.

— Devagar — repetiu o feérico, como se sentisse o gatilho instável que era o poder de Aelin no momento. — E com calma. — O braço acorrentado do feérico deslizou em volta da cintura da rainha, segurando-a contra ele. — Estarei com você o tempo todo.

Ela ergueu a cabeça para estudar o rosto de Rowan, as feições severas e a tatuagem curva. O guerreiro se inclinou para lhe dar um beijo suave na boca. E, quando os lábios dos dois se encontraram, ele uniu as palmas ensanguentadas também.

Magia disparou pelo corpo de Aelin, antiga e travessa e esperta, então ela arqueou o corpo contra Rowan, os joelhos fraquejando conforme o poder cataclísmico do príncipe rugia para dentro de si.

Aelin sabia que tudo que as pessoas no deque viam eram

dois amantes se abraçando.

Ela mergulhou ainda mais profundamente no próprio poder e sentiu Rowan fazer o mesmo com o dele, sentiu cada gota de gelo e vento e relâmpago que disparava do guerreiro para ela. E ao chegar na jovem, o núcleo do poder do guerreiro cedeu, derretendo-se e transformando-se em brasas e fogo selvagem. Ele se tornou o coração derretido da terra, moldando o mundo e dando à luz novos territórios.

Mais e mais fundo, ela foi.

Aelin tinha uma vaga sensação do navio oscilando sob os dois, podia sentir o leve ardor do ferro que rejeitava sua magia, assim como a presença de Fenrys e Gavriel tremeluzindo em volta deles, como velas.

Fazia meses desde que puxara tão profundamente do abismo de seu poder.

Durante o tempo em que treinara com Rowan em Wendlyn, o limite do poder fora imposto por ela mesma. E então, naquele dia com os valg, tinha irrompido mais além — descobrira todo um nível oculto abaixo. Aelin conjurara poder dali quando circundara Doranelle, levando um dia inteiro para mergulhar tão longe, para sacar o que precisava.

Aelin começara aquela descida três dias antes.

Tinha esperado que fosse parar depois do primeiro dia. Que fosse atingir aquele fundo que sentira antes.

Mas não o atingira.

E agora... agora, com o poder de Rowan se unindo ao seu...

O braço do macho ainda a segurava com força contra o corpo, e Aelin teve a sensação distante e abafada do casaco do feérico lhe roçando levemente o rosto, da rispidez das armas presas sob o casaco, do cheiro percorrendo-a, acalmando-a.

Ela era como uma pedra atirada ao mar do próprio poder... do poder de ambos.

Para baixo

e

para baixo

e

para baixo.

Ali... ali estava o fundo. O fundo coberto de cinzas, o poço de uma cratera dormente.

Apenas a sensação dos próprios pés contra o deque de madeira a impedia de mergulhar naquelas cinzas para aprender o que poderia estar dormente abaixo delas.

A magia de Aelin sussurrou para que começasse a escavar as cinzas e a fuligem. Mas a mão de Rowan lhe apertou a cintura.

— Calma — murmurou ele ao ouvido da jovem. —

Calma.

Uma quantidade ainda maior do poder do feérico fluiu para Aelin, vento e gelo se revirando com o poder da jovem, transformando-se em um turbilhão.

— Perto agora — avisou Rolfe, de algum lugar próximo, de outro mundo.

— Mire no meio da frota — ordenou Rowan. — Disperse os navios que os flanqueiam para o recife. — Onde naufragariam, deixando que os sobreviventes fossem derrubados por flechas disparadas por Fenrys e pelos homens de Rolfe. Rowan precisaria estar atento então, observando quando a força se aproximasse.

Aelin podia senti-los; podia sentir a irritação da magia se intensificar em resposta à escuridão que se reunia além do horizonte de sua consciência.

— Quase ao alcance — gritou Rolfe.

Ela começou a subir, arrastando o abismo de chamas e brasas consigo.

— Com calma — murmurou Rowan.

Mais e mais, Aelin subia, voltando para o mar e a luz do sol.

*Aqui*, parecia chamar aquela luz do sol. *Para mim.*

A magia disparou para a luz, para aquela voz.

— *Agora!* — disparou Rolfe.

E como uma besta selvagem libertada da coleira, a magia de Aelin irrompeu.



Tudo estava indo bem conforme Rowan entregava o poder para ela.

Aelin parara e hesitara algumas vezes, mas... tinha a descida sob controle.

Mesmo que o poder... o poço ficara mais profundo que nunca. Era fácil esquecer que a jovem ainda estava crescendo, que o poder amadureceria com ela.

E, quando Rolfe gritou *Agora!*, Rowan soube que tinha esquecido de si mesmo, para o próprio azar.

Um pilar de chamas que não queimavam irrompeu de Aelin, chocando-se contra o céu, transformando o mundo em vermelho e laranja e dourado.

Ela foi arrancada dos braços do guerreiro com a força da magia, e ele lhe segurou a mão com uma força dolorosa, recusando-se a permitir que Aelin quebrasse a linha de contato. Os homens ao redor cambalearam para trás, caindo de bunda no chão conforme olhavam boquiabertos para cima com terror e espanto.

Subindo ainda mais, aquela coluna de chamas rodopiou,

um redemoinho de morte e vida e renascimento.

— Pelos deuses! — sussurrou Fenrys atrás dele.

Mesmo assim, a magia de Aelin se derramou ao mundo. Mesmo assim, ela queimou mais forte, mais selvagemente.

Com dentes trincados e a cabeça arqueada para trás, ela ofegava de olhos fechados.

— Aelin — avisou Rowan. O pilar de chamas começou a se expandir, ficando envolto em azul e turquesa. Chamas que poderiam derreter ossos, rachar a terra.

Demais. Rowan dera magia demais a ela, e Aelin mergulhara muito profundamente no próprio poder...

Através das chamas que os envolviam, o príncipe feérico olhou para a frenética frota inimiga, a qual disparava para fugir, para sair do alcance.

A demonstração de Aelin não era para eles.

Porque não havia como escapar, não com o poder que ela puxara consigo.

A demonstração era para os demais, para a cidade que os observava.

Para que o mundo soubesse que ela não era uma mera princesa brincando com brasas bonitinhas.

— Aelin — repetiu Rowan, tentando puxar a ligação entre os dois.

Mas não havia nada ali.

Apenas a boca aberta de alguma besta imortal e antiga. Uma besta que abrira um olho, uma besta que falava a língua de mil mundos.

Gelo inundou as veias do guerreiro. Aelin estava usando a chave de Wyrd.

— *Aelin.* — E então Rowan sentiu. Sentiu o fundo do poder de Aelin rachar e se abrir, como se a besta dentro daquela chave de Wyrd tivesse batido o pé, fazendo com que cinzas e rochas lascadas se despedaçassem abaixo.

Revelando um núcleo revolto e derretido de magia.

Como se fosse o coração selvagem da própria Mala.

Aelin mergulhou no poder. Banhou-se nele.

Rowan tentou se mover, tentou gritar para que ela parasse...

Mas Rolfe, os olhos abertos com o que só podia ser terror e assombro, rugiu para ela:

— *Abra fogo!*

Aelin ouviu aquilo. E tão violentamente quanto perfurara o céu, o pilar de fogo disparou para baixo, disparou de volta para *ela*, encolhendo-se e envolvendo-se dentro da jovem, fundindo-se em um núcleo de poder tão quente que chiou dentro de Rowan, lhe queimando a alma...

As chamas se extinguiram no mesmo segundo em que

Aelin alcançou Rowan com mãos incandescentes e *arrancou* o que restava da magia do feérico.

Justamente no momento em que a jovem lhe soltou a mão. Justamente no momento em que o poder dela e o da chave de Wyrd se fundiram.

Rowan desabou de joelhos e ouviu um estalo dentro da própria mente, como se relâmpago o tivesse partido.

Quando Aelin abriu os olhos, o guerreiro percebeu que não era trovão... mas o som de uma porta sendo escancarada.

O rosto da jovem ficou inexpressivo. Frio como os espaços entre as estrelas. E os olhos...

A cor turquesa queimava forte... em volta de um núcleo prateado. Não havia nenhum indício de dourado.

— Essa não é Aelin — sussurrou Fenrys.

Um leve sorriso se abriu na boca carnuda de Aelin, cruel e arrogante, e ela examinou a corrente de ferro envolta no pulso.

O ferro derreteu, fazendo com que o metal queimasse o convés de madeira e descesse para a escuridão abaixo. A criatura que olhava pelos olhos de Aelin fechou os dedos em punho. Luz escorreu pelos dedos fechados.

Luz fria e branca. Tendões tremeluziram; chama prateada...

— Saiam de perto — avisou Gavriel. — *Saiam de perto e não olhem.*

Gavriel estava, de fato, de joelhos, curvando a cabeça e desviando o olhar. Fenrys o imitou.

Pois o que olhava para a frota sombria reunida ali, o que preenchia o corpo da amada de Rowan... Ele sabia. Alguma parte primitiva e intrínseca sabia.

— Deanna — sussurrou o feérico. Ela voltou os olhos para ele, como uma pergunta e uma confirmação.

Então disse a Rowan, com uma voz grave e oca, jovem e velha:

— Toda chave tem um fecho. Diga à Rainha Que Foi Prometida para recuperá-lo em breve, pois todos os aliados do mundo não farão diferença se ela não empunhar o Fecho, se não juntar aquelas chaves a ele. Diga a ela que chama e ferro, unidos, se fundem em prata para conhecer o que precisa ser encontrado. Um simples passo é tudo que será necessário. — Então ela virou o rosto de novo.

E Rowan percebeu o que era o poder na mão dela. Percebeu que a chama que seria disparada queimaria de tão fria, percebeu que era o frio das estrelas, o frio de luz roubada.

Não era fogo selvagem; mas fogo lunar.

Em um momento ela estava ali. E então não estava mais.

Fora empurrada para o lado, depois trancafiada em uma caixa sem chave, e o poder não era dela, o corpo não era dela, o nome não era dela.

E ela podia sentir a Outra ali, preenchendo-a, rindo baixinho conforme se maravilhava com o calor do sol no rosto, com a brisa úmida do mar que lhe cobria os lábios com sal, com a dor na mão que já curada do ferimento.

Tanto tempo — fazia tanto tempo desde que a Outra tinha sentido tais coisas, sentido *completamente*, e não apenas como algo intermediário e diluído.

E aquelas chamas; as chamas *dela* e da magia de seu amado... pertenciam à Outra agora.

A uma deusa que passara pelo portão temporário que pendia de seus seios e tomara seu corpo, como se fosse uma máscara.

Não tinha palavras, pois não tinha voz, ego, *nada*...

E só conseguia observar, como se por uma janela, conforme sentia a deusa, a qual talvez não a tivesse protegido, e sim *caçado* durante a vida toda, em busca daquele momento, daquela oportunidade: examinar a frota

sombria adiante.

Tão fácil de destruir.

No entanto, mais vida tremeluzia — *atrás*. Mais vida para dizimar, para ouvir os gritos agonizantes com os próprios ouvidos, para testemunhar em primeira mão qual seria a sensação de deixar de existir de uma forma que a deusa jamais poderia...

Ela observou a própria mão, envolta em chamas brancas pulsantes, começar a se mover da frota sombria para onde estivera voltada.

Em direção à cidade desprotegida no coração da baía.

O tempo reduziu a velocidade e se estendeu conforme o corpo se virou para a cidade, conforme ela ergueu o próprio braço e voltou o punho para o coração da cidade. Havia pessoas no cais, os descendentes de um clã perdido; alguns fugiam da demonstração de fogo que ela libertara momentos antes. Seus dedos começaram a se abrir.

— *Não!*

A palavra foi um rugido, uma súplica, e prata e verde lampejaram em sua visão.

Um nome. Um nome ecoou por dentro dela conforme ele se colocou no caminho daquele punho, daquele fogo lunar, não apenas para salvar os inocentes na cidade, mas para poupar a alma *dela* da agonia caso os destruísse...

Rowan. E quando o rosto se tornou nítido, a tatuagem contrastante ao sol, quando aquele punho cheio de poder inimaginável começou a se abrir na direção do coração *dele*...

Não havia força em nenhum mundo que pudesse mantê-la contida.

E Aelin Galathynius se lembrou do próprio nome ao destruir a jaula em que aquela deusa a enfiara, ao pegar aquela deusa pelo maldito *pescoço* e atirá-la para *fora*, *fora*, *fora* por aquele buraco aberto pelo qual a deusa se infiltrara, para então o selar...

Aelin disparou para dentro de seu corpo, de seu poder.

Fogo como gelo, fogo roubado das estrelas...

Os cabelos de Rowan ainda se moviam quando ele parou subitamente diante do punho que se abria.

O tempo disparou de novo, cheio e rápido e implacável. Aelin teve apenas tempo suficiente para se jogar para o lado, para inclinar o punho já aberto para longe de Rowan, para apontar para *qualquer lugar*, menos para ele...

Então o navio abaixo dela, as fileiras do centro e da esquerda da frota sombria diante dela, assim como o limite exterior da ilha atrás da frota, explodiram em uma tempestade de fogo e gelo.

# 36

Estava tão silencioso sob as ondas, mesmo com sons abafados de gritos, de colisão, de morte ecoando em sua direção.

Aelin afundou-se, como afundara em seu poder, o peso da chave de Wyrd em volta do pescoço era como uma pedra de moinho...

Deanna. Ela não sabia como, não sabia por quê...

*A Rainha Que Foi Prometida.*

Os pulmões se contraíram e queimaram.

Choque. Talvez aquilo fosse choque.

Mais para baixo, ela afundou, tentando sentir o caminho de volta para o próprio corpo, a própria mente.

Água salgada fez os olhos arderem.

Uma grande e forte mão segurou a parte de trás do colarinho de Aelin e *puxou*... colocando-a de pé com puxões, com toques contínuos.

O que fizera o que fizera o que fizera...

Luz e ar se estilhaçaram em volta, e aquela mão agarrada ao colarinho lhe envolveu o tronco, puxando-a contra um corpo rígido masculino, mantendo sua cabeça acima das ondas agitadas.

— Peguei você — informou uma voz que não era a de Rowan.

Outros. Havia outros no navio, e Aelin podia muito bem ter matado todos...

— Majestade — chamou o macho, uma pergunta e uma ordem silenciosa.

Fenrys. Esse era o nome.

Ela piscou, e o nome, o título, o poder interior voltaram, se debatendo para o corpo — o mar e a batalha e a ameaça de Morath sufocantes.

Mais tarde. Mais tarde lidaria com aquela maldita deusa que quisera usar *Aelin* como uma sacerdotisa de templo. Mais tarde contemplaria como dilaceraria todos os mundos para encontrar Deanna e fazê-la pagar.

— Segure firme — pediu Fenrys, por cima do caos que se infiltrava: os gritos dos homens, o ranger de coisas

quebrando, o crepitar de chamas. — Não solte.

Antes que conseguisse se lembrar de como falar, eles desapareceram em... nada. Em escuridão que era tanto sólida quanto insubstancial, apertando-a com força.

Então estavam na água de novo, oscilando sob as ondas conforme ela se reorientava e arquejava por ar. Fenrys os movera, de alguma forma — saltara entre distâncias, a julgar pela espuma completamente diferente que girava ao redor de ambos.

Ele a segurou contra si, a respiração difícil. Como se qualquer que fosse a magia que possuía para saltar entre distâncias curtas exigisse tudo que tinha. O macho inspirou fundo.

Então sumiram de novo, indo para aquele espaço escuro, oco, mas sufocante. Apenas poucos segundos se passaram antes que a água e o céu retornassem.

Fenrys grunhiu, apertando o braço ao redor de Aelin enquanto nadava com o outro até a praia, empurrando destroços. A respiração parecia um fôlego úmido. Qualquer que fosse aquela magia, tinha se esgotado.

Mas Rowan... onde estava *Rowan*...

Aelin emitiu um som que poderia ter sido seu nome, poderia ter sido um soluço.

Fenrys respondeu, ofegante:

— Ele está no recife... está bem.

A jovem não acreditou. Debatendo-se contra o braço do guerreiro feérico para que a soltasse, ela deslizou para o mar aberto e frio, então se virou na direção para a qual Fenrys estivera se dirigindo. Outro som baixo foi emitido por ela quando viu Rowan de pé, a água na altura dos joelhos sobre o recife. O braço já estava estendido, embora 30 metros ainda os separassem.

Bem. Ileso. Vivo. E ao seu lado estava Gavriel, igualmente ensopado, encarando...

Pelos deuses, pelos deuses.

Sangue manchava a água. Havia corpos por todo lado. E a frota de Morath...

A maioria tinha sumido. Não passava de madeira preta partida, boiando pelo arquipélago, e pedaços de lona e corda, queimando. Mas três navios restavam.

Três navios que convergiam para as ruínas tomadas por água do *Dragão Marinho*, imponentes como nuvens de tempestade...

— Precisa nadar — grunhiu Fenrys ao lado de Aelin, com os cabelos dourados ensopados e grudados na cabeça. — Agora. O mais rápido possível.

Ela virou a cabeça na direção dele, piscando para afastar a água do mar que ardia nos olhos.

— Nade *agora* — disparou o guerreiro, exibindo os caninos, e Aelin não se permitiu considerar o que rondava *sob* eles quando Fenrys agarrou seu colarinho de novo e praticamente a *atirou* para a frente.

A jovem não esperou. Concentrou-se na mão estendida de Rowan conforme nadava, o rosto parecia tão cautelosamente calmo — o comandante em um campo de batalha. A magia estava estéril, sua magia era um deserto, e a dele... Aelin roubara o poder do guerreiro...

Pense nisso depois. Ela empurrou e se abaixou sob pedaços maiores de destroços, passando por...

Passando por homens. Os homens de Rolfe. Mortos na água. Será que o capitão estava entre eles, em algum lugar?

Aelin provavelmente matara o primeiro e único aliado humano naquela guerra — e o único caminho direto até o Fecho. E se a notícia da morte se espalhasse...

— *Mais rápido*! — disparou Fenrys.

Rowan embainhou a espada, flexionou os joelhos...

Então estava nadando na direção de Aelin, rápido e suavemente, cortando entre e sob as ondas, a água parecia se abrir para ele. A jovem queria berrar que conseguia fazer aquilo sozinha, mas...

Ele a alcançou, sem dizer nada, e deslizou para trás de

Aelin. Protegendo-a com Fenrys.

E o que ele poderia fazer na água sem magia, contra a boca aberta de uma serpente marinha?

A jovem ignorou o doloroso aperto no peito e disparou para o recife, com Gavriel esperando onde Rowan estivera antes. O leito do coral por fim se estendeu abaixo de Aelin, e ela quase chorou, com os músculos trêmulos, conforme Gavriel se agachou, oferecendo a mão estendida.

O Leão facilmente a puxou da água. Os joelhos de Aelin fraquejaram quando as botas se firmaram nas cabeças irregulares do coral, mas Gavriel continuou segurando-a, sutilmente permitindo que Aelin se recostasse contra ele. Rowan e Fenrys saíram um segundo depois, e o príncipe feérico estava lá imediatamente, as mãos no rosto de sua rainha, afastando os cabelos ensopados e lhe observando os olhos.

— Estou bem — disse ela, com a voz rouca. Devido à magia ou à deusa ou à água salgada que engolira. — Sou eu.

Isso bastou para Rowan, que então encarou os três navios que se aproximavam.

Do outro lado de Aelin, Fenrys curvara o corpo, apoiando as mãos nos joelhos enquanto ofegava. Ele ergueu a cabeça para encarar a jovem, os cabelos pingando, mas informou a Rowan:

— Estou esgotado... teremos de esperar até nos reabastecermos ou nadar para a praia.

Rowan deu um aceno curto, que Aelin interpretou como compreensão e agradecimento, então ela olhou para além deles. O recife parecia ser uma extensão da praia negra e rochosa mais distante, mas, com a maré baixa, precisariam de fato nadar por trechos do mesmo. Teriam de se arriscar ao que quer que estivesse sob a água...

Sob a água. Com Lysandra.

Não havia sinal de serpente ou de dragão.

Aelin não sabia se era algo bom ou ruim.

Aelin e os machos feéricos tinham chegado ao recife e estavam nele, com água até os joelhos.

O que quer que tivesse acontecido... tinha dado terrivelmente errado. Tão errado que Lysandra podia jurar que a presença feral e selvagem que jamais a esquecera tinha se escondido na longa sombra formada pela metamorfa conforme o mundo acima explodia.

Ela tombara do coral, partindo a correnteza e fazendo-a subir. Madeira e corda e lona choveram na superfície; alguns destroços afundaram até as profundezas. Então corpos e

braços e pernas.

Mas... ali estavam o capitão e o imediato se debatendo contra a espuma que os envolvia, tentando arrastarem-se para o leito arenoso.

Afastando o choque, Lysandra disparou até os dois.

Rolfe e o homem congelaram quando ela se aproximou, levando as mãos às armas na lateral do corpo sob as ondas. Mas Lysandra afastou os destroços que sem dúvida os afogavam, então se permitiu ficar imóvel; permitiu que os homens se segurassem a ela. A metamorfa não tinha muito tempo...

O lorde pirata e o imediato se prenderam nas pernas do dragão, agarrando-se como craca conforme eram impulsionados, cortando a água... passando pelas ruínas incineradas. Em um minuto Lysandra os depositou em um leito rochoso, então emergiu apenas o suficiente para inspirar antes de mergulhar novamente.

Havia mais homens se debatendo na água. O animal seguiu para eles, desviando de destroços, até que...

Sangue envolveu a correnteza. E não os borrifos que haviam manchado a água desde a explosão do navio.

Imensas e rodopiantes nuvens de sangue. Como se presas gigantescas tivessem se fechado sobre um corpo e o apertado.

Lysandra disparou para a frente, a cauda poderosa açoitando de um lado ao outro, o corpo ondulando e disparando para os três barcos que avançavam em direção aos sobreviventes. Precisava agir *já*, enquanto as serpentes estavam distraídas, se fartando.

O fedor do barco negro chegou a ela mesmo sob as ondas. Como se a madeira escura estivesse ensopada de sangue pútrido.

Quando se aproximou do casco submerso do navio mais próximo, duas formas poderosas surgiram no azul.

Lysandra sentiu a atenção das criaturas se fixarem nela assim que chocou a cauda contra o casco.

Uma vez. Duas.

Madeira rachou. Gritos abafados chegaram do alto.

Ela flutuou para trás, encolhendo-se, então chocou a cauda contra o casco uma terceira vez.

Madeira se partiu e a cortou, arrancando escamas, mas o dano fora feito. Água era sugada para dentro, passando por ela, cada vez mais, rasgando a madeira conforme o ferimento mortal do navio crescia e crescia. Lysandra recuou para fora da correnteza — nadando mais e mais para baixo conforme as duas serpentes-marinhas que se banqueteavam com os homens desesperados pausaram.

A metamorfa seguiu apressada para o navio seguinte.

Precisava fazer com que os navios afundassem, então os aliados poderiam derrubar cada um dos soldados que nadasse, debatendo-se, para a praia.

O segundo navio foi mais esperto.

Lanças e flechas atravessaram a água, disparando em sua direção. Lysandra avançou para o leito arenoso, então subiu mais e mais, mirando o casco vulnerável do navio, preparando o corpo para o impacto...

O animal não alcançou a embarcação antes que outro impacto viesse.

Mais rápido que sua percepção, dando a volta pela lateral do navio, a serpente marinha se chocou contra Lysandra.

Garras a rasgaram e dilaceraram, e ela se virou por instinto, açoitando tão forte com a cauda que a inimiga saiu rodopiando pela água.

Lysandra recuou para analisar o animal que a encarava com ódio.

Pelos deuses.

Tinha quase o dobro de seu tamanho, parecia feita do azul mais profundo, e a parte inferior era branca, salpicada de um tom de azul mais pálido. O corpo era quase como o de uma serpente; as asas, pouco mais que barbatanas ao longo das laterais. Não fora feita para ser veloz nem para

cruzar oceanos, e sim... para ter garras longas e curvas, para ter aquela boca que se abria na direção do dragão marinho, provando sangue e sal e o cheiro de Lysandra, revelando dentes estreitos e afiados como os de uma enguia.

Dentes em gancho. Para prender e dilacerar.

Atrás da serpente marinha, a outra entrou em formação.

Homens se debatiam, gritando acima. Se ela não derrubasse os navios inimigos...

Lysandra fechou as asas junto ao corpo. Ela desejou que tivesse puxado um fôlego maior, que tivesse enchido os pulmões com capacidade total. Abanando a cauda na correnteza, a metamorfa deixou o sangue, que ainda escorria do corpo perfurado pela madeira do navio, flutuar até as criaturas.

Lysandra soube assim que o sangue chegou às serpentes marinhas.

Assim que as duas perceberam que ela não era um animal comum.

Então a metamorfa mergulhou.

Rápida e suavemente, ela seguiu para as profundezas. Se tinham sido criadas para matança brutal, então Lysandra usaria a velocidade.

Ela disparou abaixo das criaturas, passando sob as sombras escuras antes que a dupla conseguisse sequer se

virar. Indo em direção ao mar aberto.

*Venham, venham, venham...*

Como cães atrás de uma lebre, as serpentes marinhas perseguiram.

Havia um banco de areia ladeado por recifes logo ao norte.

Lysandra mirou o local, nadando com força total.

Uma das serpentes marinhas era mais rápida que a outra, ágil o suficiente para que a boca agitada fizesse ondular a água na altura da cauda da metamorfa...

A água ficou mais clara, mais iluminada. Lysandra disparou direto para o recife que se erguia das profundezas, um pilar de vida e atividade que ficara mudo. Ela fez a curva em torno do banco de areia...

A outra serpente marinha surgiu diante da metamorfa, a segunda ainda estava próxima da cauda.

Coisinhas espertas.

Mas Lysandra se jogou para o lado... para a parte rasa do banco de areia, deixando que o impulso a virasse, de novo e de novo, mais e mais perto daquela estreita projeção. Então ela enterrou as garras profundamente, parando devagar, fazendo a areia jorrar e a cobrir, e ergueu a cauda, apesar de o corpo ser tão mais pesado fora da água...

A serpente marinha, que pensara em pegá-la

desprevenida ao nadar pelo outro lado, se atirou para fora da água em direção ao banco de areia.

Ela avançou, rápida como uma víbora.

Com o pescoço exposto, Lysandra fechou as presas nela e a mordeu.

O animal deu um pinote, açoitando a cauda, mas a metamorfa golpeou com a própria cauda contra a espinha inimiga. Quebrando sua coluna ao mesmo tempo que quebrava o pescoço.

Sangue preto com gosto de carne rançosa encheu a garganta de Lysandra.

Ao soltar a criatura morta, ela observou os mares turquesa, a espuma, os dois navios restantes e o porto...

Onde estava a segunda serpente marinha? Onde havia se enfiado?

Era esperta o bastante para saber quando a morte estava próxima, e para buscar um alvo mais fácil, percebeu Lysandra.

Pois lá estava uma nadadeira dorsal espinhenta submergindo. Seguindo na direção...

Na direção de Aelin, Rowan, Gavriel e Fenrys, que estavam sobre o recife, espadas em punho. Cercados por água.

Lysandra mergulhou nas ondas, lavando a areia e o

sangue do corpo. Mais uma — apenas mais uma serpente marinha, então poderia destruir os navios...

A besta restante chegou à saliência de coral, tomando velocidade, como se fosse saltar da água e engolir a rainha inteira.

Mas não chegou a 6 metros da superfície.

Lysandra avançou contra a criatura, e as duas atingiram o coral com tanta força que ele estremeceu abaixo de ambas. Então as garras da metamorfa acertaram a espinha da serpente marinha, e ela fechou a boca em volta do pescoço inimigo, sacudindo-o, entregando-se completamente ao canto da sobrevivência, aos gritos daquele corpo que mandavam *matar, matar, matar*...

As criaturas rolaram para o mar aberto; a serpente marinha ainda lutava, fazendo Lysandra afrouxar a mordida no pescoço...

*Não.* Um navio de guerra pairou acima, e a metamorfa mergulhou mais profundamente, reunindo as forças uma última vez conforme abria aquelas asas e as batia para *cima*...

Lysandra chocou a serpente marinha contra o casco da embarcação sobre elas. A besta rugiu com fúria. Ela a chocou de novo e de novo. O casco se partiu. Assim como o corpo da criatura.

A metamorfa observou a besta ficar inerte. Observou a água adentrar o casco aberto do navio. Ouviu os soldados a bordo começarem a gritar.

Ela soltou as garras, deixando o animal afundar até o leito do mar.

Mais um navio. Apenas mais um...

Estava tão cansada. Transformar-se depois daquilo talvez não fosse possível por algumas horas.

Lysandra subiu à superfície, puxando ar, preparando-se.

Os gritos de Aelin a alcançaram antes que conseguisse submergir de novo.

Não eram gritos de dor... mas de aviso. Uma palavra, diversas e diversas vezes. Uma palavra para ela.

*Nade*.

Ela inclinou a cabeça para o alto do recife onde a rainha estava. Mas Aelin apontava para trás de Lysandra. Não para o navio restante... mas para o mar aberto.

Para três formas imensas que avançavam em meio às ondas, mirando-a diretamente.

# 37

A rainha de Aedion estava no recife, com Rowan ao lado, flanqueados pelo pai do general e por Fenrys. Rolfe e a maioria dos homens tinham chegado ao lado oposto da abertura estreita da baía — ao topo daquele recife.

E do outro lado do canal entre eles...

Um navio de guerra.

Um dragão marinho.

E três serpentes marinhas.

Serpentes marinhas *adultas*. As duas primeiras... não haviam crescido completamente.

— Que merda — começou a entoar a sentinela ao lado de Aedion na torre de vigia. — Que merda. Que merda. Que merda.

Como alegara Rolfe, as serpentes marinhas iriam ao fim do mundo para matar quem quer que matasse suas crias. Apenas estar no coração do continente poderia salvar uma pessoa; mas, mesmo assim, os meios aquáticos jamais seriam seguros.

E Lysandra acabara de matar duas.

Parecia que não tinham vindo sozinhas. E pela comemoração dos soldados valg naquele navio restante... fora uma armadilha. As crias foram a isca.

Eram apenas um pouco maiores que Lysandra. Os adultos — os machos — tinham três vezes seu tamanho.

Eram mais extensos que o navio de guerra posicionado ali, de onde arqueiros disparavam contra os homens que tentavam nadar para a praia ao longo do canal que se tornara uma armadilha mortal para o dragão marinho verde.

O dragão marinho verde que estava entre as três monstruosas criaturas e a rainha de Aedion, presa nas rochas sem nenhuma brasa de magia restante nas veias. Sua rainha, que gritava repetidamente para que Lysandra *nadasse*, se *transformasse*, que *fugisse*.

Mas Aedion vira a metamorfa matar as duas crias.

Na segunda, ela estava lenta. E o general a vira mudar de forma tantas vezes nos últimos meses a ponto de saber que Lysandra não conseguiria se transformar rápido o

suficiente naquele momento, talvez nem sequer tivesse força o suficiente para o fazer.

Ela estava presa naquela forma, tão certamente quanto os companheiros estavam presos no recife. E... se Lysandra tentasse subir para a praia... Aedion sabia que os animais a alcançariam antes que ela começasse a impulsionar o corpo para fora da parte rasa.

Mais e mais rápido, aqueles três machos se aproximavam. Lysandra permanecia na abertura da baía.

Aguentando firme.

O coração de Aedion pareceu parar.

— Ela está morta — sibilou uma das sentinelas. — Pelos deuses, está morta...

— *Cale a maldita boca* — grunhiu ele, verificando a baía, entrando naquele estado frio e calculista que o permitia tomar decisões em batalhas, sopesando custos e riscos.

Dorian, no entanto, teve a ideia antes do general.

Do outro lado da baía, com a mão erguida e tremeluzindo, brilhante como uma estrela, o rapaz sinalizou para Lysandra diversas vezes com seu poder. *Venha até mim, venha até mim, venha até mim*, parecia gritar o rei.

Os três machos sumiram sob as ondas.

Lysandra se virou, mergulhando...

Mas não na direção de Dorian.

Aelin parou de gritar, e a magia do rapaz se apagou.

Aedion apenas observou conforme a sombra da metamorfa disparou na direção dos três animais, encontrando-os frente a frente.

As três serpentes marinhas se dispersaram, tão imensas que a garganta de Aedion secou.

E, pela primeira vez, ele odiou a prima.

Odiou Aelin por pedir aquilo de Lysandra, tanto os defender quanto assegurar que os mycenianos lutariam por Terrasen. Odiou as pessoas que tinham deixado tais cicatrizes na metamorfa a ponto de ela estar tão disposta a desperdiçar a vida. Odiou... odiou a si mesmo por estar preso naquela torre inútil, com uma máquina de guerra capaz apenas de disparar um tiro por vez.

Lysandra mirou para a besta no meio e, quando apenas 100 metros as separavam, virou para a esquerda.

As serpentes marinhas quebraram a formação: uma mergulhou baixo, a outra se manteve à superfície, e a terceira ficou para trás. Iriam arrebanhá-la. Arrebanhá-la, cercando-a por todos os ângulos, então a despedaçariam. Seria sujo e cruel.

Mas Lysandra disparou pelo canal. Seguindo...

Seguindo direto para o navio de guerra restante.

Flechas choveram contra ela.

Sangue floresceu, pois algumas encontraram o alvo entre as escamas cor de jade.

Ela continuou nadando, o sangue fazendo com que o macho mais próximo, aquele perto da superfície, entrasse em frenesi, impulsionando-se mais rápido para agarrá-la, mordê-la...

A metamorfa se aproximou do navio, tomando flecha após flecha, e saltou para fora da água.

Ela se chocou contra os soldados e a madeira e o mastro, rolando, contorcendo-se e dando pinotes; os mastros gêmeos se partiram sob sua cauda.

Lysandra atingiu o outro lado, lançando-se água adentro, com sangue vermelho reluzindo por toda parte...

No exato instante em que a serpente marinha no rastro da metamorfa saltou para o navio, formando um poderoso arco que tirou o fôlego de Aedion. No entanto, com os pedaços afiados dos mastros se projetando como lanças...

O macho caiu no topo destes com um ruído que o general ouviu do outro lado da baía.

O animal recuou, mas... havia madeira lhe perfurando o dorso.

E sob o peso imenso... o navio começou a rachar e afundar.

Lysandra não perdeu tempo e se afastou. Aedion mal conseguia respirar conforme ela disparava pela baía de novo, os dois machos tão terrivelmente perto que as ondulações se fundiam.

Um mergulhou, e as profundezas o engoliram para fora de vista. Contudo, o segundo ainda seguia atrás de Lysandra...

E a metamorfa o levou direto para o alcance de Dorian.

Ela se aproximou ao máximo da praia e da torre imponente, atraindo o segundo bicho. O rei estendeu as duas mãos.

O macho passou disparado... e foi impedido assim que o gelo golpeou a água. Gelo sólido, como jamais houvera ali.

As sentinelas ao lado de Aedion ficaram em silêncio. O animal rugiu, tentando se libertar, mas o gelo ficou mais espesso, prendendo a serpente marinha dentro daquela garra congelada. Quando a besta parou de se mover, havia uma camada fina como escamas de gelo cobrindo-o do focinho à cauda.

Dorian soltou um grito de guerra.

E Aedion precisou admitir que ele não era tão inútil assim conforme o rei soltou a catapulta atrás de si, lançando uma rocha do tamanho de uma carruagem para a baía.

Bem sobre a serpente marinha congelada.

Rocha encontrou gelo e carne. E a besta se estilhaçou em milhares de pedaços.

Rolfe e alguns de seus homens comemoravam — assim como as pessoas no cais da cidade.

Mas restava um macho no porto. E Lysandra estava...

Ela não fazia ideia de onde estava o macho.

O longo corpo verde se debateu na água, mergulhando sob as ondas, quase frenético.

Aedion verificou a baía, girando na cadeira de operação do atirador conforme o fazia, buscando qualquer indício da colossal sombra escura...

— *SUA ESQUERDA!* — rugiu Gavriel do outro lado da baía, sem dúvida amplificando a voz com magia.

Lysandra se virou... e ali estava o macho, disparando das profundezas, como se fosse um tubarão emboscando a presa.

A metamorfa se colocou em movimento. Um campo de destroços flutuava ao redor, os navios inimigos que afundavam pareciam ilhas de morte, e havia Quebra-Navios... Se ela conseguisse chegar até a corrente e subir... Não, era pesada demais, lenta demais.

Lysandra mais uma vez passou pela torre de Dorian, mas o animal não se aproximou. Sabia que a morte o esperava ali. A serpente marinha se manteve logo além do alcance, brincando com a metamorfa conforme ela

retornava ao campo de destroços entre os navios inimigos. Na direção do mar aberto.

Da projeção do recife, Aelin e os demais observavam impotentes enquanto os dois animais passavam, o macho lançando pedaços de cascos quebrados e mastros para o ar — mirando o dragão marinho.

Um acertou Lysandra na lateral, fazendo-a afundar.

Aedion disparou do assento, com um rugido nos lábios. Mas lá estava ela, sangue escorrendo conforme nadava e nadava, conforme guiava o macho pelo centro dos destroços para então voltar... abruptamente. A besta seguia em meio ao sangue que embaçava a água, irrompendo pelos escombros dos quais Lysandra agilmente desviava.

Ela o estava levando a um frenesi de sangue.

E a metamorfa, que maldita, tinha guiado o animal para os resquícios dos navios inimigos, onde soldados valg tentavam se salvar. O macho explodiu em meio a soldados e madeira, como se estes fossem véus de organza.

Saltando pela água, girando em torno de destroços e coral e corpos, com a luz do sol reluzindo nas escamas verdes e no sangue cor de rubi, Lysandra levou o bicho para uma dança da morte.

Cada movimento era mais lento conforme mais sangue escorria para a água.

E então ela mudou de curso. Seguindo para a baía. Para a corrente.

E cortou para o norte — na direção do general.

Aedion examinou o imenso arpão diante de si.

Trezentos metros de mar aberto separavam Lysandra do alcance da flecha.

— *NADE* — rugiu Aedion, mesmo que ela não pudesse ouvir. — *NADE, LYSANDRA!*

Silêncio recaiu por toda a baía da Caveira conforme o dragão marinho verde-jade nadava para salvar a própria vida.

O macho chegou mais perto e mergulhou.

Lysandra passou sob os elos da corrente, e a sombra do macho se estendeu abaixo da metamorfa.

Tão pequena. Era tão pequena em comparação a ele — seria preciso apenas uma mordida.

Aedion se jogou novamente na cadeira de operação, segurando as alavancas e girando o arpão conforme Lysandra nadava com tudo até ele.

Um disparo. Era tudo que teria. Apenas um maldito disparo.

A metamorfa se impulsionou para a frente. Aedion sabia que ela estava ciente da morte que pairava. Sabia que ela forçava o coração daquele dragão marinho até quase o parar. Sabia que o macho chegara ao leito e se impulsionava

para cima, mais e mais, na direção daquela barriga vulnerável.

Apenas mais alguns metros, apenas mais alguns segundos.

Suor escorreu pela testa do general, e o coração batia tão violentamente que ele só conseguia ouvir aquele trovão. Aedion moveu a lança, levemente, ajustando a mira.

O macho disparou das profundezas, de boca aberta, pronto para rasgar Lysandra ao meio com um golpe.

A metamorfa passou para o alcance de Aedion e saltou; saltou totalmente para fora d'água, somente escamas reluzentes e sangue. O animal saltou com ela, água escorrendo da boca aberta conforme os dois faziam um arco para cima.

O general disparou, chocando as palmas das mãos contra a alavanca.

O longo corpo de Lysandra se arqueou para se afastar daquelas presas quando o macho saiu completamente da água, expondo o pescoço branco...

Então a imensa lança de Aedion o perfurou diretamente.

Sangue jorrou da boca aberta, e os olhos se arregalaram conforme o animal recuou.

A metamorfa se chocou contra a água, lançando um

jorro tão alto que bloqueou a visão das duas criaturas que caíam no mar.

Quando a água baixou, havia apenas a sombra dos animais... e uma poça crescente de sangue preto.

— Você... você... — balbuciou a sentinela.

— *Carregue outra* — ordenou Aedion, levantando-se do assento para verificar a água borbulhante.

Onde ela estava, onde ela estava...

Aelin estava empoleirada nos ombros de Rowan, observando a baía.

Então uma cabeça verde disparou da água, borrifando sangue negro pelo mar ao atirar a cabeça decepada do macho sobre as ondas.

Comemorações — comemorações desordenadas e ensandecidas — explodiram de cada canto da baía.

E Aedion já estava de pé, correndo, quase descendo aos saltos pelas escadas que o levariam à praia para a qual Lysandra nadava conforme seu sangue substituía o líquido preto que manchava a água.

Tão lentos, cada movimento estava tão dolorosamente lento. Aedion a perdeu de vista ao chegar no nível das árvores, o peito apertado.

Raízes e pedras o atingiam, mas os pés ágeis de feérico disparavam sobre o solo argiloso, então ele atingiu a areia e a

luz irrompeu pelas árvores, e ali estava ela, estatelada na praia, sangrando por toda parte.

Além deles, na baía, Quebra-Navios desceu e a frota de Rolfe saiu para apanhar os soldados restantes — e salvar qualquer aliado que ainda estivesse lá fora.

Aedion vagamente reparou em Aelin e nos demais mergulhando para o mar, nadando com força para a terra firme.

Ele caiu de joelhos, encolhendo o corpo quando a areia atingiu Lysandra. A cabeça escamosa era quase tão grande quanto o próprio general, mas os olhos... aqueles olhos verdes, da mesma cor das escamas...

Cheios de dor. E exaustão.

Aedion estendeu a mão na direção da metamorfa, mas ela exibiu os dentes... emitindo um grunhido baixo.

Ele ergueu as mãos, recuando.

Não era a mulher olhando para ele, mas a besta que ela havia se tornado. Como se Lysandra tivesse se entregado inteiramente aos instintos, pois fora a única forma de sobreviver.

Havia lacerações e cortes por toda parte. Sangue escorria por todas as feridas, ensopando a areia branca.

Rowan e Aelin — um deles poderia ajudar. Se pudessem conjurar qualquer poder depois do que a rainha tinha feito.

A metamorfa fechou os olhos, a respiração ofegante.

— Abra os malditos olhos — grunhiu Aedion.

Ela grunhiu de volta, mas entreabriu um olho.

— Você chegou até aqui. Não morra na droga da praia.

O olho se semicerrou... um indício do temperamento da mulher. Aedion precisava recuperá-la. Deixar que ela assumisse o controle. Ou a besta jamais permitiria que se aproximassem para ajudar.

— Pode me agradecer quando essa carcaça deplorável estiver curada.

De novo, aquele olho o observou cautelosamente, o temperamento faiscando. Mas restava um animal.

Aedion falou, embora o alívio começasse a desfazer a máscara de calma arrogante:

— As sentinelas inúteis da torre de vigia estão todas meio que apaixonadas por você agora — mentiu ele. — Um disse que queria se casar com você.

Um murmúrio baixo. Aedion recuou alguns centímetros, mas manteve contato visual com Lysandra ao sorrir.

— Mas sabe o que eu disse a eles? Disse que não tinham a menor chance. — O general abaixou a voz, fixando-se no olhar sofrido e exausto da metamorfa. — Porque *eu* vou me casar com você — prometeu ele. — Um dia. Vou me casar

com você. Serei generoso e deixarei que escolha quando, mesmo que seja daqui a dez anos. Ou vinte. Mas um dia, será minha esposa.

Aqueles olhos se semicerraram... com o que Aedion só podia chamar de indignação feminina e exasperação.

Ele deu de ombros.

— Princesa Lysandra Ashryver parece bom, não é?

E então o dragão bufou. Divertindo-se. Com exaustão, mas... divertimento.

Ela abriu a boca, como se fosse tentar falar, mas percebeu que não podia naquele corpo. Sangue escorreu pelos enormes dentes, fazendo-a estremecer de dor.

A vegetação estalou, partindo-se, e Aelin e Rowan apareceram, com o pai de Aedion e Fenrys atrás. Todos ensopados, cobertos de areia e pálidos como a morte.

A rainha cambaleou até Lysandra, chorando, atirando-se à areia antes que o general pudesse disparar um aviso.

Mas a metamorfa apenas estremeceu quando a amiga a tocou, repetindo diversas vezes:

— Me desculpe, me desculpe.

Fenrys e Gavriel, que provavelmente tinham salvado a vida de Lysandra com aquele grito amplificado sobre a localização do macho, permaneceram perto do limite das árvores, enquanto Rowan se aproximou, avaliando os

ferimentos.

Fenrys viu o olhar de Aedion, viu a ira de advertência em seu rosto caso qualquer um dos dois se aproximasse, mas mesmo assim falou:

— Aquele foi um disparo e tanto, garoto. — O pai de Aedion assentiu em concordância silenciosa.

O general os ignorou. Qualquer que fosse o poço de magia que a prima e Rowan tinham esvaziado, já estava se enchendo de novo, pois os ferimentos do animal se fechavam, um a um. Devagar — dolorosamente devagar, mas... o sangramento parou.

— Ela perdeu muito sangue — observou Rowan para nenhum deles especificamente. — Mesmo.

— Nunca vi nada assim na vida — murmurou Fenrys. Nenhum deles vira.

Aelin tremia, com a mão na amiga; o rosto tão pálido e macilento que qualquer palavra ríspida que Aedion reservara para ela era desnecessária. A rainha sabia o custo. Levara tanto tempo para confiar em qualquer um deles para fazer qualquer coisa. Se gritasse com ela, mesmo que ainda quisesse... Aelin talvez jamais delegasse novamente. Porque, se Lysandra não estivesse na água no momento em que as coisas deram errado, muito errado...

— O que aconteceu? — sussurrou Aedion, fixando o

olhar na prima. — Que merda aconteceu lá na água?

— Perdi o controle — murmurou Aelin, a voz rouca. Como se não pudesse evitar, levou a mão ao peito. Onde, em meio ao branco da blusa, ele conseguia discernir o Amuleto de Orynth.

Então Aedion entendeu. Entendeu exatamente o que ela carregava. O que teria atraído o interesse de Rolfe no mapa — semelhante o suficiente à essência dos valg para que o capitão fosse correndo.

Entendeu por que fora tão importante, tão vital que Aelin arriscasse tudo para obtê-lo de Arobynn Hamel. Entendeu que ela usara uma *chave de Wyrd* mais cedo e que aquilo quase os matara...

Ele estava tremendo, aquele ódio realmente tomando conta. Mas Rowan grunhiu, baixo e cruel:

— Deixe para depois. — Porque Fenrys e Gavriel tinham ficado tensos... observando.

O general rosnou de volta, mas Rowan lhe lançou um olhar frio e determinado que dizia que, se ele sequer começasse a indicar o que a rainha carregava, teria a língua arrancada. Literalmente.

Aedion afastou a raiva.

— Não podemos carregá-la, e ela está fraca demais para se transformar.

— Então esperaremos aqui até que ela possa — disse Aelin. Mas os olhos se voltaram para a baía, onde Rolfe recebia ajuda para subir nos navios de resgate. Em seguida foram para a cidade além, que ainda comemorava.

Uma vitória; mas quase uma derrota. Os sobreviventes dos mycenianos, salvos por um de seus dragões marinhos há muito perdidos. Aelin e Lysandra tinham tecido fatos tangíveis a partir de profecias antigas.

— Eu fico — declarou Aedion. — Vá lidar com Rolfe.

De trás, o pai ofereceu:

— Posso pegar suprimentos na torre de vigia.

— OK — concordou o general.

Aelin grunhiu e levantou-se, então encarou o primo antes de aceitar a mão estendida de Rowan, falando baixinho:

— Desculpe.

Aedion sabia que era um pedido sincero. Mesmo assim, não se incomodou em responder.

Lysandra gemeu, e a reverberação percorreu os joelhos de Aedion, seguindo até o estômago. O general se virou de volta para a metamorfa.

Aelin partiu sem mais despedidas.

O Leão se deteve na vegetação, mantendo-se fora da vista e da escuta conforme o Lobo observava o dragão ainda jogado sobre a praia.

Durante horas, o Lobo permaneceu ali. Enquanto a maré baixa limpava o sangue do porto. Enquanto os navios do lorde pirata lançavam quaisquer corpos inimigos restantes para o azul esmagador. Enquanto a jovem rainha retornava à cidade no coração da baía para cuidar de qualquer dano colateral.

Depois que o sol começou a se pôr, o dragão se moveu; então lentamente, reluzindo e encolhendo, a forma foi se transformando. Escamas se alisaram e viraram pele, um focinho derreteu-se de volta em um rosto humano impecável, e membros curtos se estenderam em pernas douradas. Areia cobria o corpo nu, e ela tentou se levantar, mas fracassou. O Lobo se moveu então, deslizando a túnica para cima da mulher e tomando-a nos braços.

A metamorfa não protestou, e os olhos estavam novamente fechados quando o Lobo começou a caminhar pela praia até as árvores, com a cabeça da jovem repousando sobre o peito.

O Leão permaneceu fora de vista e conteve a oferta de ajuda. Conteve as palavras que precisava dizer ao Lobo, o qual abatera uma serpente marinha com uma flecha. Tinha

apenas 24 anos e já era um mito sussurrado em acampamentos.

Os eventos daquele dia sem dúvida seriam contados em volta de fogueiras em terras onde nem mesmo o Leão caminhara durante todos os seus séculos.

O Leão observou o Lobo sumir nas árvores, seguindo para a cidade no fim da estrada arenosa, com a metamorfa inconsciente nos braços.

E o Leão se perguntou se algum dia seria mencionado naquelas histórias sussurradas — se o filho permitiria que o mundo soubesse quem o havia gerado. Ou se sequer se importaria.

# 38

A reunião com Rolfe, logo após o porto estar novamente em segurança, tinha sido rápida. Honesta.

E Aelin sabia que, se não desse o fora daquela cidade por uma ou duas horas, poderia muito bem explodir de novo.

*Toda chave tem um fecho*, dissera Deanna, um pequeno lembrete da ordem de Brannon. Usando a voz *dela*. E a chamara por aquele título... aquele título que atingira alguma nota de terror e compreensão em Aelin, tão profundamente que ela ainda tentava entender o que significava. *A Rainha Que Foi Prometida*.

Ela disparara para um trecho de praia do lado mais afastado da ilha, correndo até lá, pois precisava levar o sangue a rugir, precisava silenciar os pensamentos na cabeça.

Os passos de Rowan às suas costas foram silenciosos como a morte.

Apenas os dois tinham ido à reunião com Rolfe. Ensanguentado, ensopado, o lorde pirata os encontrara no salão principal da estalagem cujo nome tinha se tornado um lembrete permanente do navio que Aelin destruíra.

— Que *droga* foi aquela que aconteceu? — perguntara o capitão.

E ela estivera tão cansada, tão irritada e cheia de desgosto e desespero que tinha sido quase impossível estampar a arrogância.

— Quando se é abençoada por Mala, às vezes o autocontrole pode ser perdido.

— *Perdido*? Não sei sobre o que vocês, idiotas, falavam lá embaixo, mas de onde eu estava, parecia que você tinha perdido a maldita cabeça e estava prestes a disparar contra *minha* cidade.

Rowan, recostado à beira de uma mesa próxima, tinha explicado:

— Magia é algo vivo. Quando uma pessoa está imersa nela tão profundamente, lembrar-se de si mesma, de seu propósito, é um esforço. Que minha rainha tenha conseguido fazê-lo antes que fosse tarde demais é uma

proeza.

Rolfe não ficara impressionado.

— Para mim, parecia que era uma garotinha brincando com poder grande demais para que o controlasse, e apenas seu príncipe se colocando no caminho fez você decidir *não* massacrar meu povo inocente.

Aelin fechara os olhos por um segundo, e a imagem de Rowan saltando diante daquele punho de fogo lunar lampejara. Ao abri-los, deixara a hesitante determinação se dissipar para dar lugar a algo gélido e severo.

— Para *mim* — retrucara ela —, parecia que o lorde dos Piratas de baía da Caveira e o herdeiro há muito perdido dos mycenianos tinha acabado de se aliar com uma jovem rainha tão poderosa que ela poderia dizimar *cidades* se desejasse. Para mim, parecia que se tornara intocável com essa aliança, e qualquer tolo que procurasse lhe fazer mal precisaria lidar *comigo*. Então sugiro que resgate o que puder de seu precioso navio, faça luto pela dúzia de homens por cuja perda assumo responsabilidade total e cujas famílias compensarei adequadamente, e cale a maldita boca.

Aelin tinha se virado na direção da porta, com exaustão e ódio tomando conta de seus ossos.

Então Rolfe dissera atrás dela:

— Quer saber qual foi o custo deste mapa?

Ela havia parado, e Rowan olhara de um para o outro com expressão indecifrável.

Aelin dera um sorriso sarcástico por cima do ombro.

— Sua alma?

Rolfe tinha soltado uma gargalhada rouca.

— Sim... de certa forma. Quando eu tinha 16 anos, mal passava de um escravo em um desses navios pútridos, pois a ascendência myceniana era apenas um passaporte para uma surra. — Ele apoiara a mão tatuada sobre as letras do *Destruidor*. — Cada moeda que eu ganhava voltava para cá, para minha mãe e minha irmã. E um dia o navio em que eu estava foi pego por uma tempestade. O capitão era um desgraçado teimoso, que se recusou a procurar um porto seguro, então o navio foi destruído. A maior parte da tripulação se afogou. Fiquei à deriva por um dia, indo parar em uma ilha no limite do arquipélago, e, quando acordei, dei de cara com um homem me encarando. Perguntei se estava morto, e ele riu e perguntou o que eu queria para mim. Estava tão delirante que respondi que queria ser capitão, que queria ser o lorde dos Piratas de baía da Caveira e fazer com que tolos arrogantes como aquele capitão que matara meus amigos *se curvassem* diante de mim. Achei que estivesse sonhando quando ele explicou que, se me

concedesse as habilidades para fazer aquilo, haveria um preço. O que eu mais valorizava no mundo, seria dele. Eu disse que pagaria, o que quer que fosse. Não tinha posses, nenhuma riqueza, ninguém mesmo. Algumas moedas não seriam nada. O homem sorriu, então desapareceu em maresia. Acordei com a tatuagem nas mãos.

Aelin tinha esperado pela continuação.

Rolfe gesticulara com os ombros.

— Voltei para cá, encontrando navios aliados com o mapa que o estranho tatuara. Um presente de um deus... foi o que pensei. E somente ao ver os lençóis pretos sobre as janelas de meu chalé que comecei a me preocupar. E somente ao descobrir que minha mãe e minha irmã tinham usado o pouco dinheiro para contratar um esquife para me procurar... e que esse esquife havia retornado ao porto, mas elas não... percebi qual fora o preço. Foi isso que o mar reivindicou. O que *ele* reivindicou. E me deixou desalmado o suficiente para que eu me entregasse a esta cidade, a este arquipélago. — Os olhos verdes de Rolfe eram tão impiedosos quanto o Deus do Mar que o presenteara e condenara. — Foi esse o preço por meu poder. Qual será o seu, Aelin Galathynius?

Ela não tinha respondido, apenas saíra em disparada. Embora a voz de Deanna tivesse ecoado em sua mente.

*A Rainha Que Foi Prometida.*

Então, de pé ao lado da jovem naquela praia vazia, monitorando a extensão brilhante do mar conforme os resquícios do sol desapareciam, Rowan perguntou:

— Usou a chave conscientemente?

Nenhum indício de julgamento, de condenação. Apenas curiosidade... e preocupação.

— Não. Não sei o que houve — respondeu Aelin, com a voz rouca. — Em um minuto éramos nós dois... então *ela* veio.

A jovem esfregou o peito, evitando o toque da corrente dourada contra ele. A garganta se apertou quando ela olhou para aquele ponto no peito de Rowan, bem entre os músculos peitorais. Para onde seu punho apontara primeiro.

— Como pôde? — sussurrou Aelin, com um tremor percorrendo o corpo. — Como pôde se colocar na minha frente daquele jeito?

O guerreiro deu um passo mais para perto, mas não muito. O quebrar das ondas e o canto das gaivotas que iam para casa ao fim do dia preencheram o espaço entre os dois.

— Se tivesse destruído a cidade, isso teria destruído *você* e qualquer esperança de uma aliança.

As mãos da jovem começaram a tremer, então os braços, o peito, os joelhos. Chamas e cinzas cobriram a

língua de Aelin.

— Se eu tivesse o matado — sibilou ela, mas engasgou nas palavras, incapaz de terminar aquele pensamento, aquela ideia. Com a garganta queimando, Aelin fechou os olhos com força, chamas quentes ondularam ao redor. — Achei que tivesse encontrado o fundo de meu poder — admitiu a jovem, já transbordando magia, muito rápido, pouquíssimo depois de ter se esgotado. — Achei que o que tinha encontrado em Wendlyn fosse o fundo. Não fazia ideia de que tudo era apenas... uma antecâmara.

Aelin ergueu as mãos, abrindo os olhos e vendo os dedos envoltos em chamas. Escuridão se espalhava pelo mundo. Em meio ao véu dourado, azul e vermelho, ela olhou para o príncipe feérico. A rainha ergueu as mãos incandescentes impotentemente entre os dois.

— *Ela me roubou... ela* me *tomou.* E pude senti-la... pude sentir sua consciência. Era como se fosse uma aranha, esperando em uma teia durante *décadas*, sabendo que um dia eu seria forte e burra o bastante para usar minha magia e a chave juntas. Poderia muito bem ter soado um alarme para chamá-la. — O fogo de Aelin queimou mais forte, mais brilhante, e ela deixou que se acumulasse e subisse e tremeluzisse.

Um sorriso irônico e amargo.

— Parece que ela quer que tornemos a busca desse Fecho uma prioridade, se você recebeu a mensagem *duas vezes* — disse Rowan.

De fato.

— Não basta guerrear com Erawan e Maeve e fazer as vontades de Brannon e Elena? Agora preciso enfrentar os deuses bufando em meu pescoço por causa disso também?

— Talvez tenha sido um aviso, talvez Deanna desejasse mostrar como um deus não tão amigável poderia usá-la se não tomar cuidado.

— Ela gostou de cada maldito segundo daquilo. *Queria* ver o que meu poder poderia fazer, o que ela poderia fazer com meu corpo, com a chave. — As chamas queimaram mais forte, destruindo as roupas de Aelin até que se tornassem cinzas, até que ela estivesse nua, vestindo apenas o próprio fogo. — E do que me chamou... a Rainha Que Foi Prometida? Prometida quando? Para quem? Para fazer o quê? Nunca ouvi essa frase na vida, nem mesmo antes de Terrasen cair.

— Vamos descobrir. — E foi tudo o que ele disse.

— Como pode estar tão... *bem* com isso? — Brasas dispararam de Aelin, como um enxame de vaga-lumes.

A boca de Rowan se contraiu.

— Confie em mim, Aelin, não estou nada *bem* com a ideia de que você pode ser usada por aqueles desgraçados imortais. Não estou nada *bem* com a ideia de que poderia ser tomada de mim daquela forma. Se eu pudesse, caçaria Deanna e a faria pagar por isso.

— Ela é a Deusa da Caça. Você pode acabar em desvantagem. — As chamas se apaziguaram um pouco.

Um meio sorriso.

— É uma imortal arrogante. Está fadada a cometer um erro. E além disso... — Um gesto de ombros. — Tenho a irmã a meu lado. — Rowan inclinou a cabeça, observando o fogo de Aelin, seu rosto. — Talvez por isso Mala tenha surgido para mim naquela manhã, por isso tenha me dado sua bênção.

— Porque você é o único arrogante e louco o suficiente para caçar uma deusa?

O guerreiro tirou as botas, atirando-as na areia seca atrás de si.

— Porque sou o único arrogante e louco o bastante para pedir a Mala, Portadora do Fogo, que me deixe ficar com a mulher que amo.

As chamas de Aelin assumiram um dourado puro diante das palavras... daquela palavra. Então ela disse:

— Talvez seja apenas o único arrogante e louco o

suficiente para *me* amar.

Aquela máscara indecifrável se partiu.

— Essa nova dimensão de seu poder, Aelin, não muda nada. O que Deanna fez não muda nada. Ainda é jovem; seu poder ainda está crescendo. E, se esse novo poço de poder nos der a mínima vantagem contra Erawan, então agradeça à maldita escuridão por ele. Mas você e eu aprenderemos a lidar com seu poder juntos. Não enfrentará isso sozinha; não pode decidir que não merece ser amada porque tem poderes que podem salvar *e* destruir. Se começar a se ressentir desse poder... — Rowan sacudiu a cabeça. — Não acho que venceremos a guerra se seguir por esse caminho.

A jovem caminhou para as ondas que batiam e afundou até os joelhos na praia, fazendo vapor subir em torno de si em grandes nuvens de fumaça.

— Às vezes — admitiu ela, por cima da água que chiava — queria que outra pessoa pudesse travar essa guerra.

Rowan entrou na praia borbulhante, protegendo-se do calor de Aelin com a própria magia.

— Ah — disse ele, ajoelhando-se ao lado da jovem, que ainda olhava para o mar escuro. — Mas quem mais conseguiria irritar Erawan? Nunca subestime o poder dessa insuportável arrogância.

Ela riu, começando a sentir o beijo frio da água no

corpo nu.

— Pelo que me lembro, príncipe, foi essa insuportável arrogância que conquistou seu coração rabugento e imortal.

Rowan se inclinou para o fino véu de chamas que se derretia em ar doce como a noite e mordiscou o lábio inferior de Aelin. Uma mordida forte, maliciosa.

— Aí está meu Coração de Fogo.

Ela permitiu que o guerreiro a inclinasse na água e na areia para encará-lo por completo, deixou que deslizasse a boca por seu maxilar, pela curva da maçã do rosto, pela ponta da orelha feérica.

— Isto — falou Rowan, mordiscando o lóbulo da orelha de Aelin — está me tentando há meses. — A língua percorreu a ponta delicada, e as costas da jovem se arquearam. As mãos fortes nos quadris de Aelin se apertaram. — Às vezes, quando você estava dormindo a meu lado em Defesa Nebulosa, eu precisava de toda a minha concentração para *não* me aproximar e mordê-la. Mordê-la toda.

— Hmmm — murmurou Aelin, inclinando a cabeça para trás a fim de lhe dar acesso ao pescoço.

Rowan obedeceu à demanda silenciosa, lhe dando beijos e mordidas leves e sussurros no pescoço.

— Jamais tive uma mulher na praia — ronronou o

guerreiro contra a pele de Aelin, sugando carinhosamente o espaço entre o pescoço e o ombro. — E veja só, estamos longe de qualquer tipo de... danos colaterais. — Uma das mãos deslizou do quadril para acariciar as cicatrizes nas costas da jovem, a outra deslizou para a lombar, segurando-a em concha e trazendo-a por completo para ele.

Aelin espalmou as mãos sobre o peito de Rowan, puxando a camisa branca por cima da cabeça do feérico. Ondas mornas quebravam contra os dois, mas ele a segurava firme — imóvel, imperturbável.

A jovem se lembrou o suficiente de si mesma para dizer:

— Alguém pode vir nos procurar.

Rowan lhe bufou uma gargalhada contra o pescoço.

— Algo me diz — disse ele, com o hálito percorrendo a pele de Aelin — que você não se incomodaria se fôssemos descobertos. Se alguém visse o quanto planejo venerá-la por completo.

Aelin sentiu as palavras pendendo ali, sentiu o corpo pendendo ali, na beira de um penhasco. Ela engoliu em seco. Mas Rowan a pegara sempre que tinha caído — primeiro, quando afundara naquele abismo de desespero e luto; depois, quando aquele castelo se estilhaçara e Aelin mergulhara para a terra. E dessa vez, uma terceira vez... Ela não estava com medo.

Aelin o encarou, então disse clara e corajosamente, sem uma sombra de dúvida:

— Eu amo você. Estou apaixonada por você, Rowan. Já faz algum tempo. E sei que há limites para o que pode me dar, e sei que pode precisar de tempo...

Os lábios do guerreiro foram de encontro aos seus, e ele sussurrou, contra a boca de Aelin, soltando palavras mais preciosas que rubis e esmeraldas e safiras no coração e na alma da jovem:

— Eu amo você. Não há limite para o que posso dar, não preciso de tempo. Mesmo quando este mundo for um sussurro de terra esquecido em meio às estrelas, amarei você.

Aelin não sabia quando tinha começado a chorar, quando o corpo começara a tremer com a força daquilo. Jamais dissera tais palavras... para ninguém. Nunca se permitira ser tão vulnerável, nunca sentira aquela *coisa* incandescente e infinita, que a consumia tanto que ela poderia morrer com aquela força.

Rowan se afastou, limpando suas lágrimas com os polegares, uma após a outra, e falou, baixinho, quase inaudível sobre o quebrar das ondas em volta dos dois:

— Coração de Fogo.

Ela fungou para segurar as lágrimas.

— Busardo.

O guerreiro rugiu uma gargalhada, e Aelin permitiu que ele a deitasse na areia com um carinho próximo de reverência. O peito escultural se inflou levemente quando ele percorreu o corpo nu de Aelin com os olhos.

— Você... é tão linda.

Ela sabia que ele não falava só da pele e das curvas e dos ossos.

Mas sorriu mesmo assim.

— Eu sei — respondeu Aelin, erguendo os braços acima da cabeça e apoiando o Amuleto de Orynth em uma parte segura e alta da praia. Os dedos se enterraram na areia fofa, então a jovem arqueou as costas lentamente.

Rowan acompanhou cada movimento, cada lampejo de músculo e pele. Quando o olhar se deteve nos seios de Aelin, reluzentes devido à água do mar, a expressão se tornou faminta.

Em seguida o olhar desceu. Indo mais baixo. Parando no alto das coxas enquanto os olhos brilhavam. Então Aelin perguntou:

— Vai ficar aí babando a noite toda?

A boca de Rowan se abriu levemente, a respiração breve, indicando com o corpo precisamente onde aquilo terminaria.

Um vento fantasma sibilou pelas palmeiras, sussurrou

sobre a areia. A magia de Aelin formigou quando sentiu, mais que viu, o escudo de Rowan se posicionar em volta de ambos. Ela também lançou seu poder acima do escudo, batendo e tocando a defesa com faíscas de chamas.

Os caninos de Rowan reluziram.

— Nada vai ultrapassar este escudo. E nada vai me ferir também.

Algum aperto no peito de Aelin se aliviou.

— É tão diferente assim? Com alguém como eu.

— Não sei — admitiu o guerreiro. De novo, os olhos percorreram o corpo de Aelin, como se conseguisse ver através da pele, até o coração incandescente por baixo. — Nunca estive com... uma igual. Nunca permiti me libertar dessa forma.

Cada gota de poder que Aelin jogava contra ele, era devolvida. Ela se apoiou sobre os cotovelos, levando a boca à nova cicatriz no ombro do feérico, o ferimento era pequeno e irregular — da largura da cabeça de uma flecha. Aelin o beijou uma vez, duas.

O corpo de Rowan estava tão tenso sobre o dela que Aelin achou que os músculos iriam se partir. Mas as mãos dele suavemente percorreram suas costas, acariciando as cicatrizes e as tatuagens que ele fizera.

As ondas faziam cócegas e afagavam, e o guerreiro fez

menção de parar sobre Aelin, mas ela levou a mão ao peito dele... segurando-o. A jovem sorriu contra a boca de Rowan.

— Se somos iguais, então não entendo por que você ainda está vestido.

Sem lhe dar a chance de explicar, ela percorreu a língua sobre a linha dos lábios do feérico enquanto abria com os dedos a fivela do cinto de espadas desgastado. Aelin não tinha certeza se Rowan estava respirando.

E apenas para ver o que ele faria, a jovem o apalpou por cima da calça.

O feérico soltou um xingamento.

Ela riu baixinho, beijou sua mais nova cicatriz de novo e percorreu com o dedo para baixo, preguiçosamente, indolentemente, encarando-o a cada centímetro que tocava.

E, quando apoiou a palma da mão aberta sobre Rowan mais uma vez, ela disse:

— Você é meu.

Rowan recomeçou a respirar, uma respiração tão irregular e selvagem quanto as ondas que quebravam em volta. Aelin lhe abriu o primeiro botão da calça.

— Sou seu — grunhiu ele.

Outro botão se abriu.

— E me ama — disse Aelin. Não como uma pergunta.

— Até o fim — sussurrou Rowan.

Ela abriu o terceiro e último botão, então o feérico a deixou para jogar a calça na areia próxima, tirando a roupa de baixo também. A boca de Aelin ficou seca ao absorver a vista.

Rowan fora criado e aperfeiçoado para a batalha, portanto, cada centímetro pertencia a um guerreiro de puro sangue.

Era a coisa mais linda que Aelin já vira. Dela; Rowan era *dela*, e...

— Você é minha — sussurrou ele, e Aelin sentiu a reivindicação nos ossos, na alma.

— Sou sua — respondeu ela.

— E me ama. — Havia tanta esperança e alegria silenciosa nos olhos do feérico, por baixo de toda aquela selvageria.

— Até o fim. — Por tempo demais, por tempo demais ele estivera sozinho e errante. Não mais.

Rowan a beijou de novo. Devagar. Com carinho. Uma das mãos deslizou para a parte lisa do torso de Aelin enquanto ele abaixava o corpo sobre ela, os lábios se aninhando contra os dela. A jovem arquejou um pouco ao toque, arquejou mais um pouco quando o nó do dedo de Rowan roçou a parte inferior pesada e desejosa de seu seio, quando ele se abaixou para beijar o outro seio.

Os dentes lhe roçaram o mamilo, e Aelin fechou os olhos devagar, deixando escapulir um gemido.

Pelos deuses. Deuses incandescentes e malditos. Rowan sabia o que estava fazendo; sabia mesmo, de verdade.

A língua de Rowan se agitou contra o mamilo, e ela jogou a cabeça para trás, cravando os dedos nos ombros do guerreiro, incitando-o a fazer mais, a fazer *com mais força*.

Rowan grunhiu em aprovação, ainda com a boca e a língua sobre o seio enquanto a mão formava carícias preguiçosas nas costelas da jovem até a cintura, seguindo para as coxas e então de volta para cima. Aelin arqueou o corpo em uma exigência silenciosa...

Um toque fantasma, como se o vento do norte tomasse forma, percorreu o seio exposto.

Ela se incendiou.

Rowan deu uma risada sombria diante dos tons vermelhos, dourados e azuis que irromperam em volta dos dois, ateando fogo às palmeiras que se erguiam no limite da praia conforme as ondas quebravam atrás dele. Aelin poderia ter entrado em pânico, poderia ter morrido de vergonha caso o príncipe feérico não tivesse levado a boca à sua, caso aquelas mãos fantasmas de vento beijado pelo gelo não tivessem continuado sobre seus seios, caso a mão do próprio guerreiro não tivesse seguido com a carícia, mais e mais

perto de onde Aelin precisava.

— Você é magnífica — murmurou Rowan contra os lábios da jovem, deslizando a língua para dentro da boca.

O membro firme se pressionou contra Aelin, e ela impulsionou os quadris, precisando esfregar o corpo contra Rowan, fazer qualquer coisa para apaziguar o desejo que se acumulava entre as pernas. O feérico gemeu, e ela se perguntou se haveria outro macho no mundo que ficaria tão nu e ereto com uma mulher em chamas, sem olhar para aquelas chamas com um pingo de medo.

Aelin deslizou a mão entre os dois, e ao fechar os dedos em torno dele, maravilhando-se diante do aço envolto em veludo, Rowan gemeu de novo, impulsionando o corpo contra a mão da jovem. Ela afastou a boca da dele e encarou aqueles olhos verde-pinho quando percorreu a mão pelo corpo de Rowan. Ele abaixou a cabeça... não para beijá-la, mas para observar a carícia.

Um vento furioso, cheio de gelo e neve, soprou em volta de ambos. E foi a vez de Aelin segurar uma risada. Então Rowan lhe pegou o pulso, afastando sua mão dali. Ela abriu a boca em protesto, querendo tocar mais, *degustar* mais.

— Me deixe — pediu ele, contra a pele entre os seios de Aelin, então escorregadia por causa do mar. — Me deixe tocá-la. — A voz estava tão trêmula que ela ergueu o queixo

do feérico com o polegar e o indicador.

Um lampejo de medo e de alívio brilhou sob a luxúria reluzente. Como se fazer aquilo, como se a tocar, fosse tanto para lembrar a Rowan que Aelin sobrevivera ao dia, que estava segura, quanto para dar prazer a ela. A jovem ergueu o corpo, roçando a boca contra a do feérico.

— Faça seu pior, príncipe.

O sorriso de Rowan era pura malícia quando ele se afastou e percorreu com uma das mãos grandes desde o pescoço até a linha que unia as coxas de Aelin. Ela estremeceu sob a sensação de pura posse do toque; o fôlego vinha como um ofegar contido conforme o guerreiro segurava cada uma das coxas de Aelin e afastava suas pernas, expondo-a totalmente para ele.

Outra onda quebrou, esparramando-se em torno deles, a água fria era como mil beijos ao longo da pele. Rowan beijou o umbigo da jovem, então o quadril.

Aelin não conseguia tirar os olhos dos cabelos prateados do guerreiro, que brilhavam com água salgada e luar, nem das mãos que a seguravam aberta para ele conforme a cabeça mergulhava entre suas pernas.

E, quando Rowan a provou naquela praia, quando riu contra a pele úmida enquanto gritos roucos que diziam seu nome irrompiam por palmeiras e areia e água, Aelin se

desvencilhou de toda intenção de ser nacional.

Ela se moveu, ondulando os quadris, implorando a Rowan para *ir, ir, ir*. Então o guerreiro foi, deslizando um dedo para dentro dela conforme movia a língua sobre um ponto em particular, e, pelos deuses, ela explodiria em fogo estelar...

— Aelin — grunhiu Rowan, o nome dela era uma súplica.

— Por favor — gemeu ela. — *Por favor*.

A palavra o desfez. Ele se levantou sobre ela de novo, e Aelin soltou um som que poderia ter sido um soluço, poderia ter sido o nome do príncipe.

Então Rowan apoiou uma mão na areia ao lado da cabeça dela, com os dedos se entrelaçando aos cabelos de Aelin, enquanto a outra o levava para dentro da jovem. Ao primeiro toque, ela se esqueceu do próprio nome. E conforme ele deslizou com impulsos carinhosos e rítmicos, preenchendo-a centímetro a centímetro, Aelin se esqueceu de que era rainha e tinha um corpo próprio e um reino e um mundo de que cuidar.

Quando o feérico se posicionou profundamente nela, trêmulo ao se conter para que Aelin se ajustasse, ela ergueu as mãos incandescentes até o rosto do feérico, com vento e gelo rodopiando e rugindo em volta dos dois, dançando

sobre as ondas com laços de chamas. Não havia palavras nos olhos de Rowan, e não havia nos dela também.

Palavras não faziam justiça àquilo. Em língua alguma, em mundo algum.

Rowan se inclinou para a frente, reivindicando a boca de Aelin conforme começava a se mover, e os dois se libertaram completamente.

Talvez ela estivesse chorando, ou talvez fossem as lágrimas dele no rosto dela, tornando-se vapor em meio às chamas.

Aelin arrastou as mãos pelas costas poderosas e musculosas, sobre cicatrizes de batalhas e terrores há muito passados. E, conforme os impulsos se tornaram mais profundos, ela enterrou os dedos, arrastando as unhas pelas costas de Rowan, reivindicando-o, marcando-o. Os quadris dele se chocaram contra ela diante do sangue tirado, e ela arqueou o corpo, expondo o pescoço para ele. Para ele... apenas ele.

A magia de Rowan se tornou selvagem, embora a boca no pescoço de Aelin fosse cuidadosa, mesmo ao arrastar os caninos pela pele da rainha. E ao toque daqueles dentes letais, da morte que pairava próxima e das mãos que sempre seriam gentis com ela, que sempre a amariam...

O êxtase irrompeu pelo corpo de Aelin, como fogo

selvagem. E, embora ela não conseguisse se lembrar do próprio nome, lembrou-se do nome de Rowan, gritando-o enquanto ele continuava se movendo, extraindo cada última gota de prazer dela, com o fogo queimando a areia em torno do casal e transformando-a em vidro.

Diante daquela visão, o êxtase do próprio Rowan lhe percorreu o corpo, e o guerreiro gemeu o nome de Aelin para que ela se lembrasse dele, por fim, enquanto relâmpago se unia ao vento e ao gelo sobre a água.

Aelin segurou o corpo de Rowan naquele momento, lançando a opala de fogo da própria magia para se entrelaçar ao poder do feérico. Mais e mais, conforme Rowan se derramava dentro dela, relâmpago e chamas dançavam no mar.

O relâmpago continuou a cair, silencioso e delicioso, mesmo depois do feérico se acalmar. Os sons do mundo retornaram como uma torrente; a respiração dele estava tão irregular quanto o chiado das ondas que quebravam enquanto Rowan dava beijos preguiçosos na têmpora, no nariz e na boca de Aelin. Ela afastou os olhos da beleza da magia dos dois, da beleza *de ambos,* e encontrou no rosto de Rowan a maior beleza de todas.

A jovem tremia — assim como ele, que ainda permanecia em Aelin. Rowan enterrou o rosto na curva

entre o pescoço e ombro da jovem, aquecendo a pele com a respiração irregular.

— Eu nunca... — Ele tentou falar, mas a voz estava rouca. — Não sabia que podia ser...

Aelin percorreu as costas cobertas de cicatrizes com os dedos, de novo e de novo.

— Eu sei — sussurrou ela. — Eu sei.

Aelin já queria mais, já estava calculando quanto tempo precisaria esperar.

— Certa vez você me disse que não se deve morder as mulheres de outros homens. — Rowan enrijeceu um pouco o corpo, mas Aelin continuou, tímida: — Isso quer dizer... que morde a própria fêmea, então?

Compreensão lampejou naqueles olhos verdes quando ele ergueu a cabeça do pescoço de Aelin para estudar o local em que aqueles caninos certa vez a perfuraram.

— Foi a primeira vez que realmente perdi o controle perto de você, sabia? Queria atirar você de um penhasco, mas a mordi antes que soubesse o que estava fazendo. Acho que meu corpo sabia, minha magia sabia. E seu gosto... — Rowan deu um suspiro entrecortado. — Era tão bom. Odiei você por isso. Não conseguia parar de pensar nele. Acordava à noite com aquele gosto na língua, acordava pensando em sua boca suja e linda. — Ele traçou os lábios de Aelin com o

polegar. — Nem queira saber as coisas depravadas que pensei a respeito desta boca.

— Hmmm, igualmente, mas não respondeu minha pergunta — disse Aelin conforme contorcia os dedos dos pés na areia úmida e na água morna.

— Sim — confirmou Rowan, diretamente. — Alguns machos gostam de fazer isso. Para marcar território, por prazer...

— Fêmeas mordem machos?

Ele começou a se enrijecer de novo dentro de Aelin quando a pergunta pairou no ar. Pelos deuses... amantes feéricos. Todos deviam ter a bendita sorte de ter um. Rowan indagou, rouco:

— *Quer* me morder?

Aelin olhou para o pescoço dele, para aquele corpo glorioso e para o rosto que certa vez odiara tão ferozmente. E se perguntou se seria possível amar tanto alguém, a ponto de morrer disso. Se seria possível amar alguém tanto a ponto do tempo e da distância e da morte não terem importância.

— Tenho de ficar no pescoço?

Os olhos de Rowan se incendiaram, e o impulso de resposta bastou.

Eles se moveram juntos, ondulando como o mar adiante, e, quando o guerreiro rugiu o nome dela de novo

contra o negro salpicado de estrelas, Aelin esperou que os próprios deuses tivessem ouvido e soubessem que seus dias estavam contados.

# 39

Rowan não sabia se deveria se sentir alegre, empolgado ou levemente apavorado por ter sido abençoado com uma rainha e amante que se importava tão pouco com decência pública. Eles se amaram três vezes naquela praia — duas vezes na areia e uma terceira na água morna. Mesmo assim, o sangue do guerreiro ainda estava eletrizado. Mesmo assim, queria mais.

Os dois tinham nadado na parte rasa para lavar a areia que os envolvia, então Aelin entrelaçara as pernas na cintura de Rowan, beijara o pescoço e lambera a orelha do príncipe da forma como ele mordiscara a dela, levando-o a enterrar-se de novo dentro de si. Ela sabia por que o guerreiro precisava do contato, por que precisava sentir o gosto dela na língua, assim como com o resto do corpo. Aelin precisava

do mesmo.

Rowan ainda precisava daquilo. Quando terminaram da primeira vez, ele ficara se recompondo, para recuperar a sanidade depois da união que... o levara ao êxtase. Que o quebrara e reconstruíra. A magia do feérico era uma canção, e Aelin fora...

Ele jamais tivera nada como aquilo. Tudo que dera a Aelin fora devolvido. E quando ela o mordera durante aquela segunda união na areia... A magia de Rowan deixara seis palmeiras próximas em farpas conforme ele atingira o clímax com tanta força que chegara a achar que o corpo fosse se despedaçar.

Então, ao terminarem, quando Aelin de fato fizera menção de caminhar de volta até baía da Caveira usando nada além das chamas, ele lhe dera a camisa e o cinto. O que fizeram pouco para cobri-la, principalmente aquelas lindas pernas, mas pelo menos daquele jeito era menos provável que iniciasse um tumulto.

Mas por pouco. E seria óbvio o que tinham feito na praia assim que chegassem ao alcance do olfato de qualquer um com sentidos sobrenaturais.

Rowan a marcara; com mais força que o cheiro que a envolvera antes. Marcara profunda e verdadeiramente, e não tinha como desfazer aquilo, não havia como lavar para que

saísse. Aelin o reivindicara, e Rowan a reivindicara, sabendo que ela estava bem ciente do que aquela reivindicação significava — assim como ele sabia... Sabia que tinha sido uma escolha da jovem. Uma decisão final relacionada à questão de quem estaria no leito real.

O guerreiro tentaria corresponder àquela honra — tentaria encontrar *algum* modo de provar que merecia aquilo. Que Aelin não tinha apostado no cavalo errado. De alguma forma. Conquistaria aquilo. Mesmo com tão pouco a oferecer além da magia e do coração.

Mas ele também conhecia sua rainha. E sabia que, apesar da imensidão do que tinham feito, Aelin também o mantivera naquela praia para evitar os demais. Para evitar responder às perguntas e às exigências de todos. Contudo, só de colocar um pé dentro da Rosa do Oceano e ver a luz no quarto de Aedion, Rowan já sabia que os amigos não seriam contidos tão facilmente.

De fato, Aelin olhava para a luz com uma expressão de irritação — embora preocupação rapidamente a tivesse substituído ao se lembrar da metamorfa que estivera completamente inconsciente mais cedo. Com pés descalços e silenciosos, tanto nas escadas quanto no corredor, ela correu para o quarto, sem se incomodar em bater antes de escancarar a porta.

Rowan expirou profundamente, tentando usar a magia para acalmar o fogo que ainda ardia em seu sangue. Para acalmar os instintos que rugiam e se debatiam dentro de si. Não devido ao desejo por Aelin, mas sim de eliminar qualquer outra ameaça.

Um momento perigoso, para qualquer macho feérico, quando tomavam um amante pela primeira vez. Pior quando significava algo mais.

Dorian e Aedion estavam sentados nas duas poltronas diante da lareira apagada, braços cruzados.

E o rosto do primo empalidecera com o que poderia ter sido terror quando sentiu o cheiro de Aelin; as marcas visíveis e invisíveis nos dois.

Lysandra estava sentada na cama, com a expressão drenada, mas os olhos se semicerraram para a amiga, e ela ronronou:

— Aproveitou o passeio?

Aedion não ousou se mover e deu um olhar de aviso a Dorian para que fizesse o mesmo. Rowan conteve o ódio ao ver os outros machos próximos de sua rainha, lembrando-se de que eram amigos, mas...

Aquele ódio primordial hesitou quando o guerreiro sentiu o alívio trêmulo de Aelin ao descobrir a metamorfa quase completamente curada e lúcida. A rainha apenas deu

de ombros.

— Não é para isso que servem todos esses machos feéricos?

Rowan ergueu as sobrancelhas, rindo ao debater se lembrava a ela de como Aelin tinha implorado enquanto estiveram juntos, como dissera palavras como *por favor* e *pelos deuses* e então mais alguns *por favor* atirados por educação. Ele ia se divertir ao lhe tirar aqueles bons modos quase nunca vistos outras vezes.

Aelin lançou um olhar de raiva para Rowan, desafiando-o a dizer aquilo. E apesar de ter acabado de tomá-la, apesar de ainda lhe sentir o gosto, o guerreiro sabia que, quando quer que caíssem na cama, Aelin não teria descanso.

Cor manchou as bochechas da jovem, como se visse os planos de Rowan se desdobrando, mas então ela ergueu o amuleto ao redor do pescoço, apoiou-o na mesa baixa entre Aedion e Dorian, e falou:

— Descobri que isso era a terceira chave de Wyrd quando ainda estava em Wendlyn.

Silêncio.

Em seguida, como se não tivesse destruído qualquer senso de segurança que ainda possuíam, Aelin sacou o Olho de Elena desgastado da bolsa, atirando-o uma vez no ar, e indicou o rei de Adarlan com o queixo.

— Acho que está na hora de conhecer sua ancestral.



Dorian ouviu a história de Aelin.

Sobre a chave de Wyrd que carregara secretamente, sobre o que acontecera na baía, sobre como enganara Lorcan e como aquilo por fim o levaria de volta até eles — ela esperava que com as outras duas chaves em mãos. E, com sorte, já teriam encontrado aquele Fecho que Aelin fora duas vezes ordenada a recuperar do pântano de Pedra; a única coisa capaz de unir as chaves de Wyrd de volta ao portão do qual foram escavadas e acabar com a ameaça de Erawan para sempre.

Nenhum número de aliados faria diferença se o Rei Sombrio não fosse impedido de usar aquelas chaves e libertar suas hordas valg sobre Erilea. A posse de duas chaves já levara àquela escuridão. Se Erawan obtivesse a terceira e dominasse o portão de Wyrd, podendo abri-lo para qualquer mundo que quisesse e o usasse a fim de conjurar qualquer exército desbravador... Precisavam encontrar aquele Fecho e anular as chaves.

Quando terminou, Aedion fervilhava silenciosamente, Lysandra franzia a testa e a própria Aelin apagava as velas no

quarto com um gesto curto das mãos. Dois volumes enormes e antigos, retirados das bolsas de sela entulhadas de seu primo, estavam abertos na mesa. Ele conhecia os livros; não fazia ideia de que Aelin os pegara de Forte da Fenda. O metal retorcido do amuleto do Olho de Elena fora apoiado sobre um dos livros enquanto Aelin verificava de novo as marcas em uma página manchada pelo tempo.

A escuridão caiu quando ela usou o próprio sangue para entalhar aquelas marcas no piso de madeira.

— Parece que nossa conta de danos à cidade vai aumentar — murmurou Lysandra.

Aelin riu com escárnio.

— Podemos mover o tapete para cobrir. — Ela terminou de fazer a marca; uma marca de Wyrd, percebeu Dorian, com um calafrio, ao recuar um passo e pegar o Olho do punho de Aelin.

— E agora? — indagou Aedion.

— Agora ficamos de boca fechada — respondeu Aelin, com meiguice.

O luar se espalhou pelo chão, devorado pelas linhas escuras que haviam sido gravadas. Ela foi até a beira da cama onde Rowan estava sentado, ainda sem camisa graças à rainha que no momento *vestia* sua camisa, e se colocou ao lado do príncipe feérico, pousando a mão em seu joelho.

Lysandra foi a primeira notar.

Ela se sentou na cama, e os olhos verdes brilharam com uma força animal quando o luar refletido nas marcas de sangue pareceu reluzir. Aelin e Rowan ficaram de pé. Dorian apenas encarou as marcas, a lua, os raios de luar que entravam pelas portas abertas da sacada.

Como se a própria luz fosse um portal, o feixe de luar se tornou uma figura humanoide.

Ela tremeluziu; a forma mal estava ali, como uma criatura de sonhos.

Os pelos se arrepiaram no braço de Dorian, que teve o bom senso de sair da cadeira e se ajoelhar, fazendo uma reverência com a cabeça.

Foi o único que o fez. O único, percebeu ele, que falara com o parceiro de Elena, Gavin. Havia muito tempo — uma vida atrás. O rapaz tentou não considerar o que significava o fato de ele ainda carregar a espada de Gavin, Damaris. Aelin não a pedira de volta... e não parecia que o faria.

Uma voz feminina abafada, como se chamasse de muito longe, estremecia e se dissipava com a imagem.

— Muito... longe — disse uma voz jovem e suave.

Aelin deu um passo à frente e fechou os antigos livros de feitiços antes de os empilhar com um ruído alto.

— Bem, Forte da Fenda não está exatamente disponível, e sua tumba está destruída, então, *azar*.

A cabeça de Dorian se ergueu, olhando entre a figura tremeluzente do luar e a jovem rainha de carne e osso.

O corpo mal delineado de Elena sumiu e ressurgiu, como se o próprio vento a tivesse perturbado.

— Não posso... segurar...

— Então serei rápida. — A voz de Aelin estava afiada como uma lâmina. — Chega de jogos. Chega de meias-verdades. *Por que* Deanna apareceu hoje? Já entendi: encontrar o Fecho é importante. Mas *o que* é o objeto? E me diga o que ela quis dizer ao me chamar de Rainha Que Foi Prometida.

Como se as palavras tivessem atingido a rainha morta feito um relâmpago, a ancestral de Dorian surgiu, totalmente corpórea.

Ela era linda: o rosto era jovem e sério, os cabelos longos e branco-prateados — como os de Manon — e os olhos... De um azul espantoso e deslumbrante. Ela os fixou nele, com o vestido pálido oscilando em uma brisa fantasma.

— Levante-se, jovem rei.

Aelin riu com escárnio.

— Podemos não jogar o jogo do "espírito antigo mais

sagrado”?

Mas Elena observou Rowan e Aedion conforme o pescoço fino e branco ondulou.

E Aelin, pelos deuses, estalou os dedos para a rainha — uma vez, duas —, atraindo a atenção de volta para si.

— Oi, Elena — chamou a jovem. — Que bom vê-la. Quanto tempo, hein? Se importa de responder algumas perguntas?

Irritação tremeluziu nos olhos da rainha morta. Ainda assim, o queixo de Elena permaneceu alto, e os ombros finos, esticados.

— Não tenho muito tempo. É difícil demais manter a conexão tão longe de Forte da Fenda.

— Que surpresa.

As duas rainhas se encararam.

Elena, maldito Wyrd, cedeu primeiro.

— Deanna é uma deusa. Ela não tem regras e morais e códigos como nós. *Tempo* não existe para ela da forma como existe para nós. Você deixou que magia tocasse a chave, a chave abriu uma porta, e Deanna por acaso observava naquele exato momento. O fato de ela sequer ter falado com você é uma dádiva. O fato de você a ter expulsado antes que ela estivesse pronta... Esse insulto não será esquecido tão cedo, *Majestade*.

— Ela pode entrar na fila — retrucou Aelin.

Elena balançou a cabeça.

— Há... há tanto que não consegui lhe contar.

— Como o fato de que você e Gavin jamais mataram Erawan, mentiram para todos a respeito disso e o deixaram para que lidássemos com ele?

Dorian arriscou olhar para Aedion, mas sua expressão parecia severa, calculista, sempre o general... fixo na rainha morta que estava de pé naquele quarto com eles. Lysandra; Lysandra tinha sumido.

Não, tinha se transformado em leopardo-fantasma, furtivamente indo para as sombras. A mão de Rowan estava sobre a espada, embora a magia de Dorian tivesse varrido o quarto e percebido que a arma seria a distração física do golpe mágico que seria aplicado em Elena caso ela sequer olhasse diferente para Aelin. De fato, havia um escudo duro de ar entre as duas rainhas naquele momento... que selava o quarto também.

Elena sacudiu a cabeça, e os cabelos prateados oscilaram.

— Você deveria ter recuperado as chaves de Wyrd antes que Erawan chegasse tão longe.

— Bem, não recuperei — disparou Aelin. — Perdoe-me se você não foi totalmente *clara* em suas direções.

— Não tenho tempo de explicar, mas saiba que era a

única escolha — replicou Elena. — Para nos salvar, para salvar Erilea, era a única escolha que eu podia fazer. — E apesar de toda a tensão entre as duas, a rainha expôs as palmas das mãos para Aelin. — Deanna e meu pai disseram a verdade. Achei... Achei que estivesse quebrado, mas... se disseram a você para encontrar o Fecho... — Ela mordeu o lábio.

— Brannon disse para ir ao pântano de Pedra de Eyllwe para encontrar o Fecho. *Onde,* precisamente, no pântano? — indagou Aelin.

— Um dia uma grandiosa cidade existiu no coração do pântano — sussurrou Elena. — Está agora meio submersa nas planícies. No templo em seu centro, dispusemos os resquícios do Fecho. Eu não... Meu pai obteve o Fecho a um preço terrível. O preço... do corpo de minha mãe, de sua vida mortal. Um Fecho para as chaves de Wyrd, para selar o portão e trancar as chaves dentro dele para sempre. Não tinha entendido qual era seu propósito; meu pai jamais me contou sobre isso até ser tarde demais. Tudo que eu sabia era que o Fecho só poderia ser usado uma vez, o poder era capaz de selar *qualquer* coisa que quiséssemos. Então eu o roubei. Usei para mim, para meu povo. Estou pagando por esse crime desde então.

— Usou o Fecho para selar Erawan na própria tumba —

disse Aelin, baixinho.

A súplica se dissipou do rosto de Elena.

— Meus amigos morreram no vale das montanhas Negras naquele dia para que eu tivesse a chance de impedi-lo. Ouvi seus gritos, mesmo no coração do acampamento de Erawan. Não pedirei desculpas por tentar acabar com o massacre para que os sobreviventes pudessem ter um futuro. Para que *você* pudesse ter um futuro.

— Então usou o Fecho e depois o atirou em uma ruína?

— Nós o colocamos dentro da cidade sagrada na planície, para ser uma celebração das vidas perdidas. Mas um grande cataclismo agitou a terra décadas depois... e a cidade afundou, a água do pântano inundou tudo, e o Fecho foi esquecido. Ninguém jamais o recuperou. O poder já tinha sido usado. Era apenas um pedaço de metal e vidro.

— E agora não é?

— Se tanto meu pai quanto Deanna o mencionaram, deve ser vital para acabar com Erawan.

— Perdoe-me se não confio na palavra de uma deusa que tentou me usar como uma marionete para explodir esta cidade até que virasse caquinhos.

— Os métodos de Deanna são oblíquos, mas provavelmente não quis lhe fazer mal...

— Mentira.

Elena tremeluziu de novo.

— Vá para o pântano de Pedra. Encontre o Fecho.

— Eu disse a Brannon e direi a você: temos assuntos mais urgentes no momento...

— Minha mãe *morreu* para forjar aquele Fecho — disparou a rainha, os olhos incandescentes. — Ela entregou o corpo mortal para que meu pai pudesse forjar o Fecho. Fui eu quem quebrou a promessa de como ele deveria ser usado.

Aelin piscou, e Dorian se perguntou se não deveria ficar realmente preocupado, pois até mesmo sua amiga estava sem palavras. Então a jovem sussurrou:

— Quem era sua mãe?

O jovem rei vasculhou a memória, todas as lições de história sobre a própria casa real, mas não conseguiu se lembrar.

Elena fez um som que poderia ter sido um soluço, a imagem se dissipou em teias e luar.

— Ela que mais amou meu pai. Ela que o abençoou com dons tão poderosos e, então, se prendeu em um corpo mortal e ofereceu a ele o dom do próprio coração.

Os braços de Aelin ficaram inertes ao lado do corpo.

— Merda — soltou Aedion.

Elena deu um riso sem humor ao dizer para Aelin:

— Por que acha que queima tão forte? Não é apenas o

sangue de Brannon em suas veias. Mas o de Mala.

— Mala, Portadora do Fogo, era sua mãe — sussurrou Aelin.

Elena já havia sumido.

— Sinceramente, é um milagre que vocês duas não tenham se matado — falou o general.

Dorian não se incomodou em corrigi-lo, dizendo que era tecnicamente impossível, pois uma delas já estava morta. Em vez disso, considerou tudo que a rainha dissera e exigira. Rowan, permanecendo em silêncio, parecia fazer o mesmo. Lysandra farejou as marcas de sangue, como se as testasse para descobrir quaisquer resquícios da antiga rainha.

Aelin encarou as portas abertas da sacada, com os olhos semicerrados e a boca formando uma linha fina. Ela abriu o punho e examinou o Olho de Elena, ainda na palma da mão.

O relógio soou uma da manhã. Devagar, a jovem se voltou para eles. Para ele.

— O sangue de Mala está em nossas veias — disse ela, rouca, os dedos fechando em torno do Olho antes de o colocar no bolso da camisa.

Dorian piscou, percebendo que de fato estava. Que talvez ambos fossem tão consideravelmente dotados por causa disso. O rapaz perguntou a Rowan, afinal ele poderia ter ouvido ou testemunhado algo em todas as viagens que

fizera:

— É realmente possível... que um deus se torne mortal assim?

O guerreiro, que estivera observando Aelin um pouco cauteloso, se virou para Dorian.

— Nunca ouvi falar de tal coisa. Mas... Feéricos já abriram mão da imortalidade para unir as vidas àquelas dos parceiros mortais. — O jovem rei teve a sensação de que Aelin deliberadamente examinava uma mancha na camisa. — É certamente possível que Mala tenha encontrado uma forma de fazê-lo.

— Não é apenas possível — murmurou Aelin. — Ela *fez* isso. Aquele... poço de poder que descobri hoje... Era da própria Mala. Elena pode ser muitas coisas, mas não mentia quanto a isso.

Lysandra voltou à forma humana, cambaleando a ponto de ter de se apoiar na cama antes que Aedion pudesse se mover para equilibrá-la.

— Então o que fazemos agora? — perguntou ela, com a voz grave. — A frota de Erawan ocupa o golfo de Oro; Maeve veleja para Eyllwe. Mas nenhum dos dois sabe que nós possuímos essa chave de Wyrd, ou que esse Fecho existe... e que está exatamente entre suas forças.

Por um segundo, Dorian se sentiu como um tolo inútil

conforme todos, inclusive ele, olharam para Aelin. Ele era o rei de Adarlan, lembrou-se a si mesmo. Em grau de igualdade com ela. Mesmo que as terras e o povo lhe tivessem sido roubados, que a capital tivesse sido capturada.

Aelin esfregou os olhos com o polegar e o indicador, soltando um suspiro longo.

— Odeio muito, muito mesmo essa velha tagarela. — Ela ergueu a cabeça, observando todos, e disse, simplesmente: — Velejamos para o pântano de Pedra de manhã para procurar o tal Fecho.

— E Rolfe e os mycenianos? — perguntou Aedion.

— Ele pode levar metade da frota para encontrar o restante dos mycenianos, onde quer que estejam escondidos. Então poderá velejar com todos para o norte, para Terrasen.

— Forte da Fenda está no meio do caminho, com serpentes aladas patrulhando a cidade — replicou o general. — E esse plano depende de podermos *realmente* confiar em Rolfe para cumprir a promessa.

— Rolfe sabe ficar fora do alcance — disse Rowan. — Não temos muita escolha a não ser confiar nele. E ele honrou a promessa que fez a Aelin com relação aos escravos dois anos e meio atrás. — Sem dúvida por isso ela o fizera confirmar aquilo tão insistentemente.

— E a outra metade da frota de Rolfe? — insistiu

Aedion.

— Uma parte fica para guardar o arquipélago — respondeu Aelin. — E outra vem conosco para Eyllwe.

— Não pode enfrentar a armada de Maeve com uma fração da frota de Rolfe — comentou seu primo, cruzando os braços. Dorian conteve a vontade de concordar, deixando o general sozinho. — Muito menos as forças de Morath.

— Não vou até lá comprar briga.

Foi tudo que Aelin disse. E foi isso.

Eles se dispersaram; Aelin e Rowan saíram para o próprio quarto.

Dorian permaneceu acordado, mesmo quando a respiração dos companheiros se tornou pesada e lenta. Ele remoeu cada palavra que Elena havia proferido, remoeu aquela aparição distante de Gavin, que o acordara a fim de impedir a abertura do portal por Aelin. Talvez Gavin tivesse feito aquilo não para poupar Aelin da condenação, mas sim evitar que deuses de olhos frios, à espreita, a tomassem, como fizera Deanna naquele dia.

Dorian afastou a especulação, decidindo analisá-la quando estivesse menos inclinado a chegar a conclusões precipitadas. Mas os fios estavam dispostos em uma trama em sua mente, em tons de vermelho e verde e dourado e azul, reluzindo e latejando, sussurrando segredos em línguas

não faladas naquele mundo.



Uma hora depois do alvorecer, eles partiram de baía da Caveira no navio mais rápido emprestado por Rolfe. O lorde pirata não se incomodou em se despedir, já preocupado em preparar a própria frota, antes que saíssem do porto reluzente em direção ao exuberante arquipélago além. No entanto, ele concedeu a Aelin um presente de despedida: coordenadas vagas para o Fecho. O mapa do capitão o encontrara — ou melhor, sua localização geral. Rolfe os advertiu que algum tipo de feitiço de guarda devia proteger o objeto, se a tatuagem não conseguia precisar o local. Mas era melhor que nada, supôs Dorian. Aelin resmungara o mesmo.

Rowan circulava bem no alto, na forma de gavião, vigiando atrás e adiante. Fenrys e Gavriel estavam nos lemes, ajudando a remar para sair do porto; Aedion fazia o mesmo, a uma distância confortável do pai.

O próprio Dorian estava no leme ao lado da capitã baixinha e irritadiça — uma mulher mais velha que não tinha interesse em falar com ele, sendo rei ou não. Lysandra nadava na água abaixo em uma ou outra forma, guardando-

os de qualquer ameaça sob a superfície.

E Aelin estava sozinha na proa, com os cabelos dourados soltos e esvoaçantes, tão imóvel que poderia ter sido gêmea da figura de proa poucos metros abaixo. O sol nascente a projetava em dourado tremeluzente, sem nenhum indício do fogo lunar que ameaçara destruir a todos.

Mas... mesmo enquanto a rainha estava imponente diante das sombras do mundo... um sopro frio delineou o coração de Dorian.

E ele se perguntou se Aelin por acaso não observava o arquipélago, os mares e os céus como se jamais fosse vê-los de novo.



Três dias depois, navegavam quase fora do alcance sufocante do arquipélago. Dorian estava novamente no leme, Aelin, na proa, e os demais, espalhados em diversos turnos de reconhecimento e descanso.

A magia do rapaz sentiu algo antes que ele percebesse qualquer coisa. Uma sensação de cautela, de aviso e de despertar.

Dorian analisou o horizonte. Os guerreiros feéricos ficaram em silêncio antes dos demais.

Parecia uma nuvem a princípio — uma pequena nuvem jogada pelo vento no horizonte. Então um grande pássaro.

Quando os marinheiros começaram a correr até as armas, a mente do jovem rei por fim disparou um nome para a besta que mergulhava em sua direção com asas grandes e reluzentes. *Serpente alada.*

Havia apenas uma. E apenas uma montadora sobre ela. Uma montadora que não se movia, cujos cabelos brancos estavam soltos... deslizando para o lado. Assim como a montadora.

A serpente alada se abaixou mais, varrendo a superfície da água. Lysandra se colocou imediatamente a postos, esperando as ordens da rainha para se transformar em qualquer que fosse a forma que a enfrentaria...

— Não. — A palavra irrompeu dos lábios de Dorian antes que ele pudesse pensar. Mas então foi repetida, diversas e diversas vezes, conforme a besta e montadora se aproximavam mais do navio.

A bruxa estava inconsciente, e o corpo se inclinava para o lado, desacordado, coberto de sangue azul. *Não atire, não atire...*

Dorian rugia a ordem enquanto disparava para Fenrys, que sacara o arco longo e apontava uma flecha de ponta

preta para o pescoço exposto da bruxa. As palavras foram engolidas pelos gritos dos marinheiros e da capitã. A magia do jovem rei se inflou quando ele desembainhou Damaris...

Mas então a voz de Aelin soou por cima da comoção:

— *Não atirem!*

Todos pararam. A serpente alada se aproximou, depois deu uma volta, circundando o barco.

Sangue azul formava crostas nas laterais cobertas de cicatrizes da besta. Havia tanto sangue. A bruxa mal se continha na sela. O rosto bronzeado parecia drenado de cor, e os lábios, mais pálidos que osso de baleia.

A serpente alada completou o círculo, voando mais baixo, preparando-se para pousar o mais perto possível do barco. Não para atacar... mas para pedir ajuda.

Em um momento, o animal voava suavemente pelas ondas cobalto. Então a bruxa se curvou tanto que o corpo parecia não ter ossos. Como se, naquele segundo, quando a ajuda estava a poucos metros, qualquer que fosse a sorte que a mantivera na sela a abandonasse, por fim.

Silêncio recaiu no navio quando Manon Bico Negro tombou da sela, despencando em meio a vento e corrente, e atingiu a água.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

# Império de tempestades
# Trono de vidro - vol. 5 tomo 1

*Site da autora:*
http://sarahjmaas.com/

*Facebook da série:*
https://www.facebook.com/THRONEOFGLASS

*Twitter da autora:*
https://twitter.com/SJMaas/

*Pinterest da autora:*
https://br.pinterest.com/sarahjmaas/

*Instagram da autora:*
https://www.instagram.com/therealsjmaas/

*Tumblr da autora:*

http://sjmaas.tumblr.com/

*Wikipédia da autora:*
https://en.wikipedia.org/wiki/Sarah_J._Maas

*Goodreads da autora:*
http://www.goodreads.com/author/show/3433047.Sarah_J_

*Goodreads do livro:*
http://www.goodreads.com/book/show/34110186-imp-rio-de-tempestades---tomo-1

*Skoob da autora:*
https://www.skoob.com.br/autor/8285-sarah-j-maas

*Skoob do livro:*
https://www.skoob.com.br/livro/648882ED650935